JEFF LINDSAY

DEXTER

DESIGN DE UM ASSASSINO

Planeta

DEXTER

DESIGN DE UM ASSASSINO

JEFF LINDSAY

DEXTER

DESIGN DE UM ASSASSINO

Tradução
Cassius Medauar

Planeta

Copyright

Esta obra foi postada pela equipe **Le Livros** para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la. Dessa forma, a venda desse eBook ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação **é totalmente condenável** em qualquer circunstância.
A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente. Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e à publicação de novas obras. Se gostou do nosso trabalho e quer encontrar outros títulos visite nosso site:

Le Livros

http://LeLivros.com

Copyright © Jeff Lindsay, 2009

Título original *Dexter by design*

Preparação *Gloria Nogueira*

Revisão *Tulio Kawata, Giselia Costa*

Diagramação *Casa de Ideias*

Capa *Graziella Iacocca*

Conversão em epub {kolekto}

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lindsay, Jeff
Dexter : design de um assassino / Jeff Lindsay ;
tradução Cassius Medauar. – São Paulo : Editora Planeta do
Brasil, 2011.
Título original: Dexter by design.
ISBN 978-85-422-0022-5
1. Ficção norte-americana I. Título.

10-13870 CDD-813

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO
1. Ficção : Literatura norte-americana 813

2011

Todos os direitos desta edição reservados àEditora Planeta do Brasil Ltda.

Avenida Francisco Matarazzo, 1500 – 3o andar – cj. 32B
Edifício New York
05001-100 – São Paulo – SP
www.editoraplaneta.com.br
vendas@editoraplaneta.com.br

SUMÁRIO

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Epílogo

Para LTF
com todo meu amor

Capítulo 1

PARDONNEZ-MOI, MONSIEUR. OÙ EST LA LUNE? ALORS, MON ancien, la lune est ici, sur la Seine, énorme, rouge, et humide. Merci, mon ami, estou vendo agora. *Et actuellement*, caramba, é mesmo uma noite para a lua, uma noite feita apenas para os prazeres afiados da luz da lua, para a dança macabra de Dexter Sombrio e algum amigo especial.

Mas *merde alors!* A lua está sobre o Sena? Dexter está em Paris! *Quelle tragédie!* A Dança não será possível, não em Paris! Não tem como achar um amigo especial por aqui, não há a noite protetora de Miami e nada do acolhedor e gentil oceano para receber as sobras depois. Aqui só há os táxis, os turistas e aquela lua enorme e solitária.

E Rita, é claro. Rita está em todo lugar, olhando seu livro de frases e dobrando e desdobrando dúzias de mapas, guias e panfletos, todos prometendo felicidade eterna e, milagrosamente, cumprindo – felicidade para ela. Apenas para ela. Porque a alegria parisiense de recém-casada é estritamente individual, e seu recém-adquirido marido, antigo alto pregador da leviandade lunar, o Drasticamente Derrotado Dexter, pode apenas se maravilhar com a lua e se segurar firme ao sentir as contrações impacientes do Passageiro das Trevas, e torcer para que toda essa insanidade feliz acabe logo e para que voltemos à bem ordenada vida normal de caçar e picar outros monstros.

A mão que Dexter usa para picar e cortar, agora limpa e feliz, serve apenas para aguentar o aperto da mão de Rita, enquanto se maravilha com a lua, saboreando a ironia de estar em lua-de-mel onde tudo que é encantador e lunar é proibido.

E então, Paris. Dexter marcha docilmente no rastro do Bom Navio Rita, observando e acenando com a cabeça quando essas coisas são requeridas, e ocasionalmente fazendo um comentário afiado e espirituoso, como "Uau" ou "Hã-rã", enquanto Rita solta o desejo reprimido por Paris que ondulou nela por vários anos e agora, finalmente, pode ser consumado.

Mas é claro que mesmo Dexter não é imune ao charme legendário da Cidade Luz, certo? Até mesmo ele deve contemplar a glória e sentir um pequeno espasmo em resposta, vindo de algum lugar escuro e vazio onde ficaria sua alma, não? Será que Dexter pode mesmo vir a Paris e não sentir absolutamente nada?

É claro que não. Dexter sente muitas coisas; ele se sente cansado e entediado. E também se sente um pouco ansioso para achar alguém para brincar em breve. Quanto antes melhor, para ser bem honesto, porque, por alguma razão, Ser Casado parece ter deixado seu apetite mais afiado.

Mas tudo isso é parte da barganha, é tudo parte do que Dexter tem de fazer para fazer o que Dexter faz. Em Paris, do mesmo jeito que em casa, Dexter precisa *maintenir le déguisement.* Mesmo os cosmopolitas franceses fariam uma pausa e torceriam o nariz ao imaginar que há um monstro entre eles, um demônio inumano que só vive para derrubar outros monstros do penhasco para que caiam em uma merecida morte. E Rita, em sua nova encarnação de Noiva Envergonhada, é o *disfarce* perfeito para tudo que ele é de verdade. Ninguém poderia imaginar que um assassino frio e vazio iria andar tropeçando humildemente atrás dessa avatar perfeita de turista americano. É claro que não, *mon frère. C'est impossible.*

E no momento, infelizmente, *très impossible.* Não há nenhuma espe-rança de dar uma escapada silenciosa para algumas horas de uma diversão muito merecida. Não aqui, onde Dexter não é conhecido e não conhece como funciona a polícia. Nunca em um lugar estranho ou outro país, onde as estritas regras do Código de Harry não se aplicam. Harry era um policial de Miami, e, por lá, tudo que ele disse aconteceu do jeito que havia dito. Mas Harry não falava francês, por isso o risco por aqui é alto demais, não importa o quão forte esteja a pulsação no banco traseiro sombrio.

É uma pena, de verdade, porque as ruas de Paris foram feitas para alguém espreitar com intenções sinistras. São estreitas, escuras e não têm uma ordem lógica que uma pessoa sensata possa entender. É fácil demais imaginar Dexter embrulhado em uma capa e segurando uma lâmina reluzente, deslizando por esses becos sombrios com um encontro marcado urgente em algum lugar próximo, em um desses prédios antigos que parecem se inclinar até você e ordenar que se comporte mal.

As próprias ruas são tão perfeitas para mutilação, feitas com grandes blocos de pedras que, em Miami, já teriam sido arrancadas e jogadas no para-brisa de algum carro passando, ou vendidas para uma construtora para fazer novas ruas.

Mas aqui não é Miami, infelizmente. É Paris. Por isso passo o tempo solidificando esta nova fase vital do disfarce de Dexter, esperando conseguir sobreviver à semana que falta da lua-de-mel dos sonhos de Rita. Bebo o café francês – fraco pelos padrões de Miami –, o *vin de table* – perturbadoramente vermelho como sangue – e fico maravilhado pela capacidade da minha esposa em absorver tudo que é francês. Ela aprendeu a ficar belamente vermelha quando diz *table pour deux* e *s'il vous plaît*, e os garçons franceses instantaneamente entendem que este é um casal novinho em folha e, quase como se já tivessem se encontrado antes e concordado em alimentar as fantasias românticas de Rita, sorriem afetuosamente, nos levam a uma mesa e fazem de tudo, menos cantar "La Vie en rose".

Ah, Paris. *Ah, l'amour.*

Passamos os dias caminhando pelas ruas e parando em referências terrivelmente importantes que o mapa nos dá. Passamos as noites em restaurantes pequenos e estranhos, muitos deles com o bônus de algum tipo de música francesa tocando. E até mesmo fomos assistir à peça *O doente imaginário* na Comédie Française. Por alguma razão, a performance é toda em francês, mas Rita parece ter gostado.

Duas noites depois, ela parece gostar muito também do show no Moulin Rouge. E, na verdade, Rita parece gostar de quase tudo em Paris, até andar de barco para cima e para baixo no rio. Não comento que temos passeios de barco muito melhores lá em Miami, passeios pelos quais ela nunca pareceu se interessar muito, mas começo a imaginar no que ela estará pensando, se é que está pensando em algo.

Ela invade cada monumento da cidade, com Dexter obedientemente marchando como sua tropa de choque, e nada resiste a ela. A Torre Eiffel, o Arco do Triunfo, a Sacré-Coeur, a catedral de Notre Dame, todos eles caem diante de seu poderoso foco loiro e de seu guia de viagens devastador.

Começa a parecer que é um preço alto demais a pagar por um disfarce, mas Dexter é um soldado perfeito. Ele marcha sob o peso de seu fardo e de garrafas de água. Não reclama do calor, da dor nos pés, das enormes multidões pouco amáveis em seus shorts apertados, camisetas compradas em lojas de lembranças e chinelos.

Mas ele faz, pelo menos, uma pequena tentativa de se manter interessado. Durante o sobe e desce do ônibus que faz um tour por Paris, enquanto a fita gravada cita os nomes dos diferentes lugares fascinantes com uma enorme significância histórica em oito línguas, um pensamento não chamado aparece vagarosamente no cérebro sufocado de Dexter. Parece no mínimo justo que aqui, na Cidade da Música de Acordeon Eterna, haja alguma pequena peregrinação cultural para um monstro que vem sofrendo faz tempo, e agora já sei qual é. Na próxima parada, faço uma pausa na entrada do ônibus e faço uma pergunta simples e inocente ao motorista.

– Com licença, por acaso passaremos perto da Rue Morgue?

O motorista está ouvindo seu iPod. Ele tira um fone com um floreio meio irritado, me olha da cabeça aos pés e levanta uma sobrancelha.

– A Rue Morgue – repito. – Vamos passar pela Rue Morgue?

Percebo que estou falando naquele tom alto de quem não fala a língua, e por isso paro. O motorista me encara. Consigo ouvir um hip hop baixinho saindo do fone pendurado. Então ele dá de ombros. Solta uma explicação curta e apaixonada a respeito de minha completa ignorância em um francês rápido, coloca o fone e abre a porta do ônibus.

Sigo Rita para fora do ônibus, dócil, humilde e levemente desapontado. Parecia ser uma coisa tão simples fazer uma parada solene na Rue Morgue, prestar meus respeitos a um importante monumento cultural do mundo dos Monstros, mas acho que não vai acontecer. Repito a pergunta mais tarde a um taxista e recebo a mesma resposta, que Rita interpreta com um sorriso envergonhado.

– Dexter. Sua pronúncia é terrível.

– Eu me daria melhor em espanhol.

– Mas isso não importa – ela continua. – Não existe uma Rue Morgue.

– Como assim?

– É invenção. Edgar Allan Poe inventou. Não existe uma Rue Morgue de verdade.

Me sinto como se ela tivesse acabado de dizer que Papai Noel não existe. Nada de Rue

Morgue? Nada de uma pilha histórica de corpos parisienses? Como isso é possível? Mas só pode ser verdade. O conhecimento que Rita tem de Paris é inquestionável. Ela passou muitos anos com muitos guias de viagens para haver qualquer possibilidade de erro.

Então me enfio novamente em minha concha de submissão cega, com a pequena chama de interesse tão morta quanto a consciência de Dexter.

Faltando apenas três dias para voarmos de volta para casa e para a abençoada maldade e confusão de Miami, chegamos à nossa visita de dia inteiro no Louvre. Isto criou um certo interesse até em mim, afinal, não é porque não tenho alma que não posso gostar de arte. Ao contrário, na verdade. Arte é, no fim, criar padrões com o objetivo de formar um impacto significativo nos sentidos. E não é exatamente isso que Dexter faz? É claro que no meu caso o impacto é um pouco mais literal, mas ainda assim – posso apreciar outras mídias.

Então, finalmente com um pouco de interesse, segui Rita através do enorme pátio do Louvre e escadas abaixo dentro da pirâmide de vidro. Ela tinha escolhido fazermos este passeio a sós, sem os grupos de turistas – não porque não gostasse das multidões chatas de ovelhas boquiabertas, babonas e terrivelmente ignorantes que pareciam se reunir a volta de cada guia turístico, mas porque Rita estava determinada a provar que estava à altura de qualquer museu, mesmo um francês.

Marcha diretamente para a fila dos ingressos, onde esperamos vários minutos até que ela consiga comprar os nossos, e então partimos para ver as maravilhas do Louvre.

A primeira maravilha ficou imediatamente óbvia quando passamos pela entrada e pisamos no museu mesmo. Em uma das galerias que entramos uma enorme multidão de provavelmente uns cinco grupos de turistas estava agrupada em um espaço demarcado com uma corda de veludo vermelho. Rita produz um som que parece com "mrmph" e me dá a mão para atravessarmos a multidão. Quando vamos passando rapidamente por eles, me viro para olhar; é a *Mona Lisa*. – É tão pequena – balbucio.

– E totalmente superestimada – Rita completa afetada.

Sei que a lua-de-mel é feita para que se tenha um tempo de conhecer seu novo companheiro de vida, mas esta era uma Rita que eu nunca tinha visto antes. A que eu conhecia, até onde sei, nunca tinha opiniões fortes, especialmente se essas opiniões fossem contrárias à sabedoria popular. Mesmo assim, aqui está ela chamando o quadro mais famoso do mundo de superestimado. É o espanto da mente, pelo menos da minha.

– É a *Mona Lisa* – falei. – Como pode ser superestimada?

Ela produziu outro som que só tinha consoantes e puxou minha mão com mais força. – Vamos ver os Ticianos – ela falou. – São muito mais bonitos.

Os Ticianos são muito bonitos. Os Rubens também, apesar de não ter visto nada lá que explicasse o porquê de ele ter um sanduíche com seu nome. Mas aquele pensamento me fez perceber que estava com fome, então consegui guiar Rita por mais três grandes salas cheias de belas pinturas e chegar a um café em um dos andares superiores.

Depois de um lanche que era mais caro que comida de aeroporto e apenas um pouquinho

melhor, passamos o resto do dia vagando pelo museu e olhando pinturas e esculturas, sala após sala. Havia uma montanha delas e, quando finalmente pisamos no pátio de novo, meu antigo cérebro magnífico voltou ao estado de submissão.

– Bom – falei enquanto caminhávamos pelo chão de pedra –, foi um dia bem cheio.

– Ooooooh – ela falou, com seus olhos arregalados e brilhantes, como estiveram o dia todo. – Foi absolutamente incrível! – E me abraça com um braço e chega mais perto, como se eu fosse pessoalmente responsável por criar aquele museu inteiro. Aquilo fez com que andar ficasse mais difícil, mas era, afinal de contas, o tipo de coisa que se faz em uma lua-de-mel em Paris, então a deixei me abraçar enquanto atravessamos o pátio e fomos até a rua.

Assim que dobramos a esquina, uma jovem com mais piercings no rosto do que eu jamais pensei ser possível parou na nossa frente e entregou um papel para Rita. – Se quiserem ver arte de verdade – ela falou. – É amanhã à noite.

– *Merci* – Rita respondeu sem nenhuma emoção, e a moça continuou seu caminho, distribuindo seus panfletos para outras pessoas na rua.

– Acho que ela poderia ter colocado mais alguns brincos do lado esquerdo – falo enquanto Rita faz uma careta olhando o papel. – E também tinha um espaço sobrando na testa.

– Oh – ela exclama. – É uma performance.

Agora era minha vez de olhar sem entender, por isso foi o que fiz. – É o quê?

– Nossa, isso é tão excitante. E não temos nada para fazer amanhã à noite. Vamos com certeza!

– Vamos aonde?

– Isso é perfeito! – ela completou.

E talvez Paris seja mesmo um lugar mágico. Porque Rita tinha razão.

Capítulo 2

A PERFEIÇÃO SE ENCONTRAVA EM UMA RUA PEQUENA E ESCURA, não muito longe do Sena, que Rita, já meio sem fôlego, me informou ser na Rive Gauche, e tinha a forma de um espaço performático com cara de loja chamado Réalité. Apressamos nosso jantar – e até pulamos a sobremesa! – para conseguirmos chegar lá às sete e meia, como o panfleto solicitava. Havia mais ou menos duas dúzias de pessoas lá dentro quando chegamos, reunidos em pequenos grupos em frente a vários aparelhos de TV de tela plana nas paredes. Tudo se parecia com uma galeria de arte, até que peguei um programa do evento. Estava impresso em francês, inglês e alemão. Fui direto no inglês e comecei a ler.

Depois de algumas frases, senti minhas sobrancelhas escalarem minha testa. Era uma espécie de manifesto, escrito com uma paixão desajeitada que não ficava bom traduzido, a não ser em alemão, provavelmente. Falava sobre expandir as fronteiras da arte para novas áreas de percepção e destruir a linha arbitrária entre a arte e a vida, traçada pela Academia arcaica e castradora. E apesar de alguns trabalhos pioneiros já realizados por Chris Burden, Rudolf Schwarzkogler, David Nebreda e outros, era hora de derrubar o muro e andar para frente, entrando no século XXI. E esta noite, com uma peça chamada *A perna de Jennifer*, íamos fazer exatamente isso.

Era tudo muito passional e idealista, algo que sempre achei ser uma combinação bem perigosa, e também teria achado meio engraçado – se mais Alguém não tivesse achado muito engraçado; em algum lugar, lá no fundo das masmorras do Castelo Dexter, ouço um riso macio e sibilante vindo do Passageiro das Trevas, e aquela felicidade, como sempre, aguçou meus sentidos e me deixou em estado de alerta. Quer dizer, vamos falar sério: o Passageiro se divertindo com uma exposição de *arte*?

Olho em volta do lugar com uma atenção diferente. Os sussurros mudos das pessoas reunidas em torno dos monitores não parecem mais o silêncio respeitoso a uma obra de arte. Agora pude enxergar uma ponta de incredulidade e até mesmo choque no quase silêncio deles.

Olho para Rita, que está fazendo uma careta enquanto lê, e sacode a cabeça de forma negativa: – Já ouvi falar de Chris Burden, ele era americano. Mas este outro, Schwarzkogler? – ela se atrapalha com o nome, afinal, estudou francês todo esse tempo, não alemão. – Oh – ela diz e começa a ficar vermelha. – Aqui diz que... que ele cortou fora seu próprio... – Rita levanta a cabeça e olha para as pessoas naquela sala, observando silenciosas uma ou outra coisa nos monitores. – Meu Deus.

– Talvez seja melhor irmos embora – sugiro, quando a diversão de meu amigo interior cresce exponencialmente.

Mas Rita já andou até o primeiro monitor e, quando vê o que ele está mostrando, sua boca se abre e começa a se retorcer levemente, como se ela estivesse tentando pronunciar uma palavra muito difícil e falhando. – Isso é... isso é... isso é... – ela falou.

E uma olhada rápida para a tela mostrou que Rita estava certa: era mesmo.

No monitor passava um vídeo que mostrava uma jovem vestida com uma roupa de prostituta das antigas, com braceletes e penas. Mas, em vez de uma pose sexual e provocativa que se esperava de um traje daqueles, ela estava de pé, com uma perna em cima de uma mesa, e então, em um *looping* curto e sem som de uns quinze segundos, ela passa uma barulhenta serra de mesa em sua perna, jogando a cabeça para trás e abrindo a boca em agonia. Então o *Clipe* pulava de volta ao começo e ela fazia tudo de novo.

– Deus do céu – Rita falou, depois sacudiu a cabeça em negação. – Isso... só pode ser um truque de filmagem. TEM que ser.

Eu não tinha tanta certeza. Para começar, o Passageiro já tinha me dado a dica de que havia algo interessante acontecendo aqui. E, depois, a expressão da mulher era bem familiar para mim por causa das minhas próprias diligências artísticas. Era dor verdadeira, eu tinha quase certeza, uma agonia extrema e real – ainda assim, em toda a minha exaustiva pesquisa, nunca antes tinha encontrado alguém disposto a infligir tamanha dor em si mesmo. Não é de se estranhar que o Passageiro esteja se matando de rir. Não que eu ache isso engraçado: se essa moda pegar, talvez eu tenha que encontrar outro passatempo.

Mesmo assim tinha sido uma virada interessante, e em outras circunstâncias eu estaria mais do que disposto a ver as imagens dos próximos monitores. Mas imaginei que tinha uma certa responsabilidade em relação à Rita, e isso claramente não era o tipo de coisa que ela poderia ver e ainda manter a aparência de um dia de sol. – Vamos – falei. – Está na hora de irmos comer a sobremesa.

Mas ela fez que não com a cabeça e repetiu: – TEM que ser um truque – e andou em direção à próxima tela.

Eu a acompanhei e fui recompensado com outro *looping* de quinze segundos da jovem usando a mesma roupa. Nesse, ela parecia estar arrancando um pedaço de carne da sua perna. A expressão aqui mudava de estúpida para agonia sem fim, como se a dor fosse o que ela esperava mesmo, mas ainda assim doía. E por mais estranho que possa parecer, essa expressão me lembrava o rosto da mulher do filme que Vince Masuoka passou na minha despedida de solteiro – acho que se chamava *Gang Bang na Fraternidade*. Tinha um lampejo de satisfação "Tá-Vendo-Só" visível no meio da fadiga e da dor quando ela olhava para baixo e via o vazio de seis centímetros entre seus joelhos e sua canela, onde toda a carne tinha sido arrancada revelando o osso.

– Ai, meu Deus – Rita murmurou, e por alguma razão, andou até o próximo monitor.

Não finjo que entendo os humanos. Na maior parte do tempo, tento manter uma

perspectiva lógica da vida, e isso é uma desvantagem ao tentar imaginar o que as pessoas realmente acham que estão fazendo. Quer dizer, até onde sei, Rita é a pessoa mais doce, amável e otimista que conheço. Ver um gato morto no acostamento pode fazê-la chorar. Mesmo assim, aqui vai ela, se movendo metodicamente por uma exposição que com certeza é muito pior do que qualquer coisa que ela já tenha imaginado. Ela sabia que a próxima obra seria mais do mesmo, visual e chocante além do imaginável. Mas em vez de sair correndo para a saída, ela andava calmamente para a próxima tela.

Mais pessoas entraram, e as vi passar pelo mesmo processo de reconhecimento e choque. O Passageiro estava se divertindo com aquilo, mas, para ser totalmente sincero, comecei a achar que esse negócio todo era um pouco demais. Não consegui entrar no espírito do evento e achar graça no sofrimento da plateia. Afinal de contas, qual era o objetivo? Tudo bem, Jennifer cortava pedaços de sua perna, mas e depois? Para que se preocupar em infligir uma dor enorme em si mesmo quando, cedo ou tarde, a Vida com certeza fará isso por você? O que aquilo provava? E o que vinha depois?

Mas Rita parecia determinada a ficar o mais desconfortável possível, indo de um vídeo para o outro sem parar. E não consegui pensar em nada melhor para fazer a não ser segui-la em sua vigília contínua e nobre, enquanto repetia: – Ó, meu Deus. Meu Deus – a cada novo horror.

Lá no fim da sala, o maior amontoado de gente olhava para algo na parede que não conseguíamos ver por causa do ângulo, só enxergávamos as molduras de metal. Mas ficava claro pelas expressões deles que aquilo era o *gran finale*, o clímax do show, e fiquei um pouco impaciente para chegar logo até lá e resolver tudo isso, mas Rita fez questão de ver todos os *Clip*es no caminho. Cada um mostrava a mulher fazendo coisas mais terríveis com sua perna, até que finalmente, o último, um *Clip*e um pouco mais longo, mostrava a moça sentada e parada observando sua perna. Não havia mais nada além de um osso fino e branco entre o joelho e o tornozelo dela. A carne do pé foi deixada intacta, e parecia muito estranho aparecendo no fim daquele osso pálido e comprido.

Mais estranha ainda era a expressão de Jennifer, um olhar de dor exausta e triunfante que dizia que ela tinha provado algo. Olhei de novo o programa e não encontrei nada que dissesse o que era esse algo.

Rita também não tinha descoberto, pelo visto. Ela tinha caído em um silêncio entorpecido e simplesmente olhava o vídeo final, assistindo três vezes antes de sacudir a cabeça negativamente uma última vez e andar, como se estivesse hipnotizada, para onde o grupo maior se amontoava ao redor do Algo que tinha molduras de metal e se encontrava no fundo da sala.

E esse Algo se mostrou a peça mais interessante da exposição, o verdadeiro argumento até onde pude entender, e pude ouvir o Passageiro rindo em concordância. Rita, pela primeira vez, nem conseguiu murmurar o seu "Ó, meu Deus".

Arrumado em um quadrado de madeira crua, colocada depois em uma moldura de metal, estava o osso da perna de Jennifer. O osso inteiro desta vez, incluindo tudo do joelho para baixo.

– Bom – comecei a falar –, pelo menos ficamos sabendo que não era um truque de fotografia.

– É falso – Rita falou, mas não acho que ela acreditava.

Em algum lugar lá fora, nas luzes brilhantes da cidade mais glamourosa do mundo, os sinos de uma igreja badalavam a hora. Mas dentro da galeria havia muito pouco glamour e os sinos soavam estranhamente altos – quase altos o suficiente para encobrir outro som, o sibilar de uma vozinha me avisando de que as coisas estavam para ficar ainda mais interessantes, e como aprendi que aquela voz está quase sempre certa, me virei e olhei em volta.

Obviamente a coisa já estava esquentando quando dei uma olhada para a frente da sala. Porque, enquanto eu olhava, a porta se abriu e, com um farfalhar de lantejoulas, a própria Jennifer entrou.

Eu achava que o salão estava silencioso antes, mas era um carnaval se comparado ao silêncio que se seguiu à entrada dela, caminhando de muletas por lá. Ela era pálida e esquelética. Sua roupa de prostituta ficava pendurada frouxamente em seu corpo, enquanto ela andava devagar e com cuidado, como se não estivesse acostumada às muletas. Uma bandagem limpa e branca cobria o cotoco de sua perna recém-perdida.

Quando Jennifer foi se aproximando de onde estávamos, parados perto da exibição do osso da perna, pude sentir Rita se encolhendo para trás para evitar qualquer contato com a mulher de uma perna só. Olhei para ela e vi que estava quase tão pálida quanto Jennifer, e aparentemente tinha desistido de respirar.

Olhei de novo para frente. Igual a Rita, o resto da multidão, com seus olhos, que não piscavam, fixos em Jennifer, se afastavam do caminho, até que ela parou bem perto de sua perna. Ela a encarou por um longo momento, parecendo não notar que estava privando toda aquela multidão de oxigênio. Então levantou um dos braços, se inclinou para frente e tocou no osso.

– Sexy – ela falou.

Me virei para Rita pensando em sussurrar "*ars longa*"[1] ou outras palavras com o mesmo efeito. Mas seria inútil.

Rita tinha desmaiado.

---

1 É o começo da frase *ars longa, vita brevis*, do grego Hipócrates, que pode ser traduzida como "A arte é duradoura, a vida é curta". (N. T.)

Capítulo 3

CHEGAMOS EM MIAMI NA SEXTA-FEIRA À NOITE, DOIS DIAS depois, e a onda de mau humor da multidão no aeroporto, com reclamações e xingamentos de uns contra os outros na esteira de bagagens, quase fez uma lágrima cair dos meus olhos. Alguém tentou passar por cima da mala de Rita e depois bufou pra mim quando tentei tirá-la do caminho, e aquilo foi a recepção que eu precisava. Era bom estar em casa.

E se mais algumas boas-vindas sentimentais fossem necessárias, eu as recebi bem cedo na segunda de manhã no meu primeiro dia de volta ao trabalho. Saí do elevador e trombei com Vince Masuoka. – Dexter – ele disse em um tom de voz que imagino que fosse emocionado –, você trouxe rosquinhas? – Era de alegrar o coração saber o quanto tinham sentido a minha falta, e se pelo menos eu tivesse um coração, tenho certeza de que ele teria se alegrado.

– Não como mais rosquinhas – respondi. – Só como *croissants*.

Vince piscou – Como assim?

– *Je suis parisien* – falei.

Ele sacudiu a cabeça. – Bom, você devia ter trazido rosquinhas. Temos um caso muito bizarro em South Beach esta manhã e não tem nenhum lugar lá por perto para comprarmos rosquinhas.

– *Quelle tragédie!* – respondi.

– Você vai continuar com isso o dia todo? – ele perguntou. – Porque este pode ser um caso bem grande.

E era mesmo, na verdade, um caso grande, que ficou maior ainda graças à aglomeração louca da imprensa e de outros abutres que se encontravam atrás da fita amarela esticada em um pedaço da praia não muito longe da ponta mais ao sul de South Beach. Eu já estava suando quando passei pela multidão e cheguei à areia, indo até onde vi que Angel Batista se encontrava, já apoiado nas mãos e joelhos a uns seis metros dos corpos, examinando algo que ninguém tinha visto.

– O que é bizarro? – perguntei.

Ele nem levantou a cabeça: – Um sapo com mamilos.

– Tenho certeza de que está certo, mas Vince me disse que tinha algo bizarro com esses corpos.

Ele fez uma careta para alguma coisa e chegou mais perto da areia.

– Você não fica preocupado com as micoses de praia? – perguntei.

Ele só fez que sim com a cabeça. – Eles foram mortos em outro lugar. Mas um deles pingou um pouco. – Ele fez uma careta. – Mas não é sangue.

Sorte minha.

– Além disso – ele começou, usando uma pinça para colocar algo invisível em um saco plástico de evidência –, eles foram... – e fez uma pausa aqui, não por causa dos objetos invisíveis, mas como que para encontrar uma palavra que me assustasse, e, durante aquele silêncio, ouvi o farfalhar de asas se abrindo lá no banco de trás sombrio do Dextermóvel.

– O quê? – perguntei, quando não aguentei mais esperar.

Ele fez que não levemente com a cabeça. – Eles foram... arrumados – falou, e como se o feitiço tivesse sido quebrado, voltou a se mexer, fechando o saco e colocando-o de lado com cuidado, e depois se abaixando de novo apoiado em um joelho.

Se isso era tudo que ele tinha a dizer sobre o assunto, eu teria que ir ver por mim mesmo o que o silêncio enigmático queria dizer. Então andei mais seis metros até os corpos.

Dois deles, um homem e uma mulher, aparentando estar na casa dos trinta, não tinham sido escolhidos por sua beleza. Os dois eram pálidos, acima do peso e peludos. Eles foram arrumados cuidadosamente em toalhas de praia berrantes, daquelas que são muito populares entre os turistas do interior. Casualmente largado no colo da mulher, estava um livro rosa com o tipo de capa chamativa que as pessoas de Michigan adoram carregar quando estão em férias: *Tourist Season*, de Carl Hiaasen. Um casal perfeitamente normal aproveitando um dia na praia.

Para sublinhar a felicidade que eles supostamente estariam experimentando, cada um tinha uma máscara de plástico semitransparente em seus rostos que pareciam estar coladas, do tipo que dá a quem usa um grande sorriso, enquanto o rosto verdadeiro também aparece por baixo. Miami, o lugar dos sorrisos permanentes.

O único problema é que eles tinham razões pouco comuns para sorrir, razões que fizeram meu Passageiro das Trevas borbulhar, soando muito parecido com aquelas caixas de riso. Os dois corpos tinham recebido um corte abrindo-os ao meio a partir do peito, descendo até a linha da cintura, depois a pele fora retirada para podermos ver o que havia lá dentro. E eu nem precisava da onda de hilaridade sibilante vinda do meu amigo sombrio para apreciar o que estava lá dentro, que era um pouco fora do comum.

Toda aquela bagunça normal lá de dentro tinha sido retirada, o que achei que havia sido um ótimo começo. Não tinha aquele emaranhado pegajoso dos intestinos ou de alguma das outras vísceras brilhantes. Todas as coisas gosmentas tinham sido retiradas. A cavidade da mulher tinha sido convertida em uma saborosa cesta de frutas tropicais, daquelas que os hóspedes especiais recebem nos bons hotéis. Pude ver duas mangas, papaias, laranjas, um abacaxi e, é claro, algumas bananas. Tinha até uma fita vermelha brilhante presa na caixa torácica e, saindo do meio das frutas, uma garrafa de champanhe barato.

O homem havia sido arrumado de um jeito mais casual. Em vez de uma mistura de frutas brilhantes e atraentes, suas entranhas esvaziadas foram preenchidas com um enorme par de óculos de sol berrantes, uma máscara de mergulho com *snorkel*, um tubo de plástico de protetor

solar, uma lata de repelente e um pratinho de *pasteles*, um tipo de pastel cubano. Me pareceu um enorme desperdício neste mar de areia e nenhuma rosquinha. Colocado em um dos lados da cavidade havia um tipo de panfleto ou programa. Não conseguia ver a capa, por isso me inclinei para olhar mais de perto: era o *Catálogo de Roupas de Praia de South Beach*. Uma cabeça de garoupa aparecia atrás do folheto, com sua cara de peixe congelada em um sorriso parecido com o da máscara colada no rosto do homem.

Ouvi um barulho de pés contra a areia atrás de mim e me virei.

– Amigo seu? – minha irmã Deborah perguntou, enquanto caminhava até os corpos e fazia um aceno de cabeça.

Talvez eu devesse ter dito sargento Deborah, pois meu trabalho exige que seja cortês com quem alcança um posto importante como esse na força policial. E geralmente sou cortês, a ponto de até ignorar o comentário irritante dela. Mas a visão do que ela trazia nas mãos acabou com todas as minhas obrigações policiais. Não sei como, ela deu um jeito de aparecer com uma rosquinha – uma rosquinha maravilhosa de creme bávaro, a minha preferida – e deu-lhe uma mordida grande. Parecia terrivelmente injusto. – O que acha, mano? – ela falou com a boca cheia.

– Acho que você deveria ter me trazido uma rosquinha.

Ela mostrou os dentes em um largo sorriso, o que não ajudou muito, pois suas gengivas estavam cheias de chocolate da rosquinha em questão. – Eu trouxe, mas fiquei com fome e acabei comendo.

Era bom ver o sorriso da minha irmã, pois não era algo que ela fizesse muito nos últimos anos; simplesmente não parecia combinar com a imagem de policial que ela tinha. Mas eu não estava cheio de cálido amor fraternal ao vê-la – muito provavelmente porque não estava cheio de rosquinhas também, e queria muito estar. Mas minhas pesquisas me mostraram que a felicidade familiar era a melhor coisa que havia depois das rosquinhas, por isso tentei fazer minha melhor expressão.

– Estou muito feliz por você – falei.

– Está nada, você está até com bico – ela falou. – O que acha? – perguntou, colocando o último pedaço na boca e apontando com a cabeça para os corpos.

É claro que Deborah, de todas as pessoas no mundo, tinha o direito de se beneficiar do meu dom especial para animais perversos e doentes que matavam desse jeito, afinal ela era minha única parente e eu era doentio e perverso também. Mas fora o divertimento do Passageiro das Trevas que aos poucos ia desaparecendo, eu não tinha nenhuma grande ideia em relação ao porquê de esses dois corpos terem sido arrumados como uma mensagem de boas-vindas de um doentio espírito cívico. Fiquei parado ouvindo de propósito por um longo momento, fingindo estudar os corpos, mas não ouvi nem vi nada, apenas um limpar de garganta impaciente vindo de dentro do Chateau Dexter. E Deborah esperava algum tipo de pronunciamento.

– Parece terrivelmente elaborado – acabei falando.

– Belas palavras – ela falou. – Mas que porra isso quer dizer?

Hesitei. Em geral, minha perspicácia especial a respeito de crimes não normais torna fácil para mim desenvolver uma ideia de que tipo de caos psicológico produziu a pilha de restos humanos em questão. Mas neste caso eu ainda era um caderno em branco. Mesmo um grande especialista como eu tem limites, e qualquer que tenha sido o trauma que criou a necessidade de transformar uma mulher gordinha em uma cesta de frutas estava acima dos meus conhecimentos e do meu assistente interno.

Deborah me olhava com expectativa. Não queria falar qualquer coisa para que ela tomasse como uma boa ideia genuína e acabasse atacando na direção errada. Por outro lado, minha reputação exigia que eu oferecesse algum tipo de opinião abalizada.

– Não é nada definitivo ainda – falei. – É só que... – e fiz uma pausa, porque percebi que o que estava prestes a dizer era uma boa ideia, e o risinho encorajador do Passageiro confirmou isso.

– O quê, caramba? – ela perguntou, e me dava um alívio vê-la voltar ao seu mau humor normal de sempre.

– Isso foi feito com um controle frio que não se vê normalmente.

Ela bufou. – Normalmente... tipo, normal como você?

Fiquei surpreso no quão pessoais estavam sendo as observações dela, mas deixei para lá. – Normal para alguém que pudesse fazer algo assim. Tem que haver alguma paixão envolvida, algum sinal de que quem quer que tenha feito isso tenha... hã... sentido a necessidade de fazer. Não assim. Não como "e então, o que posso fazer agora e que será divertido?".

– Isso é divertido pra você? – ela perguntou.

Fiz que não com a cabeça, irritado com o fato de ela não prestar atenção no que importava. – Não, não é. E é isso que estou tentando dizer a você. A parte do assassinato deve ser a parte divertida, e os corpos deveriam demonstrar isso. Mas aqui isso não aconteceu, a morte foi apenas um meio para se atingir outro fim. Em vez de ser o próprio fim... por que está me olhando desse jeito?

– É assim que funciona para você?

Me vi surpreendido e me retraindo, uma situação pouco comum para o Desafiador Dexter, sempre pronto para fazer um gracejo. Deborah continuava voltando ao assunto a respeito de quem eu era, do que o pai dela tinha feito comigo, e eu entendia que era difícil lidar com aquilo todos os dias, especialmente no trabalho – o que para ela, no fim, envolvia achar pessoas como eu e mandá-las para a velha e boa cadeira elétrica.

Por outro lado, não era uma coisa que eu pudesse falar tranquilamente, não era um assunto confortável. Mesmo com Deborah, era como discutir sexo oral com sua mãe. Então decidi evitar o assunto de leve. – O que quero dizer é que a morte não parece ser o objetivo aqui, e sim o que fazer com os corpos depois.

Ela me encarou por um momento e depois sacudiu a cabeça negativamente. – Adoraria saber o que você acha que essa porra toda que falou significa. Mas, mais do que isso, acho que adoraria saber que porra se passa na sua cabeça.

Respirei fundo e soltei o ar devagar. Pareceu algo suavizante, o tipo de som que o Passageiro faria. – Olha, Debs, o que estou querendo dizer é que não estamos lidando com um assassino, estamos lidando com alguém que gosta de brincar com corpos *mortos* e não com pessoas vivas.

– E isso faz alguma diferença?

– Claro.

– Mas ele não mata as pessoas?

– Sim, também mata.

– E provavelmente matará de novo?

– Provavelmente sim – falei por cima de um riso frio de certeza interior que só eu podia ouvir.

– Então qual a diferença?

– A diferença é que não teremos o mesmo padrão. Não saberemos quando ele fará de novo, com quem ele fará e nenhuma das coisas que em geral nos ajudam a pegar esses caras. Tudo que pode fazer é esperar e torcer para ter sorte.

– Merda – ela falou. – Nunca fui boa em esperar.

Houve uma certa comoção onde os carros estavam estacionados, e um detetive gordo chamado Coulter veio patinando na areia rapidamente até nós.

– Morgan – ele disse, e nós dois respondemos: – Sim?

– Não você – ele falou para mim. – Você. Debbie.

Deborah fez uma careta, ela odiava ser chamada de Debbie. – Que foi?

– Seremos parceiros neste caso. O capitão que disse.

– Já estou aqui e realmente não preciso de um parceiro.

– Mas agora tem um – ele disse, tomando um gole de uma garrafa grande de refrigerante. – Temos outro desses – falou engasgando e tentando respirar. – Lá em Fairchild Gardens.

– Sorte sua – falei para Deborah. Ela olhou para mim e deu de ombros.

– Agora não precisa mais esperar – completei.

Capítulo 4

UMA DAS GRANDES COISAS A RESPEITO DE MIAMI SEMPRE FOI a total boa vontade de seus residentes em pavimentar tudo. Nossa cidade começou como um grande jardim subtropical fervilhando com vidas selvagens, tanto animais quanto vegetais, e depois de apenas alguns poucos anos de trabalho duro, todas as plantas tinham desaparecido e os animais tinham morrido. É claro que a memória deles permanece preservada nos muitos condomínios que os substituíram. Existe uma lei não escrita para que cada novo empreendimento receba o nome do que quer que tenha sido morto para a sua construção. Matamos águias? Condomínio Ninho da Águia. Todas as panteras foram mortas? Vida Planejada A Corrida da Pantera. Simples, elegante e normalmente muito lucrativo.

Não estou sugerindo com isso que o parque Fairchild Gardens era o estacionamento onde todos os fairchilds e suas tulipas foram mortos. Longe disso. Na verdade ele representava a vingança das plantas. É claro que no caminho para lá você passava por algumas Baías das Orquídeas e Vales dos Ciprestes, mas, quando chegava lá, era recebido por um visual de natureza selvagem formado por árvores e orquídeas quase privado do estrago da humanidade. A não ser pelos ônibus lotados de turistas, claro. Ainda assim, havia um ou dois lugares onde se podia ver uma palmeira genuína sem nenhuma luz de néon ao fundo, e em geral eu sempre me sinto aliviado ao andar por entre as árvores e a vegetação e longe do burburinho das pessoas.

Mas, nesta manhã, o estacionamento estava lotado quando chegamos, pois o parque estava fechado com a descoberta de Algo Terrível, e a multidão de pessoas que tinham agendado uma visita estava na entrada, esperando poder entrar e riscar aquele passeio de seus itinerários, e talvez até ver algo terrível; assim poderiam fingir que estavam chocados. Uma visita perfeita a Miami: orquídeas e cadáveres.

Havia até dois jovens circulando com suas câmeras de vídeo e filmando as pessoas paradas e esperando. E enquanto se moviam, gritavam: – Assassinato no Gardens! – e outras frases encorajadoras. Talvez eles tivessem estacionado em lugares muito bons e não quisessem perder as vagas, pois não havia mais nem sombra de lugar no estacionamento, a não ser que você andasse de monociclo.

Deborah, sendo nativa de Miami e policial, dirigiu seu Ford por entre a multidão e estacionou bem na frente da entrada principal do parque, onde muitos outros carros oficiais já estavam estacionados, e pulou rapidamente para fora. Quando consegui sair do carro, ela já estava conversando com o oficial de uniforme ali parado, um baixinho carnudo chamado

Meltzer, que eu conhecia um pouco. Ele apontou um dos caminhos mais distantes da entrada e, antes que terminasse, Deborah já partira naquela direção.

Eu a segui o mais rápido que pude. Já estava acostumado a andar atrás de Deborah e brincar de pega-pega, já que ela sempre se apressava até a cena de um crime. Não achei que seria educado lhe dizer que não havia necessidade de correr, afinal, a vítima não iria a lugar nenhum. Mesmo assim, Deborah se apressava, e esperava que eu estivesse lá para lhe dizer o que achava. Então, antes que pudesse se perder naquela mata muito bem cuidada, me apressei em chegar até ela.

Finalmente a alcancei quando ela parou em uma pequena clareira fora da trilha principal, em uma área chamada Floresta Tropical. Havia ali um banco onde o amante da natureza podia parar e se recuperar no meio da vegetação. Infelizmente para o pobre e ofegante Dexter, respirando rápido como resultado da corrida desordenada atrás de Debs, o banco já estava ocupado por alguém que precisava se sentar muito mais do que eu.

Ele estava sentado ao lado de uma água corrente e à sombra de uma palmeira, vestido com uma bermuda larga de algodão, daquelas muito finas que recentemente se tornaram usáveis em público, e também chinelos de borracha que invariavelmente combinam com os shorts. Usava uma camiseta onde se lia ESTOU COM O IDIOTA, tinha uma câmera pendurada e segurava um buquê pensativamente. E, apesar de eu ter dito pensativamente, era um tipo bem diferente de pensamento, porque a cabeça dele havia sido removida perfeitamente e substituída por um vistoso buquê de flores tropicais. E no buquê, em vez de flores, havia um emaranhado brilhante de intestinos, com o que parecia muito ser um coração em cima, tudo isso cercado por uma nuvem de moscas felizes.

– Filho da puta – Deborah falou, e era difícil discutir com a lógica dela. – Grandessíssimo filho da puta. Três em um dia só.

– Não temos certeza se eles estão conectados – falei com cuidado, e ela olhou para mim.

– Quer dizer que temos dois desses cuzões aparecendo por aqui ao mesmo tempo? – ela perguntou.

– Não parece muito provável – tive que admitir.

– Pode ter a maldita certeza de que não é. E o capitão Matthews e cada repórter da Costa Leste estarão pegando no meu pé em instantes.

– Parece que será uma bela festa.

– E o que eu devo falar pra eles?

– Que estamos investigando algumas pistas e esperamos ter algo mais definitivo para divulgar em breve – falei.

Deborah me olhou com a cara de um peixe muito grande e bravo, mostrando os dentes e com os olhos arregalados.

– Lembro dessas baboseiras todas sem a sua ajuda. Até os repórteres já conhecem essa merda toda. E o capitão Matthews *inventou* essa frase de merda.

– E que tipo de merda você prefere? – perguntei.

– O tipo que me explica o que está acontecendo aqui, seu cuzão!

Ignoro os palavrões da minha irmã e olho novamente para o amante da natureza que é nosso novo amigo. A posição do corpo tinha um ar de conforto bem estudado, o que criava um enorme contraste com o fato de ser um humano muito morto e sem cabeça. Ele tinha sido arrumado e colocado naquela posição com extremo cuidado, e, mais uma vez, tive a impressão de que este diorama de morte foi mais importante do que a morte em si. Era um pouco perturbador, apesar da risadinha de escárnio do Passageiro das Trevas. Era como se alguém admitisse que passou por todo o transtorno e a sujeira de transar apenas para fumar um cigarro depois.

E igualmente perturbador era o fato de que, do mesmo jeito que na outra cena, não estava recebendo nenhuma dica do Passageiro, apenas um tipo de contentamento desconexo e apreciativo.

– O que está acontecendo aqui – falei com um pouco de hesitação – parece ser um tipo de declaração.

– Declaração – ela repetiu. – Mas que tipo de declaração?

– Não sei.

Deborah me encarou por um momento e depois sacudiu a cabeça. – Graças a Deus que você está aqui para ajudar – ela disse, e antes que eu pudesse pensar em alguma tirada que me defendesse e a provocasse ao mesmo tempo, a equipe de peritos apareceu em nosso pequeno vale tranquilo e começou a fotografar, medir, tirar impressões digitais e procurar em pequenos lugares que poderiam conter respostas. Deborah logo foi conversar com Camilla Figg, uma das nerds do laboratório, e fiquei sozinho e sofrendo por saber que tinha falhado com minha irmã.

Tenho certeza de que teria sido um sofrimento terrível se por acaso eu fosse capaz de sentir remorso, ou alguma outra emoção humana paralisante, mas não fui feito para isso, então não sinto remorso – nem mais nada, apenas fome. Voltei até a área do estacionamento e conversei com o policial Meltzer até que aparecesse alguém que pudesse me dar uma carona até o local dos crimes de South Beach. Deixei meu kit lá e nem comecei a procurar por evidências de sangue.

Passei o resto da manhã indo e vindo dos locais dos crimes. Havia pouca coisa para eu analisar em termos de sangue, não mais que alguns pequenos pingos secos na areia que sugeriam que o casal foi morto em outro lugar e trazido mais tarde para a praia. Tinha certeza de que já tínhamos imaginado isso, já que era muito improvável que alguém fizesse todo o trabalho de cortar, retalhar e rearranjar em um local público, então nem me preocupei em mencionar aquilo para Deborah, que já estava em um frenesi inútil, e eu não queria que ela direcionasse aquilo para mim.

A única pausa verdadeira que tive foi à uma da tarde, quando Angel se ofereceu para me levar de volta ao meu cubículo, e parou na Calle Ocho para almoçarmos em seu restaurante cubano favorito, o Habanita. Comi um delicioso filé à cubana com todos os seus acompanhamentos e depois duas *cafecitas* com o pudim que pedi de sobremesa, e me senti muito

melhor quando cheguei ao prédio, mostrei minha credencial e entrei no elevador.

Quando as portas do elevador se fecharam, senti um pequeno fluxo de incerteza vindo do Passageiro, e prestei muita atenção, imaginando se seria uma reação à carnificina matinal ou o resultado de muita cebola no meu bife. Mas não consegui mais nada além de uma pequena tensão de asas negras e invisíveis, em geral um sinal de que as coisas não eram como deveriam. Como isso podia acontecer em um elevador eu não sabia dizer, e considerei que a folga recente que o Passageiro tirou por causa de Moloch o tinha deixado um pouco instável e hesitante. Claro que não me serviria ter um Passageiro que não fosse efetivo, e eu estava ponderando sobre o que poderia fazer quando a porta do elevador se abriu e todas as perguntas foram respondidas.

Como se soubesse que estaríamos a bordo, o sargento Doakes estava parado olhando e sem piscar exatamente para onde nós estávamos. Ele nunca gostou de mim, e sempre teve a suspeita absurda de que eu era um tipo de monstro, o que era verdade, e sempre esteve determinado a provar. Mas um cirurgião amador capturou Doakes e cortou suas mãos, pés e língua, e apesar de eu ter sofrido vários inconvenientes ao tentar salvá-lo – e, no fim, realmente consegui ajudar a salvar a maior parte dele –, ele tinha decidido que sua nova forma fatiada era culpa minha, e passou a gostar menos ainda de mim.

Mesmo o fato de que, sem língua, ele era incapaz de dizer algo minimamente coerente ajudava. Ele dizia do mesmo jeito e o resto de nós era forçado a aguentar o que parecia ser uma nova língua estrangeira sem algumas consoantes, e falada com um jeito de urgência e ameaça que faziam com que você procurasse uma saída de emergência mesmo que ainda estivesse se esforçando para tentar entender.

Então me preparei para um blá, blá, blá nervoso enquanto ele ficou ali parado, olhando para mim com uma expressão que normalmente é reservada para estupradores de avós, e comecei a imaginar se conseguiria apenas passar por ele, e não aconteceu mais nada até que a porta do elevador começou a fechar automaticamente. Antes que eu pudesse escapar, Doakes esticou sua mão direita – na verdade uma garra de metal brilhante – e evitou que as portas se fechassem.

– Obrigado, falei – e tentei dar um um passo à frente. Mas ele não se afastou e nem piscou, e não vi como conseguiria passar por ali sem derrubá-lo.

Doakes continuou com seu olhar enojado e sem piscar para mim e levantou uma coisa prateada do tamanho de um livro de capa dura. Ele a abriu, revelando que era um computador de mão ou APD (Assistente Pessoal Digital) e, ainda sem desviar o olhar de mim, teclou com a força desproporcional de sua garra.

– Coloque na minha mesa – disse uma voz desconjuntada de homem saindo do APD, Doakes rosnou mais um pouco e voltou a lutar com o APD. – Preto, com dois torrões, disse a voz, e ele cutucou o aparelho de novo. – Tenha um bom dia – saiu, em uma bela voz de barítono que deve ter vindo de um americano branco e atarracado em vez deste ciborgue sombrio e brilhante tão disposto a se vingar.

Mas pelo menos ele teve que desviar o olhar, finalmente, para olhar para o teclado da

coisa que ele segurava com a garra, e, depois de examinar por um momento para o que claramente era um diretório de frases pré-gravadas, ele achou o botão certo.

– Ainda estou de olho em você – disse o barítono feliz, e o tom alegre e positivo deveria ter feito eu me sentir bem comigo mesmo, mas o fato de ser Doakes dizendo aquilo por trás da voz, acabou estragando o efeito.

– Isso é muito tranquilizador – falei. – Se importa em ficar de olho enquanto desço do elevador?

Por um momento ele pensou que se importava sim, e moveu sua garra novamente para o teclado. Mas então se lembrou que não tinha funcionado o truque de apertar sem olhar, então deu uma olhadela, apertou o botão e olhou para mim quando a voz animada falou: "cuzão", em um tom que soava como "rosquinha de geleia".

Mas pelo menos ele foi um pouco para o lado para eu poder passar.

– Obrigado – falei, e como às vezes não sou tão gentil assim, completei: – Pode deixar, colocarei na sua mesa. Preto com dois torrões. Tenha um bom dia. – Passei por ele e saí andando pelo corredor, mas pude sentir seus olhos em mim durante todo o caminho até o meu cubículo.

Capítulo 5

A PROVAÇÃO DAQUELE DIA DE TRABALHO JÁ TINHA SIDO apavorante como um pesadelo, desde ficar preso sem rosquinhas a manhã inteira até chegar ao aterrorizante encontro com o que sobrou do sargento Doakes, agora na versão com voz eletrônica. Ainda assim, nada disso me preparou para o choque que tive ao chegar em casa.

Estava esperando por uma refeição acolhedora e deliciosa e uma boa diversão com Cody e Astor – talvez uma partida de Chute à Lata no quintal antes do jantar. Mas, assim que estacionei na frente da casa de Rita – agora Minha Casa também, o que levou um tempo para que eu me acostumasse –, fiquei surpreso ao ver duas pequenas cabeças com os cabelos despenteados sentadas no gramado e aparentemente esperando por mim. Como eu sabia que Bob Esponja estava passando exatamente àquela hora, não consegui imaginar o que os faria ficar sentados aqui fora em vez de na frente da TV. Por isso, foi com um sentimento de alarme crescente que saí do carro e me aproximei deles.

– Saudações, cidadãos – falei. Eles me encararam com olhares pesarosos, mas não falaram nada. Isso era algo que eu esperaria de Cody, que nunca falou mais do que quatro palavras de uma vez. Mas em Astor isso era alarmante, pois ela tinha herdado da mãe o talento da respiração circular, o que permitia que as duas falassem sem ter que pausar para respirar. E vê-la sentada ali sem falar nada era algo quase sem precedentes. Então troquei de língua e tentei de novo. – E aí, galera? – perguntei.

– Cocô van[1] – Cody falou. Ou, pelo menos, foi o que pensei ter entendido. Mas como meu treinamento não me preparou para responder algo nem remotamente parecido com isso, olhei para Astor esperando alguma dica de como reagir.

– A mamãe falou que nós vamos comer pizza, mas pra você será a cocô van, e não queremos que você vá embora, por isso ficamos aqui fora para avisar. Você não vai embora, né, Dexter?

Foi um pequeno alívio saber que tinha ouvido certo o que Cody disse, apesar de agora eu estar tentando entender o que aquilo queria dizer. Será que Rita tinha mesmo dito aquilo? Será que significava que eu tinha feito algo de errado e nem sabia? Aquilo não me pareceu justo – gosto de me lembrar e me divirto sabendo que fiz algo errado. E, um dia depois da lua-de-mel, aquilo era meio repentino, não?

– Até onde sei, não vou a lugar nenhum. Vocês têm certeza de que sua mãe disse isso

mesmo?

Os dois fizeram que sim com a cabeça ao mesmo tempo, e Astor falou: – Rã, rã. Ela disse que você ficaria surpreso.

– Ela tinha razão – falei, e aquilo definitivamente não era justo. Estava totalmente perdido. – Vamos – falei. – Vamos dizer a ela que não vou a lugar nenhum. – Cada um pegou em uma das minhas mãos e entramos na casa.

O ar lá dentro tinha um aroma forte, estranhamente familiar e ainda assim exótico, como se você cheirasse uma rosa e sentisse o cheiro de torta de abóbora. E vinha da cozinha, por isso liderei minha pequena tropa naquela direção.

– Rita? – chamei e o barulho de uma panela batendo em algo me respondeu.

– Ainda não está pronto – ela respondeu. – É surpresa.

Como todos sabemos, surpresas normalmente são coisas ruins, a menos que seja o seu aniversário – e, mesmo assim, não é nada garantido. Mas marchei corajosamente para a cozinha e encontrei Rita vestindo um avental e agitada debruçada sobre o fogão, com uma mecha de cabelo loiro caindo sem ser notado pelo meio de sua testa.

– Estou enrascado? – perguntei?

– Quê? Não, claro que não. Porque estaria... droga! – ela falou, colocando o dedo queimado na boca, e depois mexendo nervosamente os ingredientes na panela.

– Cody e Astor disseram que você ia me mandar embora.

Rita largou sua colher de pau e olhou para mim com uma expressão de alarme. – Mandar embora? Besteira, eu... por que eu... – ela se abaixou para pegar a colher de pau de novo e começou a mexer o conteúdo da frigideira agora.

– Então você não chamou a cocô van?

– Dexter – ela começou a falar com um boa dose de estresse na voz. – Estou tentando fazer uma refeição especial, e estou me esforçando muito para não estragar tudo. Será que podemos falar disso depois? – e então ela pulou para o balcão e pegou um copo medidor e depois correu de volta para a frigideira.

– O que está preparando?

– Você gostou muito da comida em Paris – ela disse, fazendo uma careta e adicionando ao prato o que quer que estivesse no copo medidor.

– Eu quase sempre gosto da comida – respondi.

– Por isso quis fazer um bom jantar francês pra você – ela completou. – *Coq au vin* – falou com seu sotaque francês falso, *caca van*, e uma lâmpada de ideia se acendeu em minha cabeça.

– Caca van? – perguntei olhando para Astor.

Ela concordou com a cabeça. – Cocô van.

– Droga – Rita repetiu, desta vez tentando sem sucesso colocar o cotovelo queimado na boca.

– Vamos, crianças – falei usando minha voz de Mary Poppins. – Explicarei tudo lá fora –

e os levei pela casa, passando pelo corredor e saindo no quintal. Nos sentamos juntos no degrau e os dois olharam para mim com expectativa.

– Muito bem, isso foi só um mal-entendido.

Astor fez que não com a cabeça, afinal, ela sabia tudo sobre tudo, era impossível haver um mal-entendido. – O Anthony me disse que caca é cocô em espanhol – ela disse com segurança. – E todo mundo sabe o que é uma van.

– Mas *coq au vétn* é francês – falei. – É uma coisa que eu e a sua mãe aprendemos na França.

Astor fez que não com a cabeça novamente, mas com uma dúvida já aparecendo em seu rosto. – Ninguém fala francês.

– Muita gente fala francês na França – falei. – E, mesmo aqui, algumas pessoas, como a sua mãe, acham que falam também.

– E o que é então?

– É frango.

Eles olharam um para o outro e depois novamente para mim. Estranhamente, quem quebrou o silêncio foi Cody. – Nós vamos comer pizza?

– Tenho certeza que vão. E que tal uma partidinha de Chute à Lata agora?

Cody sussurrou algo para Astor e ela concordou. – Pode nos ensinar umas coisas? Tipo, aquelas coisas? – ela falou.

"Aquelas coisas", no caso, eram as Artes Sombrias que precisavam ser estudadas para poderem ser Discípulos de Dexter. Eu tinha descoberto recentemente que eles dois, por causa dos repetidos traumas que enfrentaram com seu pai biológico, que normalmente batia neles com peças da mobília ou outros utensílios menores, acabaram virando o que só pode ser descrito como Meus Filhos. Os Descendentes de Dexter. Os dois foram marcados permanentemente como eu, distorcidos e afastados para sempre da realidade fofa e bonitinha e jogados na terra sem sol dos jogos perversos. E o único caminho seguro para eles é me seguirem e aprenderem os caminhos de Harry.

E, na verdade, seria compensador conduzir uma pequena aula esta noite, como se fosse um pequeno passo na direção de reassumir minha vida normal, se é que posso usar essas duas palavras ao falar de mim mesmo. A lua-de-mel fez com que eu esticasse minhas imitações de comportamento culto muito acima dos limites anteriores, por isso estava pronto para rastejar de volta às sombras e polir meus caninos. Por que não levar as crianças junto?

– Tudo bem – falei. – Chamem uns amigos pra gente brincar de Chute à Lata e mostrarei algo que podem usar.

– Jogando Chute à Lata? – Astor falou, fazendo cara feia. – Não queremos saber disso.

– Porque sempre ganho quando jogamos Chute à Lata? – perguntei.

– Não ganha sempre – Cody respondeu.

– Às vezes DEIXO um de vocês ganhar – falei com ar superior.

– Rá – Cody respondeu.

– A questão aqui é – continuei – que sei me movimentar silenciosamente. Por que isso é importante?

– Se aproximar das pessoas – Cody falou, muitas palavras de uma só vez para ele. Era maravilhoso vê-lo saindo da concha com este novo passatempo.

– Isso. E Chute à Lata é um ótimo jogo para treinarmos essa habilidade.

Eles olharam um para o outro e então Astor falou: – Mostre primeiro para nós, e então chamaremos as outras pessoas.

– Tudo bem – falei e me levantei, levando-os até a divisa do quintal da nossa casa com a dos vizinhos.

Ainda não estava escuro, mas as sombras estavam ficando maiores quando paramos na grama escurecida da divisa. Fechei os olhos por um momento; algo se agitou no banco traseiro sombrio e deixei o farfalhar das asas sombrias se propagar suavemente por mim, me sentindo amalgamado com as sombras e me tornando parte da escuridão...

– O que está fazendo? – Astor perguntou.

Abri os olhos e olhei para ela. Os dois estavam me encarando como se de repente eu tivesse começado a comer terra, e percebi que tentar explicar a ideia de se mesclar com a escuridão talvez fosse meio difícil. Mas a ideia de fazer isso tinha sido minha, então não tinha muito como escapar.

– Primeiro – falei, tentando soar lógico e descontraído –, vocês precisam relaxar e sentir como se fossem parte da noite à sua volta.

– Ainda não é de noite – Astor falou.

– Então sinta como se fosse parte do final de tarde à sua volta, tá bom? – falei, e ela me lançou um olhar dúbio, mas não disse mais nada. Então continuei. – Depois, tem algo dentro de vocês que precisa ser acordado, e precisam ouvi-lo. Isso faz sentido pra vocês?

– O Cara das Sombras – Cody falou e Astor assentiu com a cabeça.

Olhei para os dois e senti algo próximo a um milagre. Eles conheciam o Cara das Sombras – o nome deles para o Passageiro das Trevas. Eles tinham um destes dentro deles igual a mim, e estávamos familiarizados o suficiente com aquilo para dar um nome para a coisa. Não havia mais dúvidas, estavam no mesmo mundo sombrio que eu vivia. Foi um momento profundo de ligação entre nós, e agora eu sabia que estava fazendo a coisa certa – estes eram os meus filhos e também do Passageiro, e pensar que estávamos juntos nesta ligação mais forte que uma ligação de sangue era quase completamente irresistível.

Eu não estava sozinho. E tinha uma satisfação grande e maravilhosa em ser responsável por esses dois e por mantê-los a salvo no Código de Harry para que comecem a se tornar o que já são, mas com ordem e segurança. Foi um momento adorável, e tenho certeza de que havia música tocando em algum lugar.

E era assim mesmo que este dia de confusão e sofrimento devia terminar, absoluta e verdadeiramente desse jeito. Se existisse alguma justiça neste mundo grande e malvado, teríamos brincado alegremente naquele começo de noite quente, criando laços e aprendendo

segredos maravilhosos, e então mergulhando em um delicioso jantar com comida francesa e pizza americana.

Mas é claro que não existe esse negócio de justiça, e na maior parte do tempo me encontro fazendo uma pausa e refletindo que deve ser verdade que a vida não gosta muito da gente, no fim das contas. Eu não devia ter ficado surpreso que, assim que estiquei as mãos para eles, meu celular tenha começado a tocar.

– Trate de trazer esse seu cérebro para cá agora! – Deborah falou sem nem dizer alô.

– Claro – respondi –, desde que o resto do meu corpo possa ficar por aqui e jantar.

– Muito engraçado – ela respondeu, apesar de não parecer que tinha achado engraçado. – Mas não preciso de mais risos agora, pois estou olhando para outro daqueles mortos hilários.

Senti um ronronar inquisitivo do Passageiro, e vários pelos do meu pescoço se arrepiaram. – Outro? Tipo, igual aos outros três corpos posados de hoje de manhã?

– É exatamente o que eu quis dizer – ela disse e desligou.

– Ó dia, ó azar.

Cody e Astor olhavam para mim com expressões idênticas de desapontamento. – Era a sargento Debbie, né? – Astor falou. – Ela precisa de você no trabalho.

– É isso mesmo – admiti.

– A mamãe vai ficar bem brava – ela falou e percebi que provavelmente estava certa. Ainda podia ouvir Rita fazendo barulhos furiosos na cozinha, pontuados por ocasionais "droga!". Eu não era um grande especialista no assunto expectativa humana, mas tinha quase certeza de que ela ficaria chateada de eu sair sem provar aquele jantar tão especial e doloroso de ser preparado.

– Agora eu realmente vou acabar na Cocô Van – falei e entrei, pensando no que poderia dizer e torcendo para ter uma inspiração antes que Rita me batesse.

---

1 Poop van ou a Van do Cocô é um serviço que existe nos Estados Unidos, no qual uma van vai a sua casa e leva os dejetos do seu animal. (N. T.)

Capítulo 6

NÃO TINHA CERTEZA SE ESTAVA INDO AO LUGAR CERTO ATÉ chegar lá e parar em frente – parecia um destino muito improvável antes de eu chegar a um ponto onde conseguia ver a fita amarela da polícia, as luzes dos carros-patrulha piscando no escuro e a multidão crescente de curiosos esperando ver algo inesquecível. O Joe's Stone Crab[1] estava quase sempre cheio, mas não em julho. O restaurante só reabriria em outubro, o que parecia um tempo bem longo, mesmo para o Joe.

Mas esta noite a multidão era diferente, ninguém estava aqui para comer caranguejos. Eles estavam famintos por outra coisa, algo que Joe preferiria tirar de seu cardápio.

Estacionei e segui a fila de policiais de uniforme até os fundos, onde o prato de entrada desta noite estava sentada, recostada na parede ao lado da porta de serviço. Ouvi um risinho interior sibilar antes de ver algum detalhe, mas, quando cheguei perto o suficiente, as luzes dos peritos me mostraram algo que valia muitos sorrisos.

Seus pés estavam enfiados em sapatos de couro preto que em geral são italianos e normalmente usados apenas para dançar. Ele também usava shorts estilo férias no hotel e na deliciosa cor escarlate e uma camisa de seda azul com uma palmeira prateada nela. Mas a camisa estava desabotoada e puxada para trás, revelando que o peito do homem tinha sido removido e sua cavidade esvaziada de todo o conteúdo natural e nojento que deveria haver ali. No lugar tinha gelo, garrafas de cerveja e o que pareciam ser camarões aperitivos do supermercado. A mão direita dele estava fechada segurando um maço de dinheiro de Banco Imobiliário e seu rosto estava coberto com outra daquelas máscaras de plástico coladas.

Vince Masuoka estava agachado do outro lado da entrada espalhando pó com movimentos lentos e repetitivos por toda a parede, e andei em direção a ele.

– Vamos nos dar bem esta noite? – perguntei.

Ele bufou. – Só se nos deixarem pegar uma daquelas cervejas gratuitas. Elas estão geladas pacas.

– Como pode saber?

Ele apontou o corpo com a cabeça. – É o novo tipo que o selo fica azul quando ela está gelada – falou e secou a testa com o braço. – Deve estar mais de trinta graus aqui, e aquela cerveja desceria muito bem.

– É claro – falei, olhando para os sapatos improváveis da vítima. – E depois poderíamos ir

dançar.

– Opa. Você quer mesmo? Podemos ir depois que largarmos aqui.

– Não. Onde está Deborah?

Ele apontou com a cabeça para a esquerda. – Está lá, falando com a mulher que o encontrou.

Andei até onde Debs entrevistava uma mulher hispânica histérica que chorava com as mãos no rosto e sacudia a cabeça negativamente ao mesmo tempo, o que me pareceu uma coisa bem difícil de se fazer, igual a bater na cabeça com uma mão e esfregar a barriga com a outra. Mas ela fazia aquilo muito bem e, por alguma razão, Deborah não estava impressionada com a incrível coordenação da mulher.

– Arabelle – Deborah falava –, por favor, me ouça –, Mas Arabelle não ouvia, e eu não achava que o tom de voz que combinava raiva e autoridade de minha irmã tinha sido bem calculado para conquistar alguém, especialmente uma pessoa que parecia ter sido mandada de uma agência para fazer o papel de faxineira imigrante e ainda por cima ilegal. Deborah deu uma olhada para mim quando me aproximei, como se fosse culpa minha o fato de ela estar intimidando Arabelle, então decidi ajudar.

Não que eu ache que minha irmã é incompetente – ela é muito boa no que faz, afinal, está no sangue dela. E a ideia de que me conhecer é me amar é algo que nunca passou nem perto de minha cabeça sombria. Ao contrário, na verdade. Mas Arabelle estava tão transtornada que estava claro que não sentia a excitação da descoberta. Em vez disso, ela estava muitos passos acima, no andar da histeria, e falar com pessoas histéricas, quase do mesmo jeito que falar com pessoas ordinárias, não requer empatia ou gostar da outra pessoa, para a sorte do Sombrio e Sinistro Dexter. Era tudo uma questão de técnica, uma habilidade e não uma arte, e aquilo estava ao alcance de qualquer um que tivesse estudado e copiado o comportamento humano. Sorria nas horas certas, concorde com a cabeça, finja que está ouvindo – já tinha dominado aquilo há séculos.

– Arabelle – falei em uma voz suave e com o sotaque apropriado da América Central, e ela parou de chacoalhar a cabeça por um momento. – *Arabelle, necitamos descubrir este monstre* – Olhei para Deborah e falei: – Foi um monstro que fez isso, certo? – e ela fez que sim com a cabeça.

– *Digame, por favor* – continuei suavemente, e Arabelle baixou uma das mãos de seu rosto de forma gratificante.

– *Si* – ela disse envergonhada, e fiquei maravilhado novamente com meu sintético charme bajulador. E que funcionava em duas línguas.

– *En inglés?* – perguntei com um belo e falso sorriso. – Porque *mi hermana no habla español* – falei apontando com a cabeça para Deborah. Tenho certeza de que se referir a Debs como "minha irmã" em vez de "a autoridade com uma arma que quer mandar você de volta para El Salvador depois de fazer com que você apanhe e seja estuprada" ajudou a reduzir um pouco da guarda dela. – Você fala inglês?

– Um poquito – ela falou.

– Ótimo – falei. – Conte para a minha irmã o que você viu – falei e dei um passo para trás, apenas para descobrir que Arabelle tinha esticado uma mão e segurado no meu braço.

– Você não ir embora? – ela perguntou envergonhada.

– Vou ficar aqui – falei. Ela me olhou de forma mais metódica. Não tenho ideia do que procurava em mim, mas aparentemente ela achou que tinha conseguido ver. Soltou meu braço, baixou as duas mãos que ficaram à sua frente e encarou Deborah, se colocando à disposição.

Também olhei para Deborah e vi que ela me encarava com um olhar de incredulidade. – Jesus. Ela confia em você e não em mim?

– Ela percebeu que meu coração é puro.

– Puro o quê? – Deborah perguntou e depois sacudiu a cabeça. – Jesus! Se ela soubesse...

Tenho que admitir que a observação irônica de minha irmã tinha seu fundo de verdade. Ela tinha descoberto apenas recentemente quem eu era de verdade, e dizer que ela não estava muito confortável com aquilo era atenuar as coisas. Mesmo assim, tudo havia sido aprovado e armado pelo pai dela, o Santo Harry, e, mesmo morto, a autoridade dele não seria questionada por Debs – e nem por mim, se é que isso interessa. Mas o tom de voz dela era um pouco afiado demais para alguém que contava com minha ajuda, e resolvi dar uma pequena alfinetada. – Se quiser, posso ir embora e deixar você fazer seu trabalho em paz.

– Não! – Arabelle falou, e sua mão voou pelo ar mais uma vez e segurou meu braço. – Você disse que ia ficar – em um tom acusativo e de quase pânico.

Levantei uma sobrancelha para Deborah.

Ela deu de ombros. – Claro, você fica.

Dei um tapinha na mão de Arabelle e a tirei do meu braço. – Estarei bem aqui – e depois adicionei – *Yo espero aquí* – com outro sorriso completamente artificial que, por alguma razão, deu confiança a ela. Arabelle olhou nos meus olhos, sorriu para mim e se virou para Debs.

– Me conte tudo – Debs perguntou.

– Chego aqui na mesma hora todos os dias.

– E que horas é isso?

Arabelle deu de ombros. – Cinco da tarde. Três vezes por semana, porque ficamos fechados *en julio*, mas eles querem que tudo fique limpo. Nada de baratas. – Ela olhou para mim e assenti com a cabeça; baratas são más.

– E veio pela porta dos fundos?

– Comose... – ela olhou para mim e fez uma cara embaraçada. – *Siempre?*

– Como sempre – traduzi.

Arabelle concordou com a cabeça. – Sempre pela porta dos fundos. – A *frentche es fechada hasta octobre*.

Deborah ficou pensativa por um momento e depois entendeu: fechado até outubro. – Certo. Então você chegou aqui, foi até a porta dos fundos e viu o corpo?

Arabelle cobriu o rosto novamente, mas só por um momento, depois olhou para mim,

assenti com a cabeça e ela baixou as mãos. – Sim.

– E viu algo mais, qualquer coisa fora do comum? – Deborah perguntou e Arabelle olhou para ela sem expressão. – Viu algo que não deveria estar ali?

– *El cuerpo* – Arabelle falou meio indignada, apontando para o cadáver. – Ele não estar devia ali.

– E viu mais alguém por aqui?

Ela fez que não com a cabeça. – Não, só eu.

– E perto daqui? – Arabelle não entendeu de novo. – Ali, por exemplo. Na calçada. Tinha alguém ali?

Arabelle deu de ombros. – Turistas com câmeras. – E então baixou a voz, falando confidencialmente comigo. – *Creado que es possible que estan maricones* – e deu de ombros.

Assenti com a cabeça. – Turistas *gays* – falei.

Deborah olhou para ela e depois para mim, como se pudesse nos assustar para que déssemos mais alguma resposta ótima. Mas mesmo a minha habilidade legendária havia se esgotado, por isso dei de ombros. – Não sei. Provavelmente ela não tem mais nada para falar.

– Pergunte onde ela mora – Deborah disse e uma expressão de alarme apareceu no rosto de Arabelle.

– Não acho que ela vai dizer a você.

– Por que que ela não diria, caralho?

– Ela tem medo que você conte para *la migra* – falei e Arabelle pulou visivelmente. – Imigração.

– Eu sei que porra *la migra* quer dizer. – Deborah explodiu. – Também moro aqui, lembra?

– Lembro, mas você se recusou a aprender espanhol.

– Então peça para ela contar pra você.

Dei de ombros e virei para Arabelle – *Necesito su dirección.*

– *Por qué?* – ela perguntou meio encabulada.

– *Vamos a bailando* – falei. – Vamos sair para dançar.

Ela deu uma risadinha. – *Estoy casada* – falou. Sou casada.

– Por favor? – pedi, usando meu sorriso megafalso de 100 watts, e acrescentei: – *Nunca por la migra, verdaderamente.*

– Arabelle sorriu, se inclinou para frente e sussurrou seu endereço em meu ouvido. Assenti com a cabeça. Era uma área inundada de imigrantes da América Central, muitos deles ilegais. Fazia todo sentido ela morar lá, e eu tinha certeza de que ela falava a verdade.

– *Gracias* – falei, e quando comecei a me afastar, ela segurou no meu braço.

– *Nunca por la migra*?

– *Nunca.* – falei. Nunca. – *Solamente para hallar este matador.* – Apenas para achar este assassino.

Ela concordou com a cabeça como se aquilo fizesse sentido, que eu precisava de seu

endereço para achar o assassino, e me lançou seu sorriso envergonhado de novo. – *Gracias. Te creo.* – Ela falou. Acredito em você. A confiança dela em mim era tocante, especialmente porque não havia razão nenhuma para aquilo, além do fato de eu ter dado a ela um sorriso bobo. E me fez pensar se eu não deveria mudar de carreira – talvez pudesse vender carros ou então concorrer à presidência.

– Tudo bem – Deborah falou. – Ela pode ir embora.

Fiz um movimento de cabeça para Arabelle. – *Va a su casa*

– *Gracias* – ela repetiu e abriu um grande sorriso, se virou e quase saiu correndo pela rua.

– Merda – Debs falou. – Merda, merda, MERDA.

Olhei para ela com as sobrancelhas levantadas e ela sacudiu a cabeça de forma negativa. Ela parecia derrotada, como se a raiva e a tensão tivessem murchado nela. – Sei que é burrice, mas eu esperava que ela pudesse ter visto algo. Tipo... – ela deu de ombros e se virou, olhando para o corpo na entrada. – Nunca vamos encontrar os turistas *gays*. Não em South Beach.

– Eles não devem ter visto nada, de qualquer forma – falei.

– Em plena luz do dia e ninguém viu nada?

– As pessoas veem apenas o que já esperam ver. Ele provavelmente usou uma daquelas vans de entrega, e isso faria com que fosse invisível.

– Bom, mas que merda – ela disse outra vez, e não me pareceu uma boa hora para criticar o vocabulário limitado dela. Deborah me olhou de novo. – Imagino que não tenha nada a acrescentar ao olhar este cadáver.

– Deixa eu tirar algumas fotos e pensar no assunto – falei.

– Isso foi um não, né?

– Não é um não definitivo, apenas um não implícito.

Deborah me mostrou o dedo do meio. – Que tal um destes implícito? – falou, se virou e voltou a olhar para o cadáver.

---

1 Joe's Stone Crab é um dos restaurantes mais famosos do mundo para se comer caranguejo. Não aceita reservas, por isso a piada do Dexter em relação a esperar. (N. T.)

Capítulo 7

É SURPREENDENTE MAS É VERDADE: *COQ AU VIN* FRIO REALMENTE não é tão gostoso quanto deveria. De alguma forma, o vinho solta um aroma de cerveja velha, o frango fica parecendo um pouco lodoso e essa experiência se torna uma provação de perseverança austera em face das expectativas amargamente desapontadas. Mas Dexter não seria nada se não fosse persistente, por isso, quando chego em casa por volta da meia-noite, trabalho em uma grande porção do prato com uma força verdadeiramente estoica.

Rita não acordou quando escorreguei para debaixo das cobertas, e eu não demorei para mergulhar no mar dos sonhos. Fechei os olhos e parecia que apenas um segundo tinha se passado quando o rádio-relógio ao lado da cama começou a gritar comigo a respeito do aumento da maré de violência que ameaçava dominar nossa pobre e alquebrada cidade.

Abri um olho e vi que já eram seis da manhã, hora de levantar. Não parecia justo, mas levantei-me da cama e fui tomar banho, e quando cheguei à cozinha, Rita já tinha preparado o café. – Vi que você comeu um pouco do frango – ela falou um pouco seca, e achei que um pouco de elogio faria bem.

– Estava delicioso – falei. – Melhor do que o que comemos em Paris.

Ela se acendeu um pouco, mas fez que não com a cabeça. – Mentiroso. Nunca fica com o gosto bom quando está frio.

– Você tem um toque mágico. Estava com gosto de prato quente.

Ela fez uma careta e tirou uma mecha de cabelo do rosto. – Sei que você precisa, você sabe... – ela começou. – Sei que é seu trabalho... mas queria que tivesse experimentado quando... quer dizer, eu entendo – ela completou, e não sei se eu poderia dizer o mesmo. Rita colocou um prato com ovos fritos e linguiças na minha frente e acenou com a cabeça para a televisão ao lado da cafeteira. – Está em todos os jornais esta manhã... era sobre isso ontem, não? E sua irmã apareceu falando, sabe? Ela não parecia muito satisfeita.

– Ela está totalmente insatisfeita – falei. – O que não me parece certo, afinal ela tem um emprego cheio de desafios, e aparece na TV. O que mais ela poderia querer?

Rita não riu da minha pequena piada. Em vez disso, colocou uma cadeira ao lado da minha, se sentou, colocou as mãos no colo e fez uma careta ainda maior. – Dexter, nós precisamos conversar.

Sei pelas minhas pesquisas que estas palavras levam o terror ao coração dos homens. Convenientemente, não tenho coração, mas senti uma onda de desconforto pelo que aquelas

palavras poderiam significar. – Logo depois da lua-de-mel? – falei, esperando tirar um pouco daquela seriedade toda.

Rita fez que não com a cabeça. – Não é... quer dizer... – ela começou a levantar uma mão e em seguida deixou-a cair no colo de novo. Depois suspirou fundo. – É o Cody – ela disse finalmente.

– Ah – falei, sem ter a menor ideia do que aquilo queria dizer. Ele parecia muito bem para mim, mas é claro que eu sabia melhor do que ela que Cody não era a criança pequena e quieta que aparentava ser, e sim, na verdade, um Dexter em treinamento.

– Ele ainda parece tão... – ela sacudiu a cabeça de novo e olhou para baixo, com sua voz ficando mais baixa. – Sei que o pai dele... fez coisas... que o machucaram. Que provavelmente mudaram ele para sempre. Mas... – ela olhou para mim com os olhos cheios de lágrimas. – Não está certo ele... ainda estar do mesmo jeito, está? Tão quieto o tempo todo e... – ela sacudiu a cabeça novamente. – Estou apenas com medo do quê... – uma lágrima caiu no seu colo e ela fungou. Ele pode ficar assim... tipo... para sempre...

Muitas outras lágrimas se juntaram àquela primeira, e mesmo que em geral eu seja impassível diante de emoções, sabia que era necessário fazer um gesto tranquilizador.

– O Cody vai ficar bem – falei, abençoando minha habilidade para mentir de forma convincente. – Ele só precisa sair um pouco de sua concha.

Rita fungou de novo. – Acha mesmo?

– Com certeza – falei e coloquei uma mão sobre a dela, como tinha visto em um filme um dia desses. – Cody é uma criança ótima. Ele só está demorando um pouco mais para amadurecer por causa do que aconteceu antes.

Ela fez que não com a cabeça e uma lágrima me acertou. – Você não tem como saber isso.

– Tenho sim – falei, e, por mais estranho que isso possa parecer, eu estava falando a verdade para ela. – Sei exatamente o que ele está passando, porque passei pela mesma coisa.

Ela me olhou com os olhos brilhantes e molhados. – Você... nunca falou sobre o que aconteceu com você.

– Não, e nunca vou falar. Mas é bem parecido com o que aconteceu com Cody, por isso eu sei como é. Acredite em mim, Rita. – E dei um tapinha na mão dela, pensando: *Sim, acredite em mim. Acredite que vou transformar o Cody em um monstro que funciona suavemente, bem ajustado, exatamente igual a mim.*

– Oh, Dexter. Eu acredito em você. É que ele é tão... – ela sacudiu novamente a cabeça, lançando um jato de lágrimas pela sala.

– Ele vai ficar bem – falei. – De verdade. Só precisa mesmo sair um pouco da concha e aprender a se relacionar com meninos da idade dele. – *E aprender a fingir que é igual a eles*, pensei, mas não pareceu ser algo reconfortante para se dizer em voz alta, por isso não falei.

– Se você tem certeza – Rita falou com uma fungada realmente grande.

– Tenho certeza.

– Tudo bem – ela falou, pegando um guardanapo da mesa e secando os olhos e o nariz. – Então vamos apenas... – *Funga. Assoa.* – Acho que precisamos apenas pensar em jeitos de fazê-lo se misturar com outras crianças.

– Esse é o caminho – falei. – Logo, logo ele já estará roubando em jogos de cartas, você vai ver.

Rita assoou longamente seu nariz pela última vez.

– Às vezes, eu não tenho certeza se você está fazendo piada ou não – ela falou, ficou em pé e beijou a minha cabeça. – Isso se não conhecesse você tão bem.

É claro que, se ela me conhecesse tão bem quanto acha que conhece, enfiaria um garfo em mim e correria para se salvar, mas manter nossas ilusões é uma parte importante da vida, então não falei nada, e o café da manhã continuou em sua suave monotonia. Existe um grande prazer em ser servido, especialmente por alguém que sabe muito bem o que está fazendo na cozinha, por isso valeu a pena ouvir toda a conversa que foi servida junto.

Cody e Astor se juntaram a nós quando comecei minha segunda xícara de café, e os dois se sentaram lado a lado com expressões idênticas de incompreensão causada por sonolência pesada. Eles não podiam se beneficiar do café, e levou uns bons minutos até que percebessem que estavam acordados. Foi Astor, naturalmente, quem quebrou o silêncio.

– A sargento Debbie estava na TV. – Astor tinha desenvolvido uma adoração heroica por Deborah desde que descobriu que ela carregava uma arma e mandava em policiais grandes e uniformizados.

– Faz parte do trabalho dela – falei, apesar de saber que aquilo apenas estimularia ainda mais a admiração heroica.

– E por que você nunca aparece na TV, Dexter? – ela perguntou acusadoramente.

– Porque não quero aparecer na TV – respondi e ela me olhou como se eu tivesse sugerido banir os sorvetes. – É verdade. Imagine se todo mundo conhecesse meu rosto. Não ia poder andar na rua sem as pessoas me reconhecerem, apontarem e falarem de mim pelas costas.

– Ninguém aponta para a sargento Debbie.

Assenti com a cabeça. – Claro que não, quem teria coragem de fazer isso? – Astor parecia pronta para contra-argumentar, por isso coloquei minha caneca com força na mesa e me levantei. – Preciso ir para mais um dia de trabalho defendendo os bons cidadãos de nossa cidade.

– Você não pode defender ninguém com um microscópio – Astor falou.

– Já chega, Astor – Rita falou, e se apressou para me dar outro beijo, no rosto desta vez. – Espero que pegue ele, Dexter. Parece terrível.

Eu também esperava que pegássemos esse logo. Quatro vítimas em um dia me pareceu um pouco superzeloso, mesmo para mim, e com certeza criaria uma atmosfera de vigilância paranoica na cidade que tornaria quase impossível que eu pudesse me divertir calmamente como gosto.

Por isso, foi com uma verdadeira determinação em ver a justiça feita que fui trabalhar. É

claro que qualquer tentativa verdadeira de se fazer justiça precisava começar pelo trânsito, já que há muito tempo os motoristas de Miami tinham transformado a simples tarefa de ir de um lugar ao outro em um jogo de carrinhos bate-bate com apostas altas, se utilizando de velocidades elevadas e armas pesadas. E ficava ainda mais interessante porque as regras mudavam de motorista para motorista. Por exemplo, enquanto eu dirigia no apertado monte de carros na via expressa, um homem na pista ao lado começou a buzinar loucamente. Quando me virei para olhar, ele me mostrou o dedo do meio, gritou – *Maricón* – e forçou a passagem entrando na minha frente e depois na saída seguinte, onde acelerou e foi embora.

Não tenho a menor ideia do que causou aquele show, por isso apenas acenei enquanto o concerto de buzinas e gritos desaparecia à distância. A Sinfonia da Hora do *Rush* de Miami.

Cheguei ao trabalho um pouco cedo, mas o prédio já fervilhava com uma atividade frenética. A sala de imprensa estava explodindo com mais gente do que eu jamais tinha visto por lá – pelo menos imaginei que eram pessoas, apesar de que com repórteres você nunca pode ter certeza. E a verdadeira gravidade da coisa me acertou quando percebi que havia uma dezena de câmeras e microfones e nenhum sinal do capitão Matthews.

Mais coisas chocantes e sem precedentes me aguardavam: um policial fardado estava parado na porta do elevador e pediu minhas credenciais antes de me deixar passar, mesmo sendo um cara que eu já conhecia de vista. E quando finalmente cheguei à área do laboratório, outra surpresa: descobri que Vince tinha trazido um pacote de *croissants*.

– Meu Deus – falei, olhando para os pedaços da crosta de *croissant* que cobriam a frente da camisa dele. – Eu estava brincando, Vince.

– Eu sei – ele respondeu. – Mas me pareceu uma coisa classuda, por isso... – Deu de ombros, o que fez com que pedaços da crosta caíssem no chão. – Eles fazem uns com recheio de chocolate. E tem de queijo e presunto também.

– Não acho que aprovem isso em Paris – falei.

– Onde você estava, porra? – Deborah rosnou atrás de mim e depois pegou um *croissant* de presunto e queijo.

– Alguns de nós gostam de dormir de vez em quando – respondi.

– E alguns de nós não podem dormir – ela retrucou. – Porque alguns de nós estão tentando trabalhar cercados por equipes de TV da porra do Brasil e sabe-se lá mais de onde. – Ela deu uma mordida violenta no *croissant* e, com a boca cheia, olhou para o que sobrou em sua mão e disse: – Jesus Cristo, o que é isso?

– É uma rosquinha francesa – respondi.

Debs arremessou o resto fora em uma lixeira próxima e errou por uns trinta centímetros. – Tem gosto de merda.

– Quer experimentar o meu rocambole? – Vince falou.

Debs nem piscou. – Desculpe, só gosto quando consigo encher a boca toda, o que não é o caso aqui – ela falou e me pegou pelo braço. – Vamos.

Ela me levou pelo corredor até o seu cubículo e se afundou na cadeira da escrivaninha.

Sentei no sofá e esperei para ver qual emoção furiosa ela tinha preparado para mim.

E veio na forma de uma pilha de jornais e revistas que ela começou a jogar em mim, dizendo: – *L. A Times. Chicago Sun Times.* A porra do *New York Times. Der Spiegel Toronto Star.*

Um pouco antes de eu desaparecer embaixo de uma montanha insensível de papéis amassados, estiquei o braço e segurei a mão dela, evitando que jogasse o *Karachi Observer* em mim. – Debs. Consigo ver melhor se os jornais não estiverem enfiados em minhas cavidades oculares.

– Estamos em uma tempestade de merda – ela falou –, uma tempestade como nunca se viu antes.

Sinceramente, eu não tinha visto muitas tempestades de merda de verdade, apesar de que uma vez, no colégio, Randy Schwartz jogou uma bomba e deu descarga com a privada cheia no banheiro masculino, obrigando o sr. O'Brien a ir mais cedo para casa e trocar de roupa. Mas Deborah não estava no clima de lembranças do passado, mesmo sabendo que nenhum de nós dois gostava do sr. O'Brien. – Já tinha percebido isso pelo fato do Matthews ter ficado invisível repentinamente.

Ela bufou. – Sim, como se nunca tivesse existido.

– Nunca imaginei que teríamos um caso tão quente que o capitão não quereria aparecer na TV – falei.

– Quatro porras de corpos em uma porra de um só dia. É algo que ninguém nunca viu e cai exatamente no meu colo.

– Rita disse que você estava muito bem na televisão – falei de forma encorajadora, mas por alguma razão aquilo fez com que ela batesse na pilha de jornais e derrubasse mais alguns no chão.

– Não quero APARECER na droga da televisão. O veado do Matthews está me jogando aos leões porque esta é a maldita história mais fodida, grande e terrível do mundo atualmente, e não divulgamos ainda nem uma foto dos corpos, mas de algum jeito as pessoas sabem que tem algo bizarro acontecendo. O prefeito está puto da vida, o GOVERNADOR está puto da vida e, se eu não solucionar pessoalmente o caso até a hora do almoço, a porra do estado inteiro da Flórida vai afundar no oceano e eu vou estar embaixo dele quando isso acontecer. – Ela bateu de novo na pilha de jornais e desta vez pelo menos metade deles caiu no chão. Aquilo pareceu tirar toda a fúria de dentro dela, porque ela se soltou na cadeira e de repente parecia sem forças e exausta. – Preciso muito de ajuda com isso, Dex. Odeio ter que pedir a você, mas... se você pode mesmo solucionar esses tipos de casos, agora é uma boa hora de fazer acontecer.

Eu não sabia bem o que fazer com o fato de que, repentinamente, ela odiava ter que me pedir ajuda, afinal, ela já tinha pedido antes, muitas vezes aliás, e aparentemente sem odiar nem um pouco. Parece que ela estava ficando estranha e até um pouco sensível ultimamente em relação aos meus talentos especiais. Mas e daí? Apesar de ser verdade que não tenho emoções, não sou imune a ser manipulado por elas, e a visão da minha irmã por um fio era mais do que poderia ignorar. – É claro que vou ajudar você, Debs. Só não sei o quanto posso fazer por

enquanto.

– Caralho, você tem que fazer alguma coisa. Estamos afundando rápido por aqui.

Foi legal ela falar "nós" e me incluir, apesar de que até agora eu não tinha me tocado que também estava afundando. Mas a sensação de ser incluído não foi o suficiente para fazer o meu enorme cérebro entrar em ação. Na verdade, o imenso complexo cranial que é a Capacidade Cerebral de Dexter estava anormalmente quieto agora, do mesmo jeito que ficou nas cenas dos crimes. Mesmo assim, estava claro que uma demonstração do velho e bom espírito de equipe era necessária, por isso fechei os olhos e tentei parecer que estava pensando com muita vontade.

Muito bem: se houver alguma pista física e real, os incansáveis e obstinados técnicos forenses vão encontrar. Então, o que preciso é de alguma dica de uma fonte que meus colegas de trabalho não têm – o Passageiro das Trevas. O problema é que ele andava incomumente silencioso, a não ser por suas risadinhas suavemente selvagens, e eu não sabia o que aquilo significava. Normalmente, qualquer demonstração de habilidades predadoras evocariam algum tipo de apreciação que em geral acabavam providenciando um estalo em relação ao que havia acontecido. Mas desta vez não havia nenhum comentário. Por quê?

Talvez o Passageiro ainda não tivesse se acomodado confortavelmente no banco de trás depois de seu recente voo. Ou ainda poderia estar se recuperando do trauma – apesar de isso não fazer muito sentido, a julgar pelo crescimento da minha Necessidade.

Qual seria a razão dessa timidez repentina? Se algo perverso transpirava debaixo de nossos narizes, eu me acostumei a esperar uma resposta maior do que apenas um simples divertimento. Que não veio. Portanto... será que nada de perverso tinha acontecido? Aquilo fazia menos sentido ainda, pois tínhamos quatro corpos bem mortos no caso.

E também significava que, aparentemente, eu estava sozinho nessa – e lá estava a Deborah me encarando com um olhar com muita expectativa. Então dê um passo para trás, ó gênio grande e austero. Tinha algo de diferente nesses assassinatos, algo além da apresentação espalhafatosa dos corpos. E *apresentação* era a palavra exata – eles eram exibidos de um jeito calculado para causar o máximo de impacto possível.

Mas em quem? A sabedoria popular na comunidade psicopática dos assassinos diria que, quanto mais trabalho você tem para se mostrar, mais quer uma audiência que o venere. Mas também é do conhecimento de todos que a polícia mantém esses lugares muito bem guardados, e mesmo que não fizesse isso, ninguém da imprensa divulgaria imagens tão terríveis: pode acreditar em mim, eu as vi.

Então qual era o alvo das apresentações? A polícia? Os peritos forenses CDFs? Eu? Nenhuma das respostas parecia provável, mas além delas e mais umas três ou quatro pessoas que descobriam os corpos, ninguém viu mais nada, e já havia um enorme clamor do estado da Flórida inteiro, todos desesperados para salvar a indústria do turismo.

Um pensamento fez meus olhos se abrirem e lá estava Deborah, me encarando como um Setter irlandês.

– O que descobriu, caramba?

– E se isso é exatamente o que eles querem?

Ela me encarou por um momento, quase como Astor e Cody quando acabaram de acordar. – Como assim?

– A primeira coisa que pensei a respeito dos corpos é que as *mortes* não eram o objetivo, e sim brincar com os corpos depois. Exibi-los.

Debs bufou. – Eu lembro. E AINDA não faz nenhum sentido.

– Mas faz sim. Alguém está tentando criar um efeito, causar uma *impressão* Para conseguir algum tipo de *impacto*. Então vamos olhar de trás para frente, que tipo de impacto já foi causado?

– Bom, fora atrair a atenção da imprensa do mundo inteiro...

– Esse é o ponto, não fora isso. Esse é exatamente o ponto a que quero chegar.

Ela sacudiu a cabeça negativamente. – Como assim?

– O que tem de errado com a atenção da imprensa, mana? O mundo inteiro está de olho no Estado do Sol, Miami, um farol de luz para os turistas do mundo...

– Eles estão olhando e dizendo "nem fodendo vou para qualquer lugar perto daquele matadouro" – Debs falou. – Vamos, Dex, e daí? O que isso quer dizer? Já falei que... Ah. – Ela fez uma careta. – Está dizendo que alguém fez isso para atacar a indústria do turismo? E a porra do estado inteiro? Mas isso é loucura, caralho.

– E você acha que quem fez tudo isso não é louco, mana?

– Mas quem faria isso?

– Sei lá – falei. – A Califórnia?

– A coisa tem que fazer sentido, Dexter. Se alguém fez tudo isso, pre-cisa ter ALGUM tipo de motivo.

– Alguém com rancor – falei, parecendo ter mais certeza do que tinha de verdade.

– Rancor contra o estado inteiro? E você acha que isso faz sentido?

– Bom, não muito.

– Então que tal você pensar em algo que faça sentido? E tipo agora mesmo? Porque não vejo como as coisas podem ficar piores do que já estão.

Se existe algo que a vida nos ensina, é que devemos correr e nos esconder embaixo de algum móvel quando alguém é idiota o bastante de dizer essas palavras. E é óbvio que as últimas sílabas mal tinham saído da boca dela quando o telefone tocou, e uma vozinha fraca e maliciosa sussurrou que era uma boa hora para eu me enfiar embaixo da escrivaninha e ficar em posição fetal.

Deborah arrancou o fone do gancho, ainda me encarando, mas de repente virou-se e se debruçou sobre a mesa. Ela balbuciou algumas palavras em choque que pareciam· – Quando? Jesus. Certo – e então desligou o telefone e me lançou um olhar que fez aquele último se parecer com o primeiro beijo da primavera. – Seu filho da puta.

– O que eu fiz? – perguntei, surpreso com a fúria na voz dela.

– É o que eu quero saber.

Mesmo um monstro chega em um ponto que a irritação começa a vazar, e acredito que eu estava bem perto desse ponto. – Deborah, ou você começa a falar as coisas direito e que façam sentido, ou vou voltar para o laboratório para polir meu espectrômetro.

– Temos uma grande pista no caso.

– E por que você não está feliz com isso?

– Porque foi na Secretaria de Turismo.

Abri a boca para dizer algo engenhoso e ácido, mas não disse nada.

– Exatamente – ela falou. – Quase como se alguém tivesse um enorme rancor do estado inteiro.

– E você acha que sou eu? – falei já acima da irritação e mais para boquiaberto de tão surpreso. Ela apenas ficou me encarando. – Acho que alguém colocou algo no seu café. A Flórida é a minha casa. Quer que eu cante *Swanee River*?[1]

Talvez não tenha sido a oferta de cantar que a animou, mas, o que quer que tenha sido, ela me encarou por um longo momento e então pulou de pé. – Venha, vamos até lá.

– Eu? Mas e o Coulter, o seu parceiro?

– Ele foi pegar café, então foda-se. Além do mais, prefiro ser parceira de um javali. Vamos. – Por alguma razão, não me enchi de orgulho de ser um pouco melhor do que um javali, mas, quando o dever chama, Dexter responde ao chamado, por isso a segui porta afora.

---

1 Nome de uma música famosa escrita em 1851, mas também de um rio na Flórida, muito visitado por turistas justamente por causa da música. (N. T.)

Capítulo 8

O MAIOR CENTRO DE CONVENÇÕES E TURISMO DE MIAMI FICAVA em um prédio alto na Brickell Avenue, combinando com seu status de Organização Muito Importante. Todo o seu propósito majestoso estava refletido na vista de suas janelas, uma bela parte do centro e o belo canal de Government Cut, um pedaço de Biscayne Bay e também uma área próxima onde o time de basquete da cidade aparecia de quando em quando para umas derrotas dramáticas. Era uma vista maravilhosa, quase um cartão-postal, que poderia muito bem ter a frase: *Veja, isto é Miami· não estávamos brincando.*

Quase nenhum funcionário do departamento parecia estar apreciando a vista naquele dia. O escritório parecia uma grande colmeia que alguém cutucou com um graveto. Não devia haver mais do que um punhado de funcionários, mas eles voavam pelas portas e para cima e para baixo no corredor com tanta pressa que pareciam centenas deles em constante movimento, como partículas loucas em um jarro de óleo. Deborah ficou parada na recepção por dois minutos completos – praticamente uma vida inteira pelos padrões de paciência dela –, até que uma mulher bem grande parou e olhou para ela.

– O que você quer? – a mulher perguntou.

Deborah imediatamente mostrou o distintivo policial. – Sou a sargento Morgan. Da polícia, sabe?

– Ó, meu Deus. Vou chamar a Jo Anne – ela falou e desapareceu por uma porta à direita.

Deborah olhou para mim como se fosse minha culpa e disse: – Jesus –, e então a porta se abriu de novo e uma mulher pequena com nariz grande e cabelo curto veio até nós.

– Polícia? – ela falou com um enorme ultraje na voz. Olhou para trás de nós e depois novamente para Deborah, medindo-a de cima a baixo.

– VOCÊ É da polícia? Qual delas, a polícia das modelos?

É claro que Deborah estava acostumada com as pessoas a desafiando, mas não tão brutalmente quanto esta. Ela até ficou um pouco vermelha antes de mostrar novamente o distintivo e dizer: – Sargento Morgan. Você tem informação para nós?

– Isso não é hora de coisas politicamente corretas. Estou precisando do Dirty Harry e me mandaram a Legalmente Loira?

Os olhos de Deborah se estreitaram e o vermelho de suas bochechas desapareceu. – Se você quiser, posso prendê-la por obstrução da justiça.

A mulher ficou só olhando. Então ouvimos um grito de uma sala lá atrás e algo grande

caiu e quebrou. Ela pulou de leve, então falou: – Meu Deus. Tudo bem, vamos – e desapareceu pela porta novamente. Deborah respirou fundo, mostrando alguns dentes, e então fomos atrás dela.

A mulherzinha já estava sumindo em outra porta no final do corredor e, quando a alcançamos, ela já estava se arrumando em uma cadeira giratória em uma sala de reuniões.

– Sentem-se – falou apontando para outras cadeiras com um grande controle remoto preto. Sem esperar para ver se tínhamos nos sentado, apontou o controle para uma enorme TV de plasma e disse: – Isso chegou ontem, mas não tínhamos conseguido assistir até hoje de manhã. – Deu uma olhada na gente. – Ligamos em seguida – ela falou, talvez ainda tremendo com a ameaça de Deborah. Se foi o caso, ela estava se saindo muito bem em não demonstrar medo.

– O que é? – Deborah perguntou girando a cadeira.

Eu me sentei bem do lado dela. A mulher respondeu – Olhe a TV.

A TV piscou e ganhou vida, passou por várias telas maravilhosamente informativas perguntando se queríamos esperar ou selecionar e então soltou um grito agudo. Ao meu lado, Deborah pulou involuntariamente.

A tela se acendeu e uma imagem entrou em foco: de uma posição fixa do alto, víamos um corpo encostado em um fundo de cerâmica branca. Os olhos estavam arregalados e nos encarando, e para alguém com minha modesta experiência, obviamente mortos. Então uma figura entrou em cena e bloqueou parcialmente a visão do corpo. Víamos apenas as costas e depois o braço levantado com a serra elétrica. O braço desceu e ouvimos o lamento da lâmina mordendo a carne.

– Jesus Cristo – Deborah falou.

– Ainda fica pior – a mulher respondeu.

A serra zumbia e trovejava, e podíamos ver a pessoa no primeiro plano trabalhando duro. Então a serra parou, a figura a largou na cerâmica, esticou os braços à frente e puxou um amontoado de vísceras brilhantes e horríveis, largando-os no chão em um lugar onde a câmera pegaria bem. Então letras brancas grandes apareceram na tela, por cima de um amontoado de intestinos:

A NOVA MIAMI: ELA VAI ARRANCAR SUAS ENTRANHAS.

A imagem ficou assim por um momento e então a tela ficou branca.

– Esperem – disse a mulher, então a tela piscou novamente e novas letras apareceram brilhando.

A NOVA MIAMI: COMERCIAL 2

Via-se o sol nascendo na praia. Uma alegre música latina tocando. Uma onda rolou pela praia. Um corredor madrugador entra em cena, tropeça e então para chocado. A câmera vai até a cara dele, que muda sua expressão de choque para terror. Então o corredor sai a toda velocidade na direção contrária do mar, cruzando a areia até chegar à rua ao longe. A câmera volta até meus velhos amigos, o feliz casal que encontramos desentranhados nas areias de South Beach.

A cena então pula para o primeiro policial que chega lá, seu rosto se contorce e ele se vira para vomitar. Outro corte e vemos rostos na multidão que esticam seus pescoços para ver e sua imagem é congelada, e muitos outros rostos, aparecendo cada vez mais rápido, cada expressão diferente da outra, todos demonstrando terror à sua própria maneira.

Então a tela rodopia e começa a mostrar quadrados congelados de cada rosto que vimos, alinhados lado a lado até que a tela fosse preenchida com eles e parecesse um anuário escolar, com uma dúzia de fotos de pessoas chocadas em três colunas bem retas.

E mais uma vez as letras apareceram brilhando:

A NOVA MIAMI: ELA VAI PEGAR VOCÊ.

E então a tela ficou escura.

Não conseguia pensar em quase nada para dizer, e uma olhada para minhas companheiras mostrou que eu não era o único. Pensei em criticar a técnica de filmagem, apenas para quebrar o gelo da sala – afinal, os espectadores de hoje preferem uma câmera mais agitada. Mas, o clima da sala não parecia nem um pouco propício para se discutir técnicas de filmagem, por isso fiquei quieto. Deborah ficou ali sentada, rangendo os dentes. A baixinha não falou nada, ficou apenas apreciando a bela vista. Mas, então, quebrou o silêncio: – Estamos imaginando que haja mais. Os noticiários disseram que já são quatro corpos, então... – Deu de ombros. Tentei olhar atrás dela, pela janela, para ver o que ela estava vendo de tão interessante, mas só consegui ver uma lancha passando pelo canal.

– Isso chegou aqui ontem, pelo correio? – Deborah perguntou.

– Chegou em um envelope comum e com o carimbo do correio de Miami. E é um disco comum, igual aos que temos aqui, daqueles que se compram em qualquer lugar.

Ela disse aquilo com tanto desdém e com uma tão bela expressão humanitária no rosto – algo entre o desprezo e a indiferença – que fiquei imaginando como ela podia fazer alguém gostar de algo, como podem ter confiado a ela a tarefa de fazer milhões de pessoas quererem conhecer uma cidade parcialmente inabitada?

Quando aquele pensamento bateu no chão do meu cérebro e ecoou pelo mármore, um pequeno trem saiu da Estação Dexter e entrou nos trilhos. Por um momento, apenas assisti a fumaça saindo de sua chaminé, e então fechei os olhos e subi a bordo.

– Que foi? – Deborah perguntou. – O que descobriu?

Fiz que não com a cabeça e pensei aquele pensamento mais uma vez. Podia ouvir os dedos de Deborah batendo na mesa, depois o barulho do controle remoto quando a baixinha o soltou, e então o trem entrou em velocidade de cruzeiro e abri meus olhos. – E se alguém quiser fazer publicidade negativa com Miami?

– Você já disse isso – Deborah bufou – e continua sendo algo estúpido. Como alguém pode ter rancor de um estado inteiro?

– Mas e se não for contra o estado? E se for apenas contra as pessoas que *promovem* o estado? – Olhei quase apontando para a mulher baixinha.

– Eu? – ela falou. – Alguém fez isso para *me* atingir?

Fiquei tocado com a modéstia dela e lancei um dos meus sorrisos falsos mais calorosos: – Você ou sua agência.

Ela fez uma careta, como se a ideia de alguém atacar sua agência em vez de atacá-la fosse ridícula. – Bom... – ela falou com um tom de dúvida.

Mas Deborah bateu na mesa e assentiu com a cabeça. – É isso. AGORA faz sentido. Você pode ter demitido alguém e a pessoa ficou puta.

– Especialmente se já era alguém meio estranho – acrescentei.

– O que a maioria dessa turma meio artística já é mesmo – Debs falou. – Alguém perde o emprego, remói a coisa durante um tempo e depois ataca desse jeito. – Então, se virando para a mulher, disse: – Vou precisar verificar seus arquivos de pessoal.

A mulher abriu e fechou a boca algumas vezes, e então começou a sacudir a cabeça negativamente. – Não posso deixar você olhar nossos arquivos.

Deborah olhou para ela por um momento e então, quando achei que ela fosse discutir, se levantou. – Eu entendo – ela falou. – Vamos, Dex – e então se levantou e foi em direção à porta. Me levantei para segui-la.

– O que... onde estão indo?

– Buscar uma ordem judicial. E um mandato de busca – ela disse e se virou sem esperar por uma resposta.

Vi a mulher pensar que ela poderia estar blefando, isso durou dois segundos e meio, então ela ficou de pé num pulo e correu atrás de Debs, dizendo: – Espera um pouco!

E foi assim que, apenas alguns minutos depois, acabei sentado em uma sala dos fundos na frente de um computador. Ao meu lado, comandando o teclado, estava Noel, um haitiano magrinho com óculos grossos e muitas cicatrizes no rosto.

Por alguma razão, sempre que há algum serviço com computadores, Deborah chama seu irmão, o Dominador Digital Dexter. E é verdade que sou talentoso em certas áreas do saber arcano de achar coisas com o computador, pois isso já se provou necessário para o pequeno e inofensivo passatempo de descobrir caras maus que escapam pelos buracos do sistema judiciário e transformá-los em alguns sacos de lixo cheios de pedaços.

Mas também era verdade que nosso poderoso departamento policial tinha vários especialistas em computação que poderiam fazer o trabalho do mesmo jeito e não levantar a incômoda pergunta de por que o especialista em borrifos de sangue também é um hacker tão bom? Perguntas assim podem criar problemas e fazer pessoas desconfiadas pensar, o que prefiro evitar no meu trabalho; afinal, os policiais são pessoas desconfiadas por natureza.

Reclamar também não é bom, pois atrai bastante atenção, mas de qualquer maneira, toda a força policial estava acostumada a nos ver juntos, e como eu poderia dizer não para minha pobre irmã e não receber um de seus famosos e fortes socos no braço? Além disso, ultimamente, ela andava mal-humorada e distante, portanto aumentar o meu QAL, ou Quociente de Ajudante Leal, não faria mal algum.

Então banquei o Obediente Dexter e me sentei com Noel, que estava usando perfume

demais, e conversamos sobre o que procurar.

– Então – Noel falou com seu forte sotaque creole –, pego uma lista de todos os que foram demitidos em o quê, uns dois anos?

– Dois anos é um bom tempo. Se não forem muitos.

Ele deu de ombros, tarefa que parecia dolorosa com os ombros ossudos dele. – Menos de uma dúzia – falou, sorriu e acrescentou: – Com a Jo Anne, muita gente pediu demissão.

– Imprima a lista. Depois vamos procurar nos arquivos deles por alguma reclamação ou ameaça estranha.

– Mas também temos muita gente terceirizada para projetos de design, sabe? E às vezes não conseguem ganhar a concorrência, quem pode dizer o quão bravos eles ficam? – ele falou.

– Mas esses terceirizados sempre poderiam tentar pegar um outro trabalho depois, não?

Ele deu de ombros novamente, e o movimento parecia pôr suas orelhas em perigo, por causa de seus ombros afiados demais. – Talvez.

– Então, a não ser que seja uma coisa terminal, que o departamento declarou que não usaria o trabalho de alguém de jeito nenhum, não é provável.

– Então ficamos com os demitidos – ele falou, e, em alguns minutos, tinha imprimido a lista, menos de doze com nomes e endereços. Nove, para sermos exatos.

Deborah tinha ficado olhando pela janela, mas, quando ouviu o barulho da impressora, juntou-se a nós e ficou inclinada nas costas da minha cadeira. – O que você conseguiu?

Peguei a folha da impressora e passei para ela. – Talvez nada – falei.– Nove pessoas que foram demitidas. – Ela arrancou o papel da minha mão como se eu estivesse escondendo evidências. – Vamos cruzar os dados com os arquivos pessoais deles – falei. – Para ver se fizeram alguma ameaça.

Deborah rangeu os dentes, e vi que ela queria correr pela porta e ir até o primeiro endereço, mas valia a pena ganhar um tempo pesquisando um pouco mais e conseguindo coisas mais concretas para colocar na lista. – Certo – ela acabou falando. – Mas se apressem.

E nós nos apressamos. Consegui eliminar dois empregados que foram mandados embora quando a imigração os forçou a sair do país. E apenas um nome se moveu para o alto da nossa lista: Hernando Meza, que tinha se tornado estrepitoso – essa era a palavra usada no arquivo – e precisou ser removido do local à força.

E a melhor parte? Hernando tinha feito o design dos materiais expostos em aeroportos e terminais de cruzeiros.

Arranjos iguais aos que vimos em South Beach e Fairchild Gardens.

– Caramba! – Deborah falou quando contei a ela. – Temos algo quente logo de cara.

Concordei que valia a pena irmos até lá para bater um papo com Meza, mas uma vozinha baixa e resmungona estava me dizendo que as coisas nunca são fáceis assim, que, quando você consegue algo logo de cara, normalmente acaba voltando à estaca zero, ou tendo que se abaixar antes que a estaca bata na sua cara ao voltar.

E como todos já deveríamos estar cansados de saber, sempre que você prevê um

fracasso, a chance de estar certo é enorme.

Capítulo 9

HERNANDO MEZA MORAVA EM UMA PARTE DE CORAL Gables que era bacana, mas não muito; por isso, protegida por sua própria mediocridade, não havia mudado nada nos últimos vinte anos, diferentemente do resto de Miami. Na verdade, a casa dele ficava a apenas uns dois quilômetros de onde Deborah morava, o que os tornava praticamente vizinhos. Infelizmente, aquilo não fez nenhum deles agir com a política da boa vizinhança.

Começou logo após Debs bater à porta. Pelo jeito que ela sacudia um dos pés, eu podia dizer que minha irmã estava excitada e acreditava realmente ter achado algo. E quando a porta fez um zumbido meio mecânico e abriu para dentro revelando Meza, o pé de Deborah parou de se mexer e ela disse:

– Merda! – para si mesma, mas ainda assim bem audível.

Meza ouviu e respondeu com um – Vai se FODER! – e ficou encarando-a com uma quantidade impressionante de hostilidade, considerando que ele estava em uma cadeira de rodas motorizada e sem conseguir mexer nenhum de seus membros, exceto por alguns dedos de cada mão.

Ele usava um dos dedos para mexer em um controle igual ao de um *video game* instalado em uma bandeja e anexado à parte da frente de sua cadeira, e ela andou uns centímetros para frente. – O que quer aqui, porra? Não parecem inteligentes o suficiente para serem Testemunhas de Jeová, então, querem vender algo? Eu bem que estou precisando de esquis novos.

Deborah olhou para mim, mas eu não tinha nenhum conselho ou ideia para dividir com ela, então apenas sorri. E por alguma razão, isso fez com que ela ficasse mais nervosa; suas sobrancelhas se juntaram e seus lábios ficaram bem finos. Ela se virou para Meza e, em um perfeito tom de voz de Policial Frio, falou: – Seu nome é Hernando Meza?

– O que sobrou dele – Meza falou. – Você fala como policial. Isso é porque corri pelado no jogo dos Marlins?

– Queremos fazer algumas perguntas. Podemos entrar? – Debs falou.

– Não.

Deborah já estava com um pé levantado, o peso meio jogado para frente, antecipando que Meza, como a maioria das pessoas, nos deixaria entrar automaticamente. Então fez um pausa e deu meio passo para trás. – Como assim?

– Nãااااooooo – ele falou devagar, como se conversasse com uma pessoa lenta que não entendia o conceito. – Nااااoo, você não pode entrar. – E então mexeu no controle e a cadeira

pulou para frente de forma bem agressiva.

Deborah pulou para o lado, depois retomou sua dignidade profissional e ficou em frente a Meza de novo, mas agora a uma distância segura. – Muito bem, então falaremos aqui mesmo.

– Opa, vamos *fazer* aqui mesmo? Óóótimo! – ele falou e mexeu no controle fazendo sua cadeira andar um pouco para frente e para trás algumas vezes. – Isso, vamos lá, assim, gatinha, vamos, isso.

Deborah tinha claramente perdido o controle da entrevista com seu suspeito, o que o manual dos policiais não recomenda. Ela pulou de novo para o lado, totalmente, sendo pressionada pela falsa cadeira sexual de Meza, e ele foi atrás dela com a cadeira. – Vamos lá, querida, desista – ele falou em uma voz entre o riso e o prazer.

Desculpe se isso soa como se eu estivesse sentindo algo, mas às vezes sinto uma pontada de simpatia por Deborah, que se esforça de verdade. Por isso, quando Meza girava sua cadeira atrás de Debs, andei para trás dele, me abaixei e arranquei o cabo que ligava a cadeira à bateria. O barulho do motor parou, junto com a cadeira, e os únicos sons remanescentes eram o de uma sirene à distância e do dedo dele movendo o controle sem sucesso.

Miami é uma cidade de duas culturas e duas línguas, e aqueles de nós que mergulharam nas duas coisas aprenderam que uma cultura diferente pode nos ensinar muitas coisas maravilhosas. Sempre abracei esse conceito, e hoje ele se mostrou necessário, quando Meza provou ser tão criativo em espanhol quanto em inglês. Ele passou por uma enorme lista padrão impressionante, e depois o lado artístico dele tomou conta e ele me chamou de coisas que nunca existiram antes, a não ser, talvez, em um universo paralelo criado por Hieronymus Bosch. A performance dele continuou e ganhou um ar sobrenatural improvável porque a voz de Meza era muito fraca e rouca, mas ele não deixava aquilo fazer com que parasse. Fiquei verdadeiramente intimidado, e Deborah me pareceu estar também, porque nós dois simplesmente ficamos ali parados e ouvindo, até que Meza finalmente diminuiu o ritmo e terminou com um – Seu bicha.

Andei para frente da cadeira e fiquei ao lado de Debs. – Não diga isso – falei e ele ficou olhando. – É tão vulgar e você é tão melhor que isso. Como é que foi mesmo aquela parte... "seu bosta chupador de saco de vômito de gambá?" Maravilhosa – e completei o cumprimento que ele merecia com um leve aplauso.

– Ligue meu cabo, seu *pedo de puta*. Daí veremos se você continuará engraçadinho.

– E deixar você nos atropelar com essa sua SUV superesportiva? Não, obrigado – falei.

Deborah saiu de sua apreciação atordoada da performance dele para seu papel de macho alfa. Ela me empurrou de lado e reassumiu sua cara de dura encarando Meza. – Senhor Meza, precisamos que responda a algumas perguntas, se se recusar a cooperar, terei que levá-lo até a delegacia e faremos isso lá.

– Faça isso, sua vagabunda. Meu advogado vai adorar.

– Podemos deixá-lo aqui assim – sugeri. – Até alguém aparecer e roubá-lo para vender para o ferro-velho.

– Me conecte, seu saco de pus de lagarto.

– Ele está ficando repetitivo. Acho que estamos deixando ele deprimido.

– Você ameaçou matar a diretora da Secretaria de Turismo? – Deborah perguntou.

Meza começou a chorar. E não era uma visão bonita; sua cabeça caída para um lado e muco saindo de seu nariz e boca, se juntando às lágrimas e escorrendo pelo rosto. – Bastardos. Eles deveriam ter ME matado. – Ele fungou tão fraco que não teve nenhum efeito a não ser pelo barulho também fraco. – Olhe pra mim, olha o que fizeram – ele falou em sua voz fraca e rouca.

– O que eles fizeram com você, senhor Meza? – Debs perguntou.

– Olhe pra mim – ele resmungou. – Eles fizeram isto. Olhe. Vivo nesta cadeira *chingado* e não posso nem mijar sem um enfermeiro *maricón* segurar meu pau. – Ele levantou a cabeça com a rebeldia voltando a aparecer por baixo do muco. – Você também não iria querer matar aqueles porcos?

– Está dizendo que eles fizeram isso com você?

Ele fungou de novo. – Aconteceu quando estava trabalhando – ele falou meio que na defensiva. – Estava em horário de trabalho, mas eles disseram que não, que era acidente de carro e não pagariam por isso, e depois me despediram.

Deborah abriu a boca depois fechou com um clique bem audível. Acho que ela estava a ponto de dizer algo como "Onde você estava ontem à noite, entre três e meia e cinco da tarde", mas então imaginou que provavelmente aqui mesmo, na cadeira de rodas elétrica dele. Mas Meza era no mínimo esperto, e percebeu o mesmo que eu.

– O quê? – fungando de novo e desta vez até conseguindo mexer um pouco do muco. – Alguém finalmente matou um daqueles *chingado maricones*? E acha que não fui eu porque estou nesta cadeira de rodas? Me conecte, sua puta, e mostro como posso matar facilmente quem me enche o saco.

– Qual *maricón* você matou? – perguntei e Deborah me deu uma cotovelada, mesmo não tendo mais nada a dizer.

– Qualquer um que estiver morto, seu filho da puta! – Ele se virou para mim. – Espero que seja a chuparola da Jo Anne, mas foda-se, vou matar todos no final.

– Senhor Meza – Deborah falou com uma leve hesitação na voz que em uma outra pessoa poderia ser simpatia, mas em Debs era desapontamento, ao perceber que esse pobre coitado não era o suspeito dela. E, mais uma vez, Meza percebeu e partiu para o ataque.

– Sim, fui eu. Me algeme, bocetuda. Me acorrente no chão com os cães. O que foi, está com medo que eu morra por sua culpa? Me prenda logo, sua puta. Ou então matarei você que nem matei os cuzões chupeteiros da secretaria.

– Ninguém da secretaria foi morto – falei.

Ele me encarou. – Ninguém? – A cabeça dele virou de volta para Deborah, com o muco brilhando ao sol. – E por que caralho vocês estão me enchendo o saco, seus porcos de merda?

Deborah hesitou, então tentou uma última vez: – Senhor Meza.

– Vai se foder e saia da porra da minha varanda.

– Parece uma boa ideia, Debs.

Deborah sacudiu a cabeça por causa da frustração e então soltou o ar ruidosamente. – Merda. Vamos. E plugue ele. – Então ela se virou e caminhou para fora da varanda, me deixando o perigoso trabalho de ligar o cabo de energia do sr. Meza de novo, trabalho que nem um agradecimento teria. Isso mostra o quanto as criaturas humanas são egoístas e mal agradecidas, mesmo que sejam da sua família. Era ela quem tinha uma arma, não seria melhor que fizesse o trabalho perigoso?

Meza parecia concordar. Ele começou a soltar uma nova lista de surrealismos graficamente vulgares, todos direcionados às costas de Deborah. Tudo que ganhei foi um rápido – Vai logo, bichona – quando ele fez uma pausa para recuperar o fôlego.

Eu me apressei. Não por causa do desejo dele, mas porque não queria estar por perto quando a cadeira voltasse a funcionar. Era perigoso demais e, em todo caso, senti que também tinha gasto tempo suficiente do meu precioso e insubstituível dia ouvindo ele reclamar. Era hora de voltarmos ao nosso mundo, onde havia monstros para pegarmos, talvez até ser um monstro, e quem sabe, com alguma sorte, conseguir comer alguma coisa no almoço. Nada disso aconteceria se eu ficasse preso nessa varanda desviando da cadeira de rodas e travando um duelo de palavras.

Então liguei o cabo na bateria e corri da varanda antes que Meza percebesse que já tinha energia. Corri até o carro e entrei rápido. Deborah engatou a marcha e acelerou antes que eu fechasse a porta, aparentemente com medo de que Meza quebrasse nosso carro batendo nele com a cadeira de rodas, e rapidamente estávamos de volta ao caloroso e acolhedor trânsito homicida de Miami.

– Merda – ela repetiu finalmente, e aquela palavra parecia uma brisa de verão depois do que ouvimos de Meza. – Tinha certeza de que seria ele.

– Veja pelo lado bom – falei. – Pelo menos você aprendeu palavras novas e maravilhosas.

– Vai cagar em uma corda – ela respondeu. Afinal, falar palavrões também não era novidade para ela.

Capítulo 10

TÍNHAMOS TEMPO DE CHECAR MAIS DOIS NOMES DA LISTA ANTES de pararmos para almoçar. O endereço do primeiro era em Coconut Grove, e levamos apenas uns dez minutos para ir da casa de Meza até lá. Deborah dirigiu apenas um pouco mais rápido do que deveria, o que para Miami é algo lento, parecido com usar um cartaz escrito "Me Chuta" nas costas. E mesmo o tráfego estando tranquilo, tivemos nossa própria trilha sonora pelo caminho, formado de buzinas, xingamentos e dedos do meio graciosamente mostrados pelos outros motoristas que passavam pela gente como um bando de piranhas se desviando de uma pedra no rio.

Deborah pareceu nem notar. Ela estava pensando e pensando, o que significava que sua testa estava toda enrugada em uma careta que me fazia querer avisá-la de que aquelas linhas se tornariam permanentes se ela continuasse daquele jeito. Mas experiências anteriores me ensinaram que interromper o processo de pensamento dela com esse tipo de observação afetuosa invariavelmente resultava em uma distribuição de socos no braço, por isso permaneci em silêncio. Eu não sabia o que havia de tão importante para ser tão pensado: tínhamos quatro corpos muito bem decorados e nenhuma pista de quem tinha feito aqueles arranjos. Mas é claro que Debs era a detetive com treinamento, não eu. Talvez houvesse algo em uma das matérias que ela fez na academia de polícia que pudesse ser aplicado aqui e que exigia um enorme enrugamento de testa.

Em todo caso, chegamos rapidamente no endereço seguinte da lista. Era uma velha casa em Tigertail Avenue com um pequeno gramado precisando ser aparado e uma placa de VENDE-SE pregada na frente de uma grande mangueira. Havia uma meia dúzia de jornais espalhados pelo gramado, ainda em seus plásticos, e apenas meio visíveis naquela grama alta.

– Merda – Deborah falou ao parar na frente do lugar. Parecia uma explicação bem inteligente e sucinta do que estávamos vendo. A casa aparen-tava não ser usada havia meses.

– O que esse cara fez? – perguntei, olhando uma folha voar pelo jardim.

Deborah olhou nossa lista. – Alice Bronson. Ela roubava dinheiro de uma conta do escritório. Quando a confrontaram com isso, ela ameaçou surrar e assassinar todos.

– Um de cada vez ou todos ao mesmo tempo? – perguntei, mas Debs só olhou para mim e fez que não com a cabeça.

– Isso não vai dar em nada – ela falou e minha tendência era concordar. Mas claro que o trabalho da polícia é fazer o óbvio e torcer para dar sorte, então soltamos nossos cintos de segurança e andamos pelo meio da vegetação e lixo da entrada até chegarmos à porta. Deborah

bateu mecanicamente e pudemos ouvir o som ecoando pela casa. Estava claramente tão limpa quanto a minha consciência.

Deborah olhou para a lista em sua mão e achou o nome da mulher que morava aqui: – Senhora Bronson! – ela gritou e tivemos menos resposta ainda, pois a voz dela não ecoou pela casa como a batida.

– Merda – Debs repetiu e bateu mais uma vez com o mesmo resultado: nada.

Apenas para ter certeza absoluta, demos a volta na casa e olhamos pelas janelas, mas não havia nada para ver a não ser terríveis cortinas verde-marrons penduradas na sala de estar vazia. Quando demos a volta de novo até a entrada, um garoto estava ao lado do nosso carro, sentado em uma bicicleta e nos encarando. Ele tinha uns onze ou doze anos e um cabelo comprido com dreadlocks preso em um rabo de cavalo.

– Eles já não estão aí desde abril – ele falou. – Eles também ficaram devendo dinheiro pra vocês?

– Você conhecia os Bronsons? – Deborah perguntou.

Ele pôs a cabeça de lado e ficou nos encarando, parecendo bastante com um papagaio que está decidindo se pega a bolacha ou morde seu dedinho.– Vocês são policiais?

Deborah mostrou o distintivo e o garoto veio com a bicicleta para olhar mais de perto. – Você os conhecia?

O garoto fez que sim com a cabeça. – Só queria ter certeza. Muitas pessoas têm distintivos falsos.

– Somos policiais de verdade – falei. – Sabe para onde os Bronsons foram?

– Não. Meu pai diz que eles deviam pra todo mundo e que provavelmente mudaram de nome e foram para a América do Sul ou algo assim.

– E quando foi isso? – Deborah perguntou.

– Em abril. Já falei isso.

Deborah olhou para ele contendo sua irritação e depois se virou para mim. – É verdade – falei. – Ele tinha dito abril.

– O que eles fizeram? – o menino perguntou, e me pareceu um pouco interessado demais.

– Provavelmente nada – falei. – Só queríamos fazer algumas perguntas a eles.

– Uau! – ele falou. – Assassinato? Jura?

Deborah fez um estranho movimento negativo com a cabeça, como se estivesse espantando uma nuvem de pequenas moscas. – Por que acha que foi assassinato? – ela perguntou.

O garoto deu de ombros. – Na TV – ele começou a falar com simplicidade –, sempre que é assassinato as pessoas dizem que não é nada. E, se não é nada, dizem que é uma violação grave do código penal ou algo parecido. – E então riu. – Código Penial – falou e segurou o saco.

Deborah olhou para ele e apenas sacudiu a cabeça. – Ele tem razão – falei de novo. – Já vi isso no *CSI*.

– Jesus – Debs falou ainda sacudindo a cabeça negativamente.

– Dá o seu cartão, ele vai gostar – sugeri.

– Isso – o menino falou, sorrindo – e diga para eu ligar se lembrar de alguma coisa.

Deborah parou de mexer a cabeça e bufou. – Tá bom, garoto, você venceu – ela falou, jogando o cartão para ele, que pegou facilmente no ar. – Me ligue se lembrar de alguma coisa.

– Valeu – ele disse, e ainda estava sorrindo quando entramos no carro e fomos embora, apesar de eu não saber dizer se era porque tinha gostado muito do cartão ou se apenas estava contente por ter visto o melhor lado de Deborah.

Olhei para a lista ao lado dela. – Brandon Weiss é o próximo – falei.– Escritor. Ele escreveu alguns anúncios de que não gostaram e foi demitido.

Deborah virou os olhos. – Um escritor. O que ele fez, ameaçou-os com uma vírgula?

– Bom, precisaram chamar os seguranças para tirá-lo de lá.

Deborah virou a cabeça para olhar pra mim. – Um escritor, tenha dó, Dexter.

– Alguns deles podem ser bem poderosos – falei, apesar de também achar que era forçar um pouco a barra.

Deborah olhou de novo para frente, mordeu o lábio e perguntou: – Qual o endereço?

Olhei novamente para o papel. – Isso parece bom – falei lendo o endereço próximo da North Miami Avenue. – É bem na Zona do Design de Miami. Aonde mais um designer homicida iria?

– Imagino que você entenda dessas coisas – ela falou rudemente, mas não mais do que o normal, então deixei pra lá.

– Não pode ser pior do que os dois primeiros – falei.

– Ah, sim, claro, a terceira vez sempre dá sorte – ela falou amargamente.

– Vamos, Debs, precisa mostrar um pouco mais de entusiasmo.

Deborah saiu da via expressa e parou no estacionamento de uma lanchonete fast-food, o que me surpreendeu completamente porque, primeiro, ainda não era hora do almoço, e, depois, as coisas que este lugar servia não podiam ser chamadas de comida, apesar de serem rápidas.

Mas ela não fez menção de ir até a lanchonete. Em vez disso, desligou o carro e se virou para mim:

– VAI SE FODER – falou, e senti que algo a estava incomodando.

– Foi o garoto? – perguntei. – Ou ainda está puta por causa do Meza?

– Nada disso. A culpa é sua.

Se eu tinha ficado surpreso com a escolha de restaurante dela, fiquei completamente assombrado com aquela declaração. Eu? Repassei a manhã toda na minha cabeça e não achei nada a ser objetado. Eu tinha sido um bom soldado para o general ranzinza que ela era; e até mesmo fiz menos comentários perspicazes e inteligentes do que o normal, o que ela deveria me agradecer, pois em geral era ela o alvo destes comentários.

– Me desculpe – falei –, mas não sei porque está dizendo isso.

– Quero dizer VOCÊ – ela falou sem ajudar muito. – Você inteiro.

– Ainda não entendo o que quer dizer. Não tem tanto assim de mim por aí.

Deborah bateu na direção com a palma da mão. – Maldição, Dexter, essas merdas engraçadinhas não funcionam mais comigo.

Você já percebeu que, de vez em quando, ouve sem querer uma declaração incrivelmente clara e direta quando está em um local público, dita com tanta força e propósito que você deseja ardentemente entender o que quer dizer, por ela ser tão potente e cristalina? E você quer seguir a pessoa que falou, apesar de não conhecê-la, apenas para descobrir o que aquela frase significava e como ela afeta as vidas das pessoas envolvidas?

Bom, era como eu estava me sentindo. Não tinha a menor ideia do que ela estava dizendo, mas queria muito entender.

Sorte minha que ela não me deixou esperando.

– Não sei se consigo continuar com isso.

– Isso o quê? – perguntei.

– Estou em um carro com um cara que matou o quê, umas dez, quinze pessoas?

Não é prazeroso ser tão subestimado desse jeito, mas não pareceu ser uma boa coisa corrigi-la agora. – Tudo bem – falei.

– E meu trabalho é PEGAR pessoas como você e prendê-las para sempre, mas o problema é que você é meu IRMÃO! – ela falou batendo a mão no volante para enfatizar cada palavra, coisa que nem precisava ter feito, já que pude ouvi-la alto e claro. E finalmente entendi o porquê de todas as suas recentes grosserias, apesar de não fazer ideia de por que ela esperou até agora para falar no assunto comigo.

Minha irmã só descobriu recentemente meu pequeno passatempo e, refletindo sobre isso, percebi que existem muitas e boas razões para que ela desaprove a coisa. É claro que para começar temos o ato propriamente dito, o que admito não é pra qualquer um. Adicione a isso o fato de que tudo o que eu sou tinha sido aprovado, e até mesmo construído, pelo pai dela, o Santo Harry do Terno Azul; o mesmo Harry cujo caminho limpo e brilhante ela achou que estava seguindo. E agora descobre que havia um caminho alternativo, trilhado pelos mesmos pés santificados, um caminho que entrava nos lugares escuros da floresta e se revelava lá dentro. Tudo aquilo contra o que ela lutava firmemente era o que formava o meu eu maravilhoso, nós dois moldados pelas mesmas mãos abençoadas. Era até meio bíblico se você pensasse a respeito.

E o que ela falou era algo muito importante. Claro, se eu fosse tão inteligente quanto acho que sou, saberia que iríamos ter esta conversa mais cedo ou mais tarde, e teria me preparado para ela. Mas burramente eu assumi que não havia nada no mundo mais poderoso do que o *status quo*, o que já temos, e Deborah acabou me pegando de surpresa. Além do mais, até onde eu sabia, não havia acontecido nada no nosso passado recente que pudesse desencadear este tipo de confrontação; de onde tinha vindo tudo isso?

– Me desculpe, Debs. Mas... hã... o que você quer eu faça?

– Quero que *pare* com isso. Quero que você seja uma outra pessoa. – Ela olha para mim e seus lábios tremem, e então olha para o outro lado novamente, pela janela, para a U.S.1 e para além dela, para os trilhos elevados.– Quero que você seja... o cara que sempre achei que fosse.

Gosto de pensar que sou uma pessoa com muito mais recursos do que os outros. Mas, neste momento, é como se estivesse amarrado e amordaçado aos trilhos do trem. – Debs – eu falo. Não é muito, mas parece que é a única bala que tenho no revólver.

– MALDIÇÃO, Dex – ela falou, batendo na direção com tanta força que o carro inteiro tremeu. – Não consigo nem falar disso, nem com o Kyle. E você – ela bate de novo no volante –, como posso saber se está falando a verdade, que o papai treinou você para ser assim?

Provavelmente não seria correto dizer que aquilo feriu meus sentimentos, pois tenho certeza de que não tenho nenhum. Mas a injustiça da observação me pareceu bem dolorosa. – Eu não mentiria para você.

– Você mentiu pra mim todos os dias da sua vida em que não me contou quem era de verdade – ela falou.

Conheço tanto a filosofia da Nova Era e o Dr. Phil[1] quanto qualquer outra pessoa, mas chega uma hora em que a realidade tem que se intrometer nas coisas, e me parecia que tínhamos chegado a esse ponto. – Muito bem, Debs, e o que você faria se soubesse o que eu era de verdade?

– Não sei o que teria feito – ela disse. – Como não sei agora.

– Aí está.

– Mas eu *deveria* fazer alguma coisa.

– Por quê?

– Porque você matou pessoas, droga.

Dei de ombros. – Não posso fazer nada – falei. – E todos eles mereciam morrer.

– Mas isso não é certo.

– É o que o papai queria.

Um grupo de crianças com idade escolar passa pelo carro e fica olhando para nós. Um deles fala algo e os outros caem na risada. Há, há. Vejam o casal engraçado brigando. Ele vai dormir no sofá hoje a noite, há, há.

O problema é que se eu não conseguir convencer Deborah de que tudo é como deveria ser, que não é o fim do mundo, posso muito bem dormir em uma cela hoje à noite.

– Debs, o papai arranjou as coisas para serem assim. Ele sabia o que estava fazendo.

– Sabia mesmo? Ou você está inventando isso? E mesmo que ele tenha feito isso, será que ele estava certo em fazer? Ou será que ele era apenas mais um policial amargo e exausto?

– Ele era o Harry. Ele era seu pai. É claro que ele estava certo.

– Preciso mais do que isso.

– E se não tiver mais?

Ela olhou para o outro lado novamente, mas não bateu na direção, o que foi um alívio. Mas ficou em silêncio por tempo suficiente para me fazer desejar que ela tivesse batido. – Não sei – ela falou afinal. – Simplesmente não sei.

E era isso. Eu entendia que era um problema para ela – o que fazer com o irmão adotado

e homicida? Afinal, ele era simpático, lembrava das datas dos aniversários, dava presentes muito bons, era um membro produtivo da sociedade, um cara sóbrio e trabalhador – e se ele escapava de vez em quando e matava pessoas más, qual era o grande problema nisso?

Por outro lado, ela tinha uma profissão na qual as pessoas normalmente não aprovavam esse tipo de coisas. E, tecnicamente, era trabalho dela encontrar pessoas como eu e escoltá-las até uma cadeira elétrica especialmente reservada pra nós. Entendia que aquilo poderia virar um certo dilema profissional, especialmente quando era seu próprio irmão que estava gerando o dilema.

Era isso?

– Debs, sei que isso é um problema pra você.

– Um problema – ela repetiu. Uma lágrima rolou pela sua bochecha, apesar de ela não soluçar e nem aparentar estar chorando.

– Acho que ele queria que você nunca descobrisse. Eu não tinha permissão para contar, nunca. Mas... – Pensei em quando a encontrei amarrada na mesa com meu irmão de verdade, de sangue, em pé ao lado dela, segurando uma faca para mim e outra pra ele, em quando percebi que não conseguiria matá-la, independentemente do quanto eu precisasse e do quanto aquilo teria me aproximado dele, meu irmão, a única pessoa no mundo que realmente me entendia e me aceitava como eu era. E mesmo assim, por alguma razão eu não consegui. A voz de Harry falava comigo e me mantinha no caminho, no Código de Harry.

– Caralho – Deborah falou. – Que porra passou pela cabeça do papai?

Às vezes também penso nisso. Mas também penso em como as pessoas acreditam nas coisas que elas dizem fazer, e em por que não consigo voar, e isto parece estar na mesma categoria. – Não temos como saber o que passou pela cabeça dele – falei. – Apenas o que ele fez.

– Merda.

– Talvez – falei. – Mas o que vamos fazer a respeito?

Ela ainda não olhava para mim. – Não sei – falou –, mas ainda acho que preciso fazer alguma coisa.

Ficamos lá sentados um bom tempo sem termos mais nada para falar. Então ela ligou o carro e voltamos para a rodovia.

---

1 Famoso psicólogo e apresentador de um programa de sucesso da TV norte-americana sobre comportamento humano. (N. E.)

Capítulo 11

HÁ POUCAS COISAS QUE ACABAM COM UMA CONVERSA, COMO dizer ao seu irmão que você está considerando prendê-lo por assassinato, e mesmo minha lendária inteligência não esteve à altura da tarefa de pensar em algo a dizer que valesse a pena gastar o fôlego. Então descemos a interestadual U.S.1 em silêncio até a 95 Norte e depois saímos da via expressa e entramos no bairro do Design, logo depois da saída para a Julia Tuttle Causeway.

O silêncio fez o caminho parecer mais longo do que foi realmente. Olhei uma ou duas vezes para Deborah, mas ela parecia absorta em pensamentos – talvez decidindo se usava suas algemas boas comigo ou aquelas baratas que guardava no porta-luvas. Qualquer que fosse o caso, ela olhava diretamente para frente, virando a direção mecanicamente e se movendo pelo tráfego sem pensar nele de verdade, e também não perdendo nem um pouco de sua atenção comigo.

Achamos o endereço rapidamente, o que foi um alívio, pois o peso de não nos encararmos nem nos falarmos estava um pouco demais. Deborah parou bem em frente, um tipo de armazém na Northeast Fortieth Street, desengatou e desligou o carro. Ainda não olhava para mim, mas fez uma pausa, depois sacudiu a cabeça e saiu do carro.

Acho que eu deveria segui-la como sempre, a pequena sombra de Debs. Mas tenho um mínimo de orgulho, e vamos falar sério, se ela ia se virar contra mim por causa de alguns crimezinhos recreacionais e insignificantes, será que alguém esperaria que eu a ajudasse a resolver este caso? Não que eu ache que a vida é justa – nunca é –, mas isto parecia forçar a barra dos laços da decência.

Então fiquei sentado no carro e não olhei quando Deborah chegou à porta e tocou a campainha. E foi apenas pelo canto do olho e sem nenhum interesse que vi a porta se abrir e mal notei o sonolento detalhe de Deborah mostrando seu distintivo. E de onde eu estava no carro, sem vigiar nem um pouco, não consegui ver se o homem a acertou e ela acabou caindo ou se apenas a empurrou e então desapareceu para dentro da casa.

Mas fiquei um pouco interessado quando ela se esforçou para ficar de joelhos, caiu de novo e não se levantou.

Ouvi a campainha do meu Alarme Central: algo estava errado e todo o melindre que eu tinha com a Deborah se evaporou como gasolina em um asfalto muito quente. Saí do carro e corri o mais rápido que pude.

A três metros vi o cabo de uma faca saindo de um dos lado dela e diminuí um pouco com

a onda de choque que percorreu meu corpo. Uma poça de sangue horrível e molhado já se formava na calçada e lá estava eu de novo no contêiner refrigerado com Biney, meu irmão, vendo aquele terrível líquido vermelho, grudento, grosso e nojento espalhado pelo chão e eu não conseguindo me mover e nem respirar. Mas a porta se abriu e o homem que havia esfaqueado Deborah saiu, olhou pra mim e se ajoelhou para pegar a faca, e o som crescente do vento que preenchia meus ouvidos se transformou no rugido do Passageiro das Trevas abrindo suas asas, por isso andei rapidamente para frente e chutei com força o lado da cabeça dele. Ele caiu ao lado dela com o rosto no sangue e não se mexeu.

Me ajoelhei ao lado de Deborah e peguei a mão dela. O pulso estava forte e seus olhos se abriram. – Dex – ela sussurou.

– Aguente firme, mana – falei e ela fechou os olhos de novo. Peguei seu rádio da cintura e pedi ajuda.

Uma pequena multidão se reuniu no pouco tempo que levou para a ambulância chegar lá, mas abriram espaço quando a equipe de emergências correu para ajudar Deborah.

– Opa – o primeiro falou. – Precisamos parar o sangramento. – Ele era um cara forte com um corte de cabelo dos fuzileiros navais, se ajoelhou ao lado dela e começou a trabalhar. O parceiro era ainda mais forte, tinha uns quarenta anos e rapidamente trouxe uma bolsa de soro e colocou a agulha na veia dela na mesma hora em que senti uma mão puxando meu braço.

Me virei e lá estava um policial, um negro de meia-idade com a cabeça raspada que acenou com a cabeça para mim. – Você é parceiro dela?

Peguei meus documentos e falei: – Sou irmão dela. E perito forense.

– Hum – ele falou e pegou minhas credenciais para olhar. – Vocês não costumam chegar rápido assim nas cenas de crime. – Ele me devolveu os documentos. – O que pode me dizer sobre aquele cara? – ele falou apontando com a cabeça para o cara que esfaqueou Debs, que agora estava sentado segurando a cabeça enquanto um policial se ajoelhava ao lado dele.

– Ele abriu a porta e a viu – falei. – E então enfiou uma faca nela.

– Hã-rã – ele respondeu. Então se virou para o parceiro e disse: – Algeme ele, Frankie.

Eu não vi e nem tripudiei quando os policiais colocaram os braços do esfaqueador nas costas e o algemaram, pois na mesma hora Deborah estava sendo colocada na ambulância. Fui falar com o socorrista de cabelo curto.– Ela vai ficar bem? – perguntei.

Ele me deu um sorriso mecânico e pouco convincente. – Vamos esperar para ver o que os médicos vão dizer, ok? – o que não soou tão encorajador como ele pretendia.

– Vocês vão levá-la para o Jackson?

Ele assentiu. – Ela estará na UTI de traumas quando você chegar lá.

– Posso ir com vocês?

– Não – ele falou e fechou a porta, correu para o banco da frente e se sentou lá. Assisti enquanto entraram no tráfego, ligaram a sirene e foram embora.

De repente me senti muito sozinho. Parecia melodramático demais pra aguentar. As últimas palavras que trocamos não tinham sido boas, e agora elas poderiam ter sido nossas

Últimas Palavras. Era uma sequência de eventos digna de um programa de TV, de preferência uma novela. Não combinava com a série dramática do horário nobre Dias Sombrios de Dexter. Mas estava acontecendo. Deborah estava indo para a UTI e eu não sabia se ela iria se recuperar, ou mesmo se iria viver.

Olhei de novo para a calçada. Me pareceu ter sangue demais. O sangue de Deborah.

Felizmente para mim, não precisei ficar remoendo muito aquilo. O detetive Coulter tinha chegado, e parecia infeliz até para ele mesmo. Assisti enquanto ele olhou em volta por um minuto antes de ir até onde eu estava. Ele parecia ainda mais infeliz quando me olhou dos pés a cabeça com a mesma expressão que usou na cena do crime.

– Dexter – falou e sacudiu a cabeça negativamente. – O que você fez, porra?

Por um breve momento eu comecei a negar que tinha esfaqueado minha irmã. Então percebi que ele não teria como me acusar daquilo, e na verdade ele estava mesmo apenas quebrando o gelo antes de pegar meu depoimento.

– Ela devia ter me esperado. Sou o parceiro dela.

– Você tinha ido comprar café. Ela achou que não deveria esperar.

Coulter olhou para o sangue no chão e sacudiu a cabeça: – Ela poderia ter esperado vinte minutos. Pelo parceiro. – Olhou para mim. – É uma ligação sagrada.

Não tenho experiência com coisas sagradas, pois passo a maior parte do tempo jogando no time adversário, então simplesmente falei: – Acho que tem razão. – Aquilo pareceu satisfazê-lo o suficiente para que sossegasse e apenas pegasse meu depoimento, lançando ainda alguns olhares amargos para a mancha de sangue deixada por sua sagrada parceira. Demorei longos dez minutos até conseguir me desculpar e ir para o hospital.

O Jackson Memorial Hospital é bem conhecido por todos os policiais, bandidos e vítimas na grande Miami, pois todos já estiveram lá, como pacientes ou para buscar algum colega de trabalho que era paciente. É um dos centros de trauma mais cheios do país e, se a prática leva mesmo à perfeição, a UTI do Jackson deve ser a melhor em relação a ferimentos de tiros, facadas, objetos pontiagudos, machucados de brigas e outras sequelas resultantes de ataques violentos. O exército americano vem ao Jackson para aprender a fazer cirurgias de emergência, porque mais de cinco mil vezes por ano alguém aparece por aqui com o mais próximo do que se pode chegar de ferimentos de guerra estando fora de Bagdá.

Por isso eu sabia que Deborah estaria em boas mãos se chegasse lá com vida. E achei muito difícil imaginar que ela pudesse morrer. Eu sabia muito bem que ela poderia morrer; acontece com todos nós, mais cedo ou mais tarde. Mas eu não conseguia imaginar um mundo sem Deborah Morgan andando e respirando nele. Seria como um daqueles enormes quebra-cabeças de mil peças com a maior peça do centro faltando. Pareceria simplesmente errado.

Não gostava de pensar naquilo. Era uma sensação muito estranha. Não me lembro de ter ficado assim tão sentimental antes. Não era só perceber que ela poderia morrer, já que este era um assunto que eu entendia bem. E também não era porque ela era mais ou menos da família, porque eu já tinha passado por isso também. Mas quando meus pais adotivos morreram, foi

depois de alguma longa doença, e tive tempo e informação para me preparar. Isto era repentino. Talvez fosse apenas a inesperada natureza do choque que estava fazendo com que eu me sentisse tão emotivo.

Por sorte, o hospital era perto, apenas alguns quilômetros, e parei no estacionamento poucos minutos depois de correr pelo tráfego com uma mão na buzina, coisa que a maioria dos motoristas de Miami ignora de qualquer forma.

Todos os hospitais são iguais por dentro, com as mesmas cores nas paredes e aquele negócio todo de que não são lugares felizes. É claro que eu estava muito feliz em ter um hospital por aqui, mas não foi com um sentimento de felicidade que entrei na unidade de traumas. Havia um ar de resignação animal nas pessoas que aguardavam e uma expressão de eterno problema com ossos nos rostos dos médicos e enfermeiras que andavam pra cá e pra lá, e isso só foi quebrado pela autoridade da mulher sem pressa, burocrática e segurando uma prancheta que me parou quando tentei entrar e achar Deborah.

– Sargento Morgan com ferimento de faca – falei. – Acabaram de trazê-la.

– Quem é você?

– O parente mais próximo – falei, achando tolamente que aquilo me faria entrar mais rápido. A mulher sorriu para mim. – Ótimo. Exatamente com quem eu queria falar.

– Posso vê-la?

– Não – ela respondeu, me pegando pelo ombro e me levando com firmeza até um pequeno escritório.

– Pode me dizer se ela está bem?

– Sente-se aqui, por favor – ela falou me mostrando uma pequena cadeira de plástico em frente a uma pequena escrivaninha.

– Como ela está? – perguntei, me recusando a ser mandado.

– Vamos descobrir em um minuto – ela falou. – Assim que preenchermos a papelada. Sente-se, por favor, senhor... senhor. Morton?

– Morgan – respondi.

Ela fez uma careta. – Aqui está Morton.

– Mas é Morgan. M-O-R-G-A-N.

– Tem certeza? – ela perguntou de novo e a natureza surreal daquele hospital me varreu e me jogou na cadeira, como se eu tivesse sido atingido por um enorme travesseiro molhado.

– Tenho sim – respondi com a voz fraca, me recostando o máximo que a cadeira de plástico deixava.

– Vou ter que trocar no computador – ela disse, fazendo uma careta.– Ora bolas!

Abri e fechei a boca algumas vezes como um peixe fisgado, enquanto a mulher digitava em seu teclado. Aquilo era demais. Até o lacônico "ora bolas" era uma ofensa à razão. Era a vida de Deborah que estava em jogo, não deveria haver gotas flamejantes de profanação urgente sendo cuspidas por qualquer pessoa que fosse capaz de se levantar e falar? Talvez eu pudesse dar um jeito de o Hernando Meza vir aqui e dar uma aula de uso linguístico correto

diante do fim do mundo iminente.

Levou mais do que parecia humanamente possível, mas acabei conseguindo preencher todos os formulários necessários e consegui convencer a mulher de que, sendo o parente mais próximo E um policial, eu tinha todo o direito do mundo de ver minha irmã. Mas é claro que, do jeito que as coisas são neste vale de lágrimas, não consegui vê-la de verdade. Apenas fiquei em pé em um corredor olhando para uma janela de vidro para o que parecia ser uma grande multidão de pessoas usando aventais verde-limão reunidos em volta de uma mesa e fazendo coisas terríveis e inimagináveis com Deborah.

Durante séculos eu só fiquei ali parado, olhando e às vezes ficando arrepiado quando uma mão ensanguentada ou um instrumento aparecia no ar sobre a minha irmã. O cheiro de química, sangue, suor e medo era quase arrebatador. Mas finalmente, quando senti que a terra estava morrendo, ficando sem ar e o sol estava envelhecendo e resfriando, eles se afastaram da mesa e alguns deles começaram a empurrá-la para a porta. Abri espaço e os assisti passando pela porta e levando a maca pelo corredor, e então peguei no braço de um dos médicos que parecia o mais experiente que saiu depois. Talvez aquilo tenha sido um erro: minha mão tocou em algo frio, molhado e grudento, e eu puxei a mão e a vi coberta de sangue. Por um momento não pensei em nada, me senti sujo e entrei em pânico, mas quando o cirurgião se virou e me encarou, me recuperei o suficiente.

– Como ela está?

Ele olhou para o corredor onde a estavam levando e depois para mim. – Quem é você?

– Sou o irmão dela. – Falei. – Ela vai ficar bem?

Ele me lançou um meio sorriso não engraçado. – É muito cedo pra dizer. Ela perdeu muito sangue. Pode ser que fique bem ou pode ter alguma complicação. Mas ainda não temos como saber.

– Que tipo de complicação? – perguntei. Aquilo me parecia uma questão bem razoável, mas ele respirou de forma irritada e sacudiu a cabeça negativamente.

– Desde uma infecção até um dano cerebral. Não teremos como saber antes de um ou dois dias, por isso você precisará esperar até que saibamos de algo, certo? – Ele me lançou a outra metade do sorriso e saiu andando para o lado oposto de onde tinham levado Deborah.

Fiquei olhando-o ir embora e pensando em danos cerebrais. Então me virei e segui o grupo que tinha levado Debs pelo corredor.

Capítulo 12

HAVIA TANTOS APARELHOS EM VOLTA DE DEBORAH QUE DEMOREI um momento até achá-la no meio daquele emaranhado de coisas. Ela estava deitada na cama sem se mover, com tudo entrando e saindo dela, o rosto meio coberto pela máscara do respirador, e estava quase tão pálida quanto os lençóis. Fiquei ali parado olhando um pouco, sem ter certeza do que deveria fazer. Eu tinha gasto toda a minha concentração tentando vê-la e, agora que estava aqui, não conseguia me lembrar de ter lido algo a respeito de como se comportar ao visitar parentes próximos e queridos na UTI. Será que eu devia segurar a mão dela? Parecia que sim, mas eu não tinha certeza, e ela tinha uma agulha com soro na veia da mão mais próxima de mim; não me parecia uma boa ideia me arriscar a soltar aquilo.

Em vez disso, achei uma cadeira, escondida embaixo de uma das máquinas de suporte de vida. Puxei-a o mais perto possível da cama, sentei e me preparei para esperar.

Depois de apenas alguns minutos, ouvi um barulho na porta, olhei e vi um policial negro e magro que conhecia de vista. Wilkins. Ele colocou a cabeça para dentro do quarto e falou: – Ei! Dexter, certo? – Fiz que sim com a cabeça e mostrei minhas credenciais.

Wilkins apontou com a cabeça para Deborah. – Como ela está?

– É muito cedo para sabermos.

– Sinto muito, cara – ele falou e deu de ombros. – O capitão quer que ela tenha segurança, por isso ficarei de guarda aqui fora.

– Obrigado – falei e ele saiu para assumir seu posto lá fora.

Tentei imaginar como seria a vida sem Deborah. Só aquele pensamento já era perturbador, apesar de eu não conseguir dizer por quê. Não conseguia pensar em nenhuma grande diferença e isso fazia com que eu me sentisse um pouco envergonhado, por isso me esforcei mais em pensar nesse assunto. Provavelmente eu comeria o *coq au vin* na hora certa da próxima vez. Não teria tantas marcas nos meus braços sem os famosos socos que ela dava. E também não precisaria me preocupar com ela me prender ou não. Todas coisas boas. Por que eu estava preocupado?

Mas a lógica não estava me convencendo. E se ela vivesse mas tivesse danos cerebrais? Aquilo poderia afetar a carreira dela na polícia. Talvez ela precisasse de cuidados vinte e quatro horas por dia, ajuda para comer, fralda geriátrica – nenhuma destas coisas funcionaria bem no trabalho. E quem faria o tedioso e interminável trabalho de cuidar dela? Eu não sabia muito a respeito de convênios médicos, mas conhecia o suficiente para saber que eles não iriam prover

uma assistência dessas facilmente. E se eu tivesse que tomar conta dela? Isso certamente diminuiria muito o meu tempo livre. Mas quem mais poderia cuidar? Ela não tinha mais ninguém no mundo. Havia apenas o Querido e Devotado Dexter; mais ninguém que pudesse empurrar a cadeira de rodas dela, esquentar sua papinha e limpar carinhosamente os cantos da boca quando ela babasse. Eu teria que ser a babá dela pelo resto da vida, até o final da vida, nós dois sentados assistindo a seriados e programas de auditório enquanto o resto do mundo continuava com suas vidas felizes, matando e brutalizando uns aos outros sem ter a mim por perto.

Quando já ia me afundar em uma onda de pena de mim mesmo, me lembrei de Kyle Chutsky. Chamá-lo de namorado de Deborah não era preciso, já que eles moravam juntos há mais de um ano e aquilo fazia a coisa parecer mais séria. Ele tinha dez anos a mais do que Debs, era grande e já bem rodado, não tinha a mão e o pé esquerdos por causa de um encontro com o mesmo cirurgião amador que modificou o sargento Doakes.

Sendo totalmente justo, o que é bem importante, não pensei nele apenas porque queria que outra pessoa tomasse conta de Deborah se hipoteticamente ela tivesse danos cerebrais. Imaginei que o fato de a namorada dele estar na UTI fosse algo que ele gostaria de saber.

Peguei meu celular e liguei para ele, que atendeu no primeiro toque.

– Alô?

– Kyle, é o Dexter.

– Opa, fala camarada – ele respondeu com sua voz alegre e artificial. – O que manda?

– Estou com a Deborah – falei. – Ela está na UTI do Jackson.

– O que aconteceu? – ele perguntou depois de uma pequena pausa.

– Ela levou uma facada. E perdeu muito sangue.

– Estou indo para aí – ele disse e desligou.

Era legal saber que ele gostava tanto de Debs para vir logo para cá. Talvez ele me ajudasse com a papinha dela, poderíamos nos revezar para empurrar a cadeira de rodas. É bom ter alguém.

O que me lembrou de que eu tinha alguém – ou talvez não tivesse mais. Em todo caso, Rita iria gostar de saber que eu chegaria tarde, antes que ela fizesse um delicioso suflê. Liguei no trabalho dela e contei o que tinha acontecido, e desliguei logo quando ela começou com outro coro de ó-meu-Deus.

Chutsky entrou no quarto uns quinze minutos depois, seguido por uma enfermeira que aparentemente queria se assegurar de que ele estava plenamente satisfeito com tudo, da localização do quarto até a colocação dos cateteres.

– Aqui está ela – a enfermeira falou.

– Obrigado, Gloria – ele respondeu sem olhar para mais nada, apenas para Deborah. A enfermeira ficou ali por mais alguns momentos de ansiedade e depois desapareceu meio incerta.

Enquanto isso, Chutsky foi até a cama e pegou a mão de Deborah – bom saber que eu estava certo, segurar a mão dela era mesmo a coisa certa a fazer.

– O que aconteceu, camarada? – ele perguntou olhando para Debs.

Fiz um breve resumo e ele ouviu sem olhar para mim, fazendo uma breve pausa em segurar a mão dela para tirar uma mecha de cabelo da cara de Debs. Quando terminei, ele assentiu sem expressão e disse: – O que os médicos disseram?

– Que é cedo demais para dizer algo.

Ele fez um movimento de impaciência com o gancho que ficava no lugar de sua mão perdida. – Eles sempre dizem isso. E o que mais?

– Que existe a chance de algum dano permanente. Talvez até danos cerebrais.

Ele concordou. – Ela perdeu muito sangue – ele disse, sem perguntar nada, mas falei:

– Isso mesmo.

– Tenho um amigo vindo lá de Bethesda. Ele chegará em umas duas horas.

Não consegui pensar em nada para dizer a respeito daquilo. Um amigo? Vindo de Bethesda? Isso era algum tipo de boa notícia? Não consegui pensar em nada que diferenciasse Bethesda de Cleveland, exceto que ficava em Maryland e não em Ohio. Que tipo de cara viria de lá pra cá? E com que objetivo? Mas também não consegui pensar em como formular uma pergunta a respeito daquilo. Por alguma razão, meu cérebro não estava funcionando com sua eficiência fria de sempre.

Por isso apenas observei enquanto Chutsky puxou uma cadeira para o outro lado da cama para que pudesse se sentar e segurar a mão dela. E quando se acomodou, finalmente olhou diretamente para mim. – Dexter.

– Fala.

– Acha que pode conseguir café? E uma rosquinha ou algo assim?

A pergunta me pegou completamente de surpresa, não por causa de sua bizarrice, mas por parecer uma coisa bizarra para mim, quando deveria ter sido algo tão natural quanto respirar. Já tinha passado bastante da minha hora de almoçar, eu não tinha comido nada e nem tinha pensado em comer. Mas agora, quando Chutsky sugeriu, a ideia me pareceu errada.

Mas fazer alguma objeção pareceria ainda mais estranho, então me levantei e disse: – Vou ver o que posso fazer – e então saí pelo corredor.

Quando voltei alguns minutos depois, trouxe dois cafés e quatro rosquinhas. Fiz uma pausa ainda no corredor, não sei por que, e olhei para dentro do quarto. Chutsky estava inclinado para frente, de olhos fechados e a mão de Deborah pressionada contra sua testa. Os lábios dele se moviam, mas eu não conseguia ouvir nada por causa do barulho das máquinas de suporte de vida. Será que ele estava rezando? Isso era ainda mais estranho. Não conhecia ele tão bem assim, mas a imagem que eu tinha não combinava com a de um homem que rezava. E em todo caso, era algo meio embaraçoso, algo que você não quer ver, como alguém limpando o nariz com o dedo. Limpei a garganta quando entrei e rumei para minha cadeira, mas ele não levantou a cabeça.

Fora dizer algo em voz alta e com animação, possivelmente interrompendo sua concentração religiosa fervorosa, não havia nada de construtivo que eu pudesse fazer. Então me sentei e comecei a comer uma rosquinha. Já quase tinha acabado a primeira quando ele

finalmente olhou para mim.

– Opa! – falou. – O que conseguiu?

Passei o café e duas rosquinhas. Ele pegou o café com a mão direita e passou o gancho pelo buraco das rosquinhas. – Obrigado – falou. Depois apoiou o café entre os joelhos, tirou a tampa plástica, molhou uma das rosquinhas e deu uma boa mordida. – Mmp – ele tentou falar. – Não tinha almoçado. Estava esperando a Deborah me ligar, talvez eu fosse almoçar com vocês. Mas... – ele parou e deu outra mordida.

Ele comeu em silêncio, a não ser por um barulho ou outro ao engolir o café, e eu aproveitei para comer também. Quando acabamos, ficamos ali parados, olhando para Deborah como se ela fosse nosso programa de TV favorito. Às vezes, uma das máquinas fazia um barulho estranho, e nós dois dávamos uma olhadela. Mas nada mudou. Deborah continuou deitada de olhos fechados, respirando devagar e com dificuldade, e com o som de Darth Vader do respirador acompanhando.

Fiquei ali sentado por pelo menos uma hora, mas meus pensamentos não se tornaram brilhantes e ensolarados. E até onde pude perceber, os de Chutsky também não. Ele não se desmanchou em lágrimas, mas parecia cansado e pálido. A única vez que o vi pior que isso foi quando o resgatei do homem que cortou o pé e a mão dele. E acho que eu também não estava muito melhor, apesar de isso não ser o que me preocupava mais no momento atual e em momento nenhum. Na verdade, eu não passava muito do meu tempo me preocupando com nada – planejando sim, tendo certeza de que as coisas aconteceriam como eu queria nas minhas Saídas Noturnas Especiais. Mas se preocupar me parecia uma coisa muito mais emocional do que racional, e até hoje eu não tinha franzido minha testa.

Mas agora? Dexter estava preocupado. Era um passatempo absurdamente fácil de aprender. E eu dominei logo de cara, pois foi a única coisa que consegui fazer para não comer minhas unhas.

É claro que ela ia ficar bem. Não ia? "É cedo demais para dizer" parecia um mau agouro. Será que eu podia pelo menos acreditar naquela frase? Aquilo não seria um protocolo, um procedimento médico padrão para informar o parente mais próximo que sua pessoa amada ou vai morrer ou será um vegetal pro resto da vida? Começam avisando que nem tudo está bem – é cedo demais para dizer – e depois contam aos poucos que as coisas serão ruins para sempre?

Será que não há uma lei que obrigue os médicos a contar a verdade a respeito dessas coisas? Ou tudo o que temos são atos mecanizados? Será que existe a verdade, medicamente falando? Eu não tinha ideia, este era um novo mundo para mim e não estava gostando dele, mas, independentemente de qual fosse a verdade, era realmente cedo demais pra dizer, e eu precisaria esperar. E, surpreendentemente, não sou tão bom nisso quanto achava.

Quando meu estômago começou a reclamar de novo, decidi que deveria ser o começo da noite, mas uma olhada para o relógio revelou que eram apenas quatro e pouco.

Vinte minutos depois, o amigo de Chutsky de Bethesda chegou. Eu realmente não sabia o que esperar, mas não era nada do que vi. O cara tinha um metro e setenta, era careca e

barrigudo, com óculos grossos de armação dourada, e apareceu junto com dois dos médicos que tinham cuidado de Deborah. Eles o seguiam como os súditos seguindo uma rainha, loucos para dizer coisas que o fariam feliz. Chutsky se levantou quando o Cara entrou.

– Doutor Teidel!

Teidel assentiu com a cabeça e disse – Pra fora –, fazendo um movimento de cabeça que me incluía também.

Chutsky assentiu, pegou meu braço e, enquanto me conduzia para fora, Teidel e seus satélites já abaixavam o lençol para examinar Deborah.

– Esse cara é o melhor – Chutsky falou, e apesar de não dizer melhor em quê, eu imaginava que era em alguma área médica.

– O que ele vai fazer? – perguntei e Chutsky deu de ombros.

– O que for preciso. Venha, vamos comer algo. Não vamos querer ver isso.

Aquilo não me pareceu muito confiante, mas Chutsky claramente se sentia melhor com Teidel comandando as coisas, então o segui até um pequeno café que estava lotado no térreo, ao lado do estacionamento. Nos sentamos em uma mesa do canto, comemos sanduíches indiferentes e, apesar de eu não perguntar nada, ele resolveu me falar um pouco sobre o médico de Bethesda.

– O cara é incrível. Dez anos atrás ele me salvou. Eu estava muito pior que Deborah, pode acreditar, e ele colocou todos os pedaços no lugar e na ordem certa.

– O que é tão importante quanto – falei e Chutsky assentiu como se estivesse escutando o que eu dizia.

– Juro por Deus que Teidel é o melhor. Viu como os outros médicos o tratavam?

– Como se quisessem lavar os pés dele e descascar uvas para ele comer.

Chutsky deu uma risada polida de uma sílaba – Hum – e depois um sorriso também curto. – Ela vai ficar bem. Sei que vai.

Mas não sei dizer se ele estava tentando me convencer, ou a ele mesmo!

Capítulo 13

O DR. TEIDEL ESTAVA NA SALA DE DESCANSO DOS MÉDICOS quando voltamos. Ele estava sentado em frente a uma mesa e tomava um café, o que de alguma forma parecia estranho e impróprio, como cães sentados à mesa segurando cartas de baralho com suas patas. Se Teidel era um salvador milagroso, como podia fazer coisas tão humanamente comuns também? E quando ele levantou a cabeça aos nos aproximarmos, seus olhos também eram humanos, cansados e não com a fagulha da divina inspiração, e suas primeiras palavras também não me encheram de admiração.

– É muito cedo para termos certeza – ele falou para Chutsky, e fiquei grato pela leve variação do mantra médico. – Ainda não chegamos ao ponto crítico, e isso ainda pode mudar tudo. – Deu um gole no café. – Ela é jovem e forte. E os médicos daqui são muito bons. Vocês estão em boas mãos. Mas ainda tem muita coisa que pode dar errado.

– Você não pode fazer mais nada? – Chutsky perguntou, soando completamente incerto e trêmulo, com se estivesse pedindo uma bicicleta nova para Deus.

– Como uma operação mágica ou um novo procedimento fantástico? – ele perguntou e deu um gole no café. – Não, nada. Você terá que esperar. – Então olhou para o relógio e se levantou. – Preciso pegar um avião.

Chutsky se inclinou para frente e apertou a mão de Teidel. – Muito obrigado, doutor. De verdade.

Teidel recolheu a mão. – De nada – respondeu e saiu.

Chutsky e eu ficamos vendo-o ir embora. – Me sinto bem melhor – ele falou. – Só de tê-lo aqui já foi ótimo. – Então me olhou como se eu tivesse dito algo desanimador e disse: – Falando sério, ela vai ficar bem.

Gostaria de me sentir tão confiante quanto Chutsky. Eu não sabia se Deborah ficaria bem ou não. Queria muito acreditar nisso, mas não sou bom em enganar a mim mesmo como os humanos, e sempre vi que, quando as coisas podem tomar dois caminhos diferentes, sempre vão ladeira abaixo.

Mas isso não era algo que eu pudesse dizer na UTI sem fazer com que muitos sentimentos negativos fossem direcionados a mim, então balbuciei alguma coisa apropriada e voltei a me sentar ao lado de Deborah. Wilkins ainda estava na porta e não havia nenhuma diferença em Deborah que eu pudesse notar, e independentemente de quanto tempo ficássemos ali sentados e o quanto olhássemos para ela, nada acontecia de diferente, a não ser os barulhos das máquinas.

Chutsky olhava-a como se pudesse fazê-la se sentar e falar apenas com a força do olhar dele. Mas não funcionou. E depois de um tempo ele passou a olhar para mim. – O cara que fez isso – ele começou –, ele foi preso, não?

– Ele está preso no centro de detenção.

Chutsky assentiu com a cabeça e parecia que ia dizer mais alguma coisa. Olhou em direção à janela, suspirou e voltou a olhar para Deborah.

Dexter é muito conhecido pela profundidade e perspicácia de seu intelecto, mas era quase meia-noite quando percebi que não tinha muito sentido ficar aqui observando o corpo inerte de Deborah. Ela não tinha pulado de pé com o olhar Uri Geller lançado por Chutsky, e se acreditássemos no que os médicos disseram, ela não iria a nenhum lugar por algum tempo. Neste caso, em vez de ficar aqui sentado, escorregando para o chão e aos poucos me transformando em um abajur de olhos vermelhos, fazia mais sentido ir para casa, me arrastar para a cama e ter algumas poucas horas de sono agitado.

Chutsky não fez objeção, apenas acenou com a mão e murmurou algo sobre guardar o forte, então saí da UTI e deslizei para a noite quente e úmida de Miami. Era uma mudança prazerosa depois do frio mecânico do hospital, e fiz uma pausa para sentir o cheiro da vegetação e da poluição. Havia um enorme pedaço de uma lua amarela e má flutuando no céu e sorrindo para si mesma, mas não senti seu chamado. Não conseguia me concentrar no prazer que o delicioso brilho de uma faca me daria, ou na dança noturna selvagem de prazeres sombrios que ela me proporcionaria. Não com a Deborah deitada e imóvel lá no hospital. Não que fosse errado, apenas não sentia que era o certo a fazer. Aliás, eu não sentia mais nada além de cansaço, torpor e um grande vazio.

Bom, o torpor e o vazio eu não podia curar, como não podia curar Deborah, mas podia fazer algo a respeito do cansaço.

Fui para casa.

Acordei cedo com um gosto ruim na boca. Rita já estava na cozinha e colocou uma xícara de café na minha frente antes mesmo de eu me sentar.– Como ela está?

– É muito cedo pra dizer – falei e ela assentiu.

– Eles sempre dizem isso – ela falou.

Tomei um longo gole de café e me levantei. – Melhor eu checar como ela está agora de manhã – falei, peguei meu celular da mesinha perto da porta e liguei para o Chutsky.

– Nenhuma mudança – ele falou com uma voz rouca de cansaço. – Ligo pra você se algo acontecer.

Voltei para a cozinha e me sentei, sentindo que talvez também ficasse em coma a qualquer minuto.

– O que disseram? – Rita perguntou.

– Nada mudou – falei e peguei a xícara de café.

Vários cafés e seis panquecas de mirtilo depois, eu estava restaurado e pronto para trabalhar. Então saí da mesa, me despedi de Rita e das crianças e saí pela porta. O negócio era

entrar na rotina do dia a dia e deixar o ritmo normal da minha vida artificial me levar de volta à minha serenidade sintética.

Mas o trabalho não foi o santuário que eu esperava. Fui recebido com caretas de solidariedade e vozes silenciosas me perguntando: – Como ela está? – O prédio inteiro parecia estar pulsando de preocupação e ecoando o mantra do "É cedo demais para dizer". Até o Vince entrou no espírito da coisa. Ele havia trazido rosquinhas – pela segunda vez esta semana! – e, no mais puro espírito de gentileza solidária, guardara uma de creme bávaro para mim.

– Como ela está? – ele perguntou me passando a rosquinha.

– Ela perdeu muito sangue – falei, apenas para variar um pouco antes que minha língua caísse de tanto dizer a mesma coisa. – E ainda está na UTI.

– Eles são muito bons com esse tipo de coisa no Jackson – ele falou.– Muita prática.

– Preferia que eles praticassem em outra pessoa – falei e comi a rosquinha.

Não fazia nem dez minutos que tinha me sentado quando a assistente do capitão Matthews, Gwen, me ligou. – O capitão quer ver você agora.

– Mas que bela voz... só pode ser Gwen, o anjo radiante.

– E tem que ser agora mesmo – ela falou e desligou. E eu também.

Em menos de quatro minutos eu estava na sala de espera do capitão, olhando para Gwen em pessoa. Ela era a assistente de Matthews desde sempre, desde que era chamada apenas de secretária, e por duas razões. A primeira é que ela era incrivelmente eficiente. E a outra é que ela era extremamente comum, e nenhuma das três esposas do capitão conseguiu achar alguma objeção contra ela.

A combinação dessas duas coisas a tornava irresistível para mim também, e não conseguia vê-la sem soltar algum comentário amoroso. – Ah, Gwendolyn, a doce sereia de South Miami.

– Ele está esperando por você.

– Deixa ele para lá. Fuja comigo para uma vida de libertinagem feliz.

– Pode entrar – ela respondeu, apontando com a cabeça para a porta.– Na sala de reuniões.

Tinha imaginado que o capitão gostaria de expressar a solidariedade dele, e a sala de reuniões parecia um lugar estranho para se fazer isso. Mas ele é o capitão e Dexter apenas um subordinado, por isso entrei na sala.

O capitão Matthews estava mesmo me esperando, em pé, do lado de dentro da porta e, quando entrei, ele se dirigiu a mim. – Morgan. Olha, isso é totalmente sigiloso, então... – Acenou com a mão e depois a colocou no meu ombro. – Precisamos da sua ajuda, filho. Apenas... – E sem mais nenhum conselho surreal para dar, apenas me levou a uma cadeira.

Havia várias pessoas já sentadas em volta da mesa e eu reconhecia a maioria. O fato de eles estarem ali não era animador. Israel Salguero, o chefe da divisão de Assuntos Internos, só ele já era uma grande má notícia. Mas ao seu lado estava Irene Cappuccio, que eu só conhecia de vista e pela reputação. Ela era a advogada mais antiga do departamento e raramente era

chamada, a não ser que alguém abrisse um processo crível e substancial contra nós. E ao lado dela estava outro advogado do departamento, Ed Beasley.

Do outro lado da mesa estava o tenente Stein, nosso oficial de informações, especializado em resolver as coisas para que a força policial não pareça uma gangue enlouquecida de visigodos. Todos juntos, não era um grupo feito para que Dexter afundasse na cadeira envolvido em uma nuvem fofa de tranquilidade.

Havia um estranho sentado em uma das cadeiras próximas de Matthews e ficava claro pelo seu terno aparentemente caro que ele não era policial. Era um negro com um ar de importância e condescendência no rosto e uma cabeça raspada tão brilhante que eu tinha certeza de que ele tinha usado um polidor de móveis. E quando ele girou o braço, a manga subiu um pouco revelando uma abotoadura de brilhantes e um belo Rolex.

– Bom – Matthews disse enquanto eu ia em direção à minha cadeira e lutava contra uma sensação de pânico. – Como ela está?

– É muito cedo para dizer.

Ele assentiu com a cabeça. – Bom, tenho certeza de que todos nós, hã, torcemos para que tudo dê certo. Ela é uma ótima policial, assim como o pai dela, hã... seu pai também, claro. – Ele limpou a garganta e continuou. – Os, hã, médicos do Jackson são os melhores, e quero que saiba que, se houver qualquer coisa que o departamento possa fazer, hã... – O homem ao seu lado dá uma olhada para ele e depois para mim, e Matthews concorda com a cabeça. – Sente-se – ele fala.

Puxei uma cadeira e me sentei, sem nem imaginar o que estava acontecendo, mas com a certeza absoluta de que não iria gostar.

E o capitão Matthews confirmou minhas suspeitas logo de cara. – Esta é uma conversa informal, apenas para... hã...

O estranho virou seus olhos grandes e brilhantes para o capitão com uma expressão meio inquisitiva, e depois olhou novamente para mim. – Represento o Alex Doncevic – ele falou.

O nome não significava absolutamente nada para mim, mas ele disse com tanta certeza de que significava algo para mim que assenti com a cabeça e falei: – Ah, certo.

– Para começar, exijo que ele seja solto imediatamente. Depois... – ele fez uma pausa, aparentemente para um efeito dramático e para aumentar sua raiva e cuspi-la através da sala. – E depois – ele falou como se estivesse se dirigindo a uma grande plateia em um auditório –, estamos considerando um processo por perdas e danos.

Eu pisquei. Todos olhavam para mim, e eu era uma parte importante de algo que estava acontecendo ali, mas realmente não tinha a menor ideia do que era. – Sinto muito por isso – falei.

– Veja bem – Matthews falou –, esta é apenas uma reunião preliminar e informal. Porque o senhor Simeon aqui, ele... é uma pessoa muito respeitável da comunidade. Nossa comunidade.

– E porque o cliente dele está preso acusado de crimes graves – Irene Cappuccio falou.

– Preso ilegalmente – Simeon protestou.

– Isso é o que vamos ver – Cappuccio retrucou e fez um movimento de cabeça para mim.

– O senhor Morgan pode jogar uma luz neste assunto.

– Muito bem – Matthews falou. – Não vamos, hã... – ele colocou as mãos sobre a mesa. – O importante é que nós... hã, Irene?

Cappuccio assentiu e olhou para mim. – Pode nos contar exatamente o que aconteceu ontem, que levou ao ataque à detetive Morgan?

– Sabe que isso não se sustentará no tribunal, né, Irene? Ataque? Tenha dó – Simeon disse.

Cappuccio o encarou com um olhar frio e sem piscar que pareceu uma eternidade, mas que provavelmente durou apenas uns dez segundos. – Certo – ela retomou se virando para mim. – Levando até o momento em que o cliente dele enfiou uma faca em Deborah Morgan? Ou você também vai negar que ele a esfaqueou?

– Vamos ouvir o que aconteceu – Simeon respondeu com um sorrisinho.

Ela acenou com a cabeça para mim. – Vamos lá, pode começar do começo.

– Bom – falei e aquilo foi tudo que consegui dizer naquele momento. Podia sentir todos os olhos em mim e o relógio batendo, mas não conseguia pensar em nada mais coerente para dizer. Era interessante saber finalmente quem era Alex Doncevic, pois é sempre bom sabermos o nome de quem esfaqueia pessoas da nossa família.

Mas o que quer mais que ele fosse, Alex Doncevic não era o nome da lista de Deborah que estávamos investigando. Ela bateu naquela porta procurando alguém chamado Brandon Weiss, mas foi esfaqueada por uma outra pessoa, que entrou em pânico apenas ao ver o distintivo dela e partiu para uma tentativa de homicídio e fuga?

Dexter não pede que a vida se desdobre sempre de forma razoável, afinal, eu vivo aqui e sei que a lógica não vive aqui. Mas isso não fazia nenhum sentido, a menos que eu aceite a ideia de que, se você bater aleatoriamente em portas de Miami, uma em cada três pessoas estará preparada para matar. E apesar de esta ideia ter um charme próprio, não me parecia nem um pouco provável.

E além disso, no momento, o porquê de ele ter feito não era mais importante do que o fato de ter esfaqueado Deborah. Mas por que isso tinha causado uma reunião dessa magnitude eu não tinha ideia. Matthews, Cappuccio, Salguero – essas pessoas não se reúnem para tomar um café todos os dias.

Por isso eu sabia que algo desagradável estava acontecendo, e o que quer que eu dissesse teria um efeito nisso, mas eu não sabia o que era o "nisso", não sabia o que dizer para melhorar as coisas. Havia informações demais que não acrescentavam nada e mesmo meu cérebro enorme não conseguia juntar. Limpei a garganta, esperando ganhar um pouco de tempo, que passou em segundos, e todos continuavam olhando para mim.

– Bom – falei de novo. – Hã, do começo? Você quer dizer...

– Vocês foram fazer perguntas ao senhor Doncevic – Cappuccio falou.

– Não... não exatamente.

– Não exatamente – Simeon repetiu, como se um de nós não soubesse o que aquelas palavras significavam. – Como assim não exatamente?

– Fomos falar com alguém chamado Brandon Weiss e Doncevic atendeu a porta.

Cappuccio assentiu. – O que ele falou quando a sargento Morgan se identificou?

– Não sei.

Simeon olhou para Cappuccio e disse: – Não está ajudando – em um sussurro bem alto. Ela balançou a mão na direção dele.

– Senhor Morgan – ela falou e deu uma olhada para a folha na frente dela. – Dexter. – E me lançou uma expressão estranha que provavelmente pensou ser um sorriso caloroso. – Você não está sob juramento aqui e nem está enrascado. Só precisamos saber o que aconteceu até chegar na facada.

– Eu entendo – falei. – Mas eu estava no carro.

Simeon se sentou mais ereto na mesma hora. – No carro, não na porta com a sargento Morgan.

– Isso mesmo.

– Então não ouviu o que foi dito... ou *não* foi dito – ele falou levantando uma sobrancelha tão alto que quase podia se passar por um topete naquela enorme careca brilhante dele.

– Isso mesmo.

Cappuccio se inclinou para frente e falou: – Mas você disse em seu depoimento que a sargento Morgan mostrou o distintivo dela.

– Sim – falei. – Porque eu vi.

– E ele estava sentado no carro a que DISTÂNCIA? – Simeon perguntou. – Sabe o que eu poderia fazer com isso no tribunal?

Matthews limpou a garganta – Não vamos, hã... o tribunal não, hã, não vamos assumir que isto terminará no tribunal.

– Eu estava bem mais perto quando ele tentou me esfaquear – falei, tentando ajudar.

Mas Simeon simplesmente fez um movimento com a mão desdenhando aquilo. – Legítima defesa – ele falou. – Se ela falhou em se identificar corretamente como agente da lei, ele tinha todo o direito de se defender.

– Ela mostrou o distintivo, eu tenho certeza absoluta.

– Você NÃO pode ter certeza, não a quinze metros de distância! – ele falou.

– Mas eu vi – falei, torcendo para não parecer petulante. – Além disso, Deborah nunca se esqueceria disso, ela sabe o procedimento correto da polícia desde que aprendeu a falar.

Simeon apontou um enorme dedo indicador para mim. – Isso é outra coisa que não está me cheirando bem aqui, qual é exatamente a sua relação com a sargento Morgan?

– Ela é minha irmã.

– Sua *irmã* – ele repetiu, fazendo aquilo soar como "seu parceiro inescrupuloso". Sacudiu a cabeça de forma teatral e olhou em volta da sala. Ele definitivamente tinha a atenção de todos e estavam adorando aquilo. – Isto está ficando cada vez melhor – falou, soltando um sorriso bem melhor que o da Cappuccio.

Salguero falou pela primeira vez. – Deborah Morgan tem a ficha limpa. Ela vem de uma

família de policiais e não tem nenhuma mancha no currículo, nem nunca teve.

– Vir de uma família de policiais não quer dizer que é honesta – ele falou. – Quer dizer apenas que a polícia é condescendente, e você sabe disso. Este é um caso claro de legítima defesa, abuso de autoridade e acobertamento. – Ele jogou as mãos para o alto e continuou. – É óbvio que nunca vamos descobrir o que aconteceu de verdade, não com essas conexões bizantinas entre família e departamento de polícia. Acho que precisaremos deixar o tribunal decidir.

Ed Beasley resolveu falar pela primeira vez, de um jeito áspero e nem um pouco histérico que me fez querer dar uma caloroso aperto de mão nele. – Temos uma policial na UTI, porque seu cliente deu uma facada nela. E não precisamos de um tribunal para descobrir isso.

Simeon se virou mostrando os dentes brilhantes para Beasley. – Talvez não, Ed. Mas até vocês conseguirem jogar fora a Declaração dos Direitos do Cidadão, meu cliente tem essa opção.

Ele se levantou. – Em todo caso, acho que já tenho o suficiente para soltar meu cliente pagando fiança. – Depois, cumprimentou Cappuccio com a cabeça e saiu.

Houve um momento de silêncio e então Matthews limpou a garganta. – Ele tem o suficiente, Irene?

Cappuccio quebrou o lápis que estava segurando. – Com o juiz certo? Provavelmente.

– O clima político não está bom atualmente – Beasley falou. – Simeon pode distorcer as coisas e fazer este caso feder. E não podemos aguentar mais confusão.

– Muito bem, minha gente – Matthews falou. – Vamos fechar as escotilhas para a tempestade de merda que está vindo. Tenente Stein, você tem muito trabalho a fazer. Prepare algo para a imprensa e ponha na minha mesa o mais rápido possível. Antes da hora do almoço.

Stein concordou com a cabeça. – Certo.

Israel Salguero se levantou e disse: – Também tenho trabalho a fazer, capitão. Vamos reexaminar o comportamento da sargento Morgan agora mesmo.

– Muito bom – Matthews respondeu, e então olhou para mim. – Morgan – ele falou sacudindo a cabeça de forma negativa –, pena que não pôde nos ajudar um pouco mais.

Capítulo 14

E ENTÃO ALEX DONCEVIC ESTAVA NAS RUAS MUITO ANTES DE Deborah acordar. Na verdade, ele saiu da cadeia às 17h17 daquele mesmo dia, uma hora e vinte e quatro minutos antes de Debs abrir os olhos pela primeira vez.

Fiquei sabendo de Deborah porque Chutsky me ligou em seguida, animado como se ela tivesse acabado de atravessar o canal da Mancha carregando um piano. – Ela vai ficar bem, Dex. Ela abriu os olhos e olhou diretamente para mim.

– Ela falou alguma coisa?

– Não. Mas apertou a minha mão. Ela vai sair dessa.

Eu ainda não estava convencido de que uma piscada e um aperto de mão eram sinais precisos de que ela se recuperaria completamente, mas era bom saber que estava fazendo progresso. Especialmente porque precisaria estar totalmente consciente para encarar Israel Salguero e seus "Assuntos Internos".

E fiquei sabendo que Doncevic tinha sido solto porque, no tempo entre a reunião e a ligação de Chutsky, eu tinha tomado uma decisão.

Dexter não é um cara de ilusões, ele sabe melhor do que a maioria das pessoas que a vida não é justa. Os humanos inventaram a ideia de justiça para tentar equilibrar o jogo e tornar as coisas um pouco mais desafiadoras para os predadores. E tudo bem. Eu, pessoalmente, acho os desafios bem-vindos.

Mas apesar de a Vida não ser justa, a Lei e a Ordem deveriam ser. A ideia de Doncevic ficar livre enquanto Deborah estava debilitada no hospital cheia de tubos entrando e saindo de seu corpo me parecia tão, muito... Tá bom, eu vou dizer: não era justo. Quer dizer, sei que há outras palavras que poderiam ser usadas aqui, mas Dexter não vai fugir apenas porque essa verdade, como a maioria das outras, é relativamente ruim. Senti um senso afiado de injustiça nesse caso todo, e aquilo me fez pensar no que eu poderia fazer para colocar as coisas de volta no lugar.

Fiquei pensando nisso durante horas de trabalho com a papelada do meu setor e três xícaras de um café horrível. E continuei pensando durante um almoço abaixo da média em um lugarzinho que dizia servir comida mediterrânea, que só era verdade se aceitássemos pão velho, maionese rançosa e frios gordurosos como comida mediterrânea. E depois continuei pensando por alguns minutos enquanto empurrava coisas na mesa em meu cubículo.

E, finalmente, em algum lugar enevoado e pequeno do cérebro de Dexter, um gongo baixo e quase mudo soou uma nota bem curta. *Bong*, ele fez suavemente e as sombras

vagarosamente preencheram a Cabeça Escura de Dexter.

Eu tinha sido acusado de não ter ajudado muito, e acredito que fiquei sentindo a verdade daquela acusação. Dexter, de fato, não tinha ajudado muito; ele tinha ficado enfurnado no carro quando Debs foi ferida, e tinha falhado de novo em protegê-la do ataque do advogado da careca brilhante.

Mas tinha um jeito de eu ajudar e muito, e era algo em que eu era particularmente muito bom. Eu poderia fazer um monte de problemas desaparecerem: os de Deborah, do departamento e os meus problemas especiais, tudo ao mesmo tempo com apenas um ataque suave – ou vários cortes, se eu estivesse com muita vontade de brincar. Tudo que precisava fazer era relaxar e ser o incrível e especial EU mesmo, ajudando o pobre e merecedor Doncevic a enxergar os erros em seu caminho.

Eu sabia que Doncevic era culpado – eu o vi esfaqueando Deborah com meus próprios olhos. E havia uma boa chance de ele ter matado e feito o arranjo daqueles corpos que estavam causando tanto furor e ameaçando nossa vital indústria turística. Me livrar de Doncevic era quase um dever cívico. E como ele tinha saído sob fiança, se sumisse, todos iriam achar que fugira. Os caçadores de recompensa sairiam à procura dele, mas ninguém iria se importar quando falhassem.

Senti uma satisfação muito grande com essa solução: é bom quando as coisas se encaixam tão bem, e a clareza daquilo mexia com meu monstro interior, aquele cara certinho que gosta de ver os problemas embrulhados corretamente e descartados. Era justo.

Maravilha: eu iria passar um tempo bom com Alex Doncevic.

Comecei a checar como ele estava pela Internet, e continuei a cada quinze minutos quando ficou claro que ele estava prestes a ser solto. As 16h32 a papelada dele já estava nos estágios finais, por isso desci ao estacionamento e dirigi até a porta do centro de detenção.

Cheguei lá bem a tempo, e muitas outras pessoas já tinham chegado antes de mim. Simeon sabia mesmo fazer uma festa, especialmente envolvendo a imprensa, e todos estavam lá esperando em uma grande multidão de vans, antenas de transmissão e belos penteados, todos lutando por um bom lugar sem o mínimo de organização. Quando Doncevic saiu nos braços de Simeon, houve um barulho de câmeras sendo ligadas, muitos cotovelos se batendo tentando liberar algum espaço, e a multidão se moveu para frente como uma matilha de cães em cima de carne crua.

Assisti do meu carro enquanto Simeon fez um longo e caloroso discurso, respondeu a algumas perguntas e então foi passando pela multidão levando Doncevic com ele. Entraram em um SUV Lexus Preto e partiram. Esperei um momento e depois os segui.

Seguir outro carro é relativamente simples, especialmente em Miami, onde sempre há trânsito e quase sempre o trânsito é irracional. E como era hora do *rush*, tudo que eu falei era mais verdade ainda. Só precisei ficar um pouco atrás, deixando uns dois carros entre nós. Simeon não fez nada que mostrasse que ele achava que estava sendo seguido. É claro que, mesmo se visse meu carro, ele acharia que sou um repórter querendo mais uma imagem de Doncevic

chorando de gratidão, e o máximo que faria era garantir que o melhor lado dele ficasse exposto para a câmera.

Cruzei a cidade atrás deles até a North Miami Avenue, e fiquei um pouco para trás quando entraram na Northeast Fortieth Street. Estava muito confiante agora, achando que sabia muito bem para onde eles iam. E, como eu esperava, Simeon parou em frente ao lugar onde eu e Deborah encontramos nosso novo amigo pela primeira vez. Passei em frente, dei uma volta no quarteirão e voltei a tempo de ver Doncevic sair do carro e ir para a casa.

Por sorte, havia uma vaga de onde eu enxergava a porta. Estacionei, desliguei o carro e esperei pela escuridão, que viria como sempre, e encontraria Dexter pronto para ela. E esta noite, finalmente, depois de um longo e melancólico tempo no mundo diurno, estava pronto para me juntar à noite, revelando sua música doce e selvagem, e tocar alguns acordes do minueto do Dexter. Fiquei impaciente com o sol lento e pesado que estava se pondo, e ansioso pela noite. Podia senti-lo se espreguiçando por mim, se inclinando para se espalhar por mim, flexionando suas asas, soltando os músculos há tanto tempo sem uso e se preparando para a corrida...

Meu telefone toca.

– Sou eu – Rita fala.

– Tenho certeza que é.

– Acho que tive uma ótima... o que você disse?

– Nada – respondo. – O que foi que você teve?

– Quê? Ah, fiquei pensando no que você falou. Sobre Cody, sabe?

Desliguei minha mente das sombras pulsantes que estava alimentando e tentei me lembrar o que tinha dito sobre Cody. Era algo sobre ajudá-lo a sair da concha, mas não me lembro de termos decidido nada a não ser alguns chavões vagos ditos para fazer Rita se sentir melhor enquanto eu iniciava Cody cuidadosamente no Código de Harry. Então apenas falei: – Ah, sim, lembro. E daí? – esperando que ela me desse mais alguma dica.

– Estava conversando com a Susan, você conhece, ela mora no cento e trinta e sete e tem um cachorro grande?

– Sim, eu me lembro do cachorro. – E lembrava mesmo, ele me odiava, do mesmo jeito que todos os animais domésticos. Eles me reconhecem pelo que sou de verdade, mesmo que seus donos não consigam.

– Lembra do filho dela, o Albert? Ele está tendo uma ótima experiência com os escoteiros mirins, e achei que talvez fosse uma coisa boa pro Cody também.

Em princípio, aquela ideia não fez o menor sentido. Cody, um escoteiro mirim? Era como servir sanduíches de pepino e chá para o Godzilla. Mas quando passei o replay, tentando pensar em algo que não fosse uma negativa firme demais ou uma risada histérica, me peguei pensando que talvez não fosse uma má ideia. E na verdade era uma ótima ideia que combinaria completamente com o plano de fazer Cody se mesclar com as crianças humanas. Então, pego entre a negativa irritada e a aceitação entusiasmada, acabei dizendo: – Iabadábadoooo!

– Está tudo bem com você, Dexter?

– Eu, hã, você me pegou de surpresa. Eu estava no meio de algo importante. Mas achei uma ótima ideia.

– Jura? Acha mesmo?

– Acho sim – falei. – É perfeito pra ele.

– Estava torcendo para que você gostasse. Mas depois pensei que... não sei. E se... quer dizer, você acha mesmo?

Eu achava mesmo e acabei convencendo-a disso. Mas levou vários minutos, pois Rita consegue falar sem respirar e, quase sempre, sem terminar uma frase, assim ela falava quinze ou vinte palavras desconexas para cada uma minha.

Quando finalmente a persuadi e desliguei, estava começando a ficar escuro lá fora, mas infelizmente estava muito claro dentro de mim. As notas de abertura da Suíte Dançante de Dexter tinham emudecido e um pouco da urgência crescente se perdeu com o telefonema de Rita. Mas tudo aquilo voltaria, eu tinha certeza.

Enquanto isso, para parecer ocupado, liguei para o Chutsky.

– Fala, camarada. Ela abriu os olhos de novo agora há pouco. Os médicos acham que ela está começando a recobrar a consciência.

– Isso é maravilhoso. Vou passar por aí mais tarde. Só preciso resolver alguns problemas antes.

– Alguns dos seus colegas passaram por aqui para dizer um oi. Você conhece um cara chamado Israel Salguero?

Uma bicicleta passou pelo meu carro. O ciclista bateu no meu retrovisor e foi em frente. – Conheço. Ele passou por aí?

– Sim, ele esteve por aqui. – Chutsky ficou em silêncio, como que esperando que eu dissesse alguma coisa. Não consegui pensar em nada, então ele acabou falando· – Achei ele meio estranho

– Ele conhecia nosso pai – falei.

– Sim, mas é outra coisa.

– Bom – falei. – Ele é da Corregedoria. E está investigando o comportamento de Deborah neste caso.

Chutsky ficou em silêncio por um momento. – O comportamento DELA?

– Isso.

– Ela foi *esfaqueada*.

– O advogado disse que foi em legítima defesa.

– Filho da puta!

– Tenho certeza de que não precisamos nos preocupar. São apenas as regras, ele tem que investigar.

– Grandessíssimo filho de uma puta – Chutsky falou. – E ele vem aqui? Enquanto ela está em coma?

– Ele conhece Deborah há muito tempo, provavelmente só foi ver como ela estava.

Houve uma longa pausa e então ele falou: – Certo, camarada, se você está dizendo. Mas não acho que vou deixá-lo entrar da próxima vez.

Não tinha certeza se o gancho de Chutsky seria páreo para a confiança suave e total de Salguero, mas sentia que seria um duelo interessante. Chutsky, com toda sua animação falsa e ensaiada, era um matador frio. Mas Salguero está na Corregedoria faz tempo, o que o tornou praticamente à prova de balas. Se desse briga, tenho certeza que venderia muito bem em *pay-per-view*. E também pensei que deveria guardar aquele pensamento para mim mesmo, por isso falei: – Muito bem. Vejo você mais tarde – e desliguei.

E assim, com todos os detalhes humanos resolvidos, voltei à minha es-pera. Carros passaram. Pessoas caminharam pela calçada. Fiquei com sede e achei meia garrafa de água no chão de trás no carro. E finalmente escureceu.

Esperei mais um pouco para a escuridão se ajustar à cidade e a mim. Me sentia muito bem entrando na fria e confortável jaqueta noturna, com a antecipação ficando maior e mais forte dentro de mim com o sussurro encorajador do Passageiro das Trevas, me impulsionando a sair para o lado e passar a direção para ele.

E eu finalmente cedi.

Coloquei um laço de fio de pesca de náilon e um rolo de fita adesiva no bolso, as únicas ferramentas que eu tinha no carro no momento, e saí.

E então hesitei: fazia muito tempo desde a última vez, tempo demais desde que Dexter agiu. Eu não tinha feito minha pesquisa, e isso não era bom. Não tinha um plano, e isso era ainda pior. Não sabia o que havia lá dentro e nem o que faria quando estivesse lá. Por um momento não tive certeza e fiquei parado ao lado do carro, imaginando se poderia improvisar até a hora da dança. A incerteza levou embora minha armadura e me deixou com um pé na perigosa sombra, sem poder dar o primeiro passo para o degrau conhecido.

Mas isto era estúpido, fraco e errado – e nem um pouco Dexter. O verdadeiro Dexter vivia no Escuro, voltava à vida na noite afiada e ficava feliz de andar pelas sombras. Quem era este cara aqui parado, hesitando? Dexter não tremia.

Olhei para cima para o céu noturno e respirei fundo. Havia apenas um pedaço de lua amarela apodrecendo, mas me abri para ela e ela clamou por mim, a noite correu pelas minhas veias, chegou à ponta dos meus dedos, cantou pela pele esticada do meu pescoço e senti tudo mudado, tudo desenvolvido novamente no que Nós temos que ser para fazer o que fazemos, e então Nós estávamos prontos.

A hora era agora, a noite era esta, e essa era a Dança Sombria de Dexter, e os passos viriam, fluindo dos nossos pés como se sempre tivessem estado lá.

E as asas negras saíram lá do fundo e se espalharam pelo céu noturno, nos fazendo seguir em frente.

Deslizamos pela noite e demos a volta no quarteirão, checando toda a área com cuidado. Lá no fim da rua havia um beco e entramos nele e no escuro profundo, cortando caminho para os fundos do predinho de Doncevic. Uma van detonada estava estacionada em uma garagem

coberta e bem escondida nos fundos – ouvi um sussurro seco e rápido do Passageiro dizendo: *Veja só, foi assim que ele retirou e transportou os corpos para os pontos de exibição*. E logo ele partiria da mesma forma.

Demos outra volta e não vimos nenhum problema na área. Havia um restaurante etíope dobrando a esquina. Música alta três casas para baixo. E então estávamos de volta à porta da frente e tocando a campainha. Ele abriu a porta e teve um momento rápido de surpresa antes de pularmos sobre ele. O derrubamos de cara no chão, com nosso nariz em seu pescoço enquanto tapávamos sua boca com a fita adesiva. Depois foi a vez das mãos e dos pés. Quando ele já estava preso e silenciado de forma segura, nos movemos rapidamente pelo local e não achamos mais ninguém. Mas achamos alguns itens interessantes: algumas belas ferramentas no banheiro, bem ao lado de uma banheira enorme. Serras, tesouras e todas as Ferramentas de Brincar do Dexter, e estava claro que era a cerâmica branca que tínhamos visto no vídeo enviado à Secretaria de Turismo e aquilo era uma prova, a prova que precisávamos nesta noite de necessidade. Doncevic era culpado. Ele tinha estado aqui, nos azulejos ao lado da banheira segurando estas ferramentas e fazendo coisas inimagináveis – exatamente as coisas que estávamos imaginando fazer com ele.

Arrastamos ele para o banheiro e o colocamos na banheira, parando por um momento. Um sussurro muito pequeno e insistente dizia que havia algo errado, e ele subiu pela nossa espinha e chegou aos nossos dentes. Rolamos Doncevic de cara para baixo e demos uma volta pelo lugar novamente. Não havia nada nem ninguém, tudo ia bem, e a voz muito alta do Motorista Sombrio afogava o sussurro fraco, demandando que retomássemos a Dança com Doncevic.

Então voltamos até o banheiro e começamos a trabalhar. E nos apressamos porque estávamos em um lugar estranho e sem um plano, e também porque Doncevic disse uma coisa estranha depois que tiramos o dom da fala dele para sempre. – Sorria – e aquilo nos deixou furiosos e logo ele não poderia dizer mais nada de forma definitiva. Mas nos aprofundamos, é claro, e quando terminamos, estávamos muito satisfeitos com o trabalho benfeito. Tudo tinha ido muito bem, e nós tínhamos dado um enorme passo na direção de deixar as coisas do jeito que elas deveriam ser.

E elas continuaram assim até o fim, com mais nada ali a não ser sacos de lixo e uma pequena gota do sangue de Doncevic em uma lâmina de vidro dentro da minha caixinha.

E, como sempre, me senti muito melhor depois.

Capítulo 15

NA MANHÃ SEGUINTE, AS COISAS COMEÇARAM A SE ESCLARECER. Fui para o trabalho cansado mas satisfeito com minhas agradáveis tarefas que me deixaram acordado quase a noite toda. Tinha acabado de me sentar com uma xícara de café e pronto para atacar a papelada quando Vince Masuoka colocou a cabeça na minha sala. – Dexter.

– O único e incomparável – respondi com a modéstia apropriada.

– Já ficou sabendo? – ele perguntou com um irritante sorriso aposto-que-não.

– Fiquei sabendo de muitas coisas, Vince. De qual você está falando?

– O resultado da autópsia – ele falou, e como parecia ser importante para ele ser o mais irritante possível, não falou mais nada e ficou me olhando com expectativa.

– Tudo bem, Vince. De qual resultado de autópsia você está falando que eu não sei e que vai mudar completamente o jeito que eu vejo as coisas?

Ele fez uma careta. – Quê?

– Eu disse não, não fiquei sabendo. Por favor, me conte.

Ele fez que não com a cabeça. – Não acho que foi isso que você falou. Mas, enfim, sabe aqueles corpos arrumados pelo designer louco, com todas as frutas e outras coisas dentro?

– Os de South Beach e Fairchild Gardens? – perguntei.

– Isso. Eles foram levados ao necrotério para a autópsia e o legista disse: "nossa, eles voltaram".

Não sei se você notou, mas é possível dois seres humanos terem uma conversa na qual um deles ou os dois não têm a menor ideia do que estão falando. Eu me sentia em um desses papos que desafiavam o cérebro, pois a única coisa que tinha conseguido deste papo com o Vince era ficar irritado.

– Vince, por favor, use palavras pequenas e simples e me conte o que está tentando dizer antes que eu arrebente sua cabeça com uma cadeira.

– Só estou dizendo – ele começou finalmente de um jeito que era possível entender – que o legista recebeu os quatro corpos e disse que eles foram roubados de lá. E que agora tinham voltado.

O mundo pareceu se inclinar de leve para um lado, e uma névoa cinza e pesada caiu sobre tudo, fazendo com que fosse difícil respirar. – Os corpos foram *roubados* do necrotério? – perguntei.

– Isso.

– O que significa que já estavam mortos, e alguém os pegou e fez coisas bizarras com eles?

Ele assentiu. – É tipo a coisa mais pirada que já ouvi falar. Roubar corpos do necrotério? E depois brincar com eles daquele jeito?

– Mas quem quer que tenha feito isso, não matou eles então – falei.

– Não, todos morreram de forma acidental e estavam deitados em suas macas.

Acidental é uma palavra terrível. Ela vale para todas as coisas contra as quais tenho lutado por toda a minha vida: é aleatório, sujo, não planejado e consequentemente perigoso. É a palavra que me fará ser pego um dia, porque, apesar de toda a precaução do mundo, algo acidental ainda pode acontecer neste mundo de probabilidades caóticas e irregulares, e sempre acontece.

E tinha acabado de acontecer. Eu tinha acabado de encher meia dúzia de sacos de lixo na noite passada com alguém que era mais ou menos acidentalmente inocente.

– Então não eram assassinatos, no fim das contas – falei.

Ele deu de ombros. – Ainda é um crime. Roubar corpos, profanar os mortos ou algo assim. Pôr em perigo a saúde pública? Isso só pode ser ilegal.

– É ilegal como atravessar fora da faixa então – falei.

– Não em Nova York. Lá eles atravessam fora da faixa direto.

Saber mais sobre atravessar a rua fora da faixa em Nova York não ajudou a me alegrar. Quanto mais pensava nas coisas, mais eu me convencia de que estava chegando perigosamente perto de ter emoções humanas reais a respeito deste caso, e, conforme o dia foi passando, pensei mais e mais naquilo. Estava com uma estranha sensação de estrangulamento na minha garganta, e uma ansiedade vaga e sem propósito que eu não conseguia afastar, e não pude deixar de pensar se aquilo era como alguém culpado se sentia. Supondo que eu tivesse uma consciência, ela estaria perturbada agora? Era muito perturbador, e eu não estava gostando nada disso.

E era tudo meio sem sentido. Afinal, Doncevic tinha enfiado uma faca em Deborah, e se ela não estava morta, não foi por falta de tentativa. Ele era culpado de algo muito ruim, mesmo se não fosse a versão final do delito.

Então por que eu deveria me "sentir" assim? É normal um ser humano dizer "Fiz algo que me fez sentir mal". Mas como o frio e vazio Dexter poderia dizer algo desse tipo? E mesmo que eu *sentisse* algo, as possibilidades eram bem grandes, e todos nós concordaríamos, de que seria algo ruim. A sociedade não vê com bons olhos emoções do tipo "Desejo de Matar" ou "Apreciando Fatiar", e, sendo realistas, essas duas coisas eram as mais prováveis de aparecerem no meu caso.

Não, não há nada para se arrepender aqui – foi um pequeno desmembramento acidental e impulsivo de nada. Aplicando a lógica fria do grande intelecto de Dexter resultava na mesma resposta todas as vezes: Doncevic não era uma grande perda para ninguém, e no mínimo ele tinha tentado matar Deborah. Será que eu devia torcer para que ela morresse, assim eu poderia me sentir melhor comigo mesmo?

Mas aquilo estava me incomodando e continuou por toda a manhã e também no começo

da tarde, quando fui ao hospital na minha hora de almoço.

– Fala, camarada – Chutsky disse cansado quando entrei no quarto. – Não tivemos muitas mudanças. Ela abriu os olhos algumas vezes. Acho que está ficando um pouco mais forte.

Sentei-me na cadeira do lado oposto da cama em que Chutsky estava. Deborah não parecia mais forte. Parecia igual, pálida, mal respirando e mais perto da morte do que da vida. Já tinha visto essa expressão muitas vezes, mas não combinava com Deborah. Ela combinava com as pessoas que eu pesquisei cuidadosamente e planejei para que usassem aquela expressão quando eu as empurrasse para o abismo sombrio e em direção ao vazio, como recompensa para as coisas más que tinham feito.

Eu tinha visto aquela expressão na noite passada em Doncevic – e mesmo não o tendo escolhido com cuidado, percebi que aquela expressão combinava bem com ele. Ele tinha colocado aquele olhar em minha irmã, e aquilo era o suficiente. Não tem nada aqui que perturbará a inexistente alma de Dexter. Eu tinha feito o meu trabalho, tirado uma pessoa má do frenesi da vida, e o colocado em vários sacos plásticos, onde ele merecia estar. Se foi descuidado e sem planejamento, ainda assim foi justificado, como diriam os meus colegas da polícia. Colegas como Israel Salguero, que agora não precisaria incomodar Deborah e atrapalhar a carreira dela apenas porque o homem da careca brilhante estava fazendo barulho na imprensa.

Quando acabei com Doncevic, também acabei com a confusão toda. Um peso levantado. Eu fiz o que Dexter faz, e fiz bem, e minha pequena esquina no mundo estava um pouquinho melhor. Me sentei na cadeira e comi um sanduíche horrível, conversando com Chutsky e até conseguindo ver Deborah abrir os olhos por incríveis três segundos. Não tenho como dizer se ela sabia que eu estava ali, mas o fato de poder ver os olhos dela era muito encorajador, e comecei a entender o grande otimismo de Chutsky.

Voltei ao trabalho me sentindo bem melhor comigo mesmo e com as coisas em geral. Era um jeito bom e gratificante de voltar do almoço, e aquela sensação durou até eu entrar no prédio e chegar ao meu cubículo, onde encontrei o detetive Coulter esperando por mim.

– Morgan – ele falou. – Sente-se.

Achei bem simpático da parte dele me convidar para que eu me sentasse na minha própria sala, por isso me sentei. Me observou por um longo momento, mastigando um palito que estava no canto de sua boca. Ele era um cara em formato de pera, não muito atraente e no momento menos ainda. Ele tinha assentado suas grandes nádegas na cadeira extra na frente da minha mesa e, além do palito de dente, também tinha uma enorme garrafa de Mountain Dew,[1] cujo conteúdo já tinha espirrado um pouco e manchado sua camisa branca. A aparição dele aqui em conjunto com esse olhar silencioso, como se esperasse que eu explodisse em lágrimas e confessasse algo, era extremamente irritante, isso para dizer o mínimo. Então, lutando contra a tentação de me debulhar em lágrimas, peguei um relatório do laboratório e comecei a ler.

Depois de um momento, Coulter limpou a garganta. – Certo – ele começou; olhei para ele e educadamente levantei uma sobrancelha. – Temos que conversar sobre o seu depoimento.

– Qual deles?

– O de quando sua irmã foi esfaqueada. Algumas coisas não estão batendo.

– Tudo bem – falei.

Ele limpou a garganta novamente. – Então, hã... me fale de novo o que viu.

– Eu estava sentado no carro.

– A que distância?

– Hum, acho que uns quinze metros.

– Certo. E por que não foi até lá com ela?

– Bom – falei, pensando que não era da conta dele –, achei que não precisava.

Ele me encarou mais um pouco e então sacudiu a cabeça negativamente.

– Você podia tê-la ajudado. Talvez impedido o cara de esfaqueá-la.

– Talvez.

– Podia ter agido como se fosse o parceiro dela. – Estava claro que a sagrada ligação dos parceiros ainda estava muito presente na cabeça de Coulter, por isso controlei meu impulso de dar uma resposta à altura e, depois de mais um momento, ele assentiu com a cabeça e continuou.

– Então a porta se abre e bam, ele enfia uma faca nela?

– A porta se abre e Deborah mostra o distintivo dela – falei.

– Tem certeza disso?

– Tenho.

– Mas você não estava a quinze metros de distância?

– Minha visão é muito boa – falei, imaginando se todo mundo que viesse me ver hoje seria profundamente irritante.

– Certo. E depois?

– Depois – falei, revivendo o momento em uma terrível câmara lenta –, Deborah caiu. Ela tentou se levantar e não conseguiu, e então eu corri para ajudá-la.

– E o cara, o Dankawitz, ou qualquer que seja o nome dele, ficou lá parado o tempo todo?

– Não. Ele entrou e depois saiu de novo quando eu estava chegando perto de Deborah.

– Certo – Coulter falou. – E ele sumiu por quanto tempo?

– No máximo uns dez segundos. Qual a importância disso?

Coulter tirou o palito da boca e o olhou. Aparentemente até para ele parecia horrível porque, depois de um momento, jogou-o na minha lixeira. E claro que errou. – O problema é que... – ele começou. – As digitais na faca não são dele.

Mais ou menos um ano atrás, precisei arrancar um dente, e o dentista me deu óxido nitroso. Por apenas um momento, senti a mesma sensação de tontura estúpida me dominar. – As... hã... impressões digitais? – finalmente consegui balbuciar.

– Isso – ele falou, dando um gole na enorme garrafa. – Tiramos as digitais dele quando foi preso, obviamente. – Ele limpou o canto da boca com o pulso. – E comparamos com as que tiramos do cabo da faca e, bom, elas não combinam. Por isso pensei "que porra é essa", entende?

– Claro.

– Então pensei "e se por acaso eram dois caras?" porque o que mais poderia ser, né? – Ele deu de ombros e, infelizmente para todos nós, tirou outro palito do bolso de sua camisa, colocou-o na boca e começou a mastigar. – E por isso tive que perguntar a você novamente o que tinha visto.

Ele me olhou com uma expressão de estupidez completamente focada e tive que fechar os olhos para pensar em tudo aquilo. Repassei a cena mais uma vez na minha cabeça: Deborah esperando na porta, a porta se abrindo, Deborah mostrando o distintivo e caindo repentinamente – mas tudo que eu conseguia ver na minha mente era o perfil do homem, sem nenhum detalhe. A porta se abriu, Deborah mostrou o distintivo, o homem de perfil... não, era só isso mesmo. Não havia mais detalhes. Cabelo preto, camiseta, mas isso servia para metade do mundo, incluindo o Doncevic que chutei um pouco depois.

Abri meus olhos. – Acho que era o mesmo cara – falei, e mesmo não querendo dar mais nada a ele, acabei dando. Afinal de contas, ele era o representante da Verdade, Justiça e Estilo de Vida Americano, por mais sem atrativos que fosse. – Mas, para falar a verdade, não tenho como ter certeza. Foi tudo muito rápido.

Coulter mordeu o palito. Assisti enquanto ele pulava no canto da boca dele enquanto o detetive tentava se lembrar de como falar. – Então poderiam ser dois caras – ele acabou dizendo.

– Acho que sim.

– Um a esfaqueia, corre pra dentro, "merda, o que faço?". O outro diz, "merda", e corre para olhar, e você acerta ele.

– É possível – respondi.

– Dois deles – ele repetiu.

Não vi razão para responder a mesma pergunta duas vezes, então fiquei ali sentado assistindo ao palito se mover. Se eu achava que estava cheio de rumores desagradáveis antes, aquilo não era nada se comparado ao redemoinho de desconforto que se formava em mim agora. Se as digitais de Doncevic não estavam na faca, ele não tinha esfaqueado Deborah; aquilo era elementar, caro Dexter. E se não tinha esfaqueado Deborah, ele era inocente e eu tinha cometido um erro enorme.

Aquilo não deveria ter me incomodado. Dexter faz o que tem que fazer e a única razão de ele fazer com quem merece é por causa do treinamento de Harry. Pelo Passageiro das Trevas, poderia muito bem ser aleatório. O alívio seria igualmente doce para nós. O jeito que escolho é meramente a lógica fria da faca imposta por Harry.

Mas era possível que a voz de Harry estivesse mais enraizada em mim do que eu imaginava, porque a ideia de que Doncevic talvez fosse inocente estava me fazendo entrar em parafuso. E antes que eu pudesse controlar essa sensação desconfortável e desagradável, percebi que Coulter estava me encarando.

– Sim – falei, sem saber ao certo o que aquilo significava.

Coulter jogou o outro palito novamente na lixeira. E errou de novo. – E onde está o outro

cara?

– Não sei – respondi. E não sabia mesmo.

Mas queria muito descobrir.

---

1 Refrigerante com gosto de soda e cor verde-limão que é muito famoso nos Estados Unidos. (N. T.)

Capítulo 16

JÁ TINHA OUVIDO MEUS COLEGAS DE TRABALHO FALAREM SOBRE a "preguiça monstro", e sempre pensei que era abençoado por não ter a habilidade de abrigar algo com um nome desses. Mas as últimas horas do meu dia não podem ser descritas de outra forma. Dexter, da Faca Afiada, Dexter, o Senhor das Sombras, Dexter, o Duro, Afiado e Totalmente Vazio estava com uma preguiça monstro. Era desconfortável, claro, mas devido à natureza da coisa, eu não tinha energia nenhuma para fazer algo a respeito. Fiquei sentado à mesa brincando com *Clip*es e torcendo para afastar as imagens da minha cabeça assim tão facilmente. Deborah caindo, meu pé encontrando a cabeça de Doncevic, a faca subindo, a serra descendo...

Preguiça Monstro. Era tão estúpido quanto embaraçoso e enervante. Certo, tecnicamente falando, Doncevic era meio que inocente. Eu tinha cometido um errinho de nada. Grande coisa. Ninguém é perfeito. Por que eu deveria fingir que era? Como iria imaginar que me sentiria mal por tirar a vida de um inocente? É, absurdo. E, além disso, o que é a inocência? Doncevic estava brincando com corpos de pessoas mortas, e causou prejuízos de milhões de dólares à cidade e à indústria do turismo. Muitas pessoas em Miami o teriam matado com prazer para fazer com que o sangramento de dinheiro parasse.

O único problema é que eu não era uma dessas pessoas.

Eu não era grande coisa e sabia disso. Nunca fingi ter nenhuma humanidade e com certeza não fiquei dizendo a mim mesmo que o que eu fazia era certo apenas porque meus amiguinhos de brincadeira eram farinha do mesmo saco. E pra falar a verdade, tenho certeza de que o mundo seria um lugar muito melhor sem mim. Mas também nunca tive pressa em fazer o mundo ficar melhor desse jeito. Quero ficar por aqui o máximo que puder, porque, quando você morre, ou tudo acaba para sempre ou Dexter vai ter uma surpresa bem quente. Nenhuma das opções me parecem muito boas.

Então eu não tinha ilusões quanto ao meu valor para o resto do mundo. Fazia o que tinha que fazer e não esperava nenhum agradecimento. Mas todas as vezes anteriores, desde a primeira vez, eu tinha feito pelas regras estabelecidas pelo Santo Harry, meu quase perfeito pai adotivo. Desta vez eu tinha quebrado as regras e, por razões que não estão claras para mim, aquilo me fez querer ser pego e punido. E não conseguia me convencer de que aquela fosse uma sensação saudável.

Então lutei com a Preguiça até a hora de ir embora e, sem nenhum aumento na minha energia, fui até o hospital novamente. O tráfego da hora do *rush* não ajudou em nada o meu

ânimo. As pessoas pareciam fazer seus movimentos sem uma verdadeira raiva homicida. Uma mulher me deu uma fechada e jogou meia laranja no meu para-brisa, e um homem em uma van tentou me jogar pra fora da estrada, mas me pareceu que eles faziam aquilo de forma mecânica, não realmente botando o coração nas tarefas.

Quando cheguei ao quarto de Deborah, Chutsky estava dormindo em sua cadeira e roncando alto o suficiente para fazer a janela tremer. Me sentei e fiquei vendo as pálpebras de Deborah tremerem. Pensei que aquilo provavelmente era uma boa coisa, indicando que ela estava alcançando seu sono REM e com isso melhorando. Imaginei o que ela acharia do meu pequeno erro quando acordasse. Considerando o seu comportamento logo antes de ser esfaqueada, não me parecia que seria muito compreensiva, mesmo tendo sido escorregão tão pequeno. Afinal, ela estava tão presa à Sombra de Harry quanto eu, e se mal podia tolerar o que eu fazia com a Aprovação de Harry, nunca concordaria com algo que ficasse de fora dos cuidadosos limites dele.

Debs jamais poderia saber o que fiz. O que não era um grande problema, se considerarmos que sempre escondi tudo dela até recentemente. Mas, por alguma razão, isso não me fez sentir melhor desta vez. Eu tinha feito aquilo por ela, além das outras razões – a primeira vez que agi por causa de impulsos nobres, e aquilo acabou virando uma coisa muito errada. Minha irmã era um péssimo Passageiro das Trevas.

Ela moveu a mão, só uma tremida, e seus olhos se abriram. Seus lábios se abriram um pouquinho e tenho certeza de que seus olhos focaram em mim por um momento. Me inclinei em sua direção, ela me olhou e depois suas pálpebras se fecharam novamente.

Ela estava melhorando aos poucos, e ia mesmo sair dessa, eu tinha certeza. Poderiam ser semanas em vez de dias, mas, mais cedo ou mais tarde, ela iria se levantar daquele cama de aço horrível, iria trabalhar e voltar a ser a velha Deborah. E quando isso acontecesse...

... o que ela faria a meu respeito?

Eu não sabia. Mas tinha uma sensação ruim de que não seria algo divertido para nenhum de nós, pois, como eu tinha percebido, nós dois vivíamos à sombra de Harry, e tenho certeza de que sabia o que Harry iria dizer.

Harry diria que era errado, porque não era esse o *design* que ele tinha feito para a vida de Dexter, como bem me lembro.

Harry em geral parecia muito contente quando entrava em casa vindo do trabalho. Acho que ele nunca estava verdadeiramente feliz, mas sempre *parecia* estar, e esta foi uma das primeiras lições importantes que me ensinou: *faça o seu rosto combinar com a ocasião*. Parece uma observação óbvia e simples, mas, para um monstro novato ainda tentando entender que era diferente, foi uma lição vital.

Me lembro de estar sentado em uma grande figueira-de-bengala no nosso quintal uma tarde porque, francamente, era o que os outros garotos da vizinhança faziam, mesmo antes do que se poderia chamar de idade boa de se escalar árvores. Elas eram um ótimo lugar para se sentar, com seus grandes galhos horizontais, e também serviam de clube para todos os que

tinham menos de dezoito anos.

Por isso me sentei na minha uma tarde, torcendo para que as pessoas da vizinhança me confundissem com uma pessoa normal. Estava em uma idade onde tudo começa a mudar, e percebi que eu mudava de um jeito bem diferente. Para começar, diferentemente dos outros meninos, não estava completamente desesperado para ver embaixo da saia de Bobbie Gelber quando ela subia em uma árvore. E depois...

Quando o Passageiro das Trevas começou a sussurrar pensamentos maliciosos, percebi que era uma Presença que sempre estivera ali, apenas não tinha falado até agora. Mas nesse momento, quando meus contemporâneos estavam começando a compartilhar exemplares da *Playboy*, ele me mandava sonhos com ilustrações um pouco diferentes, talvez da *Revista da Vivissecção*. E apesar de as imagens serem pertubadoras em princípio, elas começaram a parecer cada vez mais naturais, inevitáveis, desejáveis e, finalmente, necessárias. Mas uma outra voz, igualmente forte, me disse que aquilo era errado, que era loucura e muito perigoso. E na maior parte do tempo as vozes lutavam e empatavam, por isso eu sonhava mas não fazia mais nada, como todos os meninos humanos da minha idade.

Mas, em uma noite maravilhosa, os dois sussurros se juntaram quando percebi que Buddy, o cachorro dos Gelbers, não deixava minha mãe dormir com seus latidos. E aquilo não era uma boa coisa. Minha mãe estava morrendo de uma doença incurável e misteriosa chamada linfoma, e ela precisava dormir. Me ocorreu que ajudar minha mãe a dormir seria uma ótima coisa a fazer, e as duas vozes concordaram com isso – uma meio que relutantemente, claro, mas a outra, aquela Sombria, concordou com um apetite que me deixou meio tonto.

E foi assim que Buddy, o cachorro que latia sem parar, iniciou Dexter no seu caminho. Foi algo desajeitado, claro, e muito mais bagunçado do que eu havia planejado, mas também foi muito bom, e certo e necessário...

Nos meses seguintes aconteceram alguns poucos experimentos menores, espaçados com cuidado, amigos de brincadeira escolhidos cuidadosamente, pois mesmo na minha fase de autodescoberta com o sangue correndo loucamente pelas veias, eu entendia que, se todos os animais de estimação da vizinhança desaparecessem, alguém iria começar a fazer perguntas. Mas eu podia caminhar, ou ir de bicicleta para um outro bairro e, de algum jeito, o jovem Luke Darkwalker[1] seguiu em frente, aprendendo aos poucos a ser o agradável eu mesmo. E porque me sentia muito ligado aos meus experimentos, eu os enterrava bem à mão, atrás de uns arbustos no nosso quintal.

Claro que hoje sei que aquilo não era bom. Mas, naquela época, tudo parecia tão inocente e maravilhoso e eu queria olhar para os arbustos e mergulhar no brilho quente das memórias de quando em quando, e cometi o meu primeiro erro.

Então, naquela tarde preguiçosa, estava sentado em minha árvore quando Harry estacionou, saiu do carro e parou. Ele estava com sua cara de trabalho, aquela que dizia: Eu já vi de tudo e não gostei da maior parte. E ficou parado ao lado do carro por um longo momento,

olhos fechados, não fazendo nada além de respirar.

Quando abriu os olhos novamente, já tinha uma outra expressão no rosto, uma que dizia: Estou em casa e me sinto muito bem com isso. Ele deu um passo em direção à porta, eu pulei da árvore e corri em direção a ele.

– Dexter. Como foi seu dia na escola?

De verdade, tinha sido igual a todos os outros dias, mas mesmo naquela época eu já sabia que não seria uma resposta apropriada. – Foi bom. Estamos estudando o comunismo.

Harry assentiu. – É importante saber sobre isso. Qual a capital da Rússia?

– Moscou – falei. – Mas antes era São Petersburgo.

– É mesmo? E por que eles mudaram?

Dei de ombros. – Porque agora são ateus. Não podem ter santos de nada, porque não acreditam mais nessas coisas.

Ele pôs a mão no meu ombro e começamos a caminhar em direção à casa. – Isso não me parece ser muito divertido.

– Você não, hã, lutou contra os comunistas? – perguntei, querendo dizer *matou*, mas não me atrevendo. – Quando estava na Marinha?

Harry fez que sim com a cabeça. – Isso mesmo. O comunismo ameaça o nosso jeito de viver. Por isso é importante lutar contra.

Chegamos à porta da frente e ele gentilmente me empurrou na sua frente, para dentro do delicioso cheiro de café fresco que Doris, minha mãe adotiva, sempre tinha pronto para quando Harry chegasse do trabalho. Ela ainda não estava doente o suficiente para não conseguir se mexer, e esperava por ele na cozinha.

Eles passaram pelo ritual de tomar café e conversar silenciosamente, como faziam todos os dias, e era um quadro tão perfeito e corriqueiro que eu teria me esquecido dele completamente se não fosse pelo que aconteceu naquela noite.

Doris já estava na cama. Ela começou a dormir cada vez mais cedo quando o câncer foi piorando, e precisava cada vez mais de remédios para a dor. Harry, Deborah e eu estávamos reunidos em frente à televisão, como sempre. Assistíamos a um seriado, mas não me lembro qual. Eram tantos naquela época que todos poderiam ser descritos pelo título "*Minorias engraçadas e o Cara branco*".

O grande propósito daqueles programas era mostrar para todos nós que, apesar de pequenas diferenças, éramos todos iguais. Fiquei esperando por alguma pista de que aquilo me incluía também, mas Freddie Prinze e Redd Foxx nunca picaram um vizinho. Mesmo assim, todos pareciam gostar do seriado. Deborah ria alto e Harry mantinha um sorriso contido no rosto. Eu fazia o meu melhor para não chamar a atenção e me enquadrar naquela hilaridade.

Mas, bem no meio da cena mais importante, quando íamos aprender que somos todos iguais e depois nos abraçaríamos, a campainha tocou. Harry fez uma careta, mas se levantou e foi até a porta, ainda com um olho na TV. Como eu já tinha adivinhado como o seriado terminaria e não era fã de abraços artificiais de compaixão, fiquei olhando Harry. Ele acendeu a

luz de fora, olhou pelo olho mágico, destrancou a porta e a abriu.

– Gus – ele disse surpreso. – Entre.

Gus Rigby era o amigo mais antigo dele na polícia. Eles foram padrinhos de casamento um do outro, e Harry era o padrinho da filha de Gus, Betsy. Desde o divórcio, Gus sempre vinha à nossa casa em feriados e ocasiões especiais, apesar de que não tanto agora que Doris estava doente. E ele sempre trazia torta de limão e kiwi.

Mas ele não estava com uma cara sociável agora e nem trazia uma torta. Parecia nervoso e exausto, e falou: – Precisamos conversar – passou por Harry e entrou.

– Sobre o quê? – Harry perguntou, ainda mantendo a porta aberta.

Gus se virou e rosnou para ele: – Otto Valdez voltou para as ruas.

Harry olhou para Gus. – Ele foi solto?

– O advogado deu um jeito. Disse que foi força excessiva.

Harry assentiu. – Você foi mesmo duro com ele, Gus.

– Ele é um estuprador de bebês. Queria o quê, que eu desse um beijo nele?

– Certo – Harry falou, fechou os olhos e trancou a porta. – E por que precisamos falar disso?

– Ele está atrás de mim – Gus falou. – O telefone toca e ninguém fala nada, só respira. Mas sei que é ele. E recebi um bilhete por baixo da porta. Na minha *casa*, Harry!

– E o que o tenente falou?

Gus chacoalhou a cabeça negativamente. – Quero fazer isso eu mesmo. Por fora. E quero que me ajude.

Com um sincronismo maravilhoso que só a vida real tem, o programa da TV acabou e os risos falsos explodiram exatamente quando Gus terminou de falar. Deborah riu também, e finalmente levantou a cabeça. – Oi, tio Gus – ela falou.

– Oi, Debbie. Você está cada dia mais bonita.

Debs franziu a testa. Já naquela época ela se envergonhava de ser bonita, e não queria ser lembrada daquilo. – Obrigada – ela falou de forma meio rabugenta.

– Vamos para a cozinha – Harry falou, pegando Gus pelo cotovelo e o levando.

Eu sabia perfeitamente que Harry estava levando Gus para a cozinha para que eu e Deborah não ouvíssemos o que iria ser dito, e é claro que aquilo me fez querer ouvir mais ainda. E Harry não disse especificamente: "Fiquem aqui e não ouçam"... – o que também não me impediria nem um pouco.

Então me levantei da frente da TV e casualmente entrei no corredor e fui até o banheiro. Parei no corredor e olhei para trás: Deborah já estava vidrada no programa seguinte, então deslizei para uma pequena sombra e fiquei ouvindo.

– ... o tribunal cuidará disso – Harry dizia.

– Como cuidou até agora? – parecendo mais nervoso do que eu jamais tinha visto. – Vamos, Harry, você sabe como são as coisas.

– Não somos justiceiros, Gus.

– Bom, então talvez devêssemos ser, caramba!

Houve uma pausa. Ouço a porta da geladeira se abrindo e então o som de alguém abrindo uma cerveja. Mais um momento se passa e ninguém diz nada.

– Ouça, Harry – Gus fala. – Já somos policiais há um bom tempo.

– Quase vinte anos – Harry responde.

– E, desde o primeiro dia, você não sentiu que o sistema simplesmente não funciona? Que os maiores filhos da puta sempre encontram um jeito de sair e voltar para as ruas? Hein?

– Isto não quer dizer que temos o direito de...

– E quem tem esse direito, Harry? Se nós não temos, quem tem?

Houve outra pausa longa. E finalmente Harry respondeu, muito suavemente, e tive que me esforçar para ouvir.

– Você não esteve no Vietnã. – Gus não respondeu. – Uma coisa que aprendi lá é que algumas pessoas conseguem matar a sangue-frio, outras não. E a maioria de nós não consegue. – Harry falou. – Isso causa coisas ruins em você.

– O que está dizendo? Você concorda comigo, mas não consegue fazer? Se tem alguém no mundo que merece, Harry, é Otto Valdez...

– O que está fazendo? – ouvi a voz de Deborah dizer ao lado da minha orelha. Pulei tão forte que bati a cabeça na parede.

– Nada – respondi.

– Lugar engraçado para não fazer nada – ela falou, e como não mostrou nenhuma inclinação para se mover, decidi que não ia ouvir mais nada e voltei para a Zumbilândia na frente da TV. Já tinha ouvido o suficiente para entender o que estava acontecendo, e estava fascinado. O querido e adorado tio Gus queria matar alguém e queria que Harry o ajudasse. Meu cérebro vibrava de excitação, procurando freneticamente um jeito de convencê-los a me deixar ajudar – ou pelo menos assistir. Que mal haveria nisso? Era quase um dever cívico!

Mas Harry se recusou a ajudar Gus, e, um pouco mais tarde, ele foi embora de nossa casa parecendo alguém que soltou todo o ar de dentro de si. Harry voltou para a TV junto comigo e Debs e passou a meia hora seguinte tentando fazer sua cara de feliz de novo.

Dois dias depois, acharam o corpo do tio Gus. Ele tinha sido mutilado, decapitado e aparentemente torturado primeiro.

E três dias depois, sem eu saber, Harry encontrou meu pequeno cemitério de animais no quintal. Nas semanas seguintes, peguei ele olhando para mim com seu olhar de policial. Naquela época eu não sabia por que, e era algo intimidador, mas eu era jovem e bobo demais para articular a frase: "Pai, porque está me olhando com essa expressão tão particular?".

Em todo caso, o porquê da questão se tornou claro um pouco depois. Três semanas depois de o tio Gus encontrar o seu fim prematuro, Harry e eu fomos acampar em Elliott Key, e com apenas algumas frases que começaram com "Você é diferente, filho", Harry mudou tudo para sempre.

O plano dele. O *design* que ele tinha para o Dexter. Seu mapa perfeitamente desenhado,

sensato e sensível para que eu fosse eternamente o maravilhoso eu mesmo.

E agora eu tinha quebrado o Código, pego um desvio pequeno e perigoso. Quase podia vê-lo sacudindo a cabeça negativamente e virando seus olhos azuis e frios como o gelo para mim.

– Vamos precisar enquadrar você – Harry teria dito.

---

1 Brincadeira com o nome de Luke Skywalker, personagem de *Guerra nas estrelas* O autor trocou o *Sky* (céu) pelo *Dark* (sombrio) e assim o nome passou a significar algo como o Andarilho Sombrio. (N. T.)

Capítulo 17

UM RONCO PARTICULARMENTE ALTO DE CHUTSKY ME TROUXE de volta ao presente. Foi tão alto que uma das enfermeiras enfiou a cabeça no quarto e checou todos os marcadores, calibragens e máquinas antes de ir embora, com uma olhadela de desconfiança para nós dois, como se tivéssemos feito sons terríveis de propósito apenas para deixar as máquinas bravas.

Deborah mexeu um pouquinho uma perna, apenas o suficiente para provar que estava viva, então voltei todo o caminho até a terra das memórias. Em algum lugar por lá, havia alguém que era culpado por enfiar uma faca em minha irmã. Aquilo era tudo o que importava. Alguém tinha mesmo feito aquilo. Era uma enorme ponta solta que eu precisava pegar e prender certinho para que tudo ficasse bem. Porque, só de pensar em algo tão grande inacabado e sem punição, fazia com que eu tivesse uma vontade enorme de limpar a cozinha e arrumar a cama. Era uma bagunça pura e simples, e Dexter não gostava de bagunça.

Um outro pensamento enfiou a cabeça na sala. Tentei espantá-lo, mas ele continuava voltando, abanando o rabo e pedindo carinho. E quando eu aceitei, me pareceu ser um bom pensamento. Fechei os olhos e tentei visualizar a cena mais uma vez. A porta se abrindo – e continua aberta quando Deborah mostra o distintivo e então cai. E ainda está aberta quando chego ao lado dela... o que quer dizer que mais alguém poderia estar lá dentro olhando para fora. E isso quer dizer que, em algum lugar, pode ser que exista alguém que conhece o meu rosto. Uma segunda pessoa, exatamente como o detetive Coulter sugeriu. Era quase um insulto admitir que um tolo patético como ele pode estar certo a respeito de algo, mas, por outro lado, Isaac Newton não rejeitou a gravidade apenas porque a maçã tinha um QI baixo.

E para a alegria da minha autoestima, eu estava um passo à frente de Coulter, porque talvez eu soubesse o nome dessa hipotética segunda pessoa. Tínhamos ido atrás de alguém chamado Brandon Weiss, para perguntar a respeito de ameaças feitas à Secretaria de Turismo, e de alguma forma acabamos encontrando Doncevic. Era bem possível que fossem dois deles morando juntos...

Outro pequeno trem foi chegando à estação. Arabelle, a faxineira do Joe's, viu dois turistas *gays* com suas câmeras. E eu tinha visto dois homens que se encaixavam na descrição em Fairchild Gardens, também com câmeras, filmando a multidão. Um vídeo sobre a cena de um dos crimes chegou à Secretaria de Turismo e começou tudo isso. Não era uma conclusão, mas já era um bom começo e eu estava animado, pois provava que uma certa quantidade de atividade mental poderia estar retornando ao Ciber-Dex.

E como que para provar aquilo, pensei em mais uma coisa. Dando um passo à frente, se esse hipotético Weiss tem acompanhado a história pela mídia, o que parece bem provável, ele sabe quem eu sou e possivelmente acha que deve bater um papo comigo, no sentido Dexteriano do mundo. Ou Dexterose? Provavelmente não, este não era um pensamento doce e não me preenchia com um sentimento feliz de sociabilidade. Significava que ou eu teria que me defender com sucesso quando ele aparecesse, ou ele me venceria. De qualquer forma isso seria um negócio malfeito, com um corpo, muita publicidade e tudo isso ligado à minha identidade secreta, Dexter Diurno, o que era algo que eu gostaria muito de evitar, se possível.

E tudo isto significava apenas uma coisa: eu precisava achá-lo primeiro.

Esta não era uma tarefa que me intimidasse. Passei minha vida adulta ficando muito bom em achar coisas ou pessoas com o computador. Na verdade, tinha sido exatamente esse talento que colocara Debs e eu nessa confusão, então havia uma certa simetria na ideia de que essa mesma habilidade iria me tirar dela.

Muito bem, ao trabalho. Hora de ouvir o chamado das trombetas e me embrenhar em meu confiável computador.

E como sempre parece acontecer quando eu chego ao ponto de agir decisivamente, tudo começa a acontecer de uma vez só.

Quando respiro fundo, me preparando para me levantar, Chutsky abre os olhos de repente e diz: – Opa, olá, camarada, o médico disse... –, mas ele é interrompido pelo som do meu celular tocando, e quando estico a mão para pegar, o médico entra no quarto e diz: – Muito bem – com dois residentes vindo atrás dele.

E então, em uma confusão de palavras disparadas sem parar do médico, do telefone e de Chutsky: – Olá, camarada, é o médico... escoteiros-mirins, e a amiga de Astor está com caxumba... o sistema nervoso central parece estar respondendo bem a...

Mais uma vez eu fico muito feliz de não ser normal, pois uma pessoa comum teria jogado a cadeira no médico e saído correndo do quarto gritando. Em vez disso, aceno para Chutsky, fico de costas para os médicos e me concentro no telefone.

– Me desculpe, não estava conseguindo ouvir – falo. – Pode repetir, por favor?

– Disse que seria de grande ajuda se você pudesse vir para casa – Rita falou. – Se não estiver muito ocupado. Cody tem a primeira reunião dos escoteiros-mirins esta noite e Lucy, a amiga de Astor, está com caxumba. Isso quer dizer que ela não pode ficar lá, então um de nós precisa ficar com ela em casa. Por isso pensei, quem sabe? A menos que você esteja preso de novo no trabalho.

– Estou no hospital.

– Ah. Bom, então... Ela está melhor?

Olhei para a pequena multidão de médicos que examinava uma pequena pilha de documentos aparentemente relacionados a Deborah. – Acho que estamos prestes a descobrir. Os médicos estão aqui neste momento.

– Bom, se for... acho que eu poderia... quer dizer, Astor pode ir junto à reunião dos

escoteiros se...

– Eu levo Cody aos escoteiros – falei. – Só vou falar com os médicos primeiro.

– Se acha que dá – Rita falou. – Porque, se não der, sabe que posso...

– Eu sei – falei, apesar de não ter ideia. – Logo estarei em casa.

– Tudo bem – ela falou. – Eu te amo.

Desliguei e me virei para os médicos. Um dos residentes levantou a pálpebra de Deborah e examinou seu globo ocular com a ajuda de uma pequena lanterna. O médico sênior observava segurando sua prancheta.

– Com licença – falei e ele olhou para mim.

– Sim – ele disse com o que reconheci ser um sorriso falso. Não chegava nem perto dos meus.

– Ela é minha irmã.

O médico assentiu com a cabeça. – O parente mais próximo, certo.

– Há algum sinal de melhora?

– Bom – ele começou. – O sistema nervoso parece estar voltando a funcionar bem, e as respostas automáticas estão boas. Ela não tem febre nem infecção, por isso o prognóstico é de uma leve melhora nas próximas vinte e quatro horas.

– Isso parece bom – falei esperançoso.

– Entretanto, preciso alertar você – com a mesma careta falsa de importância e seriedade – que ela perdeu uma quantidade imensa de sangue, o que às vezes pode levar a uma diminuição das funções cerebrais.

– Mas ainda é cedo demais para dizer, imagino – falei.

– Sim – ele respondeu concordando vigorosamente com a cabeça.– Exatamente.

– Obrigado, doutor – falei e passei por ele indo até onde Chutsky estava em pé, em um canto, para que os médicos tivessem todo o espaço que precisassem em volta de Deborah.

– Ela vai ficar bem – ele falou. – Não deixe esses caras assustarem você, ela vai ficar muito bem. Lembre-se de que eu trouxe o doutor Teidel. – Ele baixou a voz quase para um sussurro. – Sem querer ofender esses caras, mas Teidel é muito melhor. Ele me deixou novo em folha e eu estava muito pior que isto – ele falou apontando com a cabeça para Deborah. – E não tive nenhum dano cerebral.

Pensando no otimismo de Poliana que ele estava me mostrando, eu não tinha certeza sobre aquilo, mas não havia nenhuma razão para discutir com ele. – Muito bem – falei. – Ligo mais tarde para saber notícias. Tenho que resolver uns problemas em casa.

– Certo – ele disse fazendo uma careta. – Estão todos bem?

– Sim, estão. O que me preocupa mesmo são os escoteiros-mirins.

E apesar de o meu objetivo ter sido soltar uma frase de efeito final e engraçada, não é curioso que normalmente essas pequenas piadas acabam se tornando verdade?

Capítulo 18

O GRUPO DE ESCOTEIROS-MIRINS QUE RITA ENCONTROU PARA Cody se reunia na Escola Primária Golden Lakes, perto da nossa casa. Chegamos um pouco cedo e ficamos sentados no carro por um tempo. Cody olhou sem nenhuma expressão quando um grupo de garotos com mais ou menos a idade dele correu para a escola usando seus uniformes azuis. Deixei que ele ficasse ali assistindo, imaginando que um tempo de preparação era bom para nós dois.

Mais alguns carros pararam. Mais garotos de uniformes azuis correram para o prédio, aparentemente ansiosos para entrar logo. Qualquer um com coração certamente acharia aquela visão tocante – um pai estava tão enamorado com a cena que ficou parado ao lado do carro gravando o fluxo de garotos em direção à entrada. Mas Cody e eu simplesmente ficamos sentados olhando.

– Eles são todos iguais – Cody falou suavemente.

– Apenas por fora – respondi. – É algo que você pode aprender a fazer.

Ele me olhou sem entender.

– É igual a colocar um desses uniformes. Quando você *parece* igual, as pessoas pensam que você *é* igual. Você consegue.

– Por quê? – ele perguntou.

– Cody, já conversamos a respeito de por que é tão importante parecer normal. – Ele assentiu. – Isto vai ajudar você a aprender a agir como as outras crianças. É parte do seu treinamento.

– Outra parte? – ele falou, finalmente demonstrando alguma ansiedade, e eu sabia que ele estava desejando a pureza simples da faca.

– Se for bem nesta parte, poderemos passar para a próxima.

– Um animal?

Olhei para ele, vi o brilho gelado em seus pequenos olhos azuis e sabia que não havia mais volta do ponto onde ele já estava; a única coisa que eu podia fazer era passar o longo e difícil aprendizado que foi feito comigo.

– Muito bem – falei. – Talvez possamos passar para um animal.

Ele ficou me olhando por um longo momento, então assentiu com a cabeça. Descemos do carro e seguimos o grupo até a lanchonete da escola.

Lá dentro, os outros meninos – e uma menina – corriam pelo lugar fazendo muito barulho

nos primeiros minutos. Cody e eu nos sentamos em silêncio em nossas pequenas cadeiras de plástico, diante de uma mesa que tinha a altura suficiente para bater no seu joelho se você resolvesse andar por lá. Ele assistiu aos garotos em sua brincadeira barulhenta sem nenhuma expressão e nenhuma tentativa de participar, e aquilo era um começo, algo que eu poderia fazer com ele. Ele era jovem demais para ser visto como um lobo solitário – precisávamos fazer o disfarce dele começar a funcionar.

– Cody – falei e ele olhou para mim com a mesma falta de expressão.– Olhe para os outros garotos.

Ele piscou, depois girou a cabeça para olhar o resto do lugar. Assistiu sem nenhum comentário por um minuto, e depois se virou para mim· – Pronto – disse suavemente.

– O ponto é que eles estão correndo por todos os lados e se divertindo e você não – falei.

– Não mesmo.

– Então você vai se levantar – falei. – Precisa fingir que está se divertindo aqui.

– Mas não sei como – ele respondeu e isso era um enorme discurso para ele.

– Você precisa aprender. E precisa parecer igual aos outros, senão...

– Muito bem, qual o problema, garoto? – uma voz falou. Um homem grande e agressivamente animado veio até nós e pôs as mãos em seus joelhos nus para poder ficar com o rosto mais perto de Cody. Ele estava quase explodindo o uniforme de chefe dos escoteiros-mirins, e a visão de suas pernas peludas e barriga enorme parecia algo muito errado. – Não está envergonhado, né? – ele falou com um sorriso enorme e terrível.

Cody olhou para ele sem piscar por um longo momento, e o sorriso do homem começou a falhar um pouco.

– Não – Cody acabou respondendo.

– Ah, ainda bem – o homem falou, se endireitando e dando um passo para trás.

– Ele não tem vergonha – falei. – Está apenas um pouco cansado hoje.

O homem virou seu sorriso para mim, me olhou por um momento e então esticou a mão. – Roger Deutsch – falou, mantendo a mão esticada.– Sou o chefe do grupo e gosto de conhecer um pouco as pessoas antes de começar.

– Dexter Morgan – falei e apertei a mão dele. – E este é o Cody.

Deutsch esticou a mão para Cody. – Oi, Cody, muito prazer. – Cody olhou para a mão, depois para mim. Fiz que sim com a cabeça e ele colocou sua mãozinha naquela pata enorme na frente dele.

– Oi.

– Então – Deutsch disse implacavelmente –, porque veio para os escoteiros, Cody?

Cody olhou para mim. Sorri e ele se virou para Deutsch. – Para me divertir – falou, com sua carinha sem expressão parecendo que estava em um funeral.

– Ótimo – Deutsch falou. – Escotismo tem a ver com diversão. Mas tem uma parte séria também. Você pode aprender muitas coisas legais. Tem alguma coisa em especial que você gostaria de aprender, Cody?

– Entalhar animais – Cody respondeu, e tive que lutar para não cair da minha pequena cadeira.

– Cody – falei.

– Está tudo bem, senhor Morgan – Deutsch falou. – Temos vários tipos de artes manuais. Podemos começar com entalhe de sabão e depois mudar para madeira. – Ele piscou para Cody. – Se está preocupado por ele mexer com facas, não deixaremos ele se machucar.

Não me pareceu correto dizer que não estava preocupado com Cody *se* machucar com uma faca nas mãos. Ele já sabia muito bem de que lado devia segurar, e também tinha mostrado um talento precoce para achar o lugar certo de colocar a faca. Mas o fato é que Cody não aprenderia o tipo de entalhe com animais que queria nos escoteiros – pelo menos não até atingir o nível mais alto dos escoteiros, o Águia. Então falei apenas: – Vamos conversar com a mãe dele e veremos o que ela diz – e Deutsch concordou com a cabeça.

– Maravilha – ele falou. – Enquanto isso, não fique envergonhado. Pode entrar aqui com os dois pés firmes, amigão.

Cody olhou para mim e depois fez que sim com a cabeça para Deutsch.

– Muito bem – Deutsch falou, agora se endireitando completamente.– Vamos começar essa coisa então. – Fez um cumprimento de cabeça para mim e se virou para começar a reunir a tropa.

Cody sacudiu a cabeça e sussurrou alguma coisa. Me inclinei para perto dele e falei: – Quê?

– Dois pés firmes?

– É apenas uma expressão – expliquei.

Ele olhou para mim. – Expressão estúpida.

Deutsch andou pela sala pedindo silêncio, reunindo as crianças e agora eles estavam amontoados na frente da sala. Era hora de Cody entrar lá, mesmo que fosse com um pé de cada vez. Por isso me levantei e estiquei a mão para ele. – Vamos, vai dar tudo certo.

Cody não pareceu convencido, mas se levantou e olhou para o grupo de meninos normais convergindo até Deutsch. Ele se levantou e ficou o mais ereto e alto que conseguiu, respirou fundo e disse: – Certo – e então marchou para se juntar ao grupo.

Observei ele passar com cuidado por entre a multidão de garotos até encontrar seu lugar e ficar ali parado, sozinho e sendo o mais corajoso que podia. Isto não seria fácil – nem para ele, nem para mim. Haveria um embaraço natural para ele ao tentar se enturmar num grupo com o qual não tinha nada em comum. Ele era um pequeno lobo tentando fazer sua pele de cordeiro crescer e aprendendo a dizer bééééé! E se uivasse para a lua, apenas uma vez, o jogo acabava.

E para mim? Eu só poderia assistir e dar algumas dicas entre uma fase e outra. Também passei por uma fase parecida e me lembro de como era doloroso: perceber que aquilo era algo para os outros e não para mim por toda a vida – as risadas, amizades, a sensação de pertencer a algo, tudo isso eram coisas que eu nunca senti de verdade. E o pior é que, quando percebi que estava fora de tudo isso, tive de fingir que sentia, tive de aprender a mostrar uma máscara de

felicidade para esconder o vazio mortal dentro de mim.

E me lembro da terrível falta de jeito das tentativas naqueles primeiros anos: as primeiras tentativas de rir, sempre no tempo errado e parecendo inumano. E mesmo falar com os outros de forma natural e simples sobre as coisas certas e com o falso sentimento certo era muito difícil. Foi um aprendizado moroso, doloroso e embaraçoso, assistindo como os outros faziam aquelas coisas sem esforço nenhum e sentindo uma dor adicional por estar excluído da graciosa facilidade de expressão. Uma coisa pequena, saber rir. Tão sem consequências, a menos que você não saiba e tenha que aprender observando os outros, como eu fiz.

E como Cody teria de fazer agora. Teria de passar pelo difícil processo de entender que era e sempre seria diferente, e então aprender a fingir que não era diferente. E isso era só o começo, a primeira parte fácil do Código de Harry. Depois, as coisas se tornariam mais complicadas, mais difíceis e dolorosas, até que uma vida inteira artificial estivesse construída e colocada em andamento. Tudo falso o tempo todo, com apenas alguns pequenos intervalos curtos e raros demais de realidade com pontas afiadas no caminho – e eu passaria tudo isso para Cody, aquela criaturinha danificada que estava ali parada, tão cadavérica, procurando com um foco intenso por uma pista de que pertencia a algo, uma coisa que jamais aconteceria.

Será que eu tinha mesmo o direito de forçá-lo a este molde de agonia? Só porque eu tinha passado por isso queria dizer que ELE também precisava? Porque, se eu fosse sincero comigo mesmo, aquilo não estava funcionando perfeitamente para mim ultimamente. O Código de Harry, a coisa que me parecia tão clara, limpa e inteligente, tinha feito uma curva inesperada. Deborah, a única pessoa no mundo que deveria entender, duvidava se era uma coisa certa, ou mesmo se ele existia, e agora estava deitada em uma UTI enquanto eu deslizava pela cidade matando um inocente.

Será que era isso mesmo que eu queria para Cody?

Observei-o acompanhar o Juramento e não encontrei nenhuma resposta ali.

E foi um Dexter muito pensativo que voltou para casa depois do encontro, rebocando um Cody incerto e ferido.

Rita nos encontrou na porta com um olhar preocupado. – Como foi? – perguntou para Cody.

– Bem – ele respondeu, com um olhar que dizia que não tinha ido bem.

– Foi tudo bem – falei, parecendo um pouco mais convincente. – E vai melhorar muito.

– Precisa mesmo – Cody disse suavemente.

Rita olhou de Cody para mim e depois voltou. – Eu não... quer dizer, você, você... Cody, você vai continuar indo?

Cody olhou para mim e quase pude ver uma lâmina pequena e afiada passando pelos seus olhos. – Vou – ele respondeu para a mãe.

Rita pareceu aliviada. – Que ótimo – falou. – Porque é mesmo... sei que você vai... você sabe.

– Tenho certeza de que ele sabe – falei.

Meu celular começou a tocar e atendi. – Sim?

– Ela acordou – Chutsky disse. – E falou.

– Já estou indo – respondi.

Capítulo 19

NÃO SEI O QUE ESTAVA ESPERANDO QUANDO CHEGUEI AO HOSPITAL, mas não foi o que vi lá. Nada parecia ter mudado. Deborah não estava sentada na cama fazendo palavras cruzadas ou ouvindo seu iPod. Ela continuava deitada sem se mexer, cercada por máquinas e por Chutsky. Ele estava sentado na mesma posição de súplica e na mesma cadeira, apesar de ter se barbeado e trocado de camisa em algum momento.

– Fala, camarada! – ele me recebeu calorosamente quando cheguei ao lado da cama de Debs. – Estamos melhorando. Ela olhou diretamente pra mim e disse meu nome. Ela vai se recuperar totalmente.

– Ótimo – falei, apesar de não estar claro para mim que falar uma palavra significava que minha irmã já estava voando para se recuperar totalmente. – O que o médico falou?

Chutsky deu de ombros. – A mesma merda de sempre. Para não ficar com esperança demais, que é cedo demais para ter certeza, centro nervoso autônomo blá-blá-blá. – Ele levantou a mão fazendo um gesto de "que porra é essa?". – Mas eles não viram quando ela acordou, e eu vi. Ela olhou nos meus olhos e pude ver que ela está lá. Ela vai ficar bem, camarada.

Parecia não haver muito o que dizer depois disso, então balbuciei algumas palavras de incentivo, frases vazias e me sentei. E mesmo tendo esperado pacientemente por duas horas e meia, Debs não pulou da cama e começou a fazer exercícios. E nem mesmo repetiu o truque anterior de abrir os olhos e dizer o nome de Chutsky, então finalmente me arrastei para casa e para a cama sem sentir a certeza mágica de Chutsky.

Na manhã seguinte, quando cheguei ao trabalho, estava determinado a botar a mão na massa e descobrir tudo o que pudesse a respeito de Doncevic e seu parceiro misterioso. Mas mal tive tempo de colocar minha xícara de café na mesa quando recebi a visita do Fantasma do Natal que Deu Tudo Muito Errado, personificado por Israel Salguero, dos Assuntos Internos, ou Corregedoria se você preferir. Ele veio flutuando em silêncio e se sentou na cadeira à minha frente sem falar nada. Havia uma sensação de ameaça velada nos movimentos dele que eu teria admirado, se aquilo não fosse direcionado a mim, claro. Fiquei observando-o por um momento e ele também só me observou, antes de finalmente fazer um aceno de cabeça e dizer: – Eu conhecia o seu pai.

Concordei também com a cabeça e tomei um gole muito arriscado do meu café – mas sem tirar meus olhos de Salguero.

– Ele era um bom policial e um bom homem – falou suavemente, combinando com seu

modo de se mover tão silenciosamente, e também tinha um leve traço de sotaque que os cubanos americanos da geração dele tinham. Ele tinha mesmo conhecido Harry muito bem, e Harry o considerava muito também. Mas isso foi no passado, e agora Salguero era um respeitado e temido tenente dos AI, e nada de bom sairia de ele estar investigando Deborah ou a mim.

Por isso, pensando que o melhor era esperar ele dizer logo por que veio, se é que havia uma razão, tomei mais um gole de café. O gosto não era o mesmo que senti antes de ele chegar.

– Espero poder resolver esse problema o mais rápido possível. Tenho certeza de que você e sua irmã não têm com o que se preocupar.

– Não, claro que não – falei, imaginando por que não sentia segurança naquilo, talvez, claro, fosse porque toda a minha vida era construída em volta da ideia de me esconder e fingir, e ter um investigador treinado xeretando pelos cantos não era nem um pouco reconfortante.

– Se houver algo que queira me dizer, a qualquer hora – ele disse –, meu escritório está sempre aberto a você.

– Muito obrigado – falei e, como parecia não haver mais nada que eu pudesse falar, não falei. Salguero ficou me olhando por um momento, acenou com a cabeça, levantou e deslizou para fora da minha sala, e me deixou pensando o quão encrencados os Morgans estariam. Precisei de vários minutos e uma xícara cheia de café para limpar minha cabeça da visita dele e me concentrar no computador.

E, quando comecei, tive uma surpresa maravilhosa.

Apenas por reflexo, dei uma olhada na minha caixa de e-mails quando estava começando o trabalho. Havia dois memorandos do departamento que demandavam minha imediata desatenção, uma propaganda que me prometia muitos centímetros a mais do meu comprimento normal, e uma mensagem sem assunto que quase apaguei, até ver o e-mail que tinha me enviado: bweiss@aol.com.

Não deveria ter sido assim, mas demorei uns segundos para registrar o nome, e meu dedo já estava posicionado no mouse para apagar aquela mensagem quando meu cérebro teve um clique.

Bweiss. O nome parecia familiar. Talvez fosse sobrenome Weiss e o B do primeiro nome, como muitos endereços de e-mail. Aquilo fazia sentido. E se o B fosse de Brandon, faria mais sentido ainda, porque era o nome da pessoa que eu ia começar a investigar.

Que atencioso da parte dele entrar em contato.

Abri a mensagem de Weiss com grande interesse, ansioso para ver o que ele tinha para me dizer. Mas fiquei muito desapontado em ver que ele não tinha nada a dizer. Havia apenas um link de Internet, sublinhado e em azul, parado no meio da página e sem nenhum comentário.

http://youtube.com/watch?v=99lrj?42n

Mas que interessante. Brandon queria dividir os vídeos dele comigo. Mas que tipo de vídeo poderia ser? Talvez a banda de rock favorita dele? Ou um *Clipe* com uma montagem dos seriados favoritos? Quem sabe algo mais parecido com o que ele mandou para a Secretaria de Turismo. Se fosse isso, seria mais atencioso ainda.

Então, com uma sensação ao mesmo tempo calorosa e vaga crescendo no lugar onde meu coração deveria ficar, cliquei no link e esperei impacientemente que o site abrisse. Finalmente, uma pequena caixa apareceu e eu cliquei no botão de play.

Por um momento ficou tudo preto. Então, uma imagem granulada apareceu e eu estava olhando para um piso de cerâmica branca, a imagem vindo de uma câmera fixa em algum lugar próximo do teto – o mesmo ângulo de gravação do vídeo mandado para a Secretaria de Turismo. Me senti um pouco desapontado – ele tinha me mandado o link de algo que eu já tinha visto. Mas então houve um som de algo sendo arrastado, e uma movimentação no canto da tela. Uma figura sombria cambaleou para dentro da filmagem e jogou algo na cerâmica branca.

Doncevic.

E a figura sombria? O Elegante Dexter das Covinhas, é claro.

Meu rosto não estava visível, mas não havia dúvida. Eram as costas de Dexter, seu corte de cabelo de dezessete dólares, a gola da bela camisa preta de Dexter por cima do precioso e maravilhoso pescoço de Dexter...

Minha sensação de desapontamento tinha desaparecido completamente. Este era um vídeo novo afinal, algo que eu nunca tinha visto, e imediatamente fiquei muito ansioso para assistir pela primeira vez.

Fiquei vendo o Dexter do Passado se endireitar, olhar em volta e, felizmente, ainda sem mostrar o rosto para a câmera. Garoto esperto. Dexter sai do enquadramento e some. A massa na banheira se mexe um pouco e então Dexter volta e pega a serra. A lâmina zumbe, o braço sobe e...

Escuridão. Fim do vídeo.

Fiquei sentado em um estupor silencioso e atordoado. Ouvi um barulho de algo caindo no corredor. Alguém entrou no laboratório, abriu um armário, fechou e saiu. O telefone tocou, mas eu não atendi.

Era eu. Ali no YouTube. Totalmente ao vivo e em cores um pouco granuladas. Dexter das Covinhas Matadoras, agora estrelando uma pequena produção clássica. Sorria para a câmera, Dexter. Acene para esse público simpático. Nunca fui muito fã de filmes caseiros, e este fez eu gostar menos ainda. E lá estava eu, não só capturado em um vídeo, mas também no YouTube, para que todo o mundo pudesse admirar. Era mais do que minha mente conseguia acompanhar: meus pensamentos se moviam em círculos, como um video*Clip*e sendo repetido sem parar. Era eu, não podia ser verdade, mas era; eu tinha que fazer algo, mas o quê? Não sei, mas tinha que fazer algo... porque era eu...

As coisas estavam ficando interessantes, não é mesmo?

Muito bem, era eu. Obviamente havia uma câmera escondida em algum lugar acima da banheira. Weiss e Doncevic a usaram para seus projetos de decoração, e ainda estava lá quando eu apareci. O que queria dizer que Weiss ainda estava em algum lugar por lá...

Não, claro que não queria dizer isso. Hoje em dia é ridiculamente fácil conectar uma câmera à Internet e monitorar com um computador. Weiss poderia estar em qualquer lugar,

pegando o vídeo e mandando-o para mim...

Para mim, o precioso e anônimo eu mesmo, Dexter o mais modesto, que trabalha nas sombras e nunca procurou ou quis saber de qualquer tipo de publicidade para o seu bom trabalho. Mas é claro que no terrível clamor midiático pela informação que cercou este caso todo, incluindo o ataque a Deborah, com certeza meu nome deve ter sido mencionado em algum lugar. Dexter Morgan, mago forense não assumido e irmão da vítima quase assassinada. Uma foto, uma imagem em um programa de notícias de noite, e ele me acharia.

Uma massa fria e terrível começou a crescer no meu estômago. Era simples assim. Tão simples e fácil que um decorador louco descobriu quem e o quê eu era. Eu tinha sido tão esperto por tanto tempo que me acostumei a ser o único tigre da floresta. E tinha me esquecido de que, quando só existe um tigre na floresta, fica terrivelmente fácil para o caçador achar seus rastros.

E ele tinha achado. Ele tinha me seguido até a minha toca e tirado fotos de Dexter brincando, e lá estavam elas.

Meu dedo clicou no mouse quase sem querer e assisti ao vídeo de novo.

Ainda era eu. Lá no vídeo. Era eu.

Respirei fundo e deixei o oxigênio fazer sua mágica no meu processo de pensamento, ou o que tinha sobrado dele. Isto era um problema, é claro que era, mas tinha uma solução, como todos os problemas. Era hora de aplicar a lógica, botar o biocomputador gelado do Dexter em sua potência máxima para resolver o problema. Primeiro: O que esse cara queria? Por que fez aquilo? Obviamente ele queria alguma reação minha, mas qual? O mais óbvio seria pensar que ele queria vingança. Eu tinha matado o amigo dele – ou parceiro? Amante? Não interessava. Ele queria que eu soubesse que ele sabia o que eu tinha feito, e, e...

E ele tinha mandado o vídeo para mim, não para alguém que poderia fazer algo a respeito, como o detetive Coulter. O que significava que era um desafio pessoal, algo que ele não iria tornar público, pelo menos não ainda.

Só que já *era* público – estava no YouTube, era só uma questão de tempo até alguém dar de cara com aquilo e ver o vídeo. E isso significava que o tempo era um elemento. Então o que ele estava dizendo? Me encontre antes que eles encontrem você?

Tudo bem até aqui. Mas e agora? Um duelo como os do Velho Oeste, cada um com sua serra elétrica e dez passos para trás? Ou a ideia era apenas me torturar, me manter procurando por ele até eu cometer um erro, ou até ele se entediar e mandar tudo o que tinha para os jornais da noite?

Aquilo era suficiente para criar pânico em um ser mais fraco. Mas Dexter é feito de coisas muito mais duras. Ele queria que eu tentasse encontrá-lo, mas não sabia que eu tinha diploma em matéria de achar pessoas. E se eu fosse pelo menos a metade do que a modéstia me permite achar que eu era, acharia ele muito mais rápido do que ele poderia imaginar. Ótimo: se Weiss queria que eu brincasse, eu ia entrar na brincadeira.

Mas iríamos brincar pelas regras de Dexter, não pelas regras dele.

Capítulo 20

VAMOS COMEÇAR DO COMEÇO SEMPRE FOI O MEU MANTRA, EM geral porque não faz nenhum sentido – afinal, se formos começar do meio ou do fim, não seria começar, né? Mas os clichês existem para confortar as pessoas de cabeça fraca, não para significar algo de verdade. E como eu estava me sentindo meio fraco entre as orelhas no momento, me consolei um pouco com aquele ditado enquanto olhava o que os arquivos da polícia tinham sobre Brandon Weiss.

Não era muito: uma multa que tinha pago e a queixa contra ele feita pela Secretaria do Turismo. Não havia nenhum mandado contra ele, nenhuma permissão além da carteira de motorista, não tinha porte de arma – nem porte de serra elétrica, se você quer saber. O endereço dele era o que eu sabia, onde Deborah foi esfaqueada. Com mais um pouco de pesquisa, achei um endereço anterior, em Syracuse, Nova York. E antes disso tinha morado em Montreal, no Canadá. E uma checagem rápida mostrou que ele ainda era cidadão canadense.

Nenhuma pista por enquanto, nada disso se qualificava como uma pista real. Eu não esperava por nada mesmo, mas meu trabalho e o meu pai adotivo me ensinaram que fazer a lição de casa muitas vezes dá resultado. Isto era só o começo.

O próximo passo, checar o e-mail de Weiss, era um pouco mais complicado. Com uma certa dose de manobras levemente ilegais, entro na lista de usuários da AOL e descubro mais um pouquinho. O mesmo endereço que eu já tenho aparece como seu endereço principal, mas há também um número de telefone celular. Anotei, pois poderia precisar mais tarde. Fora isso, não tinha mais nada que ajudasse – o que era surpreendente, como uma empresa enorme como a AOL falha em perguntar coisas simples e vitais como: "Onde você se esconderia se Dexter estivesse atrás de você?".

Mas é claro que nada que vale a pena é fácil – outro clichê estúpido e fascinante. Afinal, respirar é superfácil para a maioria das pessoas, e acredito que muitos especialistas concordariam que é um ótimo investimento. Em todo caso, não consegui nada muito bom no arquivo da AOL a não ser o número do celular, que guardei como último recurso. Os arquivos da companhia telefônica provavelmente conteriam as mesmas informações da AOL, mas talvez eu conseguisse triangular a posição do celular, algo que já tinha feito uma vez quando quase consegui salvar o sargento Doakes de ser modificado cirurgicamente.

Não sei por que voltei ao YouTube. Talvez só quisesse me ver mais uma vez, relaxar e ser eu mesmo. Afinal, era algo que eu nunca tinha visto, e nunca achei que fosse ver. Dexter em ação de um jeito que apenas ele consegue. Assisti ao vídeo mais uma vez, maravilhado com o

quanto eu parecia gracioso e natural. Que maravilhoso senso de estilo eu demonstrava ao balançar a serra em direção à câmera. Lindo. Um verdadeiro artista. Eu deveria fazer mais trabalhos filmados.

E, com isso, outro pensamento pipocou em meu cérebro que acordava vagarosamente. Ao lado da tela, o endereço de e-mail estava em destaque. Eu realmente não sabia muito sobre o YouTube, mas sabia que, se um endereço estivesse em destaque, levaria a algum lugar. Então cliquei nele e quase imediatamente um fundo de tela laranja apareceu em uma página pessoal do YouTube. E em letras grandes e fortes espalhadas no alto da tela, estava escrito A NOVA MIAMI. Rolei um pouco a página para baixo até um box que dizia vídeos (5), com uma imagenzinha clicável para cada um. A que mostrava as minhas costas era a número quatro.

Com um grande esforço para ser metódico e não assistir à minha excitante performance de novo, cliquei no primeiro, que mostrava o rosto de um homem retorcido em uma careta de nojo. O vídeo começou e novamente o título apareceu com letras flamejantes: A NOVA MIAMI, no 1.

Então aparece um belo pôr-do-sol gravado em uma exuberante vegetação tropical – uma fileira de belas orquídeas, pássaros pousando em um pequeno lago – e então a câmera vai indo para trás, a imagem se abre e mostra o corpo que encontramos em Fairchild Gardens. Ouvimos um gemido terrível fora da imagem e uma voz meio abafada dizendo: – Oh, Jesus –, então a câmera continua indo para trás enquanto um grito agudo corta a caixa de som. Aquilo parecia estranhamente familiar, e por um momento fico confuso, por isso paro o vídeo, volto um pouco e repasso o grito. E então lembro: era o mesmo grito do primeiro vídeo, o que vimos na Secretaria de Turismo. Não sei por que estranha razão Weiss usou o mesmo grito aqui. Talvez apenas pela continuidade da marca, do mesmo jeito que o McDonald's usa sempre o mesmo palhaço. Dei play novamente; a câmera agora se movia pelo estacionamento de Fairchild Gardens, mostrando rostos que pareciam chocados, enojados ou apenas curiosos. E mais uma vez a tela rodopiou e alinhou os rostos em fileiras de quadradinhos sobre a imagem do pôr-do-sol da abertura como fundo de tela, e outras letras apareceram no alto:

A NOVA MIAMI: PERFEITAMENTE NATURAL

No mínimo, aquilo servia para acabar com quaisquer dúvidas que eu pudesse ter a respeito da culpa de Weiss. Tinha certeza de que os outros vídeos mostrariam as outras vítimas, e se completariam com imagens da multidão de curiosos. Mas, sendo cuidadoso, decidi assistir a todos eles em ordem, os cinco...

Espera um segundo: deveria haver apenas três vídeos, um para cada um dos locais que achamos. E mais um com a ótima performance de Dexter, o que daria quatro. O que era o outro? Será possível que Weiss tenha incluído mais alguma coisa, algo mais pessoal que poderia me dar uma pista de onde achá-lo?

Houve um barulho alto no laboratório e Vince Masuoka disse: – Ei, Dexter! – fechei rapidamente o navegador. Não era só falsa modéstia que me fez não querer mostrar meu incrível trabalho de atuação para o Vince. Explicar a performance seria difícil demais. E, assim

que meu monitor ficou vazio, Vince entrou em meu pequeno cubículo carregando o kit forense.

– Você não atende mais o seu telefone?

– Eu devia estar no banheiro, fazendo uma pausa – falei.

– Os maus não fazem pausa – ele falou. – Vamos, temos trabalho a fazer.

– É mesmo? O que aconteceu?

– Não sei, mas os policiais que chegaram ao local ficaram quase histéricos – Vince falou. – É alguma coisa lá em Kendall.

É claro que coisas terríveis acontecem o tempo todo em Kendall, mas poucas delas requerem minha atenção profissional. Pensando agora, eu deveria ter ficado mais curioso, mas ainda estava distraído pela descoberta do meu estrelato não intencional no YouTube, e queria muito ver os outros vídeos. Então fui junto com Vince trocando gracejos meio conscientes e imaginando o que Weiss teria revelado naquele último, e ainda não visto, vídeo. Por isso, foi com um grande choque que percebi para onde estávamos indo quando Vince parou no estacionamento, desligou o motor e disse: – Vamos.

Estávamos em frente a um grande prédio público que eu já tinha visto antes. Na verdade, eu o tinha visto um dia atrás, quando trouxe Cody para uma reunião dos escoteiros-mirins.

É claro que só podia ser coincidência. Pessoas são mortas o tempo todo, até mesmo em escolas primárias, e assumir que isso era mais do que essas coincidências engraçadas que fazem a vida ser tão interessante era acreditar que o mundo inteiro girava em torno de Dexter – o que até era verdade em parte, claro, mas eu não era louco de achar que era literalmente para o mundo todo.

Então, um perturbado e um pouco agitado Dexter seguiu Vince, passando por baixo da fita adesiva amarela até a porta lateral do prédio, onde o corpo tinha sido descoberto. E quando me aproximei da bem guardada cena do crime onde o corpo estava deitado em toda sua glória, ouvi um assobio estranho e quase idiótico, e percebi que vinha de mim. Porque, apesar da máscara transparente colada, e apesar de a cavidade respiratória ter sido aberta, limpa e preenchida com peças de uniforme e outras parafernálias de escoteiros, e apesar do fato de ser completamente impossível eu estar certo, reconheci o corpo mesmo a três metros de distância.

Era Roger Deutsch, o chefe dos escoteiros de Cody.

Capítulo 21

O CORPO TINHA SIDO ARRANJADO NA REENTRÂNCIA DA PORTA lateral do prédio, a porta que servia de saída de emergência para a lanchonete e auditório da escola. Um dos serventes tinha saído para fumar e viu aquilo, e teve que ser sedado, o que foi fácil para mim entender depois de uma olhada rápida. E depois da segunda, um exame bem mais detalhado, eu quase precisei de um sedativo também.

Roger Deutsch tinha uma corrente com um apito pendurado em volta de seu pescoço. E, igual às outras vezes, a cavidade peitoral tinha sido escavada e, depois preenchida com coisas interessantes – neste caso, um uniforme dos escoteiros, um livro colorido com os dizeres *GRANDE URSO: Manual dos escoteiros-mirins* na capa e mais uns desenhos. Dava para ver o cabo de um machado de mão e um canivete com o logotipo dos escoteiros-mirins. E quando me inclinei para olhar, vi também uma foto granulada, impressa em papel sulfite comum, com a frase SE PREPARE impressa em grandes letras pretas. A foto era de uma imagem borrada, tirada de uma certa distância, de vários garotos e um adulto entrando neste mesmo prédio. E apesar de ser impossível de provar, eu sabia muito bem quem era o adulto e uma das crianças.

Cody e eu.

Não havia erro, era a curva familiar das costas de Cody. E a mensagem era bem clara também.

Foi um momento bem estranho, ajoelhado no chão e olhando para uma foto borrada e indistinta de mim e de Cody, e imaginando se alguém veria se eu a pegasse. Eu nunca tinha adulterado evidências antes, mas também nunca tinha sido parte delas. Estava bem claro que aquela mensagem era para mim. SE PREPARE, e a foto. Era um aviso e um desafio. Sei quem você é e como machucar você. E aqui vou eu.

SE PREPARE.

E eu não estava preparado. Eu não sabia onde Weiss poderia estar, nem onde e quando seria o próximo passo dele, mas sabia que estava muitos passos à minha frente e que tinha aumentado as apostas consideravelmente. Este não era um cadáver roubado e não era anônimo. Weiss tinha matado Roger Deutsch, e não apenas modificado seu corpo. E ele tinha escolhido esta vítima com cuidado, deliberadamente para me atingir.

E era uma ameaça complexa, pois a foto dava uma outra dimensão à coisa – ela dizia que ele talvez me pegasse, ou talvez fosse atrás de Cody, ou ainda que iria me expor pelo que nós dois sabíamos que eu era. Por cima de tudo isso, o pior era saber que, se eu fosse exposto e jogado na

cadeia, Cody não teria proteção contra o que quer que Weiss pudesse fazer.

Prestei bem atenção na foto, tentando ver se mais alguém conseguiria perceber que era eu e se valia o risco de tentar pegá-la. Mas antes de eu me decidir, um golpe de penas de uma asa negra invisível passou pelo meu rosto e levantou os pelos da minha nuca.

O Passageiro das Trevas tinha ficado muito quieto até agora, se contentando em soltar um risinho desinteressado de vez em quando, e não oferecendo nenhuma observação conclusiva. Mas agora a mensagem era clara e fazia coro com aquela da foto: *Se prepare. Você não está sozinho*. E eu tinha certeza absoluta de que, em algum lugar próximo, algo estava me observando e elaborando pensamentos maus, me vigiando como um tigre vigia a sua presa.

Devagar e com muita cautela, como se tivesse apenas esquecido alguma coisa no carro, me levantei e caminhei até onde tínhamos parado o carro. Enquanto caminhava, casualmente escaneei a área do estacionamento, não olhando para nada em particular, apenas o Tonto Dexter passeando de um jeito perfeitamente normal, e por baixo do sorriso indiferente e distraído, a fumaça negra fervilhava e eu procurava algo que sabia que estava me observando.

E encontrei.

Ali, na primeira fileira do estacionamento, uns trinta metros à frente, em um lugar que proporcionava a melhor vista, estava estacionado um pequeno sedan cor de bronze. E através do para-brisa da frente, algo piscou para mim: o sol batendo na lente de uma câmera.

Ainda casualmente e com muito cuidado, apesar de sombras rugirem pelo meu corpo todo com a agudeza de uma lâmina, dei um passo em direção ao carro. À distância eu vi o brilho da câmera abaixando e o rosto pequeno e pálido de um homem, então as asas negras se sacudiram e colidiram entre nós por um longo segundo...

... e então o carro foi ligado, deu ré com uma pequena cantada de pneu, saiu do estacionamento e desapareceu no trânsito. E apesar de eu ter corrido, o máximo que consegui ver da placa foi a primeira metade, OGA, e três números que poderiam ser qualquer coisa, apesar de eu achar que o do meio poderia ser um oito ou um três.

Mas com a descrição do carro já era suficiente. Eu acharia o registro dele pelo menos. E não estaria no nome de Weiss, não poderia estar. Ninguém é tão burro assim, não com tantos seriados e informações sobre a polícia por toda a mídia. Mas surgiu uma pequena esperança. Ele fugiu rapidamente, não querendo que eu visse ele ou o carro, e talvez eu tivesse um pouco de sorte desta vez.

Fiquei ali parado por quase um minuto, deixando o vento selvagem dentro de mim se acalmar e virar algo encolhido e calmo. Meu coração batia como raramente fazia durante o dia, e percebi que tinha sido muito bom Weiss ter ficado tímido e fugido tão prontamente. Senão, o que eu teria feito? Arrancado ele do carro e o cortado em mil pedaços? Ou o prendido, para que na viatura ele começasse a contar a todos a respeito de Dexter?

Não, foi bom ele ter escapado. Vou achá-lo e nosso encontro será nos meus termos, no adequado escuro de uma noite e espero que chegue o quanto antes.

Respirei fundo, coloquei meu melhor sorriso de trabalho falso no rosto e andei para a pilha

de carne decorativa que tinha sido o chefe dos escoteiros.

Vince estava agachado ao lado do corpo quando cheguei, mas, em vez de fazer algo útil, estava apenas observando o conteúdo da cavidade e fazendo caretas. Ele se levantou quando me aproximei e disse: – O que acha que significa?

– Não tenho a menor ideia. Só mexo com borrifos de sangue, eles pagam os detetives para descobrir o que estas coisas significam.

Vince pôs a cabeça de lado e me olhou como se eu tivesse dito que deveríamos comer aquela carne. – Você sabia que é o detetive Coulter que está encarregado da investigação?

– Talvez paguem ele para fazer alguma outra coisa – falei e senti uma pequena ponta de esperança. Tinha me esquecido desse detalhe, mas valeu a pena me lembrar dele. Com Coulter encarregado do caso, eu poderia confessar, entregar vídeos de mim em ação e ainda assim ele não acharia um jeito de provar.

E foi com algo próximo de um bom humor que voltei ao trabalho – temperado com grande impaciência de que acabasse logo para poder voltar ao meu computador e achar Weiss. Felizmente, havia muito pouco sangue no local – parece que Weiss era o tipo de pessoa metódica que eu admiro – e portanto não havia quase nada para fazer. Terminei rapidamente e implorei por uma carona de volta à Central em uma das viaturas. O motorista, um cara grande de cabelos brancos chamado Stewart, falou do Miami Dolphins o tempo todo, aparentemente nem se importando se eu respondia ou não.

Quando chegamos à Central, eu já tinha aprendido coisas incríveis sobre a temporada de futebol americano que estava para começar, e sobre o que deveríamos ter feito na pré-temporada mas que, inexplicavelmente, acabamos estragando tudo de novo, o que com certeza nos levaria a outra temporada de incompetência e derrotas vergonhosas. Agradeci a Stewart pela carona e pelas informações importantes e voei para o meu computador.

O banco de dados dos registros de carros é uma das ferramentas mais básicas da polícia, tanto na ficção quanto na vida real, e foi me sentindo meio envergonhado que recorri a ele agora. Parecia fácil demais e saído direto de um drama televisivo pouco inteligente. Mas é claro que, se me levasse a encontrar Weiss, eu daria um jeito de superar a sensação de que tinha sido quase uma trapaça. Agora, eu realmente torcia para encontrar uma pista que me levasse a usar um pouco mais minhas capacidades intelectuais. Mas trabalhamos com as ferramentas que temos e esperamos que mais tarde alguém peça uma crítica construtiva.

Depois de apenas quinze minutos, já tinha checado todo o banco de dados do estado da Flórida, e encontrei três veículos pequenos cor de bronze com as letras OGA na licença. Um deles estava registrado em Kissimmee, o que me pareceu difícil pela distância. O outro era um Rambler 1963, e tenho certeza de que teria percebido se fosse um carro diferente como esse.

E sobrou o carro número três, um Honda 1995 registrado em nome de Kenneth A. Wimble, residente na Northwest Ninety-eighth Street em Miami Shores. O endereço ficava em uma área de residências modestas e relativamente perto do endereço na Zona do *Design* onde Deborah tinha sido esfaqueada. Não daria nem uma caminhada absurdamente longa – se, por

exemplo, a polícia aparecesse em seu pequeno ninho na Northeast Fortieth, você poderia sair facilmente pelos fundos, caminhar alguns quarteirões até achar um carro desprotegido.

Mas e depois? Se você fosse Weiss, para onde iria com o carro? Imagino que iria para bem longe de onde você o roubou. Então, provavelmente, o último lugar na terra que ele estaria era na casa da Northwest Ninety-eighth Street.

A menos que houvesse alguma ligação entre Weiss e Wimble. Seria muito natural pegar emprestado o carro de um amigo. É só para uma carnificina rápida, amigo, volto em umas duas ou três horas.

Mas é claro que, por alguma razão bizarra, não temos um Registro Nacional de Quem São Nossos Amigos. Qualquer um pensaria que isso seria uma parte vital do Ato Patriota[1] e que deveriam ter mandado rapidamente para o Congresso. Isso certamente faria o meu trabalho ficar bem mais fácil. Mas não tive essa sorte; se Weiss e Wimble eram mesmo camaradas, eu teria que descobrir do jeito difícil, fazendo uma visita pessoalmente. Era apenas procedimento padrão, de qualquer forma, mas antes eu ia ver se conseguia alguma informação sobre Kenneth A. Wimble.

Uma checagem rápida dos nossos arquivos mostrou que ele não era fichado, pelo menos não com aquele nome. As suas contas estavam pagas em dia, a não ser pela de gás que tinha ficado em atraso várias vezes. Pesquisando mais a fundo no arquivo dos impostos, descobri que Wimble era autônomo e sua profissão estava descrita como editor de vídeo.

As coincidências são sempre possíveis. Coisas estranhas e improváveis acontecem todos os dias, e nós as aceitamos, coçamos a cabeça como os caipiras em uma cidade grande e dizemos: – Nossa, mas que coisa. – Mas isto me parecia coincidência demais. Estou seguindo um escritor que deixou um rastro de vídeos, e agora o rastro me leva até um profissional de vídeo. E como sempre chega uma hora em que o investigador experiente precisa aceitar que deu de cara com algo que provavelmente NÃO é uma coincidência, eu murmuro um "arrá" bem silencioso para mim mesmo. Acho que aquilo soou bem profissional da minha parte.

Wimble estava nisso de alguma forma, em parceria com Weiss, fazendo e mandando os vídeos e, portanto, também ajudando no *design* dos corpos e na morte de Roger Deutsch. Então, quando Deborah apareceu batendo à porta, Weiss debandou para o seu outro parceiro, Wimble. Um lugar para se esconder, um carro cor de bronze para pegar emprestado, e o show podia continuar.

Muito bem, Dexter. Se arrumar e sair. Sabemos quem ele é, agora é hora de pegá-lo – antes que ele decida colocar meu nome e foto na primeira página do *Miami Herald*. Para o alto e avante. Vamos nessa.

– Dexter? Você está aí, camarada?

Eu estava. Mas de repente descobri que, apesar de ser estranho, eu realmente sentia falta de Deborah. Este era exatamente o tipo de pensamento que eu deveria estar dividindo com ela – afinal, era de dia lá fora e esse não era realmente o Território do Dexter. Ele precisa da

escuridão para virar o verdadeiro animador das festas que tem dentro de si. A luz do dia e a caçada não combinam. Com o distintivo de Deborah, eu poderia ficar escondido bem à vista, mas, sem ele... não estava nervoso, mas me sentia um pouco inseguro.

Mas não havia outra alternativa. Deborah estava em uma cama do hospital, Weiss e seu grande amigo Wimble riam de mim em uma casa na Ninety-eighth Street e Dexter ficava indeciso quanto à luz do dia. Assim as coisas não iam funcionar, não mesmo.

Levante, respire, se estique. Mais uma respiração, querido Dexter. Levante-se e vá embora. E eu fui, saí pela porta e fui até o meu carro, mas não consegui afastar a estranha sensação de desconforto.

E a sensação me acompanhou o caminho todo até Northeast Ninety--eighth Street, mesmo no reconfortante ritmo homicida do tráfego. Tinha algo errado em algum lugar e Dexter estava se metendo nesse erro de alguma foma. Mas como eu não tinha nada mais claro, continuei, e fiquei imaginando o que será que estava ruminando no fundo do meu cérebro. Será que era apenas o medo da luz do dia? Ou seria o meu subconsciente me dizendo que tinha deixado passar algo importante, algo que estava pronto para dar o bote e me morder? Repassei tudo em minha mente, mais de uma vez, e tudo terminava do mesmo jeito, o que se destacava era apenas o pensamento de que tudo era muito simples, perfeitamente conectado, coerente, lógico e certo, e eu não tinha outra alternativa a não ser agir o mais rápido que pudesse, e não devia deixar aquilo me incomodar. Quando foi que Dexter teve mais alternativas, afinal de contas? Quando é que alguém tinha alguma escolha sobre qualquer coisa, a não ser quando podia dizer – naqueles poucos dias bons que temos – quero sorvete e não torta?

Mas ainda sentia dedos invisíveis fazendo cócegas na minha nuca quando estacionei o carro do outro lado da rua, a meio quarteirão de distância da casa de Wimble. E, durante vários minutos, não fiz nada a não ser observar a rua e a casa.

O carro cor de bronze estava estacionado na rua em frente à casa. Não havia sinal de vida, nem uma pilha de órgãos deixados na calçada para serem recolhidos pelo lixeiro. Nada, apenas uma casa silenciosa em um bairro comum de Miami, cozinhando ao sol do meio-dia.

E quanto mais eu ficava sentado no carro desligado, mais percebia que também estava cozinhando, e se ficasse mais alguns minutos ali, veria minha pele se transformar em uma crosta escura e crocante. Quaisquer que fossem as dúvidas que sentisse, precisava fazer algo enquanto ainda houvesse ar no carro.

Saí e fiquei piscando no calor e naquela luz por vários segundos, e então caminhei pela rua no sentido contrário da casa de Wimble. Me movendo de forma casual e devagar, dei uma volta no quarteirão, examinando a parte de trás da casa. Não havia muito para ver: uma cerca viva crescendo por uma cerca de metal bloqueava qualquer vista da casa a partir do quarteirão lateral. Terminei de dar a volta no quarteirão, atravessei a rua e fui até o meu carro.

Fiquei ali parado, piscando com a claridade e sentindo o suor escorrer pela testa e cair nos meus olhos. Eu sabia que não poderia ficar ali parado muito tempo sem chamar atenção. Tinha que fazer algo, ir até a casa ou entrar no meu carro, voltar para casa e esperar para me ver no

programa de notícias da noite. Mas com aquela vozinha vil e irritante ainda guinchando no meu cérebro que havia algo errado, fiquei ali parado mais um pouco, até que algo pequeno e frágil dentro de mim estourou, e finalmente eu falei: Certo. Que venha então, o que quer que seja. Qualquer coisa é melhor do que ficar aqui parado contando as gotas de suor caindo.

Lembrei-me de algo que poderia ajudar, para variar um pouco, então abri o porta-malas. Eu tinha deixado uma prancheta lá, que já havia sido muito útil em várias investigações anteriores a respeito do estilo de vida dos maus e infames, e também uma gravata de encaixar. De acordo com minha experiência, você poderia ir a qualquer lugar, de dia ou de noite, se estivesse usando uma gravata e carregasse uma prancheta. Por sorte, hoje eu estava usando uma camisa que também abotoava a gola, então coloquei a gravata, peguei a prancheta e uma caneta e caminhei até a casa de Wimble. Apenas um oficial semi-importante de alguma coisa que estava aqui para checar algo.

Dei uma olhada na rua: havia várias árvores e muitas das casas tinham gramados com árvores frutíferas. Ótimo: hoje eu seria o inspetor Dexter, do Departamento de Inspeção das Árvores. Isto me permitiria me mover perto da casa com uma atividade semilógica me dando cobertura.

Mas e depois? Eu conseguiria entrar e pegar Weiss de surpresa em plena luz do dia? O brilho quente do sol me fazia pensar que era muito improvável. Não havia o conforto da escuridão, nenhuma sombra que me envolvesse e escondesse a minha aproximação. Eu estava o mais completamente visível e óbvio possível, e se Weiss desse uma olhada pela janela e me reconhecesse, o jogo acabaria antes de começar de verdade.

Mas que escolha eu tinha? Era ele ou eu, e, se não fizesse nada, ele provavelmente faria muita coisa, talvez me expondo e partindo para ferir Cody e Astor, ou quem sabe o que mais. Eu tinha que pegá-lo e detê-lo.

E quando me endireitei para começar, um pensamento inoportuno forçou seu caminho na minha mente: Era isso que Deborah pensava de mim? Será que ela me via como um tipo de obscenidade selvagem, golpeando e cortando a paisagem com uma ferocidade impetuosa? Será que era por isso que ela estava tão chateada comigo ultimamente? Porque tinha formado uma imagem de mim como um monstro voraz? Aquilo foi tão doloroso que por um momento não consegui fazer mais nada além de piscar para tirar as gotas de suor que escorriam da minha testa. Aquilo era injusto, totalmente injusto: claro que eu era um monstro, mas não daquele tipo. Eu era limpo, focado, educado e muito cuidadoso para não causar nenhum inconveniente para os turistas com partes de corpos espalhadas por aí. Como ela não conseguia ver aquilo? E como eu podia fazer com que ela visse a beleza muito bem organizada do caminho no qual Harry tinha me colocado?

E a primeira resposta era, eu não podia – não se Weiss continuasse vivo e livre. Porque, assim que meu rosto aparecesse nos jornais, minha vida acabaria e Deborah não teria mais escolhas do que eu teria ou que tenho agora. À luz do dia ou não, eu precisava fazer isso, e tinha que ser rápido e bem-feito.

Respirei fundo e fui até a casa ao lado da de Wimble, prestando bastante atenção às árvores e fazendo anotações na minha prancheta. Me movi devagar passando pela entrada da casa. Ninguém pulou em cima de mim com um machete nos dentes, então voltei e parei em frente à casa e fui à de Wimble.

Havia algumas árvores suspeitas a serem examinadas, então olhei para elas, tomei notas e andei para mais perto da entrada. Não havia nenhum sinal ou som de vida vindo da casa. Mesmo sem saber o que iria ver, me movi mais para perto tentando ver algo, não apenas as árvores. Olhei cuidadosamente para a casa, notando que todas as janelas estavam com as cortinas fechadas. Não se podia enxergar nada lá dentro e nem nada aqui fora. Fui longe o bastante na entrada para ver que havia uma porta dos fundos acima de dois degraus de cimento. Fui até ela bem casualmente, tentando ouvir qualquer barulho, sussurro ou gritos de "Cuidado! Ele está aqui!", mas nada. Fingi notar uma árvore no quintal, perto de um botijão de gás e a apenas uns sete metros da porta, e fui até lá.

Nada ainda. Continuei escrevendo. Tinha uma janela na parte de cima da porta, com a persiana fechada. Andei até lá, subi os degraus e olhei para dentro. Pude ver um corredor escuro com uma máquina de lavar, uma secadora e algumas vassouras e rodos pendurados na parede. Coloquei a mão na maçaneta e girei bem devagar e silenciosamente. Estava destrancada. Respirei fundo...

... e quase pulei para fora de minha própria pele quando um grito horrível e aterrador veio lá de dentro. Era o som de angústia, terror e um pedido tão claro de socorro que mesmo o Desinteressado Dexter foi em frente por reflexo, e já estava com um pé dentro da casa quando uma perguntinha pequenina passou pelo piso do meu cérebro, e pensei: *já ouvi este grito antes.* E quando meu outro pé se moveu mais para dentro da casa, pensei: *É mesmo? Onde?* A resposta veio rápido, o que era reconfortante: Era o mesmo grito que estava nos vídeos da "Nova Miami" que Weiss fez.

... o que queria dizer que era um grito gravado.

... o que queria dizer que tinha a intenção de me atrair lá para dentro.

... o que queria dizer que Weiss estava preparado e me esperando.

Não é algo lisonjeiro para o meu eu tão especial, mas a verdade é que parei por um segundo para admirar a velocidade e a clareza do meu processo mental. E então, para minha sorte, obedeci minha voz interior que gritava *Corra, Dexter, corra!*, e saí voando da casa e em direção à entrada, a tempo de ver o carro cor de bronze voando pela rua.

E então uma mão enorme se levantou e me derrubou no chão, com um vento quente passando por mim, e a casa de Wimble desapareceu em meio às chamas e uma chuva de detritos.

---

1 Lei antiterrorismo sancionada pelo ex-presidente dos Estados Unidos, George W. Bush. (N. T.)

Capítulo 22

FOI O GÁS – O DETETIVE COULTER ME CONTOU. EU ESTAVA encostado no carro de emergência segurando um pacote de gelo em minha cabeça. Tive ferimentos leves, considerando-se o que aconteceu, mas, como eram em mim, eles pareciam mais importantes, e não estava gostando deles e nem da atenção que estava tendo. Do outro lado da rua, os escombros que antes eram a casa de Wimble ainda estavam enfumaçados e os bombeiros ainda jogavam água e remexiam em pedaços de coisas meio flamejantes. A casa não estava totalmente destruída, mas um bom pedaço do meio dela, do teto até a fundação, tinha desaparecido, e com certeza perdido bastante valor de mercado, mudando para a categoria Muito Bem Arejada e Precisando de Reparos.

– Então – Coulter diz. – Ele liga o gás do aquecedor da parede na sala à prova de som, joga algo lá dentro para criar a ignição, não sabemos o que ainda, sai de lá e foge antes que faça Bum! – Fez uma pausa e deu um longo gole de uma garrafa de plástico enorme de Mountain Dew que estava segurando. Fiquei olhando seu pomo-de-adão se mexer por baixo de duas fileiras de pele flácida e encardida. Terminou de beber, colocou o dedo indicador no gargalo da garrafa e limpou a boca com o braço, me olhando como se eu o estivesse impedindo de usar um guardanapo.

– Por que acha que ele teria um quarto à prova de som? – ele perguntou.

Sacudi a cabeça negativamente e parei porque aquilo doía. – Ele era editor de vídeos. Provavelmente precisava para suas gravações.

– Gravações – Coulter repetiu. – Não para picotar pessoas.

– Isso mesmo.

Coulter chacoalhou a cabeça negativamente. E pelo visto aquilo não doía, porque ele ficou vários segundos chacoalhando e olhando para a casa esfumaçada. – Então, por que é que você estava aqui? – ele perguntou. – Essa parte ainda não ficou clara pra mim, Dex.

É óbvio que aquela parte não estava clara para ele. Eu tinha feito tudo o que podia para evitar responder às perguntas sobre aquela parte, apertando minha cabeça, piscando e ofegando como se estivesse sentindo muita dor sempre que alguém se aproximava daquele assunto. E é claro que sabia que mais cedo ou mais tarde teria que providenciar uma resposta satisfatória, e o problema todo era a parte do "satisfatória". Eu poderia alegar que estava visitando minha avozinha doente, mas o problema em dar respostas desse tipo para policiais é que eles tendem a checá-las, e, infelizmente, Dexter não tem uma avozinha doente, nem uma explicação plausível

para estar aqui quando a casa explodiu, e tinha a forte impressão de que alegar coincidência também não me levaria muito longe.

Durante todo o tempo desde que me levantei do chão e cambaleei até me encostar em uma árvore e admirar o fato de ainda conseguir mover todas as partes do meu corpo – e todo o tempo no qual fui medicado e fiquei esperando pela chegada de Coulter, todos aqueles minutos se transformando em horas –, eu não tinha conseguido bolar alguma coisa que parecesse minimamente crível. E agora, com Coulter se virando e me encarando muito, percebi que meu tempo tinha acabado.

– E então? – ele falou. – Por que estava aqui? Veio pegar sua roupa na lavanderia? Ou trabalha meio período entregando pizzas? Por quê?

Ouvir Coulter revelar uma certa inteligência foi um dos maiores choques do meu dia tão perturbado. Sempre pensei nele como alguém extremamente estúpido, uma massa de pão que deu errado, incapaz de fazer qualquer outra coisa além de preencher um relatório sobre algum incidente, mas aqui estava ele, fazendo comentários extremamente divertidos usando um rosto totalmente profissional, e se ele conseguia fazer aquilo, eu tinha que considerar que ele era capaz de somar dois mais dois e descobrir Dexter como resultado. Eu estava realmente em evidência. Por isso, botei minha esperteza para funcionar em alta rotação e decidi usar a tática já aprovada ao longo dos anos de dizer uma grande mentira embrulhada em uma pequena verdade.

– Bom, detetive – comecei a dizer de forma dolorosa e meio hesitante que me deixou orgulhoso. Então fechei os olhos e respirei fundo, tudo digno de um Oscar, eu diria. – Me desculpe. Ainda estou um pouco tonto. Eles disseram que eu tive uma pequena concussão.

– Isso aconteceu antes de você chegar aqui, Dex? Ou consegue se lembrar um pouco do porquê veio até aqui?

– Eu me lembro – falei meio relutante. – Eu só...

– Você não se sente bem.

– Sim, isso mesmo.

– Eu entendo – ele disse, e por um momento achei que fosse me deixar ir. Mas não: – O que não consigo entender – ele continuou implacavelmente – é que porra você estava fazendo quando a merda da casa explodiu fodidamente.

– Não é algo fácil de contar.

– Imagino que não – Coulter continuou. – Já que você ainda não disse. Vai me contar ou não, Dex? – Ele tirou o dedo do gargalo, tomou um gole e tapou de novo a garrafa com o dedo. Ela já estava mais vazia do que cheia, e ele a segurava ali como se fosse um apêndice biológico desagradável. Ele limpou a boca de novo. – Eu meio que preciso saber disso agora, entende? Porque me disseram que tem um corpo lá dentro.

Um pequeno abalo sísmico percorreu a minha espinha, vindo lá do alto da minha cabeça e chegando aos meus pés. – Corpo? – falei com minha esperteza incisiva de sempre.

– Isso – ele disse. – Um corpo.

– Você quer dizer um... morto?

Ele concordou com a cabeça, me observando com um divertimento distante, e percebi com um choque terrível que tínhamos trocado de papéis, e agora eu era o estúpido. – Sim, isso mesmo. Porque estava dentro da casa quando ela fez cabum, por isso você teria que imaginar que estaria morto mesmo. Além disso, ele não poderia correr amarrado como estava. Quem amarraria um cara em uma casa que iria explodir daquele jeito, você pode imaginar?

– Acho que, hã... provavelmente o assassino – gaguejei.

– Certo. Então você acha que o assassino assassinou ele, é isso?

– Hã, isso – falei, e apesar das marteladas que aumentavam em minha cabeça, eu sabia que aquilo soava estúpido e muito pouco convincente.

– Certo. Mas não você, né? Quero dizer, não foi você que amarrou o cara e jogou um charuto cubano ou algo assim lá, né?

– Olha, eu vi o cara indo embora de carro quando a casa explodiu – falei.

– E quem era esse cara, Dex? Tipo, você não tem um nome ou algo assim? Se tiver ia ser de grande ajuda.

Talvez fosse a concussão se espalhando, porque um grande torpor parecia tomar conta de mim. Coulter suspeitava de algo, e mesmo eu sendo relativamente inocente neste caso, qualquer tipo de investigação estava fadada a ter resultados desagradáveis para Dexter. Os olhos de Coulter não deixaram meu rosto e ele não piscou, e eu precisava dizer algo, mas, mesmo com uma pequena concussão, sabia que não podia revelar o nome de Weiss. – Eu, ele... o carro está registrado no nome de Kenneth Wimble – falei de forma tentadora.

Coulter assentiu. – É o dono desta casa.

– Sim, isso.

Ele continuou assentindo com a cabeça de forma mecânica, como se aquilo fizesse sentido, então falou: – Certo. Então você acha que Wimble amarrou esse cara – em sua própria casa – e então explode a própria casa e foge em seu carro, para algum lugar ensolarado na Carolina do Norte, por exemplo?

Mais uma vez senti que aquele cara era mais esperto do que eu achava, e não foi uma descoberta que me alegrou. Achei que estava lidando com o Bob Esponja, mas parecia que ele era o Columbo na verdade, escondendo uma mente ágil por baixo de uma aparência que dizia o contrário. Eu, que usei um disfarce a minha vida inteira, tinha sido enganado por uma fantasia melhor, e olhando para o brilho da inteligência antes escondida nos olhos de Coulter, percebi que Dexter estava em perigo. Isto iria requerer muita habilidade e esperteza, e mesmo assim eu não tinha certeza se seria o suficiente.

– Não sei para onde ele foi – falei, o que não era um ótimo começo, mas foi o melhor que consegui pensar.

– Claro que não. E também não sabe quem ele é, imagino? Porque você me contaria se soubesse, né?

– Mas é claro.

– Mas você não tem ideia.

– Não.

– Ótimo, então por que não me conta o que estava fazendo aqui afinal?

E ali estava, uma bela volta até chegar de novo na pergunta que interessava – se eu respondesse direito, tudo seria perdoado, mas, se não fosse uma resposta que deixasse meu amigo repentinamente inteligente feliz, havia uma enorme possibilidade de ele se empenhar e descarrilar o Expresso Dexter. Eu estava afundado até a cintura na areia movediça e não tinha uma corda para me ajudar, e meu cérebro pulsava tentando passar pela névoa e funcionar, mas não estava conseguindo.

– É que... é que... – olhei para baixo e depois o horizonte à minha esquerda, procurando pelas palavras certas para uma declaração envergonhada e terrível. – Ela é minha irmã – falei finalmente.

– Quem? – Coulter perguntou.

– Deborah. Sua parceira. Deborah Morgan. Ela está na UTI por causa desse cara, então eu... – parei de falar de forma bem convincente e esperei para ver se ele completava a frase, ou se as observações espirituosas tinham sido mera coincidência.

– Eu sabia – ele admitiu. Então tomou outro gole do refrigerante e tapou a garrafa com o dedo e a deixou pendurada. – Como encontrou esse cara?

– Na escola primária hoje de manhã. Ele estava filmando de dentro do carro, então anotei a placa. Verifiquei e isso me trouxe aqui.

Ele assentiu com a cabeça. – Certo. E em vez de me contar, ou ao tenente, ou talvez até para o guarda da escola, decidiu prender ele sozinho.

– Isso.

– Por causa da sua irmã.

– Eu queria... você sabe – falei.

– Matá-lo? – ele disse, e as palavras me atingiram com um choque gelado.

– Não. Só queria... queria...

– Ler os direitos dele? Algemá-lo? Perguntar alguma coisa importante? Explodir a casa dele?

– Acho que, hã – como que relutando antes de soltar uma verdade muito feia –, acho que queria, sabe como é, endurecer um pouco as coisas para ele.

– Certo. E depois?

Dei de ombros, me sentindo como um adolescente pego com uma camisinha. – Levá-lo preso.

– Não matá-lo? – Coulter falou levantando uma sobrancelha mal aparada.

– Não. Como eu poderia, hã...

– Nada de enfiar uma faca nele e dizer "Isto é pelo que você fez com a minha irmã"?

– Espere um pouco, detetive. Eu? – Só não pisquei para ele, mas fiz o melhor para parecer o membro fundador do Clube dos Nerds que fazia parte da minha identidade secreta.

E Coulter apenas me encarou um longo e desconfortável minuto. Depois fez que não com

a cabeça e disse – Duvido, Dex. Não faz sentido.

Lancei um olhar de dor e confusão, que nem era totalmente falso. – Como assim?

Ele tomou outro gole. – Você sempre foi certinho. Sua irmã é policial. Seu pai era policial. Você nunca se meteu em confusão, nunca. É o Senhor Escoteiro. E agora decidiu virar o Rambo? – Ele fez uma careta como se alguém tivesse posto alho no seu refrigerante. – Será que não entendi alguma parte? Tipo, algo que faça sentido?

– É a minha irmã – falei, e aquilo pareceu fraco até para mim.

– Sim, isso eu já entendi. Mais alguma coisa?

Me senti preso em câmera lenta enquanto coisas grandes e pesadas giravam em torno de mim. Minha cabeça martelava e minha língua ficou enorme, minha inteligência legendária tinha me abandonado. Coulter me olhava enquanto eu chacoalhava minha cabeça negativamente de forma meio entorpecida e dolorosa, e pensei: Este homem é muito perigoso. Mas, em voz alta, a única coisa que consegui dizer foi: – Sinto muito.

Ele olhou para mim só mais um momento e então se virou. – Acho que talvez o sargento Doakes tenha razão a seu respeito – falou e então atravessou a rua para falar com os bombeiros.

Ótimo. A menção ao sargento Doakes foi o final perfeito para uma conversa absolutamente encantadora. Eu mal consegui me impedir de sacudir a cabeça novamente, mas a tentação era grande, porque o que antes me parecia um universo são e bem organizado, apenas alguns dias atrás, repentinamente tinha começado a girar totalmente sem controle. Primeiro caí em uma armadilha e quase me tornei o Tocha Inumana, e então o homem que eu achava ser um soldado raso na guerra contra a inteligência acabou virando um general disfarçado – e, para melhorar, ele parecia jogar no mesmo time dos pedaços que sobraram do meu rival, o sargento Doakes, e parecia disposto a retomar as coisas de onde Doakes tinha parado, perseguindo o pobre e oprimido Dexter. Onde isso iria terminar?

E se tudo isso não fosse ruim o bastante – e eu achava que era –, ainda estava correndo um sério risco com Weiss e qualquer que fosse o plano de ataque dele.

Com tudo isso, me ocorreu que este era um ótimo momento para eu ser outra pessoa. Infelizmente, esse era um truque que eu ainda não tinha dominado. E sem nada mais a fazer a não ser ponderar o destino quase certo que vinha em minha direção em uma velocidade terrível e de várias direções diferentes, caminhei até o meu carro. E é claro que, como aparentemente eu ainda não tinha sofrido o bastante, uma figura fina e fantasmagórica saiu da calçada e veio deslizando até andar ao meu lado.

– Você estava aqui quando tudo aconteceu – Israel Salguero falou.

– Sim – respondi, imaginando se a seguir um satélite sairia de sua órbita e cairia na minha cabeça.

Ele ficou em silêncio por um momento e então parou de andar, se virando para ficar de frente para mim.

– Sabe que não estou investigando você – falou.

Achei que aquilo era algo muito bom, mas considerando as coisas que tinham acontecido

nas últimas horas, achei que o melhor a fazer era apenas concordar com a cabeça, e foi o que fiz.

– Mas, aparentemente, o que aconteceu aqui está ligado ao incidente envolvendo a sua irmã, que estou investigando – ele falou, e fiquei feliz de não ter dito nada. Tão feliz, na verdade, que decidi que o silêncio seria minha política a partir de agora.

– Você sabe que uma das coisas mais importantes que preciso descobrir é qualquer tipo de atividade de justiça com as próprias mãos da parte de qualquer um dos nossos oficiais, não?

– Sim – respondi; afinal, era apenas uma palavra.

Ele concordou com a cabeça, e ainda não tinha tirado os olhos do meu rosto.

– Sua irmã tem uma carreira promissora à frente. Seria uma vergonha que algo assim a manchasse não?

– Ela ainda está inconsciente. Não pode ter feito nada disso.

– Não, realmente não pode. Mas e você?

– Eu só tentei achar o cara que a esfaqueou. Não fiz nada de errado.

– É claro que não – ele disse, e esperou que eu dissesse mais alguma coisa, mas não falei nada, e depois de um tempo que pareceu ser de semanas, ele sorriu, deu um tapinha no meu braço e atravessou a rua em direção a Coulter, que estava parado e tomando um gole de seu refrigerante. Vi os dois conversarem, se virarem para mim e depois para a casa defumada. E pensando que não tinha como esta tarde ficar melhor, me virei e fui até o meu carro.

O para-brisa estava rachado por um pedaço de detrito que voou da casa.

Consegui me segurar para não cair no choro. Entrei e dirigi até em casa, tentando enxergar pelo vidro rachado e ouvindo minha cabeça martelar.

Capítulo 23

RITA NÃO ESTAVA EM CASA QUANDO CHEGUEI, POIS VOLTEI MAIS cedo do que o normal por causa do meu infortúnio explosivo. A casa parecia muito vazia, e fiquei parado logo depois que entrei apenas ouvindo aquele silêncio não natural. Um cano pingava nos fundos e então o ar-condicionado começou a funcionar, mas aqueles não eram sons vivos, e eu ainda me sentia como se estivesse em um filme no qual todas as pessoas foram para o espaço em uma nave. O galo na minha cabeça ainda pulsava, e eu estava muito cansado e sozinho. Fui até o sofá e me larguei como se repentinamente não tivesse mais ossos para me segurar.

Fiquei lá deitado por um tempo, como se fosse um estranho intervalo no meio de todas as urgências. Eu sabia que ainda precisava agir explosivamente, achar Weiss, tirá-lo da estrada e enfrentá-lo em sua toca, mas, por alguma razão, eu não conseguia me mexer nem um pouco, e a vozinha maliciosa que estava me incitando a seguir em frente não parecia muito convincente agora, como se também estivesse precisando fazer uma pausa para o café. Por isso fiquei ali deitado, de cara para baixo, tentando sentir a sensação de urgência que tinha me abandonado, mas falhando em sentir qualquer coisa, a não ser as já mencionadas fadiga e dor. E se alguém gritasse para mim: "Cuidado, ele está atrás de você e está armado!", eu teria respondido balbuciando fracamente: "Fala pra ele pegar uma senha e esperar".

Acordei não sei quanto tempo depois, com uma sensação arrebatadora de tristeza azulada, o que não fazia nenhum sentido, até que consegui focar o que estava vendo. Cody estava ali parado, a não mais de seis centímetros do meu rosto, usando seu uniforme novinho dos escoteiros-mirins. Me sentei, o que fez minha cabeça bater como um gongo, e olhei para ele.

– Bom, você parece mesmo um oficial.

– Pareço um idiota – ele disse. – Shorts...

Examinei ele com sua camisa e shorts azul-escuros, o pequeno chapéu na cabeça e o lenço em torno do pescoço, e não me pareceu justo culpar os shorts. – Qual o problema com os shorts? Você usa o tempo todo.

– Shorts de uniforme – ele disse, como se fosse um tipo de ataque impossível à última fronteira da dignidade.

– Muita gente usa shorts como uniforme – falei, voando desesperadamente pelo meu cérebro alquebrado à procura de um exemplo.

Cody olhou para mim com cara de dúvida. – Quem?

– Bom, os carteiros usam shorts... – parei rapidamente, pois o olhar que ele me lançou era

mais veemente e acusativo do que qualquer coisa que pudesse ter dito. – E, hã, os soldados britânicos usaram shorts na Índia – falei, com poucas esperanças naquilo.

Ele me encarou por um momento, sem dizer nada, como se eu tivesse decepcionado ele feio quando todas as apostas estavam na mesa. E, antes que eu pudesse pensar em outro exemplo brilhante, Rita entrou apressada na sala.

– Ah, você não acordou ele, né, Cody? Oi, Dexter, fomos passear e compramos TODAS as coisas que Cody precisa para os escoteiros, ele não gostou dos shorts, mas acho que foi porque Astor disse... Meu Deus, o que aconteceu com sua cabeça? – ela disse, passando por duas oitavas e oito emoções sem respirar.

– Não é nada – falei –, apenas um machucado superficial. – Sempre quis dizer aquilo, apesar de não ter ideia do porquê. TODOS os machucados não eram superficiais a menos que fossem fundos o suficiente para chegarem no osso ou atingir algum órgão e serem graves?

Apesar disso, Rita respondeu com um gratificante circo de preocupação, enxotando Cody e Astor, pegando uma bolsa com gelo para mim, uma manta e uma xícara de chá antes de se sentar ao meu lado no sofá e pedir para que eu contasse o que tinha acontecido com minha pobre cabeça. Contei todos os detalhes terríveis – deixando uma ou duas coisinhas sem relevância de fora, como o que eu estava fazendo na casa que explodiu em uma tentativa de me matar – e, enquanto eu falava, vi com espanto que seus olhos se arregalaram e ficaram cheios de lágrimas, até que as lágrimas começaram a descer por suas bochechas e por todo o seu rosto. Fiquei muito lisonjeado em saber que uma pequena contusão na minha cabeça poderia causar uma demonstração hidrotécnica daquelas, mas ao mesmo tempo me deixou inseguro a respeito de qual deveria ser a minha resposta àquilo.

Felizmente para a minha reputação de ator metódico, Rita não me deixou ficar em dúvida sobre como deveria me comportar. – Fique bem aqui e descanse. Você precisa de silêncio e descanso quando tem um galo como esse na cabeça. Vou fazer uma sopa.

Eu não sabia que as sopas eram boas para concussões, mas Rita parecia ter muita certeza daquilo, e com tapinhas carinhosos no meu rosto e um beijo perto do galo, ela se levantou e foi para a cozinha, onde imediatamente começou um barulho surdo de panelas e pratos que logo cheirava a alho, cebola e depois frango, e mergulhei em um estado de semidormência em que até mesmo as pontadas na minha cabeça pareciam distantes, acolhedoras e quase prazerosas. Fiquei imaginando se Rita me levaria sopa se eu fosse preso. Fiquei imaginando se Weiss tinha alguém para levar sopa para ele. Eu esperava que não, estava começando a não gostar dele, que com certeza não merecia sopa.

Astor apareceu repentinamente ao lado do sofá, interrompendo meu devaneio. – A mamãe falou que você levou uma pancada na cabeça.

– Sim, foi isso mesmo.

– Posso ver? – ela perguntou, e fiquei tão tocado com a preocupação dela que abaixei minha cabeça para mostrar o galo e o cabelo grudento onde o sangue escorreu. – Não parece muito ruim – ela disse, parecendo um pouco desapontada.

– E não é – falei.

– Então você não vai morrer, certo? – ela perguntou educadamente.

– Ainda não – falei. – Não até você acabar sua lição de casa, pelo menos.

Ela concordou com a cabeça, olhou em direção à cozinha e disse: – Odeio matemática. – Então saiu andando pelo corredor, presumivelmente para odiar a matemática bem de perto.

Continuei viajando mais um pouco. A sopa acabou saindo e, apesar de não ter certeza de que era boa para minha cabeça, mal também não fez. Como já devo ter mencionado antes, Rita consegue fazer na cozinha coisas que vão muito além da compreensão mortal, e depois de uma boa porção de sua canja, comecei a achar que talvez o mundo merecesse uma última chance. Ela ficou me rodeando o tempo todo, o que não era a minha coisa preferida no mundo, mas me pareceu calmante naquela hora, por isso deixei que ela afofasse os travesseiros, passasse um pano úmido na minha testa e massageasse meu pescoço quando a sopa acabou.

Não demorou muito para o fim de tarde acabar e a noite chegar. Cody e Astor vieram dizer boa-noite. Rita os levou até a cama e os colocou para dormir, enquanto cambaleei pelo corredor até o banheiro para escovar os dentes. Assim que consegui imprimir um bom ritmo com a escova de dentes, me vi no espelho acima da pia. Meu cabelo ia para todos os lados, minha bochecha estava machucada, e aquele vazio normal e alegre dos meus olhos parecia falso. Eu parecia uma foto de alguém, não muito boa, como uma pessoa que acabou de ser presa e está ficando sóbria e tentando entender o que aconteceu e como foi presa. Eu esperava que aquilo não fosse um mau presságio do que estava por vir.

Apesar de um fim de tarde inteiro deitado no sofá sem fazer nada e em estado de torpor, eu continuava dominado por uma enorme sonolência, e escovar os dentes acabou com o pouco de energia que eu tinha. Mas consegui ir até a cama com minhas próprias forças e me afundei no travesseiro pensando que iria mergulhar no mundo dos sonhos e que me preocuparia com todo o resto de manhã. Mas infelizmente Rita tinha outros planos.

Após os murmúrios silenciosos das preces noturnas acabarem lá no quarto das crianças, ouvi Rita vindo até nosso banheiro e a água correndo durante um tempo, e eu quase tinha dormido quando os lençóis se moveram e algo cheirando a orquídeas muito agressivas deslizou para a cama ao meu lado.

– Como está se sentindo?

– Muito melhor – falei, e dando crédito a quem merecia, acrescentei:– A sopa me ajudou bastante.

– Ótimo – ela sussurrou, e então colocou a cabeça no meu peito, ficando um tempo assim, e eu sentia a respiração dela em meu peito e fiquei imaginando se conseguiria dormir com o peso da cabeça dela pressionando minhas costelas daquele jeito. Mas então o padrão de respiração mudou, ficou um pouco mais percussivo, e percebi que ela estava chorando.

Existem poucas coisas no mundo que me deixam mais sem saber o que fazer do que as lágrimas de uma mulher. Sei que preciso fazer algo que conforte e depois ir matar o dragão que causou o choro, mas minha pequena experiência de lidar com as mulheres já me mostrou que as

lágrimas nunca vêm quando deveriam, e nunca são por causa do que você acha que são, por isso você fica reduzido às opções mais estúpidas como dar tapinhas na cabeça dela e dizer "Pronto, pronto", na esperança de que alguma hora ela deixe você saber do que se trata tudo aquilo.

Mas Dexter não pode ser acusado de não jogar pelo time, então deslizei meu braço pelas costas dela, pus minha mão em sua cabeça e dei uns tapinhas. – Está tudo bem – falei, não me importando em o quão estúpido aquilo soava. Achei que já era muito melhor do que "Pronto, pronto".

E, como eu disse antes, a resposta de Rita veio de um lugar que eu jamais sonharia em prever. – Não posso perder você – ela falou.

Eu certamente não tinha planos de me perder, e teria dito isso a ela tranquilamente, mas Rita estava evoluindo no que quer que fosse, e os soluços silenciosos faziam seu corpo tremer, lançando espirros de água salgada no meu peito. – Ó, Dexter, o que eu faria se perdesse você também?

E agora, com aquele também, eu tinha me juntado a uma companhia inesperada e desconhecida, presumivelmente pessoas que Rita tinha deixado por aí pelo chão descuidadamente e que acabaram se perdendo facilmente, e ela não me deu nenhuma pista de como eu faria para me sentar com aquele grupo, e nem mesmo quem eles eram. Será que estava falando do primeiro marido dela, o viciado que batia e atormentava ela, Cody e Astor, até ficarem traumatizados e se tornarem minha família ideal? Ele estava preso agora, e é claro que eu concordava que se perder desse jeito não era uma boa coisa. Ou será que houve uma outra sequência de pessoas erradas que passaram por partes da vida de Rita e foram varridas pelas chuvas do destino?

E então, como para provar que seus pensamentos estavam sendo transmitidos a ela por uma nave mãe na órbita de Plutão, Rita começou a escorregar a cabeça até a minha barriga – ainda chorando e deixando um rastro de lágrimas que ficavam frias rapidamente.

– Fique parado – ela falou meio soluçando. – Você não pode fazer esforço tendo uma concussão.

Como eu disse antes, você nunca sabe o que vai acontecer quando uma mulher começa a chorar.

Capítulo 24

ACORDEI NO MEIO DA NOITE E PENSEI: Mas o que ele quer? Não sei por que não tinha me feito essa pergunta antes, nem por que pensei nela agora, deitado em minha cama confortável e ao lado do gentil ronco de Rita. Mas lá estava a questão, borbulhando na superfície do Lago Dexter, e eu precisava fazer algo com aquilo. A minha cabeça ainda estava meio zonza, como se estivesse cheia de areia molhada, e durante vários minutos só consegui ficar ali deitado e não fazer mais nada a não ser repetir a pergunta: O que ele quer?

O que o Weiss quer? Ele não estava simplesmente alimentando um Passageiro dele, eu tinha quase certeza disso. Não senti nenhuma pontada de simpatia do meu Passageiro quando estive perto de Weiss ou do trabalho dele, o que normalmente acontece na presença de outra Presença.

E o jeito que ele começou a coisa toda, com corpos já mortos em vez de criar seus próprios cadáveres – até que matou Deutsch –, mostrava que ele queria algo bem diferente.

Mas o quê? Ele fez vídeos dos corpos. E fez vídeos das pessoas olhando os corpos. E um vídeo de mim em ação – uma filmagem única, verdade, mas eu não encontrava nenhum sentido em tudo isso somado. Qual era a graça naquilo tudo? Eu não via nenhuma, e aquilo tornava impossível que eu entrasse na cabeça de Weiss para entendê-lo melhor. Com psicopatas normais e bem ajustados, que matavam porque precisavam e tinham um prazer simples e honesto com seus trabalhos, eu nunca tive problemas. Eu os entendia muito bem, afinal, também era um deles. Com Weiss não havia ponto de contato, nenhuma empatia, e por causa disso eu não tinha ideia de para onde ele iria ou o que faria a seguir. Eu tinha uma sensação ruim de que o que quer que fosse, não iria gostar – mas não fazia ideia do que seria, e não gostava nem um pouco daquilo.

Fiquei ali deitado na cama, pensando no assunto – ou tentando pensar, pois claramente a nave Dexter ainda não estava pronta pra atingir seu potencial total. Não consegui pensar em nada. Eu não sabia o que ele queria. E nem o que faria a seguir. Coulter queria me pegar. Salguero também, e, é claro, Doakes nunca tinha desistido. Debs ainda estava em coma.

Olhando o lado bom das coisas, Rita tinha feito uma sopa deliciosa para mim. E era muito boa comigo e merecia muito mais, apesar de claramente não saber disso. Ela achava que tinha tudo, comigo, as crianças e nossa recente viagem a Paris. E apesar de ela ter mesmo todas essas coisas, nenhuma delas era nem de perto o que ela achava que eram. Era como se fosse uma mãe ovelha em uma alcateia de lobos, mas ela só via a lã branca e fofa ao seu redor, quando na verdade a alcateia estava lambendo os beiços e esperando ela virar de costas. Dexter, Cody e

Astor eram monstros. E Paris, bom, eles falavam mesmo francês por lá, como ela esperava. Mas a cidade tinha mostrado que tinha seu próprio e único tipo de monstro também, como nosso maravilhoso tempo na galeria de arte tinha mostrado. Como se chamava mesmo? A perna de Jennifer. Muito interessante: depois de todos os meus anos de trabalho de campo, ainda foi possível ver algo que me surpreendera, e por aquela razão eu sentia simpatia por Paris atualmente.

Entre Jennifer e a perna dela, Rita e sua performance excêntrica e o que quer que Weiss estivesse fazendo, a vida estava cheia de surpresas ultimamente, e todas levavam a uma conclusão: as pessoas realmente merecem o que acontece com elas, não?

Na manhã seguinte, minha cabeça estava bem melhor, não sei se pelos cuidados de Rita ou pelo meu metabolismo naturalmente esperto. Em todo caso, pulei da cama com um cérebro energizado e completamente funcional novamente a meu serviço, o que era algo muito bom.

O problema disso era que qualquer cérebro funcional, percebendo a situação na qual eu me encontrava, também se encontraria lutando contra uma enorme vontade de entrar em pânico, arrumar as malas e fugir para a fronteira. Mas mesmo com meus poderes mentais à toda, não consegui pensar em uma fronteira que me protegesse dos problemas em que eu estava metido.

Ainda assim, a vida nos dá poucas escolhas de verdade, e a maioria delas é terrível, então fui para o trabalho determinado a encontrar Weiss e não descansar até conseguir. Ainda não o entendia, nem o que ele estava fazendo, mas isso não queria dizer que não podia encontrá-lo. Não mesmo: Dexter era meio cão farejador, meio buldogue, e quando ele está no seu encalço, é melhor se entregar e se poupar de mais sofrimento. Fiquei imaginando se tinha algum jeito de mandar aquela mensagem a Weiss.

Cheguei um pouco cedo no trabalho e graças a isso consegui pegar uma xícara de café que quase parecia café de verdade. Levei para minha mesa, sentei em frente ao computador e comecei a trabalhar. Ou, para ser mais exato, fiquei encarando a tela do meu computador e pensando em qual seria o jeito certo de trabalhar. Já tinha usado a maior parte das minhas pistas, e me senti como se estivesse em um beco sem saída. Weiss tinha estado um passo à minha frente e eu devia admitir que ele poderia estar em qualquer lugar agora: poderia ter subido e estar perto ou até mesmo ter voltado ao Canadá, não havia como saber. E apesar de eu achar que meu cérebro estava completamente funcional de novo, ele não estava me oferecendo nada para que eu pudesse comprovar.

E então, lá longe, em cima de um pico coberto de neve no horizonte da mente de Dexter, uma bandeira sinalizadora foi lançada e flutuou ao vento. Fiquei observando à distância, tentando ler o sinal e finalmente entendi. Cinco! Pisquei com a claridade e li novamente o sinal. Cinco.

Cinco era um belo número. Tentei me lembrar se era primo, e descobri que não conseguia me lembrar o que aquilo significava. Mas era um número muito bem-vindo neste momento, porque me lembrei da importância dele, sendo primo ou não.

Havia cinco vídeos na página de Weiss no YouTube. Um para cada local onde ele tinha

deixado corpos modificados com seu design, um de Dexter em ação... e mais um que não tinha conseguido ver ainda porque Vince tinha entrado e me avisado sobre um novo trabalho. Não podia ser outro comercial da "Nova Miami" com o corpo do Deutsch porque Weiss ainda estava filmando quando cheguei à cena do crime. Era alguma outra coisa. E apesar de não esperar que ele me contasse como pegar Weiss, com certeza me diria algo que eu não sabia.

Peguei o mouse e entrei ansiosamente no YouTube, sem nenhum medo pelo fato de ter me assistido mais vezes do que a modéstia me permitiria. Cliquei até chegar na página da "Nova Miami". Nada tinha mudado, o fundo laranja ainda acendia a tela por trás das letras flamejantes. E do lado direito havia cinco vídeos, alinhados perfeitamente em uma galeria de pequenas imagens, do mesmo jeito que eu me lembrava.

O número cinco, o último embaixo, não tinha uma imagem na pequena caixinha, apenas uma sombra borrada. Movi o cursor até ele e cliquei. Por um momento nada aconteceu, então uma linha branca e fina pulsou através da tela da esquerda para a direita, e havia trombetas soando que pareciam estranhamente familiares. Então um rosto apareceu na tela, Doncevic, sorrindo e com seu cabelo para cima, e uma voz começou a cantar "Esta é a história...", e percebi por que parecia familiar.

Era a abertura do seriado A Família Sol-Lá-Si-Dó.

Aquela horrível música animada entrou em meus ouvidos e continuei vendo enquanto uma voz dizia: – Esta é a história de um cara chamado Alex, que era solitário, estava entediado e querendo mudar. – Então os três primeiros corpos arranjados apareceram à esquerda do rosto feliz de Doncevic. Ele os olhou e depois sorriu enquanto a música continuou. E os corpos sorriram para ele, graças às máscaras de plástico coladas em seus rostos.

A linha branca cruzou a tela de novo e a voz continuou. – É a história de um cara chamado Brandon, que tinha o seu tempo em suas próprias mãos. – A imagem de um homem apareceu no meio da tela. Weiss? Ele tinha trinta e poucos anos, por volta da mesma idade de Doncevic, mas não estava sorrindo enquanto a música tocava. – Eles eram dois caras, vivendo juntos, até que Brandon ficou sozinho de repente. – Três quadrados apareceram do lado direito da tela e em cada um deles apareceu uma imagem escura e borrada que parecia tão familiar quanto a música, mas de um jeito um pouco diferente: eram três imagens de ação do vídeo de Dexter brincando.

A primeira mostrava o corpo de Doncevic jogado na banheira. A segunda mostrava o braço de Dexter levantando a serra e a terceira mostrava a serra cortando Doncevic. Todas eram um vídeo curto de dois segundos que se repetiam sem parar enquanto a música continuava.

Da imagem do meio, Weiss olhava enquanto a voz cantava: – Até o dia em que Brandon pegar este cara, e prometo que a sorte não vai salvá-lo. Não há nada que possa fazer para escapar de mim. Porque você fez de mim um sujeito louco e bizarro.

A música animada voltou com tudo enquanto Weiss cantava: – Louco e bizarro. Louco e bizarro. Quando você matou o Alex eu me tornei louco e bizarro.

E então, no lugar de um sorriso e da imagem se dissolvendo no primeiro comercial, a face

de Weiss se esticou para preencher a tela toda e ele disse: – Eu amava o Alex e você o tirou de mim, exatamente quando estávamos começando. De uma certa maneira é até engraçado, pois foi ele que disse que não deveríamos matar ninguém. Eu achava que seria mais... verdadoso... – Fez uma careta e disse: – Essa palavra existe? – Depois soltou uma risada curta e amarga e continuou. – Alex deu a ideia de pegarmos os corpos do necrotério para não termos que matar ninguém. E, quando você o pegou, acabou com a única coisa que me impedia de matar.

Por um momento ele ficou apenas olhando para a câmera. E depois falou bem calmamente: – Muito obrigado. Você tinha razão. É divertido. Vou continuar fazendo isso. – Soltou um sorriso meio retorcido, como se achasse algo engraçado mas não estivesse com vontade de rir. – Eu meio que admiro você, sabia?

E então a tela ficou vazia.

Quando eu era muito mais jovem, me sentia enganado com minha falta de emoções humanas. Podia ver a enorme barreira que existia entre mim e a humanidade, um muro construído com sentimentos que eu nunca sentiria, e me ressentia muito daquilo. Mas um desses sentimentos era a culpa – um dos mais comuns e poderosos, na verdade –, e quando percebi que Weiss estava me dizendo que eu o tinha transformado em um assassino, também percebi que deveria me sentir um pouco culpado com isso, e fiquei agradecido por não sentir nada.

Em vez de culpa, o que senti foi alívio. Ondas resfriadoras de alívio, pulsando através do meu corpo e acabando com a tensão que vinha crescendo e apertando cada vez mais dentro de mim. Eu estava muito aliviado, de verdade, porque agora sabia o que ele queria. Ele queria me pegar. Não tinha sido dito em voz alta, mas estava lá: Na próxima vez será você e os seus. E em seguida do alívio veio o senso de urgência fria, garras sombrias e interiores se espalhando e se flexionando quando o Passageiro das Trevas entendeu o desafio na voz de Weiss e respondeu à altura.

Isto também era um grande alívio. Até agora, o Passageiro tinha ficado silencioso, não tendo nada a dizer à respeito dos corpos que foram pegos emprestados, mesmo quando foram convertidos com um design de mobília de pátio ou de cesta de presentes. Mas agora havia uma ameaça, outro predador farejando o nosso rastro e ameaçando o território que já tínhamos marcado. E aquele era um desafio que não poderíamos permitir, nem por um momento. Weiss não avisou que iria atacar e, finalmente, o Passageiro estava acordando de seu cochilo e polindo seus dentes. Nós estaríamos preparados.

Mas preparados para o quê? Eu não acreditava que Weiss fosse fugir, esta não era nem uma possibilidade. Então, o que ele faria?

O Passageiro sibilou uma resposta, que era óbvia, mas senti que estava certa porque era o que nós teríamos feito. E o próprio Weiss tinha contado para mim: "Eu amava o Alex e você o tirou de mim...". Ele iria atrás de alguém ligado a mim. E ao deixar a foto no corpo de Deutsch, tinha até me dito de quem. Cody e Astor, pois isso me atingiria da mesma forma que eu o atingi, e também me levaria a ele e em seus próprios termos.

Mas como ele faria isso? Esta era a grande pergunta, mas para mim a resposta também

parecia bem óbvia. Até agora, Weiss tinha partido para o ataque, não há nada de sutil em explodir uma casa. Eu tinha de acreditar que ele continuaria se movendo rápido, enquanto sentisse que as probabilidades estavam do seu lado. E como eu sabia que ele tinha me vigiado, tinha de assumir que ele conhecia a minha rotina e também a da minha família. Eles estariam mais vulneráveis na hora em que Rita fosse buscá-los na escola, saindo de um lugar seguro para o tudo-pode-acontecer de Miami: eu estaria bem longe, trabalhando, e ele conseguiria subjugar facilmente uma mulher relativamente frágil e que não suspeitava de nada e pegar pelo menos uma das crianças.

Então, o que eu precisava fazer era me posicionar primeiro, antes de Weiss, e esperar que ele chegasse. Era um plano simples e que envolvia um risco – e até poderia dar errado. Mas o Passageiro sibilava em concordância, e ele raramente se engana, então decidi sair mais cedo do trabalho, logo depois do almoço, e arranjar uma boa posição próxima à escola primária para interceptar Weiss.

E mais uma vez, quando me aprontava para um grande bote na jugular de um inimigo iminente, meu telefone tocou.

– Fala, camarada – Kyle Chutsky falou. – Ela acordou, e está perguntando por você.

Capítulo 25

DEBORAH TINHA SAÍDO DA UTI. TIVE UM PEQUENO MOMENTO de confusão ao olhar para o leito vazio. Já tinha visto isso em uma meia dúzia de filmes, quando o herói olha para o leito vazio e sabe que isso significa que quem quer que estivesse ali tinha morrido, mas tenho quase certeza de que Chutsky teria mencionado se Deborah tivesse morrido, então voltei até a área da recepção.

A mulher atrás do balcão me fez esperar enquanto fazia coisas vagarosas e misteriosas no computador, atendia o telefone e conversava com duas outras enfermeiras que estavam ali por perto. O ar de pânico levemente controlado que todos mostravam na UTI tinha desaparecido completamente, substituído por um interesse aparentemente obsessivo por telefonemas e unhas. Finalmente, a mulher admitiu que havia a pequena possibilidade de eu encontrar Deborah no quarto 235, que ficava no segundo andar. Aquilo fez tanto sentido que eu até agradeci, e saí andando à procura do quarto.

Eu já estava no segundo andar, ao lado do quarto 233, então, com uma sensação de que tudo ia bem no mundo, entrei no quarto e vi Deborah recostada na cama, com Chutsky no outro lado da cama praticamente na mesma posição que estava na UTI. Ainda havia muitas máquina à volta dela, com tubos ainda entrando e saindo de seu corpo, mas, quando entrei, ela abriu um olho e olhou para mim, soltando um modesto meio sorriso em meu benefício.

– Está viva, viva, ó – falei, pensando que uma saudação animada se fazia necessária. Puxei uma cadeira para perto da cama e me sentei.

– Dex – ela disse em uma voz suave e rouca. Depois tentou sorrir de novo, mas saiu pior do que a primeira tentativa, então ela desistiu e fechou os olhos, parecendo uma maré vazante na distância nevada dos travesseiros.

– Ela ainda está fraca – Chutsky falou.

Eu tinha imaginado.

– Então tente... hã, não cansá-la, ou algo assim. Foi o que o médico disse.

Não sei se Chutsky pensou que eu ia sugerir um jogo de vôlei, mas assenti com a cabeça e dei um tapinha na mão dela. – É bom ter você de volta, mana. Ficamos preocupados.

– Me sinto – ela falou em uma voz fraca e rouca. Mas não nos disse o que sentia, em vez disso, fechou os olhos e abriu um pouco a boca para respirar de forma meio áspera, e Chutsky se inclinou e colocou um pequeno pedaço de gelo entre os lábios dela.

– Tome. Não tente falar.

Deborah botou o gelo na boca, mas fez uma careta para Chutsky do mesmo jeito. – Estou bem – ela falou, o que era um exagero. O gelo pareceu ajudar um pouco, e quando falou de novo, a voz não parecia mais um som de porta rangendo gravado em uma fita cassete velha. – Dexter – ela falou em uma voz estranhamente alta, como se estivesse gritando em uma igreja. Ela sacudiu a cabeça negativamente de leve, e, para minha grande surpresa, vi uma lágrima rolar do canto de seu olho, algo que eu não via desde que ela tinha doze anos. A lágrima deslizou pela bochecha dela e caiu no travesseiro, onde desapareceu.

– Merda – ela falou. – Me sinto tão... – a mão dela se levantou fracamente, a que Chutsky não estava segurando.

– Mas tem que se sentir mesmo – falei. – Você quase morreu.

Ela ficou ali parada por um longo momento, sem dizer nada, com os olhos fechados e então finalmente falou de forma suave – Não quero fazer mais isso.

Olhei para Chutsky por cima de Deborah e ele deu de ombros. – Isso o quê, Debs?

– Ser policial – ela respondeu, e quando finalmente entendi o que ela estava querendo dizer, que ela não queria mais ser uma policial, fiquei tão chocado quanto se a Lua decidisse pedir demissão.

– Deborah – falei.

– Não faz sentido – ela continuou. – Terminar aqui, assim... e pra quê? – Ela abriu os olhos, olhou para mim e fez que não com a cabeça bem de leve. – Pra quê?

– É o seu trabalho – falei, e admito que não era algo muito tocante, mas foi o que consegui pensar naquelas circunstâncias, e achei que ela não queria ouvir nada a respeito da Verdade, Justiça e do Estilo de Vida Americano.

E ao que parece ela também não queria ouvir que era o trabalho dela, porque Debs olhou para mim e depois virou a cabeça e fechou os olhos, repetindo: – Merda.

– Muito bem – disse uma voz alta e alegre vinda da porta, com um pequeno sotaque das Bahamas. – Os cavalheiros precisam sair. – Olhei e vi uma enfermeira enorme e muito feliz entrando no quarto e vindo rapidamente até nós. – A dama precisa descansar, mas não vai conseguir com vocês dois incomodando ela. – A enfermeira falou com um sotaque tão charmoso que nem percebi que ela estava tocando a gente para fora.

– Mas acabei de chegar.

Ela se plantou bem à minha frente e cruzou os braços. – Então vai economizar bastante com o estacionamento, porque precisa ir embora agora. Vamos, cavalheiros – ela falou se virando para Chutsky. – Vocês dois.

– Eu também? – ele disse com um olhar de surpresa.

– Sim – ela disse apontando um dedo enorme para ele. – Você já ficou muito tempo aqui.

– Mas preciso ficar com ela.

– Não, precisa sair também. O doutor quer que ela descanse um pouco. Sozinha.

– Pode ir – Deborah disse suavemente, e Chutsky olhou para ela com uma expressão magoada. – Vou ficar bem. Pode ir.

Chutsky olhou dela para a enfermeira, e depois de novo para Deborah. – Tudo bem – acabou dizendo, se inclinou para frente, deu um beijo na bochecha dela, que não fez objeção a isso. Depois ficou em pé e levantou uma sobrancelha para mim. – Muito bem, camarada. Parece que fomos despejados.

Quando saímos, a enfermeira batia nos travesseiros como se tivessem se comportado muito mal.

Chutsky me conduziu pelo corredor até o elevador, e enquanto esperávamos ele falou: – Estou um pouco preocupado. – Ele fez uma careta e apertou o botão do elevador várias vezes.

– Por quê? – perguntei. – Com a possibilidade de um, hã, dano cerebral? – A declaração de Deborah dizendo que queria pedir demissão ainda soava em meus ouvidos, e era tão completamente diferente dela que eu também estava um pouco preocupado. A imagem de uma Debbie vegetal babando em uma cadeira enquanto Dexter a alimentava com mingau de aveia ainda parecia aterradora para mim.

Chutsky fez que não com a cabeça. – Não exatamente. Está mais para preocupação com danos psicológicos.

– Como assim?

Ele fez uma cara estranha. – Não sei. Talvez seja só o trauma. Mas ela parece... choramingando muito. Ansiosa. Não parece, você sabe, não parece ela mesma.

Eu nunca tinha sido esfaqueado e depois perdido muito sangue, e também não me lembrava de ter lido algo a respeito de como você deve se comportar em circunstâncias como aquelas. Mas me parecia que ficar chorosa e ansiosa eram coisas bem razoáveis de se esperar se coisas desse tipo acontecessem com você. Antes que eu pudesse pensar em um jeito educado de dizer aquilo, o elevador chegou e Chutsky entrou rapidamente. Eu fui atrás.

Quando as portas se fecharam, ele continuou: – Ela nem me reconheceu no começo. Quando abriu os olhos.

– Tenho certeza de que isso é normal – falei, apesar de não ter certeza daquilo. – Quer dizer, ela estava em coma.

– Ela olhou bem pra mim – ele disse, como se eu não tivesse falado nada – e ficou meio, sei lá. Com medo de mim. Tipo, quem é você e o que está fazendo aqui?

Sendo muito honesto, também pensara a mesma coisa naquele ano, mas aquilo não parecia ser algo apropriado de se dizer. Em vez disso, falei: – Tenho certeza de que leva tempo para...

– Quem sou eu? – ele continuou, como se mais uma vez não tivesse notado que eu tinha dito algo. – Fiquei sentado lá o tempo todo, não saí do lado dela por mais do que cinco minutos de cada vez. – Ele olhou para o painel do elevador quando ele apitou para nos avisar que tínhamos chegado. – E ela não sabe quem sou eu.

As portas se abriram, mas Chutsky não notou.

– Bom – falei, esperando tirá-lo de sua paralisia.

Ele olhou para mim e disse: – Vamos tomar um café – e então saiu do elevador, passando

por três pessoas em aventais verde-claros, e segui atrás dele.

Chutsky me levou para a rua e depois para um pequeno restaurante no andar do estacionamento, onde, não sei como, conseguiu rapidamente duas xícaras de café, sem ninguém passando na frente dele ou dando cotoveladas em suas costelas. Aquilo fez com que eu me sentisse superior: obviamente ele não era um nativo de Miami. Mas ainda havia algo a ser dito, por isso peguei meu café e me sentei em uma pequena mesa de canto.

Chutsky não olhou para mim e nem para mais nada. Ele não piscou e a expressão em seu rosto não se alterou. Não consegui pensar em nada a dizer que valesse o ar que eu consumiria, então ficamos sentados e sem jeito durante vários minutos, até que ele finalmente soltou: – E se ela não me amar mais?

Eu sempre tentei manter uma imagem modesta, especialmente a respeito dos meus talentos, sei muito bem que sou bom em apenas uma ou duas coisas, e conselhos amorosos não é uma delas com certeza. E como nem entendo o amor, me pareceu um pouco injusto esperar que eu comentasse sobre a possível perda dele.

Mas estava claro que algum tipo de comentário era necessário, por isso, deixando de lado a tentação de dizer "Nem sei como ela chegou a amar você", vasculhei minha sacola de clichês e saquei de lá a seguinte frase: – É claro que ela ama você. Mas Debs teve um terrível acidente, ela precisa de tempo pra se recuperar.

Chutsky me observou por alguns segundos para ver se eu falaria algo mais, mas não falei. Ele se virou e tomou um gole de café. – Talvez você tenha razão.

– É claro que tenho – falei. – Dê tempo a ela. Tudo vai ficar bem. – Nenhum raio caiu sobre a minha cabeça quando falei aquilo, então acho que era possível eu estar certo.

Terminamos nossos cafés em relativo silêncio, com Chutsky remoendo a possibilidade de não ser mais amado, e Dexter olhando ansiosamente para o relógio quando a hora do almoço foi se aproximando, a hora que eu deveria sair e me posicionar para emboscar Weiss, então deixei aquela intimidade toda para lá quando terminei meu café e me levantei. – Volto mais tarde – falei, e Chutsky assentiu e tomou outro gole miserável de café.

– Muito bem, camarada. Até mais.

Capítulo 26

A ÁREA DE GOLDEN LAKES FUGIA COMPLETAMENTE DAS LEIS sagradas da especulação imobiliária de Miami. Apesar de ter a palavra "lagos" no nome, havia realmente um monte de lagos na região, e um deles ficava nos fundos da área mais afastada do *playground* da escola. E pra falar a verdade, ele não me parecia nem um pouco dourado. Estava mais para um verde leitoso, mas não tinha como negar que era mesmo um lago, ou no mínimo uma lagoa. Mas eu entendia que seria bem difícil vender uma área chamada Lagoa Verde Leitosa, então talvez quem desenvolveu este local soubesse o que estava fazendo, o que também configurava uma grande violação de costumes da cidade.

Cheguei em Golden Lakes bem antes do final das aulas, e dirigi pelo local algumas vezes, procurando um lugar de que Weiss talvez gostasse. Não havia nenhum. Do lado leste, a rua acabava onde o lago praticamente se encontrava com a cerca, que por sua vez era alta, de metal trançado e dava a volta inteira na escola, mesmo onde havia o lago – talvez para o caso de um sapo hostil que resolvesse tentar entrar lá, pensei. E quase exatamente onde a rua acabava no lago, havia um portão na cerca no lado mais distante do campo de esportes, mas estava bem fechado com uma corrente grossa e um cadeado bem grande.

Fora isso, a única entrada da cerca era na frente da escola, e estava bloqueada por uma cabine de guarda e um carro de polícia parado ao lado dela. Tentar entrar durante o horário de aula faria com que o policial ou o guarda parassem você. E na hora da chegada ou saída dos alunos atrairia a atenção de centenas de professores, mães e guardas escolares e tornaria as coisas bem difíceis e desconfortáveis para alguém agir.

Então, a resposta óbvia era se posicionar antes. E eu precisava descobrir onde seria. Botei meu Chapéu de Pensamentos Sombrios e dei uma volta por ali bem devagar. Se quisesse pegar alguém da escola, como eu faria? Primeiro, teria que ser indo ou vindo, porque furar a segurança no meio das aulas seria muito difícil. E também porque teria de ser pela entrada principal, que era onde, naturalmente, estava concentrada toda a segurança, do policial em serviço até os professores malvados.

É claro que, se por acaso você desse um jeito de passar pela grade antes, e atacar enquanto toda a segurança se concentrava na entrada principal, faria com que seu trabalho ficasse muito facilitado. Mas, para isso, teria que passar pela cerca, ou por cima dela, em um ponto onde não fosse notado, ou que lhe permitisse entrar bem rápido na escola, fazendo com que não importasse se fosse visto ou não.

Mas, até onde pude notar, não havia um lugar assim. Dei mais uma volta e nada. A cerca estava colocada longe dos prédios e cercava tudo, a não ser a entrada. O único ponto que parecia mais frágil era na lagoa. Havia um grupo de pinheiros e arbustos entre a lagoa e a cerca, mas o lugar era longe demais dos prédios da escola. Era impossível passar pela cerca e depois atravessar o campo sem ficar extremamente visível.

E eu não podia ficar dando mais voltas sem atrair suspeitas. Embiquei o carro em uma rua do lado sul da escola, estacionei e pensei no assunto. Todo o meu raciocínio afiado me levava a crer que Weiss tentaria pegar as crianças aqui, esta tarde, e aquela lógica fria era seguida por um jorro quente e indiscutível de certeza do Passageiro. Mas como? De onde estava, olhei para a escola e tive uma forte sensação de que Weiss fazia o mesmo de algum lugar próximo. Mas ele não arrebentaria simplesmente a cerca e torceria para dar sorte. Ele deve ter observado, tomado nota dos detalhes e feito um plano. E eu tinha mais ou menos meia hora para descobrir qual era esse plano e bolar um jeito de impedi-lo.

Olhei diagonalmente para as árvores perto do lago. Era o único lugar que oferecia um pouco de cobertura. Mas e daí, se essa cobertura acabava assim que você chegava à cerca? Então, alguma coisa chamou a atenção do meu olho à esquerda, e me virei para olhar.

Uma van branca se aproximou e parou na frente do portão trancado com o cadeado. Uma figura saiu dela vestindo uma camisa verde-limão com um boné combinando e carregando uma caixa de ferramentas, bem visível mesmo de longe. A pessoa andou até o portão, colocou a caixa de ferramentas no chão e se ajoelhou ao lado da corrente.

Mas é claro. A melhor maneira de ficar invisível é estar completa e obviamente visível. Eu sou o cenário; eu pertenço a este lugar. Só estou aqui consertando a cerca, não precisa olhar para mim, há, há, há.

Liguei o carro. Dirigindo devagar novamente e mantendo os olhos naquela mancha verde brilhante, senti asas geladas se abrirem em mim. Eu o tinha – exatamente onde ele deveria estar. Mas claro que não poderia simplesmente estacionar e pular do carro; precisava me aproximar com cautela, imaginando que ele soubesse qual era o meu carro, e assumindo que ele estaria com os olhos bem abertos esperando por uma possível aparição de Dexter.

Então devagar, pense nisso com calma; não conte apenas com as asas negras para superar todos os obstáculos. Observe com cuidado, preste atenção nos detalhes: por exemplo, Weiss está de costas para a van, e ela está estacionada de lado, com a frente para a cerca, bloqueando a vista da lagoa, porque obviamente nada poderia atacá-lo por aquele lado.

O que, naturalmente, significa que Dexter poderia atacar por ali.

Dirigindo devagar e tomando muito cuidado para não chamar atenção, virei o carro e voltei para o lado sul da área escolar. Segui a cerca até o fim, onde a rua acabava e a lagoa começava. Parei bem no fim da rua ao lado de uma barricada de metal, invisível para Weiss lá do portão, e saí do carro. Me movi rapidamente para o estreito caminho entre a cerca e o lago e fui em frente.

Lá no distante prédio da escola, o sinal soou. As aulas do dia tinham acabado e Weiss teria

que agir agora. Eu ainda conseguia vê-lo ajoelhado em frente ao cadeado. Mas não via os cabos largos de um tesourão aparecendo, e levaria alguns minutos para ele abrir o cadeado ou cortá-lo. Mas, uma vez lá dentro, poderia se mover livremente, fingindo que inspecionava a cerca. Cheguei ao limite com as árvores e me apressei, tomando cuidado com os pequenos montes de lixo – latas de cerveja, garrafas pet, ossos de galinha e outras coisas piores – cheguei ao ponto mais distante e parei um momento na última árvore, para ter certeza de que Weiss ainda estava lá, lutando com o cadeado. A van estava na frente, por isso não consegui vê-lo, mas até onde eu podia ver, o portão ainda estava fechado. Respirei fundo, drenando as sombras e deixando-as fluir pelo meu corpo, e então saí ao sol.

Me movi para a direita, quase correndo, para chegar a ele por trás, do outro lado da van. Silenciosamente, com cuidado, sentindo as asas negras se esticarem à minha volta, andei pelo espaço até a van, dei a volta nela e parei quando vi a figura ajoelhada no portão.

Ele olhou por cima do ombro e me viu. – Que tá rolando, mano? – o homem perguntou. Ele tinha uns cinquenta anos, era negro e definitivamente não era Weiss.

– Oh – falei, com minha esperteza usual. – Olá.

– Malditos moleques que colocaram cola no cadeado – ele falou, se virando novamente para o cadeado.

– O que será que estavam pensando? – falei educadamente. Mas nunca descobri o que eles estavam pensando, porque lá longe, depois do campo, na rua em frente à escola, ouvi o som de buzinas de carro, seguidas por um barulho de metal se retorcendo. E muito mais perto, dentro da minha cabeça, na verdade, ouvi uma voz sibilando: *Idiota!* E sem fazer uma pausa para pensar em como eu sabia que aquele acidente era o Weiss atacando Rita, pulei na cerca, subi e desci do outro lado e saí correndo pelo campo de esportes.

– Ei! – o homem gritou, mas uma vez na vida não me importei com os bons modos nem esperei para ver o que ele iria dizer.

É claro que Weiss não cortaria o cadeado, ele não precisaria. E é claro que ele não precisaria entrar na escola e tentar enganar centenas de professores atentos e crianças endiabradas. Tudo que precisava fazer era esperar no trânsito, como um tubarão nadando perto do recife, esperando que Nemo saísse. Era óbvio.

Corri muito. O campo parecia meio irregular, mas a grama era curta e bem cuidada, por isso consegui manter um bom ritmo. Estava exatamente me congratulando por estar em boa forma suficiente para manter minha velocidade máxima quando levantei os olhos um momento para ver o que estava acontecendo. Não foi uma boa ideia. Meu pé prendeu em algo e caí instantaneamente para frente. Virei uma bola, rolando pelo campo em uma cambalhota e meia até ficar de costas sobre algo arredondado. Pulei de pé e saí correndo novamente, com uma leve dor em um tornozelo torcido e uma vaga imagem de um grande formigueiro que agora tinha sido destruído pela minha atuação como canhão humano.

Agora estava perto; som de vozes aumentando em alarme e pânico vindas da rua – e um grito de dor. Eu só conseguia ver um amontoado de carros e pessoas andando para frente para

ver algo no meio da rua. Fui em direção ao pequeno portão na calçada e depois para frente da escola. Tive que ir mais devagar para poder passar pela multidão de crianças, professores e pais, reunidos para conseguir um bom lugar na porta da frente, mas fui passando o mais rápido que pude e saí para a rua. Voltei a correr para cobrir os últimos cinquenta metros que faltavam até onde o tráfego havia parado e se aglutinava em volta de dois carros que estavam juntos em um amontoado de metal. Um deles era o Honda cor de bronze de Weiss. E outro era o carro de Rita.

Não havia sinal de Weiss, mas Rita estava encostada no para-choques de seu carro com uma expressão de choque e torpor, segurando Astor em uma mão e Cody na outra. Ao ver todos juntos, sãos e salvos, diminuí o ritmo e passei a andar os últimos metros. Ela me olhou sem mudar de expressão.– Dexter, o que está fazendo aqui?

– Eu estava aqui por perto – comecei a falar. – Ai! – e aquele *ai* não era um comentário inteligente ao acaso: nas minhas costas, dúzias de formigas que aparentemente eu tinha carregado comigo depois da queda, resolveram me picar ao mesmo tempo como se tivessem seguido um sinal telepático. – Está tudo bem? – perguntei, lutando freneticamente para tirar minha camisa.

Puxei a camisa por cima da cabeça e vi os três me encarando com uma expressão de preocupação leve. – *Você* está bem? – Astor perguntou. – Por que você tirou a camisa no meio da rua?

– Por causa das formigas-de-fogo que estão nas minhas costas. – Bati nas costas com a camisa, o que não ajudou em nada.

– Um homem bateu no nosso carro – Rita falou. – E ele tentou pegar as crianças.

– Sim, eu sei – falei, me retorcendo como um *pretzel* enquanto tentava tirar as formigas das minhas costas.

– Como assim você sabe? – Rita perguntou.

– Ele fugiu – disse uma voz atrás da gente. – Ele corria bem rápido, apesar de tudo. – Me virei no meio dos meus tapas tira formiga e vi um policial ofegante, aparentemente por ter perseguido Weiss. Ele era jovem, parecia em forma e o nome no uniforme era Lear. Tinha parado e olhava para mim. – As roupas aqui não são opcionais, amigo – ele falou.

– São formigas – falei. – Pode me dar uma mão aqui, Rita, por favor?

– Você conhece este cara? – ele perguntou para Rita.

– É o meu marido – ela falou, soltou as crianças e, meio relutante, começou a dar uns tapas nas minhas costas.

– Bom – Lear falou – de qualquer forma, o cara fugiu. Ele correu até a U.S.1 e depois foi em direção à área de lojas. Chamei a central e eles vão averiguar, mas... – Ele deu de ombros. – Ele correu bem rápido para alguém com um lápis enfiado na perna.

– Meu lápis – Cody falou com um sorriso estranho e raro.

– E EU dei um soco bem forte no saco dele – Astor falou.

Olhei para eles através da nuvem vermelha de dor que sentia pelas picadas de formiga. Os dois pareciam muito convencidos e satisfeitos e, para ser honesto, eu também fiquei muito

satisfeito. Weiss tinha tentado seu pior golpe – mas o deles tinha sido um pouco pior. Meus pequenos predadores. Era quase o suficiente para fazer com que as picadas de formiga parassem de doer. Mas só quase – especialmente porque Rita também acertava as picadas junto com as formigas, causando uma dor adicional.

– Você tem dois belos escoteiros aqui – o policial Lear falou, olhando para Astor e Cody com uma expressão de aprovação levemente preocupada.

– Só o Cody – Astor falou. – E ele foi em apenas um encontro.

O policial abriu a boca e percebeu que não tinha nada a dizer, então a fechou de novo. Ele se virou para mim e disse: – O guincho vai chegar em alguns minutos. E os paramédicos vão querer checar se todos estão bem.

– Nós estamos bem – Astor falou.

– Então, se puder ficar com a sua família, vou tratar de dar um jeito nesse tráfego.

– Está bem assim pra mim – falei. Lear olhou para Rita e levantou uma sobrancelha, e ela assentiu.

– Sim, claro – ela falou.

– Tudo bem, então – ele falou. – Os federais provavelmente vão querer falar com você. Por causa da tentativa de sequestro, quero dizer.

– Ó, meu Deus! – Rita falou, como se ouvir a palavra tivesse tornado a coisa mais real.

– Acho que o cara era apenas um maluco – falei esperançoso. Afinal, já tinha problemas demais sem ter o FBI vasculhando a vida da minha família.

Lear não ficou impressionado e olhou para mim inflexivelmente. – Foi tentativa de rapto. Das suas crianças. – Ele ficou olhando para mim para ter certeza de que eu tinha entendido a palavra, então se virou para Rita e apontou o dedo para ela. – E garanta que os paramédicos examinem todos vocês. – Depois, olhou para mim sem nenhuma expressão. – E talvez seja bom você se vestir, está bem? – Então se virou e andou até a rua e começou a acenar, tentando fazer com que o tráfego voltasse a funcionar.

– Acho que tirei todas – Rita disse dando um último tapa nas minhas costas. – Me dê sua camisa. – Ela a pegou e sacudiu vigorosamente, depois me devolveu. – Tome, melhor vestir de novo – falou, e apesar de eu não conseguir imaginar por que toda Miami, repentinamente, tinha ficado tão obcecada em lutar contra a nudez parcial, vesti novamente a camisa, depois de inspecionar a parte de dentro para ver se não tinha sobrado nenhuma formiga.

Quando passei a cabeça pela gola e ela viu a luz do dia de novo, Rita já tinha segurado Cody e Astor pela mão novamente. – Dexter. Você disse... como pode... o que está fazendo aqui?

Eu não tinha certeza de quanto teria de contar para dar uma resposta satisfatória, e, infelizmente, não achava que segurar a cabeça e reclamar iria funcionar de novo – eu tinha quase certeza que já tinha feito aquilo ontem. E dizer que eu e o Passageiro tínhamos concordado que Weiss apareceria por aqui hoje e pegaria as crianças, porque era isso que nós faríamos no lugar dele, provavelmente não pegaria bem também. Então decidi contar uma versão diluída da verdade.

– É que, hã... foi esse cara que explodiu a casa ontem – falei. – E tive um pressentimento de que ele poderia tentar algo. – Rita ficou me olhando.– Como pegar as crianças para me atingir.

– Mas você nem é um policial de verdade – Rita falou com um certo ultraje na voz, como se alguém tivesse quebrado uma regra básica. – Por que ele tentaria atingir você?

Era uma boa pergunta, especialmente porque, no mundo dela – e falando de forma geral, no meu mundo também –, especialistas em borrifo de sangue não acabam em vinganças sanguinárias.

– Acho que é por causa da Deborah – falei. Afinal, ela era uma policial de verdade, e não estava aqui para me contradizer. – É alguém que ela estava procurando quando foi esfaqueada, e eu também estava lá.

– E por causa disso ele tentou machucar minhas crianças? Porque Deborah tentou prendê-lo?

– A mente criminosa é assim – falei. – Não funciona do mesmo jeito que a sua cabeça. – É claro que funcionava como a minha; neste momento, a minha mente criminosa estava pensando no que Weiss poderia ter deixado para trás em seu carro. Ele não esperava ter que fugir a pé. Era bem possível que houvesse alguma pista no carro mostrando aonde ele iria e qual seria seu próximo movimento. E mais, poderia haver alguma pista terrível que apontasse um dedo sangrento em minha direção. Ao pensar naquilo, percebi que precisava olhar o carro dele agora, enquanto Lear estava ocupado e antes de outros policiais chegarem na cena do crime.

E vendo que Rita ainda me olhava esperando por algo, falei: – Ele é louco. Talvez nunca consigamos entender o que ele está pensando. – Ela me olhou quase convencida; então, acreditando que uma saída rápida em geral é o argumento mais convincente, apontei para o carro dele com a cabeça.– Acho que eu deveria checar se ele esqueceu algo importante. Antes que o guincho chegue. – Dei a volta no carro de Rita e fui até a porta do motorista do carro de Weiss, que estava aberta.

O banco da frente tinha a seleção usual de lixo de carros. Papéis de chiclete no chão, uma garrafa de água no banco, o cinzeiro cheio de moedas para os pedágios. Nada de facas, serras de osso ou bombas, ou seja, nada de interessante. Estava quase deslizando para dentro do carro para abrir o porta-malas quando percebi um caderno no banco de trás. Era um caderno de desenhos de um artista, com as pontas de várias páginas soltas aparecendo, presas por um grande elástico, e, quando o vi, uma voz no fundo do Quarto Escuro de Dexter gritou *Bingo!*

Saí do carro e tentei abrir o porta-malas. Estava emperrado por causa da batida com o carro de Rita. Me ajoelhei no banco da frente e me inclinei para o banco de trás, pegando o caderno e saindo. Uma sirene soou próxima, e me afastei do carro e fui até Rita, trazendo o caderno comigo.

– O que é? – Rita perguntou.

– Não sei. Vamos dar uma olhada.

E pensando apenas em coisas inocentes, retirei o elástico. Uma página solta caiu no chão e

Astor olhou para ela. – Dexter. Isso parece com você.

– Não é possível – falei, tirando a página da mão dela.

Mas era possível. Era um belo desenho, muito bem-feito, mostrando um homem da cintura para cima, em uma pose meio que fazendo-piada-com-o-Rambo, segurando uma faca grande com sangue pingando dela, e não havia nenhuma dúvida.

Era eu.

Capítulo 27

TIVE APENAS ALGUNS SEGUNDOS PARA ADMIRAR A ESPLÊNDIDA semelhança comigo. Então, em uma sequência rápida de eventos, Cody disse – Legal – Rita falou – Deixa eu ver – e, o melhor de todos, a ambulância chegou. Na confusão que se seguiu, consegui guardar o desenho de volta no caderno e levar minha família até os paramédicos para que todos fossem examinados. E apesar de relutarem em admitir, não encontraram membros cortados, cabeças faltando ou órgãos internos mutilados e, então, foram forçados a liberar Rita e as crianças, com recomendações sobre o que observar, apenas como precaução.

Os danos no carro de Rita foram bem superficiais – uma lanterna quebrada e um para-choque amassado – então coloquei os três no carro. Normalmente, Rita os deixaria nos programas pós-escola e voltaria ao trabalho, mas existe uma lei não escrita que lhe garante o resto do dia livre se você e seus filhos forem atacados por um maníaco, então ela decidiu levá-los para casa para que se recuperassem do trauma. E como Weiss estava à solta por aí, decidimos que era melhor eu fazer o mesmo e também ir para casa. Então dei tchau para eles e comecei a longa e cansativa caminhada até onde tinha estacionado meu carro.

Meu tornozelo me incomodava e o suor que escorria pelas minhas costas irritava as picadas das formigas, então, para fazer minha cabeça se esquecer da dor, abri e comecei a folhear o caderno enquanto caminhava. O choque daquele retrato meu já tinha passado, e eu precisava descobrir o que ele significava – e para onde aquilo levava Weiss. Tinha quase certeza de que não era apenas um rabisco aleatório, algo que ele tivesse desenhado enquanto falava ao telefone. Além do que, com quem ele falaria? Doncevic, seu amante, estava morto, e ele tinha matado Wimble, que era seu amigo. E tudo que tinha feito até agora apontava para um propósito bem específico, e, sem nenhuma dúvida, era um propósito de que eu não estava gostando nem um pouco.

Estudei o desenho novamente. Era algo idealizado, eu supunha, não me lembrava de ter abdômen tão definido estilo tanquinho da última vez que olhei. E a impressão geral de uma ameaça grande e feliz era, apesar de correta, algo que eu tentava não mostrar nunca. Mas precisava admitir que ele tinha captado algo aqui, muito provavelmente algo bem possível de ser enquadrado.

Olhei as outras páginas. Era um material bem interessante e os desenhos eram bons, especialmente aqueles em que eu aparecia. Tinha certeza de que eu não aparentava ser assim tão nobre, feliz e selvagem, mas talvez aquilo fosse a tal da licença poética. E enquanto olhava

para os outros desenhos, comecei a ter uma ideia de para onde aquilo ia, e eu tinha certeza de que não iria gostar, não interessando o quão lisonjeiro fosse. Não ia gostar nem um pouco.

Muitos dos desenhos mostravam ideias de como decorar corpos no mesmo espírito do que Weiss tinha feito antes. Tinha um que mostrava uma mulher com seis peitos, mas não havia indicação de onde viriam os extras. Ela usava um extravagante chapéu de penas e tiras de couro, o tipo de fantasia que vimos no Moulin Rouge, em Paris. Não escondia quase nada, mas fazia tudo parecer tão glamouroso, e o efeito do sutiã que mal cobria os seios era absolutamente excitante.

A folha seguinte tinha um pedaço de papel do tamanho de uma carta enfiado em um envelope. Eu o retirei e desdobrei. Era uma lista com horários de voos da Cubana de Aviación, impressa de um computador e com os voos de Havana para o México. Estava dobrado junto com um desenho que mostrava um homem usando um chapéu de palha e segurando um remo. Uma linha tinha sido traçada até ele e ao lado, escrito em letras grandes e fortes, estava a palavra REFUGIADO! Coloquei o papel de volta e virei a folha. A próxima mostrava um homem com sua cavidade frontal aberta e cheia do que pareciam ser charutos e garrafas de rum. E estava arrumado em um conversível antigo com a capota abaixada.

Mas os desenhos mais interessantes de todos – pelo menos para mim – eram os da série que tinha uma imagem central forte do Destemido Dexter das Covinhas. Podia não pegar bem o fato de eu achar essas imagens de mim muito mais atrativas do que as outras de estranhos massacrados, mas existe uma certa fascinação que não acaba em olhar para desenhos de si mesmo que foram descobertos no caderno de um psicopata homicida. Em todo caso, foi essa série final que me deixou sem fôlego. E se Weiss tinha mesmo criado isto, ele tiraria meu fôlego para sempre, literalmente.

Porque estes, feitos com muito mais detalhamento, tinham sido retirados do vídeo no qual eu estava trabalhando em Doncevic. Tinham sido copiados, na verdade, mostrando quase exatamente o que eu me lembrava por ter visto o vídeo tantas vezes; quase. Mas, em vários dos quadros, Weiss tinha feito uma pequena mudança de ângulo para que o rosto aparecesse.

O meu rosto.

Ligado ao corpo que cortava e picotava.

E apenas para sublinhar a ameaça, Weiss tinha escrito PHOTOSHOP embaixo dessas imagens, e sublinhado a palavra. Não estou atualizado em relação às últimas tecnologias de vídeo, mas consigo somar dois mais dois como o resto das pessoas. Photoshop é um programa de manipulação de imagens e você pode usá-lo para alterar essas imagens, colocando nelas coisas que não existiam antes. Eu tinha que acreditar que aquilo poderia ser feito facilmente em um filme também. E eu sabia que Weiss tinha filmagens em quantidade suficiente para durarem por várias vidas malignas, de mim, Cody, dos curiosos nas cenas de crime e sabe-se lá mais o quê.

Então ele ia modificar o vídeo no qual estou trabalhando em Doncevic para mostrar meu rosto. E como eu estava começando a conhecer Weiss bem, ou pelo menos seus trabalhos, sabia que isto não seria um projeto "vamos ver no que dá". Ele usaria aquilo como uma bela peça de

decoração que me destruiria. E tudo por causa de uma brincadeira de uma hora com Doncevic, o amorzinho dele.

Sim, eu tinha feito aquilo, claro, e também tinha gostado de fazer. Mas aquilo parecia trapaça, não era justo colocar meu rosto depois de a coisa já ter acontecido, não? Especialmente porque, falso ou não, seria mais do que suficiente para levantar uma série de perguntas embaraçosas em minha direção.

O último desenho era o mais aterrador de todos. Ele mostrava um Dexter do filme, gigante e sorrindo maliciosamente, levantando a serra elétrica, projetado na lateral de um prédio grande, enquanto abaixo dele, no chão, estava o que parecia ser uma meia dúzia de cadáveres ornamentais, todos com o tipo de acessórios que Weiss tinha usado até agora. Aquela imagem inteira estava emoldurada por uma fileira dupla de palmeiras, e era uma imagem tão linda, de um esplendor artístico e tropical que poderia ter feito uma lágrima brotar dos meus olhos se a modéstia não tivesse me impedido.

Tudo fazia sentido considerando-se o jeito de ser de Weiss. Usar o vídeo que ele já tinha, mudar sutilmente para que *moi* apareça no papel principal e depois projetá-lo em um prédio público para que não haja dúvida de que estamos vendo o Decapitador Dexter em ação. Me jogar aos tubarões e ao mesmo tempo criar uma instalação enorme e comunitária para que todos possam admirar. Uma solução perfeita.

Cheguei ao carro e me sentei ao volante, olhando mais uma vez o caderno todo. É claro que poderiam ser só desenhos, uma fantasia de lápis e papel que nunca veria a luz do dia. Mas tudo isso tinha começado com Weiss e Doncevic montando *designs* públicos de cadáveres, e a única diferença aqui era a escala – sem nos esquecermos de que, em algum ponto dos últimos dias, Dexter se tornou o centro do projeto de ciências de Weiss. *A Mona Dexter*.

E agora ele planejava me tornar um enorme trabalho público. Dexter, o Magnífico, com o mundo a seus pés como um Colosso, vários cadáveres abaixo dele, trazido a você em cores bem a tempo dos telejornais noturnos. Ei, mamãe, quem é aquele belo gigante com a serra elétrica nas mãos? Ah, é o Dexter Morgan, querido, o homem terrível que foi preso um tempo atrás. Mas, mamãe, porque ele está sorrindo? Ele gosta do trabalho dele, querido. Que isso sirva de lição para você, encontre sempre um trabalho digno que o faça feliz.

Eu tinha aprendido o suficiente na escola para apreciar o fato de que uma civilização é julgada pela sua arte. Era lisonjeiro pensar que, se Weiss tivesse sucesso, as futuras gerações olhariam para trás e se lembrariam das conquistas dele com a minha imagem. Esse tipo de imortalidade era uma ideia bem tentadora, mas havia alguns pontos negativos nesse convite para a fama eterna. Em primeiro lugar, eu era modesto demais, e depois, bom, tinha todo o problema de as pessoas descobrirem quem eu sou, de verdade. Pessoas como Coulter e Salguero, por exemplo. O que aconteceria com certeza se o vídeo com a minha imagem fosse projetado em um grande prédio, com uma pilha de cadáveres aos pés. Era uma linda imagem, mas infelizmente levaria essas pessoas a fazer certas perguntas, ligar uma coisa à outra, e logo o prato do dia seria Creme de Dexter, feito deliciosamente na Cadeira Elétrica e servido na primeira

página do *Herald*.

Não, aquilo era muito lisonjeiro, mas eu não estava preparado para me tornar um ícone vivo da arte do século XXI. Com certa relutância, teria que apresentar minhas desculpas e declinar daquela honra.

Mas como?

Era uma pergunta honesta. As imagens me diziam o que Weiss pretendia fazer, mas não me falavam nada sobre em que ponto os planos estavam, quando ele pretendia fazer aquilo, e nem mesmo onde...

Espere um pouco. Eles me diziam onde. Virei até a última folha de novo, a que mostrava o projeto lunático em cores e detalhes. O desenho do prédio que serviria de tela de projeção era bem específico e familiar... e as fileiras de palmeiras? Eu já tinha visto em algum lugar antes, com certeza. Era um lugar onde eu já tinha estado. Mas onde e quando? Olhei para a imagem e deixei meu cérebro gigante rodar. Tinha estado lá e não fazia muito tempo. Talvez apenas um ano antes de me casar?

E com uma palavra, *casar*, eu me lembrei. Tinha sido um ano e meio atrás. Uma amiga do trabalho de Rita, Ana, tinha se casado. Tinha sido um casamento caríssimo, graças à família da noiva ser muito rica, e Rita e eu tínhamos ido à festa no ridiculamente elegante e antigo hotel The Breakers, em Palm Beach. O prédio desenhado aqui era a frente do The Breakers, com certeza.

Ótimo. Agora eu sabia exatamente onde Weiss planejava montar esse nobre Dexterdrama. Mas o que eu faria com aquilo? Não poderia ficar vigiando o hotel dia e noite nos próximos três meses esperando que Weiss aparecesse com o primeiro carregamento de cadáveres. Mas também não podia me dar ao luxo de não fazer nada. Mais cedo ou mais tarde, ou ele iria montar a coisa ou... ou talvez isso fosse algum outro tipo de armadilha para me fazer ir até Palm Beach enquanto ele faria alguma outra coisa aqui em Dade County?

Não, aquilo era besteira. Ele não tinha planejado correr para bem longe com um lápis enfiado na perna e a marca de um pequeno punho no saco dele, deixando os desenhos para trás. Este era o plano dele, para o bem ou para o mal, e eu tinha que acreditar que era para o mal, pelo menos em relação à minha reputação. Então, a única questão que sobrava era: quando ele planejava fazer aquilo? A única resposta que eu conseguia pensar era "em breve", e aquilo não me parecia nem um pouco específico.

Não havia outro jeito, eu precisaria conseguir uma folga do trabalho e esperar no hotel. Isso significava deixar Rita e as crianças sozinhas e aquilo não me agradava, mas não conseguia ver mais nada que pudesse fazer. Weiss vinha se movendo rápido, de uma ideia para a outra, e imaginei que ele provavelmente se concentraria nesse projeto especificamente e agiria rápido. Era uma aposta alta, mas valeria a pena se eu conseguisse impedi-lo de projetar uma imagem gigante de mim na frente do The Breakers.

Muito bem, era o que eu ia fazer. Quando Weiss fosse começar o projeto em Palm Beach, eu estaria esperando por ele. E com aquilo decidido, abri o caderno para uma última

olhada no simpático Dexter em Quadrinhos. Mas, antes que eu pudesse mergulhar em um transe de autoadmiração, um carro parou ao lado do meu e um homem saiu dele.

Era Coulter.

Capítulo 28

O DETETIVE COULTER DEU A VOLTA ATÉ A PONTA DO CARRO DELE, fez uma pausa, olhou para mim e então voltou até o lado da porta do motorista e desapareceu por um momento. Usei aquele tempo para esconder o caderno embaixo do meu banco, então Coulter apareceu de novo e veio dando a volta no carro, desta vez com uma garrafa de dois litros de Mountain Dew pendurada em seu dedo indicador. Ele se encostou em seu próprio carro e tomou um grande gole do refrigerante. Depois limpou a boca com o braço.

– Você não estava em seu escritório.

– Não, não estava – respondi; afinal, eu estava aqui.

– Quando ouvi o chamado no rádio, era a sua esposa, e fui tentar avisar você – ele disse e deu de ombros. – Mas você não estava lá. Já estava aqui, certo? – Ele não esperou por uma resposta, o que não foi problema, já que eu não tinha uma. Em vez disso, tomou outro gole, limpou a boca e falou: – É a mesma escola onde encontramos o líder dos escoteiros, né?

– Isso mesmo.

– E você já estava aqui quando aconteceu? – ele perguntou, tentando parecer inocentemente surpreso. – Como isso aconteceu?

Tenho certeza de que, se dissesse a Coulter que tive um palpite, ele não apertaria minha mão e me congratularia. Então confiei em minha legendária esperteza e me ouvi dizendo: – Tive a ideia de vir até aqui e fazer uma surpresa para Rita e as crianças.

Coulter assentiu com a cabeça como se achasse aquilo muito crível.

– Surpreendê-los. Parece que alguém chegou antes de você.

– Sim – respondi com cuidado. – Parece que sim.

Ele tomou outro longo gole, mas desta vez não limpou a boca. Apenas se virou para olhar a rua principal onde o guincho estava rebocando o carro de Weiss. – Tem alguma ideia de quem pode ter feito isso com sua mulher e as crianças? – perguntou sem olhar para mim.

– Não – falei. – Acho que deve ter sido apenas, sei lá, um acidente?

– Hum – ele disse, e agora me encarava de novo. – Um acidente, nossa, não tinha pensado nisso. Porque sabe como é, né? A mesma escola onde o chefe dos escoteiros foi assassinado. E você está aqui de novo. Então, um acidente? Jura? Acha mesmo?

– Eu... eu só... por que não seria? – Treinei minha vida toda e minha expressão de surpresa era muito boa, mas Coulter não parecia nem um pouco convencido.

– Esse tal de Donserviço – ele começou.

– Doncevic.

– Tanto faz. – Ele deu de ombros. – Parece que está desaparecido. Sabe alguma coisa a respeito disso?

– Por que eu saberia alguma coisa sobre isso? – colocando o máximo que consegui de surpresa em minha expressão.

– Pagou a fiança, fugiu do namorado e desapareceu – falou.

– Por que ele faria isso?

– Não tenho a menor ideia.

– Você lê, Dexter? – ele perguntou, e o jeito que usou meu primeiro nome me deixou preocupado; soava como se estivesse falando com um suspeito. E na verdade estava mesmo, mas eu ainda esperava que ele não pensasse em mim daquele jeito.

– Ler? Hã, não muito. Por quê?

– Eu gosto de ler. – E então, aparentemente mudando de assunto, ele disse: – Uma vez é acaso, duas é coincidência, três é ação inimiga.

– Como? – falei. Ele tinha me confundido por volta do "eu gosto de ler".

– É uma frase do *Goldfinger* – ele falou. – Quando ele está dizendo a James Bond que encontrá-lo três vezes em lugares por onde ele não deveria estar não era coincidência. – Deu outro gole, limpou a boca e ficou me olhando suar. – Adoro esse livro. Devo ter lido três ou quatro vezes.

– Eu não li esse – respondi educadamente.

– Então temos você por aqui – ele continuou – e temos você na casa que explodiu. Já são duas vezes que você estava em um lugar que não deveria. Devo acreditar que é coincidência?

– O que mais poderia ser?

Ele ficou apenas me encarando sem piscar. E tomou outro gole de refrigerante. – Não sei – falou finalmente. – Mas sei o que Goldfinger diria se acontecer uma terceira vez.

– Bom, então vamos torcer para que não aconteça – e disse aquilo com toda a sinceridade do mundo.

– Vamos – ele disse, fez um aceno de cabeça, colocou o dedo indicador no gargalo da garrafa e se levantou. – Vamos torcer muito por isso. – Então se virou, entrou no carro e foi embora.

Se eu fosse um observador mais atento dos defeitos humanos, tenho certeza de que adoraria descobrir muitas coisas sobre o detetive Coulter. Que maravilha saber que ele era um devoto das artes literárias! Mas a alegria daquela descoberta foi encoberta pelo fato de eu não ter o menor interesse em saber o que ele fazia com o tempo livre dele, desde que fizesse longe de mim. Eu mal tinha tirado o sargento Doakes de sua vigilância perpétua sobre Dexter e agora aparecia Coulter para tomar o lugar dele. Era como se eu fosse vítima de uma estranha e sinistra seita tibetana de perseguição ao Dexter, sempre que o lama que odiava o Dexter morria, outro nascia para tomar o seu lugar.

Mas não havia nada que eu pudesse fazer a respeito daquilo agora. Estava prestes a me

tornar um enorme trabalho artístico, e aquele era um problema muito maior no momento. Liguei o carro e fui para casa.

Quando cheguei lá, tive que esperar vários minutos batendo à porta até que Rita decidisse tirar a corrente de segurança e me deixar entrar. Acho que tive sorte de ela não empilhar o sofá e a geladeira atrás da porta. E provavelmente só não fez isso porque precisava usar o sofá; estava enfiada nele com as duas crianças grudadas nela, uma de cada lado, e, depois de me deixar entrar – meio que relutantemente –, reassumiu sua posição, passando um braço protetor em volta de cada criança. Cody e Astor tinham expressões quase iguais em seus rostos: tédio e irritação. Aparentemente, ficar enfurnado na sala com medo não era uma atividade familiar que eles apreciassem.

– Você demorou – Rita falou quando passou a corrente de novo na porta.

– Tive que conversar com um detetive.

– Sim, mas... – ela começou, se enfiando novamente no sofá entre as crianças. – Ficamos preocupados.

– Não FICAMOS preocupados – Astor falou, rolando os olhos em direção à mãe.

– Porque, sei lá, aquele homem pode estar em qualquer lugar. Ele poderia estar aí fora agora. – E mesmo que nenhum de nós acreditasse naquilo, nem mesmo Rita, nós quatro viramos a cabeça para a porta e olhamos. Pra nossa sorte, ele não estava lá, pelo menos até onde conseguíamos ver tentando olhar através de uma porta maciça e trancada.

– Por favor, Dexter – e o medo era tão afiado em sua voz que eu quase podia sentir o cheiro. – Por favor, isso é... o que... por que isso está acontecendo? Eu não... – Ela fez vários grandes movimentos incompletos com as mãos e depois as largou em seu colo. – Isso tem que acabar. Faça isso acabar.

Honestamente, só conseguia pensar em algumas coisas que eu preferia fazer em vez de acabar com aquilo, e muitas delas poderiam ser parte de como acabar com aquilo, era só eu pegar o Weiss. Mas, antes que eu pudesse me concentrar em criar planos felizes, a campainha tocou.

Rita respondeu àquilo dando um pulo, depois se ajeitando novamente no sofá e apertando as crianças contra ela, uma de cada lado. – Ó, Deus! Quem poderá ser?

Eu tinha certeza de que não era um Testemunha de Jeová, mas respondi apenas: – Vou lá ver – e fui até a porta. Só para garantir, olhei pelo olho mágico – os Testemunhas de Jeová são bem persistentes –, mas o que vi foi muito mais assustador.

O sargento Doakes estava parado na frente da porta.

Ele estava mexendo no pequeno computador de mão prateado que agora falava por ele, e ao lado dele estava uma bonita mulher de meia-idade usando um terninho cinza, e mesmo não estando de chapéu, eu tinha certeza de que ela era a agente que iria falar conosco a respeito da tentativa de rapto.

Olhando para os dois e pensando no tanto de problemas que representavam, considerei deixar a porta trancada e fingir que não estávamos em casa. Mas era uma ideia inútil. Já descobri

que, quanto mais rápido você foge dos problemas, mais rápido eles o alcançam, e tinha quase certeza de que, se não deixasse Doakes e sua nova amiga entrarem, eles voltariam com um mandado e provavelmente com Coulter e Salguero junto. Então, pensando em coisas ruins e tentando montar minha expressão para um misto de surpresa e choque, abri a porta.

– Andando. Seu filho da puta! – disse a alegre voz artificial de barítono quando Doakes bateu duas vezes com sua garra no teclado de seu pequeno computador.

A agente encostou uma mão conciliadora nele e então olhou para mim. – Senhor Morgan? Podemos entrar? – ela disse, mostrando pacientemente suas credenciais enquanto eu olhava; ela era a agente especial Branda Recht, do FBI. – O sargento Doakes se ofereceu para me trazer aqui para falar com você – ela disse, e pensei em quão generosa tinha sido a ação de Doakes.

– É claro que pode entrar – falei, e então tive uma daquelas inspirações felizes que às vezes aparecem na hora certa, e acrescentei: – Mas as crianças estão meio abaladas... e elas têm um pouco de medo do sargento Doakes. Será que ele pode esperar aqui fora?

– Filho da puta! – Doakes falou, como se estivesse dizendo alegremente: "Olá, vizinho!".

– E o linguajar dele é um pouco pesado também.

A agente especial Recht olhou para Doakes. Sendo do FBI, ela não podia admitir que nada a assustasse, mesmo Doakes, o ciborgue, mas parecia estar pensando que aquela era uma ótima ideia. – Claro. Espere aqui, sargento.

Doakes me encarou por um longo momento, e, nas sombras, quase pude ouvir o grito de raiva do Passageiro dele. Mas tudo o que fez foi levantar uma garra de prata, olhar para o teclado e apertar uma das frases pré-gravadas. – Continuo de olho em você, seu filho da puta – aquela voz alegre assegurou.

– Tudo bem – falei. – Mas fique de olho através da porta, certo? – Levei Recht para dentro e, assim que ela passou por Doakes, fechei a porta deixando-o ali.

– Ele não parece gostar de você – a agente especial Recht observou, e fiquei impressionado com a atenção que ela tinha para os detalhes.

– Não. Acho que ele me culpa pelo que aconteceu – o que era uma parte da verdade, apesar de ele já não gostar de mim muito antes de perder as mãos, pés e língua.

– Certo – ela falou, e apesar de ver que ela estava pensando naquilo, a agente não tocou mais no assunto. Em vez disso, foi em direção ao sofá, onde Rita continuava sentada apertando Cody e Astor. – Senhora Morgan? – ela disse mostrando novamente a credencial. – Agente especial Recht, do FBI. Posso fazer algumas perguntas sobre o que aconteceu esta tarde?

– FBI? – Rita falou, soando tão culpada como se estivesse sentada sobre títulos ao portador roubados. – Mas como... por que você... sim, claro.

– Você tem uma arma? – Astor perguntou.

Recht olhou para ela com uma desconfiança carinhosa. – Sim, tenho.

– E você atira nas pessoas com ela?

– Só se precisar – ela falou e olhou em volta, achando a cadeira mais próxima. – Posso me sentar e fazer algumas perguntas?

– Oh – Rita falou. – Me desculpe. Eu estava... sim, claro, sente-se, por favor.

Recht se ajeitou na ponta da cadeira e olhou para mim antes de falar com Rita. – Me conte o que aconteceu – falou, e quando Rita hesitou, ela deu uma ajuda: – Você estava no carro com as crianças, entrou na U.S.1 e...

– Ele... ele apareceu do nada.

– *Bum!* – Cody falou suavemente, e olhei para ele com surpresa. Ele sorria um pouco, o que era alarmante também. Rita olhou para ele com receio, mas continuou.

– Ele bateu na gente. E enquanto eu ainda estava... antes que pudesse... ele apareceu na porta, e tentou pegar as crianças.

– E eu dei um soco no saco dele – Astor falou. – E Cody enfiou o lápis na perna dele.

Cody fez uma careta para ela. – Eu enfiei o lápis *primeiro* – ele falou.

– Tanto faz – Astor disse.

Recht olhou para os dois com um leve espanto. – Bom para vocês.

– E então o policial apareceu e ele saiu correndo – Astor falou e Rita concordou com a cabeça.

– E por que já estava também por lá, senhor Morgan? – ela perguntou, girando a cabeça para mim sem nenhum aviso.

Eu já sabia que ela faria esta pergunta, claro, mas ainda não tinha pensado em uma boa resposta. Minha alegação para Coulter de que tinha ido fazer uma surpresa para Rita não tinha dado certo, e a agente especial Recht parecia bem mais esperta – além de me encarar enquanto os segundos passavam, esperando a resposta lógica e racional que eu não tinha. Precisava dizer algo logo, mas o quê?

– Hã – balbuciei –, não sei se sabe que eu tive uma concussão?

A conversa com a agente especial Brenda Recht, do FBI, nunca vai aparecer como um dos melhores momentos da minha vida. Ela não pareceu acreditar que saí mais cedo do trabalho porque não estava me sentindo bem, parando na escola porque estava bem na hora de as crianças saírem. E nem posso culpá-la, de verdade. Aquilo soou bem fraco, mas, como foi a única coisa que consegui bolar, tive que ir adiante com aquilo.

Ela também pareceu ter problemas em aceitar minha versão de que, quem quer que tenha atacado Rita e as crianças, fosse um maluco qualquer, produto da raiva da estrada, do tráfego de Miami e muito café cubano. Mas, pelo menos, acabou aceitando que não iria

conseguir nenhuma outra resposta minha. Então se levantou, olhando para mim com uma expressão que é melhor chamarmos de pensativa. – Muito bem, senhor Morgan. Tem algo errado por aqui, mas parece que não vai me dizer o que é.

– Não tem nada de errado – falei, talvez sendo modesto demais. – Essas coisas acontecem o tempo todo em Miami.

– Certo. O problema é que elas parecem acontecer demais à sua volta.

Não sei como, consegui me segurar e não dizer: – Se você soubesse... – e a levei até a porta.

– Vamos manter um policial aqui durante alguns dias, apenas por segurança – ela falou, o que não era uma boa notícia, e como as coisas ruins andam juntas, enquanto falava a porta se abriu e lá estava o sargento Doakes, quase na mesma posição que o deixamos, olhando malevolamente para a porta. Me despedi apropriadamente dos dois e, enquanto fechava a porta, a última coisa que vi foi o olhar sem piscar de Doakes, que parecia o irmão gêmeo maligno do Gato de *Alice no País das Maravilhas*

O interesse do FBI não ajudou Rita a se sentir melhor. Ela continuava apertando as crianças e falando com frases travadas e pela metade. Por isso eu a confortei da melhor forma que pude e, por um tempo, ficamos todos juntos no sofá, até que finalmente o sofrimento de Cody e Astor fez com que ficasse impossível ficarmos todos juntos. Rita desistiu, colocou um DVD para eles assistirem e foi para a cozinha, onde começou sua terapia alternativa de conforto que era fazer muito barulho com potes e panelas, e eu andei pelo corredor até o pequeno quarto extra que ela chamava de Escritório do Dexter para examinar novamente o caderno e ter pensamentos sombrios.

A lista de pessoas que não poderiam ser consideradas amigáveis estava crescendo: Doakes, Coulter, Salguero e agora o FBI.

E Weiss também, é claro. Ele ainda estava por aí e queria me pegar e se vingar de mim. Será que ele viria atrás das crianças de novo, saindo das sombras para agarrá-las, talvez usando calças reforçadas e um protetor de virilha dessa vez? Se sim, eu teria que ficar com as crianças até tudo acabar, o que não era a melhor maneira de pegá-lo – especialmente se ele tentasse algo diferente. E, se ele quisesse me matar, ficar com Cody e Astor os colocava em perigo. Se analisarmos o truque da casa explosiva dele, veremos que ele não se preocupa muito com danos colaterais.

Mas eu sim. Me preocupava com as crianças, e protegê-las era minha prioridade máxima. Era uma revelação estranha perceber que eu me preocupava tanto com a segurança deles quanto em proteger minha identidade secreta. Aquilo não combinava com o que eu pensava de mim, com o modo cuidadoso com que tinha criado minha autoimagem. É claro que sempre tive um prazer especial em rastrear predadores que atacavam crianças, mas nunca tinha pensado em por que fazia aquilo. E tinha planejado cumprir minhas obrigações com Cody e Astor como padrasto e, muito mais importante que isso, como o guia deles no Código de Harry. Mas me ver girando em círculos de proteção maternal ao pensar que alguém poderia tentar feri-

los era algo novo e perturbador.

Por isso, parar Weiss era importante de um jeito novo e diferente. Agora eu era o Papai Dexter, e precisava fazer aquilo pelos meus filhos além de por mim também, e estava experimentando uma onda de algo perigosamente próximo de uma emoção ao pensar em alguém tentando machucá-los.

Muito bem, era claro que eu tinha que descobrir qual o próximo passo de Weiss e pará-lo antes que ele fosse em frente. Peguei o caderno e olhei novamente os desenhos, talvez inconscientemente esperando ver algo que houvesse deixado passar – um endereço onde eu poderia achá-lo, talvez, ou então um bilhete de suicídio. Mas as folhas ainda eram as mesmas, e também já não eram novidade, por isso não me diverti olhando as imagens de mim. Nunca fui muito interessado em olhar para mim, e olhar-me em uma série de imagens que têm a intenção de me mostrar como-sou-de-verdade para o mundo, no mínimo acaba com toda a alegria da coisa.

E qual era o sentido de tudo isso? Me expor? Criar uma grande obra de arte? Parei e examinei vários dos desenhos menores, aqueles que complementavam os desenhos principais. E pode parecer falta de modéstia – afinal eles competiam por espaço com as minhas imagens –, mas não eram nem um pouco interessantes. Você poderia descrevê-los como engenhosos, mas não mais do que isso. Faltava originalidade e eles pareciam meio sem vida, mesmo os que eram de cadáveres.

E sendo brutalmente honesto, mesmo os desenhos de mim eram algo que um garoto do colegial com talento faria. Eles podem até ser projetados em uma escala enorme na frente do Breakers Hotel, mas não estão na mesma escala de nada do que vi recentemente em Paris – mesmo as coisas das pequenas galerias. É claro que teve aquela última apresentação, *A perna de Jennifer*, que também tinha usado vídeos amadores, mas o objetivo lá era ver a reação do público e não...

Por um momento, fez-se um silêncio absoluto no cérebro de Dexter, tão denso que obscureceu todo o resto. E então foi embora, revelando um pensamento inesperado.

A reação do público.

Se você estivesse interessado na reação, então a qualidade do trabalho não era tão importante, desde que causasse choque. E você poderia dar um jeito de capturar a reação, em fitas de vídeo, por exemplo. E talvez até tivesse um profissional da área trabalhando para você, alguém como Kenneth Wimble, apenas para citar um exemplo, cuja casa Weiss explodiu. Fazia muito mais sentido pensar em Wimble como um deles do que como uma vítima.

Mas, então, Weiss mudou de escala e passou a matar pessoas em vez de roubar cadáveres e brincar com eles. Wimble provavelmente não concordava com aquilo e Weiss o explodiu em sua própria casa ao mesmo tempo em que tentava eliminar o insubstituível Dexter.

Mas Weiss ainda mexia com vídeo, mesmo sem o seu especialista. Porque esse era o seu objetivo com isso tudo. Queria imagens das pessoas vendo o que ele fazia. Cada vez mais ele queria fazer isso... com o chefe dos escoteiros, com Wimble e a tentativa de me pegar. Mas era o

vídeo que importava. E ele mataria feliz para conseguir.

Não foi à toa que o Passageiro ficou indiferente. Nossa arte era do tipo mãos à obra, e os resultados eram extremamente privados. Weiss era diferente. Ele podia querer se vingar de mim, mas faria aquilo indiretamente sem problema nenhum, algo que eu e o Passageiro jamais consideraríamos. Para Weiss, a arte ainda importava. Ele precisava de suas imagens.

Olhei para aquela última imagem colorida e caprichada de MIM, projetada no The Breakers Hotel. O desenho era feito à mão e dava para ver facilmente a arquitetura básica do lugar. A fachada era em formato de U, com a entrada no meio e uma ala saindo para a frente de cada lado. Havia uma grande alameda levando até a porta de entrada, com várias fileiras de palmeiras, um lugar perfeito para a multidão se reunir e observar horrorizada. Weiss estaria com sua câmera ali no meio, em algum lugar, gravando imagens e tirando fotos das expressões. Mas, enquanto olhava para o desenho, percebi que, mesmo antes disso, ele iria querer um quarto em uma das alas com vista para o centro, onde a imagem seria projetada, e deixaria uma câmera armada lá, algo como aquelas câmeras remotas que já tinha usado antes, mas desta vez com lentes poderosas, para capturar as expressões das pessoas vendo a projeção.

O que eu precisava fazer era detê-lo antes que ele armasse aquele circo todo, pegá-lo quando chegasse ao hotel. E, para isso, tudo que precisava fazer era descobrir quando ele daria entrada no hotel. Aquilo seria bem fácil se eu tivesse acesso aos registros do hotel, coisa que eu não tinha, ou se soubesse um jeito de forçar minha entrada neles, coisa que também não sabia. Mas, enquanto pensava naquilo, me lembrei de algo.

Eu conhecia alguém que poderia me ajudar.

Capítulo 29

KYLE CHUTSKY ESTAVA SENTADO DO OUTRO LADO DA MESMA mesa de canto do pequeno café que ficava no mesmo andar do estacionamento do hospital. Apesar de eu achar que ele não saíra de lá por vários dias, estava barbeado e usava uma camisa que parecia limpa, e me olhava com uma expressão de felicidade que mexia com os cantos da boca dele e enrugava a pele em volta de seus olhos, mas não fazia nada com os olhos em si, que continuavam frios e observadores.

– Isso é engraçado – ele falou. – Quer que eu ajude você a invadir os registros dos hóspedes do tal hotel The Breakers? Rá! – Ele soltou o tipo de riso que não é muito convincente. – Por que acha que posso ajudá-lo com isso?

Infelizmente era uma pergunta justa. Eu não *sabia* realmente se ele poderia me ajudar, não com base em algo que ele houvesse dito ou feito. Mas o pouco que eu conhecia a respeito de Chutsky indicava que ele era um membro em boa posição das sombras governamentais, um clã de pessoas deliberadamente não monitoradas e sem conexão que trabalhavam para várias agências com siglas alfabéticas que eram mais ou menos filiadas ao governo federal, e às vezes até mesmo uma à outra. E, com isso, eu tinha certeza de que ele saberia muitas maneiras de descobrir quando Weiss se registraria no hotel.

Mas havia o pequeno problema dos protocolos, do qual eu não deveria saber nada e ele não poderia admitir nada. E para transpormos aquilo, eu precisava impressioná-lo com algo urgente o suficiente para superar sua relutância instintiva. Não consigo pensar em quase nada mais importante do que o fim do Destemido Dexter, mas não sei por que imaginei que Chutsky não compartilharia aquela opinião comigo. Provavelmente ele colocaria coisas bestas e triviais como Segurança Nacional, paz mundial e a própria vida inútil dele em patamares mais elevados.

Mas também me ocorreu que minha irmã fazia parte da lista dele de coisas muito importantes, e aquilo me propiciou pelo menos um discurso de abertura forte. Então, com minha melhor sinceridade viril falsa, falei: – Kyle, estou falando do homem que esfaqueou minha irmã.

E em qualquer cena, de qualquer seriado masculino de TV que eu já vi, aquilo teria sido mais do que suficiente, mas aparentemente Chutsky não assistia muito TV. Ele levantou uma sobrancelha e falou: – E daí?

– E daí – falei, dando um jeito de tentar me lembrar do que mais eles falavam naqueles seriados – que ele está à solta e, hã, livre e sem punição pelo que fez. E, hã... pode ser que faça de novo.

Desta vez ele levantou as duas sobrancelhas. – Acha que ele pode atacar Deborah de novo?

A conversa não estava indo bem, nem um pouco do jeito que eu havia pensado. Achei que havia algum tipo de Código dos Homens de Ação aqui, e tudo que eu precisava fazer era trazer o assunto da ação direta à tona, mostrar minha ansiedade em fazer aquilo e Chutsky se levantaria de um salto, igualmente ansioso, e nós dois atacaríamos juntos. Mas, em vez disso, Chutsky me olhava como se eu tivesse sugerido uma lavagem intestinal.

– Como você pode não querer pegar esse cara? – falei, deixando um pouco de desespero embaraçoso escapar na minha voz.

– Não é meu trabalho – ele respondeu. – E nem o seu, Dexter. Se acha que esse cara vai se hospedar no tal hotel, conte para a polícia. Eles têm muita gente que podem usar para ficar vigiando e prender o cara. Você é um só, camarada. E não me leve a mal, mas isto pode ser bem mais pesado do que o que você está acostumado.

– A polícia vai querer saber como eu sei disso – falei, e me arrependi no mesmo instante.

Ele pegou quase tão rápido quanto eu. – Certo. E COMO você sabe?

Existem algumas ocasiões nas quais até mesmo o Malicioso Dexter precisa mostrar duas de suas cartas, e esta ocasião tinha chegado. Então, jogando minhas inibições inatas pela janela, falei: – Ele está me seguindo.

Chutsky piscou. – Como assim?

– Ele quer me matar – falei. E já tentou duas vezes.

– E você acha que ele vai tentar de novo? Nesse tal hotel The Breakers?

– Isso.

– Então por que você não fica em casa?

Não estou sendo convencido quando digo que não estou acostumado a conversar com alguém mais esperto do que eu. Mas Chutsky estava claramente conduzindo esta dança, e Dexter estava muitos passos atrás, mancando com seus dois pés esquerdos e bolhas no calcanhar e nos dedos. Eu tinha entrado nisso com uma imagem clara de Chutsky como um homem que batia com os dois punhos, mesmo que um deles agora fosse um gancho, mas também do cara entusiasmado, fodão e responsável pelo lançamento dos torpedos que iria para a batalha assim que a ideia fosse sugerida, especialmente quando envolvia pegar o homem que esfaqueou o amor verdadeiro dele, minha irmã Deborah. Mas claramente eu tinha errado nos cálculos.

E isto levantava uma grande questão: quem ele era de verdade e como eu conseguiria a sua ajuda? Será que precisaria de um estratagema astuto que o dobrasse à minha vontade ou teria que recorrer a alguma forma de dizer a sem precedentes, desconfortável e nunca dita verdade? Só de pensar em ser honesto me fez tremer completamente – aquilo ia contra tudo o que eu sempre defendi. Mas não parecia haver saída. Eu teria que dizer pelo menos uma parte da verdade.

– Se eu ficar em casa – falei –, ele vai fazer algo terrível. Contra mim e talvez contra as crianças.

Chutsky me encarou e depois sacudiu a cabeça negativamente. – Sua conversa estava fazendo mais sentido quando achei que queria se vingar. Como ele pode fazer algo terrível enquanto você estiver em casa e ele no hotel?

Em certo momento, você tem que admitir que há dias que você não está em sua melhor forma, e este era um deles. Disse a mim mesmo que provavelmente ainda estava sofrendo com aquela concussão, mas respondi que aquela era uma desculpa lamentável e já utilizada demais, e me sentindo bravo comigo mesmo como há muito não me sentia, peguei o caderno que recuperei do carro de Weiss e abri na página do desenho colorido que mostrava Dexter, o Dominador, em frente ao The Breakers Hotel.

– Deste jeito – falei. – Se ele não me matar, vai dar um jeito de me prenderem por assassinato.

Chutsky examinou o desenho por um bom tempo e depois assobiou baixo. – Caramba – falou. – Todas estas coisas aqui embaixo...

– Cadáveres – falei. – Arrumados do mesmo jeito que os outros que Deborah investigava quando foi esfaqueada por ele.

– Por que ele faria isso?

– É um tipo de arte. Quer dizer, ele acha que é arte.

– Sim, mas por que ele faria isso com VOCÊ, camarada?

– Sabe o cara que foi preso quando Debs foi esfaqueada? Eu chutei a cabeça dele com vontade. E ele era o namorado deste outro cara.

– Era? Onde ele está agora?

Nunca entendi por que as pessoas praticam a automutilação; afinal, nossa própria vida já faz isso por nós e é um trabalho benfeito. Mas se eu pudesse voltar atrás ao dizer a palavra *era* e morder minha língua com força, faria isso com todo o prazer. Infelizmente já tinha falado e precisava dar um jeito, então, me debatendo para conseguir um pouco da minha antiga super-esperteza, achei um pedacinho e me saí com: – Ele pagou a fiança e sumiu.

– E o cara culpa você porque o namorado dele fugiu?

– Acho que sim.

Chutsky olhou para mim e depois para o desenho. – Olha, camarada, você conhece esse cara e sei que precisa seguir seus instintos. Sempre funcionou comigo, nove em dez vezes. Mas isto é... não sei. – Ele deu de ombros. – É meio fraco, não acha? – Então esticou um dedo para o desenho. – Mas, de qualquer forma, você tem razão sobre uma coisa. Se ele for fazer isto, você vai precisar da minha ajuda. Muito mais do que pensa.

– Como assim? – perguntei educadamente.

Chutsky bateu no desenho com as costas da mão. – Este hotel – ele falou. – Não é o The Breakers. É o Hotel Nacional. Em Havana. – E vendo que a boca de Dexter estava aberta de um jeito o mais inconveniente possível, ele continuou. – Você sabe, Havana, aquela que fica em Cuba.

– Mas isso não é possível. Quer dizer, eu já estive lá. É o The Breakers – falei.

Ele sorriu para mim, aquele tipo de sorriso irritantemente superior que eu adoraria tentar um dia, quando não estiver usando meu disfarce. – Você não fez a lição de casa direito, não?

– Acho que devo ter pulado o capítulo que falava disso. Do que está falando?

– O Hotel Nacional e o The Breakers foram construídos a partir da mesma planta, para economizar. Eles são praticamente idênticos.

– E como você tem tanta certeza de que este não é o The Breakers?

– Olha só – ele falou. – Veja os carros antigos. É totalmente Cuba. E esse pequeno carrinho de golfe com a capota em forma de bolha? É um Coco Loco, e você só acha um destes lá, não em Palm Beach. E a vegetação? Está vendo estas coisas à esquerda? Não tem isso no The Breakers, apenas em Havana. – Ele soltou o caderno e se recostou. – Por isso, eu diria que o problema está resolvido, camarada.

– Por que você diria isso? – falei irritado com a atitude dele e com a falta de sentido do que tinha falado.

Chutsky sorriu. – É muito difícil para um americano chegar até lá. Não acho que ele conseguiria.

Uma pequena ficha caiu na máquina e uma luz se acendeu no cérebro de Dexter. – Ele é canadense.

– Certo – ele falou, ainda resistindo. – Então ele *poderia* ir até lá. – Deu de ombros. – Mas, ei, talvez você não se lembre de que as coisas são meio controladas por lá. Quer dizer, não tem como ele escapar fazendo algo assim – ele bateu no desenho com as costas da mão. – Não em Cuba. Os policiais estariam em cima dele como... – Chutsky fez uma careta, levantou seu gancho prateado até o rosto pensativamente. Parou um pouco antes de coçar o olho com ele. – A menos que...

– O quê? – perguntei.

Ele sacudiu de leve a cabeça. – Esse cara é muito esperto, certo?

– Bom – respondi de forma meio rabugenta. – Ele ACHA que é.

– Então ele deve saber. O que significa que talvez... – Chutsky começou, se recusando educadamente a terminar a sentença com algo que se parecesse com um substantivo. Pegou seu celular, um daqueles grandes com telas imensas. Fixando-o à mesa com seu gancho, começou a digitar rapidamente com o dedo, murmurando: – Droga... certo... isso – e outras observações brilhantes. Vi que ele estava no Google, mas eu não conseguia ver mais nada de onde estava. – Bingo – ele disse finalmente.

– O quê?

Ele sorriu, claramente satisfeito com sua própria esperteza. – Eles fazem vários festivais por lá. Para provar o quanto são sofisticados e livres. – Ele falou, empurrando o telefone para o meu lado. – Como este aqui.

Puxei o telefone para mim e li em voz alta. – Festival Internacional de Artes e Multimídia.

– Começa daqui a três dias – ele falou. – E o que quer que esse cara faça, projeções, video*Clip*es ou o que quer que seja, os policiais terão ordens para ficarem na deles e deixar que

ele apresente sua performance. Para o festival.

– E a imprensa estará lá – falei. – Do mundo inteiro.

Chutsky fez um movimento com o gancho que seria o de colocar a palma da mão para cima, como se aquilo fosse uma mão de verdade. É claro que ganchos não têm palma, mas o significado era claro. – Do jeito que as coisas são – ele falou –, a cobertura em Miami será igual a se a coisa *fosse* em Miami.

E era verdade. Miami tinha uma cobertura oficial e outra não oficial de tudo o que acontecia em Havana – com mais detalhes do que coisas que aconteciam em Fort Lauderdale, que era bem ao nosso lado. Então, se eu fosse implicado em algo em Havana, seria condenado em Miami, com o bônus de não ter como fazer nada a respeito.

– Perfeito – falei. E era mesmo. Weiss teria passe livre para realizar seu terrível projeto e então coletar todas as atenções que almejava tão desesperadamente, tudo isso em um pacote de feriado embrulhado pra presente. O que não parecia ser uma boa coisa para mim. Especialmente porque ele sabia que eu não poderia entrar em Cuba para detê-lo.

– Muito bem – Chutsky falou. – Tudo isso faz sentido. Mas por que você tem tanta certeza de que ele vai pra lá?

Mais uma vez, infelizmente, era uma pergunta honesta. Pensei nela. Em primeiro lugar, eu tinha mesmo certeza? Casualmente, não querendo assustar Chutsky de jeito nenhum, mandei uma cuidadosa e silenciosa pergunta ao Passageiro das Trevas. *Temos certeza disso?*

Temos, ele respondeu com um sorriso malicioso e afiado. *Certeza absoluta*

Muito bem, então. Uma coisa resolvida. Weiss iria para Cuba para expor Dexter. Mas eu precisava de algo mais convincente do que uma certeza silenciosa. Que prova eu tinha, além dos desenhos, que não seriam admitidos como evidência em um tribunal? Está certo que alguns deles eram bem interessantes, a imagem da mulher de seis peitos, por exemplo, era o tipo de coisa que ficava na sua cabeça.

Me lembrei daquele desenho, e desta vez o *clang* foi quase audível, quando uma ficha enorme caiu na máquina.

Havia um pedaço de papel enfiado em um envelope naquela página.

Ele tinha uma lista dos voos de Havana para o México.

Exatamente o tipo de coisa que gostaria de saber se, por exemplo, você pensasse que vai precisar sair de Havana às pressas. E se, apenas hipoteticamente falando, você tiver acabado de fazer uma montagem incomum com cadáveres, bem na frente do hotel cinco estrelas que é a referência da cidade.

Peguei o caderno, retirei o papel com os voos e o joguei na mesa. – Ele vai estar lá – falei.

Chutsky pegou o papel e o desdobrou. – Cubana de Aviación – ele leu.

– De Havana para o México – falei. – Assim pode ir em frente e depois fugir de lá rapidamente.

– Talvez – ele falou. – É, pode ser. – Ele olhou para mim e pôs a cabeça de lado. – O que o seu instinto está dizendo?

Sendo honesto, meu instinto nunca tinha me dito nada. Mas é claro que aquilo era importante para o Chutsky, e se eu esticasse um pouco a palavra instinto e englobasse o Passageiro, então meu instinto estaria me dizendo que não havia a menor dúvida daquilo. – Ele vai estar lá – repeti.

Chutsky fez uma careta e olhou novamente para o desenho. Então começou a fazer que sim com a cabeça, primeiro devagar e depois vigorosamente. – Arrã – falou e levantou a cabeça, jogou a escala de voos para o meu lado e se levantou. – Vamos falar com Deborah.

Ela estava deitada na cama, o que não deveria ser uma surpresa. E olhava para a janela, mesmo não podendo enxergar lá fora de onde estava, apesar de a televisão estar ligada e transmitindo cenas de extrema alegria e felicidade. Debs não parecia interessada na música alegre e nos gritos de felicidade que saíam da TV. Na verdade, se fôssemos julgar apenas pela expressão em seu rosto, diríamos que ela nunca sentiu felicidade na vida, nem pretendia, se pudesse escolher. Deu uma olhada para nós sem interesse quando entramos, apenas o suficiente para nos identificar, e então olhou de novo em direção à janela.

– Ela está se sentindo meio por baixo – Chutsky murmurou para mim. – Acontece às vezes quando se é esfaqueado. – Pelo número de cicatrizes no rosto e no corpo dele, eu tinha que acreditar que ele sabia o que estava dizendo, e apenas concordei com a cabeça e me aproximei de Deborah.

– Oi, mana – falei, em um tipo de alegria artificial que sempre imaginei que você deveria usar ao lado da cama de um doente.

Ela se virou para olhar para mim, e em seu rosto apático e no vazio de seus olhos azuis, pude ver um eco de seu pai, Harry. Eu já tinha visto aquele olhar antes, nos olhos de Harry, e, daquelas profundezas azuis, uma lembrança surgiu e se enrolou em mim.

Harry estava deitado e morrendo. Era uma coisa desagradável para todos nós, como assistir ao Super-Homem sofrer por causa da kriptonita. Ele devia estar acima daquele tipo de fraqueza comum. Mas, no último ano e meio, ele estava morrendo devagar, aos trancos e barrancos, e agora se aproximava da linha de chegada. E enquanto estava deitado em sua cama de doente, sua enfermeira resolveu ajudar. Ela vinha aumentando de forma deliberada e letal as doses dos remédios para dor dele, alimentando sua morte, saboreando o encurtamento do seu caminho, e ele descobriu e me contou. Ah, a alegria e o êxtase, Harry havia me dado permissão para que aquela enfermeira fosse a minha primeira companheira de brincadeira de verdade,

humana, a primeira pessoa que levei comigo para o meu *Playground* Sombrio.

E eu fiz aquilo. A Primeira Enfermeira se tornou a primeira gota de sangue das lâminas originais da minha nova coleção. Foram várias horas de surpresa, exploração e êxtase antes que a Primeira Enfermeira seguisse o caminho que toda a carne segue, e na manhã seguinte, quando fui ao hospital contar para o Harry, a experiência ainda me preenchia com uma escuridão brilhante.

Entrei no quarto de Harry com pés que mal tocavam o chão, e quando ele abriu os olhos e olhou nos meus, Harry viu aquilo, viu que eu tinha mudado e me tornado a coisa que ele tinha me treinado para ser, e, enquanto me olhava, a apatia apareceu em seus olhos.

Me sentei ansiosamente ao seu lado, pensando que poderia estar em crise novamente. – Você está bem? – perguntei. – Quer que eu chame o médico?

Ele fechou os olhos e fez que não com a cabeça, frágil e vagarosamente.

– O que foi? – insisti, pensando que, como eu me sentia melhor do que nunca, todo mundo deveria se animar um pouco também.

– Não foi nada – ele respondeu em sua voz suave, cuidadosa e de alguém que está morrendo. Então abriu os olhos e me encarou com o mesmo olhar vidrado de olhos azuis vazios. – Então você fez?

Concordei com um aceno de cabeça, quase ficando vermelho, sentindo que falar a respeito era meio embaraçoso.

– E depois?

– Limpei tudo. E fui muito cuidadoso.

– Nenhum problema?

– Não – respondi, e acabei soltando: – Foi maravilhoso. – Ao ver a dor em seu rosto e pensando que poderia ajudar, acrescentei: – Obrigado, pai.

Harry fechou os olhos novamente e virou a cabeça para o outro lado. Durante seis ou sete respirações ele ficou daquele jeito, e então, tão suavemente que quase não consegui ouvir, ele disse: – O que foi que eu fiz... Jesus, o que foi que eu fiz...

– Pai...? – falei. Não me lembro de ele ter falado dessa forma antes, dizendo palavras ruins e parecendo tão angustiado e incerto; aquilo era muito perturbador e me tirou toda a euforia que estava sentindo. Ele só sacudiu a cabeça negativamente, ainda de olhos fechados, e não falou mais nada.

– Pai? – falei de novo.

Mas ele não disse nada, apenas sacudiu a cabeça mais umas dolorosas vezes e depois ficou deitado, em silêncio, pelo que pareceu um longo tempo para mim, até que finalmente abriu os olhos, me olhou, e lá estava o olhar dos olhos azuis mortos que tinham deixado para trás toda a luz e esperança e ido para o lugar mais sombrio que existe.

– Você é – ele começou – o que eu fiz você ser.

– Eu sei – respondi, e ia agradecer-lhe de novo, mas Harry continuou.

– Não é sua culpa. É minha. – Ele falou, e eu não sabia o que queria dizer com aquilo,

apesar de que, depois de todos estes anos, acho que comecei a entender. E queria muito ter feito ou dito algo, mesmo um gesto pequeno que ajudasse Harry a deslizar mais facilmente para a escuridão final; uma frase bem planejada que fizesse desaparecer a dúvida e deixasse a luz voltar àqueles olhos azuis vazios.

Mas também sei, depois de tantos anos, que não existe a tal frase, pelo menos não em alguma língua que eu conheça. Dexter é o que tem que ser, sempre e para sempre, até o fim do mundo, e se Harry viu isso no final e sentiu uma onda derradeira de terror e culpa – bom, eu realmente sinto muito, mas o que posso fazer? Morrer faz as pessoas ficarem mais fracas, sujeitas a ideias dolorosas, e nem sempre são pensamentos a respeito de alguma verdade especial – é apenas o fim se aproximando que faz com que as pessoas queiram acreditar que estão vendo algo que é uma grande revelação. Pode acreditar em mim, pois sou um grande especialista no que as pessoas que estão morrendo fazem. Se eu catalogasse todas as coisas estranhas que meus Amigos Especiais me disseram enquanto eu os ajudava a partir para outra, daria um livro muito interessante.

Então eu me senti mal por causa de Harry. Mas, como um monstro jovem e embaraçosamente nerd, havia muito pouco que eu pudesse dizer para fazê-lo sentir-se melhor.

E depois de todos esses anos, ao ver o mesmo olhar nos olhos de Deborah, a mesma sensação de impotência começou a se apoderar de mim. Eu só podia olhar estupidamente enquanto ela se virava e encarava a janela de novo.

– Pelo amor de Deus – ela falou sem desviar o olhar da janela –, parem de me encarar.

Chutsky deslizou até a cadeira do outro lado da cama. – Ela tem estado um pouco mal-humorada ultimamente.

– Vai se foder – ela disse sem uma ênfase verdadeira, virando a cabeça para continuar olhando para a janela, desviando o olhar de Chutsky.

– Deborah – ele começou –, o Dexter sabe onde o cara que feriu você está. – Ela continuou sem olhar para nós, apenas piscou, duas vezes. – Hã, e ele estava pensando que nós dois poderíamos pegar o cara. E queremos falar com você sobre isso. Para saber como você se sente em relação a isso.

– Como me sinto – ela repetiu com uma voz baixa e amarga, então se virou para nós com uma expressão de dor nos olhos que era tão terrível que até eu pude sentir. – Quer mesmo saber como eu me sinto?

– Ei, está tudo bem! – Chutsky falou.

– Eles me disseram que eu cheguei a ficar morta na mesa. E eu me sinto como se ainda estivesse morta. Sinto que não sei quem sou, ou por que e nem nada mais, e eu apenas... – Uma lágrima rolou por sua bochecha e, mais uma vez, eu me senti inseguro. – Me sinto como se ele tivesse cortado tudo o que importava – ela falou. – E não sei se vou conseguir recuperar isso um dia. – Ela voltou a olhar para a janela. – Sinto vontade de chorar o tempo todo, e eu não sou assim. Eu não choro, você sabe disso, né, Dex? Eu não choro – ela repetiu suavemente enquanto outra lágrima começou a cair e seguir o caminho da primeira.

– Está tudo bem – Chutsky falou, apesar de claramente não estar.

– Sinto como se tudo o que sempre pensei estivesse errado agora. E não sei se consigo voltar a ser uma policial me sentindo desse jeito.

– Você vai se sentir melhor – Chutsky disse. – Essas coisas levam tempo.

– Vá pegá-lo – ela disse, e me olhou com um traço da sua velha e boa raiva aparecendo. – Pegue ele, Dexter. E faça o que tem que fazer. – Ela olhou nos meus olhos por um momento, e depois se virou de novo para a janela.

– O papai tinha razão – ela completou.

Capítulo 30

E FOI ASSIM QUE, NO DIA SEGUINTE BEM CEDO, EU ESTAVA PARADO em um pequeno prédio, perto da pista do Aeroporto Internacional de Miami, segurando um passaporte em nome de David Marcey e vestindo o que só pode ser descrito como um terno de férias, que era verde e tinha sapatos e cintos amarelos combinando. E ao meu lado estava meu sócio e diretor da Igreja Internacional dos Irmãos Batistas, o reverendo Campbell Freney, usando uma roupa igualmente horrorosa e um grande sorriso que mudava o formato de seu rosto e parecia até mesmo esconder algumas cicatrizes.

Não sou uma pessoa que entende muito de moda, mas tenho alguns padrões básicos de decência alfaiática, e as roupas que usávamos estraçalhavam os padrões e os transformavam em poeira. Eu tinha protestado, claro, mas o reverendo Kyle me disse que não havia escolha. – Temos que nos vestir de acordo, camarada – ele disse, passando a mão em seu paletó esportivo vermelho. – Esta é a roupa que os missionários batistas usam.

– Não podíamos ser presbiterianos? – perguntei esperançoso, mas ele fez que não com a cabeça.

– Este é o disfarce que consegui –, falou – e é assim que teremos que prosseguir. A menos que você fale húngaro.

– Eva Gabor? – falei, mas ele fez que não com a cabeça.

– E tente não falar de Jesus o tempo todo, eles não fazem isso. Sorria bastante e seja simpático com todo mundo e tudo dará certo. – Ele me passou outro papel e disse: – Pegue. Esta é a sua carta do governo autorizando que viaje para Cuba para trabalhar como missionário. Não perca.

Ele estava sendo uma enorme fonte de informações durante as poucas horas entre decidir me levar a Havana e nossa chegada ao aeroporto, até mesmo lembrando de me dizer para não beber água lá, o que eu achei bem esquisito.

Mal tive tempo de dizer algo que fizesse sentido para Rita – que tinha uma emergência para resolver e que ela não precisava se preocupar, o policial iria ficar na porta de casa até eu voltar. E apesar de ela ser inteligente o suficiente para não entender como era possível uma emergência para um técnico forense, ela acreditou em mim, se sentindo mais segura graças ao carro de polícia parado em frente de casa. Chutsky também tinha feito a parte dele, dando um tapinha no ombro de Rita e dizendo: – Não se preocupe, vamos resolver tudo para você. – É claro que aquilo a confundiu mais ainda, pois ela não tinha requerido nenhum trabalho com borrifos de

sangue, e, se tivesse, Chutsky não estaria envolvido. Mas, no geral, parece que transmitiu uma impressão de que coisas vitais estavam sendo feitas para que ela ficasse mais segura e que tudo ficaria bem em breve, então ela me abraçou com muito poucas lágrimas e Chutsky me levou até o carro.

E então ficamos ali parados, juntos, no pequeno prédio do aeroporto esperando nosso voo para Havana, e depois de um tempo saímos pela porta até a pista, segurando nossos papéis idiotas e recebendo nossas justas cotoveladas dos outros passageiros enquanto nos amontoávamos para entrar no avião.

A aeronave era um velho jato de passageiros. As poltronas eram velhas e não estavam tão limpas como poderiam estar. Chutsky, ou melhor, o reverendo Freeney, pegou a poltrona do corredor, mas ele era grande o suficiente para me empurrar contra a janela. Eu ficaria apertado a viagem toda até Havana, tão apertado que precisaria esperar ele ir ao banheiro para poder respirar. Ainda assim, era um preço pequeno a pagar. Depois de eu segurar a respiração por apenas alguns minutos, o avião chacoalhou e pulou pela pista e depois para o ar, e estávamos a caminho.

O voo não foi longo o suficiente para que eu sofresse demais com a privação de oxigênio, especialmente porque Chutsky passou a maior parte do tempo se inclinando para o corredor e conversando com a aeromoça; depois de mais ou menos meia hora, já estávamos sobrevoando o verde interior cubano e depois chacoalhando em uma pista que aparentemente fora feita pela mesma construtora do Aeroporto Internacional de Miami. Mesmo assim, até onde pude perceber, as rodas não caíram e rodamos tranquilamente até o belo e moderno terminal do aeroporto – e continuamos até passar por ele e parar perto de uma estrutura velha e feia que parecia uma estação de ônibus de um presídio.

Descemos do avião em uma escada móvel e cruzamos a pista até o predinho cinzento, e por dentro ele também não era nem um pouco acolhedor. Homens uniformizados com rostos muito sérios e bigodes se encontravam lá, segurando suas armas automáticas e encarando todo mundo. Em um bizarro contraste, havia vários aparelhos de televisão pendurados no teto passando o que parecia ser um seriado cubano, com uma risada falsa tão histérica que fazia seu similar americano parecer sem graça. A cada minuto ou dois, um dos atores gritava algo que eu não conseguia decifrar, e uma música estourava por cima das risadas.

Ficamos em uma fila que andava devagar em direção a uma cabine. Eu não conseguia ver nada do outro lado da cabine, e até onde sabia, eles poderiam estar nos colocando em caminhões de gado e nos levando para uma fazenda de trabalho escravo, mas Chutsky não parecia terrivelmente preocupado, então não seria correto eu reclamar.

A fila continuou andando e logo, sem dizer uma palavra para mim, Chutsky chegou na janelinha e enfiou seu passaporte por uma pequena abertura embaixo. Não consegui ver nem ouvir o que foi dito, mas não houve gritos nem tiros, e depois de um momento ele pegou seus papéis e desapareceu do outro lado da cabine, e agora era minha vez.

Atrás do grosso vidro estava sentado um homem que poderia ser irmão gêmeo do soldado

armado mais próximo. Ele pegou meu passaporte sem dizer nada e o abriu, olhou as páginas, olhou para mim e então o devolveu sem dizer uma palavra. Eu esperava algum tipo de interrogatório, pensei que ele se levantaria e me atacaria por eu ser um cão capitalista ou um tigre de papel, e fiquei tão surpreso com aquela completa falta de resposta que ainda fiquei parado um momento antes de o homem atrás do vidro me mostrar com a cabeça que era para eu ir embora, e eu fui, seguindo e virando onde Chutsky tinha virado e chegando à esteira de bagagens.

– Ei, camarada – ele me disse quando me aproximei do lugar que tinha pego ao lado da esteira ainda parada, mas que em breve, eu esperava, traria nossas malas. – Não ficou assustado, né?

– Acho que pensei que seria um pouco mais difícil do que isso. Quer dizer, eles não estão bravos com a gente ou algo assim?

Chutsky riu. – Acho que você vai descobrir que eles gostam de você. É só o seu governo que eles não suportam.

Sacudi minha cabeça. – Eles conseguem mesmo separar as duas coisas?

– É claro – ele disse. – É a simples lógica cubana.

E apesar de aquilo parecer não ter muito sentido, eu tinha crescido em Miami e sabia bem o que significava: a Lógica Cubana era uma piada interna da comunidade cubana, colocada logo atrás do *Cubanaso* no espectro emocional das coisas. A melhor explicação que eu já tive foi a de um professor na faculdade. Fiz um curso de poesia na vã esperança de tentar enxergar dentro da alma humana, já que eu não tinha uma. E o professor lia Walt Whitman em voz alta – ainda me lembro da frase, pois ela era incondicionalmente humana. "Eu me contradigo? Pois bem, eu me contradigo. Sou vasto. Eu contenho multidões." Então, o professor levantou a cabeça e disse: – É a Lógica Cubana perfeita. – Esperou os risos morrerem e depois voltou a ler o poema.

Então, se o povo cubano não gostava da América mas gostava dos americanos, aquilo não envolvia mais ginástica mental do que eu tinha visto e ouvido durante todos os dias da minha vida. Ouvimos um barulho e depois um zumbido e as bagagens começaram a vir pela esteira rolante. Não tínhamos muitas coisas, apenas uma pequena mala cada um, com uma troca de meias e uma dúzia de bíblias, então carregamos as malas pela agente de alfândega que estava mais interessada em falar com o guarda ao lado do que em nos pegar com contrabando de armas ou catálogos de compras. Ela só deu uma olhada nas malas e acenou para que saíssemos, sem perder uma sílaba do seu animado bate-papo. E então estávamos livres, caminhando improvavelmente através da porta e para o sol que estava lá fora. Chutsky assobiou para um táxi, um Mercedes cinza, e um homem de uniforme cinza e chapéu combinando saiu dele e pegou nossas malas. Chutsky disse "Hotel Nacional" ao motorista, que jogou nossas malas no porta-malas e todos subimos no carro.

A estrada até Havana era toda esburacada e quase deserta. Vimos apenas alguns poucos táxis, duas motos e alguns caminhões do exército andando bem devagar, apenas isso em todo o caminho até a cidade.

Então, repentinamente as ruas explodiram com vida, com carros antigos, bicicletas, amontoados de pessoas andando pelas calçadas e alguns ônibus muito estranhos puxados por caminhões a diesel. Tinham o dobro do tamanho dos ônibus americanos e um formato parecido com a letra *M*, com os dois finais subindo como asas, que iam descendo até um teto achatado e depois um ponto mais baixo no meio. Havia tanta gente dentro que parecia impossível que mais alguém entrasse, mas quando vi um deles parar, é claro que um monte de gente deu um jeito de entrar.

– Camelos – Chutsky falou, e fiquei olhando para ele com curiosidade.

– Como?

Ele apontou com a cabeça para um dos ônibus. – Eles chamam de camelos. E dizem que é por causa do formato, mas acho que tem a ver com o cheiro lá dentro na hora do *rush*. – Sacudiu a cabeça negativamente. – São quatrocentas pessoas lá dentro, voltando do trabalho, sem ar-condicionado e as janelas não abrem. É inacreditável.

Era um detalhe bem interessante, ou pelo menos ele achava que era, porque não tinha nada mais profundo para dividir, mesmo a gente atravessando uma cidade na qual eu nunca tinha estado. Mas seu impulso de guia turístico parecia ter morrido, e deslizamos pelo tráfego através de uma avenida muito grande e arborizada, paralela à água. Lá no alto de um morro, do outro lado da enseada, eu podia ver um velho farol e algumas ameias. E mais para frente, uma coluna de fumaça preta subindo para o céu. Entre nós e o mar havia um calçadão e um quebra-mar, com as ondas batendo nele e respingando para o alto, mas ninguém parecia se importar em se molhar um pouco. Havia grupos de pessoas de todas as idades sentadas, em pé, andando, pescando, deitadas e até se beijando no quebra-mar. Passamos por uma estranha escultura contorcida presa em um pedaço áspero da calçada e viramos à esquerda, subindo um morro baixo. E lá estava ele, o Hotel Nacional, completo e com sua fachada que em breve teria o rosto sorridente de Dexter, a menos que conseguíssemos encontrar Weiss antes disso.

O motorista parou o carro em frente a uma grande escada de mármore. Um porteiro vestido como um general italiano apareceu e bateu palmas, e o mensageiro uniformizado veio correndo pegar nossas malas.

– Aqui estamos – Chutsky falou, de forma desnecessária. O general abriu a porta e Chutsky saiu. Eu pude abrir minha própria porta, pois estava do outro lado da escada de mármore. E a abri, entrando em uma floresta de sorrisos atenciosos. Chutsky pagou o taxista e seguimos o mensageiro escada acima até o hotel.

A recepção parecia ter sido feita do mesmo bloco de mármore das escadas. Era meio estreita, mas se alargava depois do balcão e desaparecia na distância nebulosa. O mensageiro nos levou direto à recepção, passando por um amontoado de cadeiras estofadas e cortinas de veludo, e o recepcionista pareceu muito feliz em nos ver.

– *Señor* Freeney – ele falou, mexendo a cabeça alegremente. – Estou muito feliz em vê-lo de novo. – Ele levantou uma sobrancelha. – Não está aqui por causa do festival, certo? – Tinha menos sotaque do que muita gente que ouvi em Miami, e Chutsky parecia bem satisfeito em vê-

lo também.

Chutsky esticou a mão e o cumprimentou. – Como vai, Rogelio? É bom ver você também. Estou aqui para apresentar um novo companheiro. – Ele pôs a mão no meu ombro e me puxou para frente, como se eu fosse um garotinho amuado sendo obrigado a dar um beijo na bochecha da avó. – Este é David Marcey, uma das nossas estrelas ascendentes. Ele faz um sermão espetacular.

Rogelio apertou a minha mão. – Muito prazer em conhecê-lo, *señor* Marcey.

– Obrigado – falei. – É um belo lugar aqui.

Ele fez um cumprimento de cabeça e começou a digitar em seu computador. – Espero que apreciem a sua estada. Se o *señor* Freeney não fizer objeção, vou colocá-los no andar executivo. Assim, estarão mais próximos do café da manhã.

– Parece muito bom – falei.

– Um quarto ou dois?

– Acho que um só desta vez, Rogelio – Chutsky falou. – Preciso controlar as despesas da viagem.

– Muito bem – Rogelio falou e continuou digitando mais algumas coisas. Depois, com um grande floreio, colocou duas chaves sobre o balcão. – Aqui está.

Chutsky colocou a mão sobre a chave e se inclinou para ficar mais perto. – Mais uma coisa, Rogelio – ele falou, baixando a voz. – Temos um amigo vindo do Canadá. O nome dele é Brandon Weiss. – Ele puxou a chave e uma nota de vinte dólares continuou no balcão onde a mão dele estava. – Gostaríamos de fazer uma surpresa, é o aniversário dele.

Rogelio fez um movimento rápido e a nota desapareceu como uma mosca comida por um lagarto. – Mas é claro. Avisarei vocês imediatamente.

– Obrigado, Rogelio – Chutsky falou e se virou, fazendo um aceno para que eu fosse com ele. Fui atrás dele e do mensageiro com nossas malas até o final da recepção, onde os elevadores estavam prontos para nos levar até o andar executivo. Uma multidão de pessoas com roupas de hotel de praia também esperava por ali, e pode ter sido apenas a minha imaginação fértil, mas acho que olharam horrorizados para nossas roupas de missionários. Mas não podíamos fazer nada a não ser seguir o roteiro, por isso sorri para eles e dei um jeito de evitar falar algo religioso.

Uma porta se abriu e a multidão se amontoou no elevador. O mensageiro sorriu e disse: – Pode ir, senhor, vou em dois minutos – e, assim, o reverendo Freeney e eu subimos também.

As portas se fecharam e vi mais alguns olhares ansiosos para os meus sapatos, mas ninguém tinha nada a dizer, nem mesmo eu. Fiquei imaginando por que precisávamos dividir um quarto. Eu não tinha um colega de quarto desde a faculdade, e mesmo lá as coisas não tinham dado muito certo. E sabia muito bem que Chutsky roncava.

As portas se abriram e saímos. Segui Chutsky, que foi para a esquerda para outra área de recepção, onde um garçom estava parado ao lado de um carrinho de vidro. Ele fez uma reverência e entregou um copo grande para cada um de nós.

– O que é isso? – perguntei.

– Gatorade cubano – Chutsky falou. – Saúde. – Ele tomou tudo de um gole só e colocou o copo vazio no carrinho, então me permiti fazer o mesmo. A bebida tinha um gosto suave, doce e levemente mentolado, e achei mesmo que era muito refrescante, do mesmo jeito que o Gatorade é em um dia muito quente. Coloquei meu copo vazio ao lado do de Chutsky. Ele pegou outro e então eu fiz o mesmo. – *Salud* – ele falou, brindamos com os copos e bebemos. O gosto era muito bom, e como eu quase não tinha comido ou bebido na correria de ir para o aeroporto, resolvi aproveitar.

Atrás de nós as portas do elevador se abriram e o mensageiro saiu trazendo nossas malas. – Ah, aí está você – Chutsky falou. – Vamos ver o quarto. – Ele tomou tudo, eu também e então seguimos o mensageiro pelo corredor.

Mais ou menos na metade do corredor eu comecei a me sentir estranho, como se repentinamente minhas pernas tivessem virado pau de balsa. – O que tinha naquele Gatorade? – perguntei a Chutsky.

– Bastante rum – ele falou. – Não vai me dizer que nunca tinha tomado um *mojito*.

– Não que eu me lembre.

Ele soltou um grunhido alto que talvez fosse para ser uma risada. – É melhor se acostumar. Você está em Havana.

Eu o segui pelo corredor, que agora tinha ficado mais longo e claro. Me sentia totalmente refrescado. Mas, de algum jeito, consegui chegar até o quarto e passar pela porta. O mensageiro botou nossas malas em um armário e abriu as cortinas, revelando um belíssimo quarto, com móveis de qualidade de estilo clássico. Havia duas camas, separadas por um abajur, e um banheiro à esquerda da porta de entrada.

– Muito bom – Chutsky falou e o mensageiro sorriu e se curvou de leve. – Obrigado – Chutsky falou e esticou a mão com uma nota de dez dólares. – Muito obrigado.

O mensageiro pegou o dinheiro com um sorriso, fez um cumprimento de cabeça e prometeu que só precisaríamos ligar que ele moveria o céu e a terra para cumprir o menor desejo que tivéssemos, e quando desapareceu pela porta, caí de cara na cama mais perto da janela. Escolhi aquela cama porque era a mais próxima de mim, mas também estava claro demais por causa do sol entrando agressivamente pela janela, e então fechei os meus olhos.

– Dez pratas – Chutsky falou. – É o que a maioria das pessoas ganha em um mês por aqui. Então *pow,* ele ganha em cinco minutos de trabalho. Provavelmente deve ter um PhD em astrofísica. – Houve uma pausa curta e muito bem-vinda, e então Chutsky falou em uma voz que parecia muito distante: – Ei, está tudo bem com você, camarada?

– Nunca estive melhor – falei, e a minha voz parecia meio distante também. – Mas acho que vou tirar uma soneca rápida.

Capítulo 31

QUANDO ACORDEI, O QUARTO ESTAVA ESCURO E SILENCIOSO, E minha boca estava muito seca. Tateei o criado-mudo por um momento até que achei um abajur e o liguei. Então vi que Chutsky tinha fechado as cortinas e ido a algum lugar. E também vi uma garrafa de água potável ao lado do abajur, então peguei-a, arranquei a tampa e bebi metade dela em um gole.

Me levantei. Ainda estava um pouco desajeitado por dormir de cara para baixo, mas fora isso eu me sentia surpreendentemente bem, além de faminto, o que não era surpresa. Fui até a janela e abri as cortinas. Ainda era dia e estava claro, mas o sol tinha ido para um canto e estava mais calmo, e fiquei ali olhando para a enseada, o quebra-mar e o grande calçadão que corria paralelo a eles, cheio de gente. Ninguém parecia com pressa; estavam passeando, não indo a nenhum lugar, e grupos deles reunidos aqui e ali para conversar, cantar e, pelo que eu podia ver daqui, dar conselhos amorosos. Distante da enseada, já no mar, uma boia redonda andava ao sabor do vento com um homem sentado no meio dela, segurando o que parecia um ioiô cubano, que é um carretel de pesca com uma linha e um anzol, mas sem varinha ou molinete. Lá longe, já na linha do horizonte, três grandes navios passavam soltando fumaça, mas não dava para dizer se eram navios de passageiros ou de guerra. Os pássaros voavam acima das ondas e o sol refletia na água; levando-se tudo em consideração, era uma bela vista, o que me fez perceber que não havia absolutamente nada para comer na janela, então achei a minha chave do quarto na mesinha e fui para a recepção.

Achei um restaurante bem grande e formal do outro lado dos elevadores, e, ao lado dele, em um canto, havia um bar decorado com madeira escura. Os dois eram muito bonitos, mas não o que eu estava procurando. O cara do bar me falou, em inglês perfeito, que havia uma lanchonete no porão, descendo as escadas do lado oposto à recepção, eu agradeci, também em um inglês perfeito, e fui em direção às escadas.

A pequena lanchonete era decorada como um tributo ao cinema, e me senti mal até em olhar o cardápio e ver que eles não serviam apenas pipoca. Pedi um sanduíche cubano, naturalmente, e uma cerveja Iron, e me sentei a uma mesa contemplando as luzes, câmera e ação com apenas um traço de amargor. Weiss está por perto, ou estaria em breve, e ele tinha prometido transformar Dexter em um grande astro. Mas eu não queria ser um astro. Preferia trabalhar nas sombras da obscuridade, compilando em silêncio um arquivo de excelência sem falhas no meu campo de ação. Isto seria impossível em breve, a menos que eu conseguisse deter Weiss, e como eu não tinha certeza de como faria isso, aquela perspectiva me deixava infeliz.

Mas o sanduíche estava muito bom.

Quando acabei de comer, subi de novo as escadas e, saindo, desci a grande escadaria de mármore e saí pela frente do hotel, onde uma fila de táxis montava guarda. Passei por eles devagar e subi na calçada, passando por uma fila de velhos Chevy, Buick e até mesmo um Hudson – precisei ler o nome na frente do carro. Muitas pessoas com expressões felizes se encostavam nos carros, e todas estavam ansiosas para me levar para dar uma volta, mas apenas sorri para elas e fui em direção ao distante portão de entrada. Depois, havia um amontoado do que pareciam ser carrinhos de golfe com conchas de plástico coloridas presas neles. Seus motoristas eram jovens e não tão felizes como aqueles primeiros, mas também estavam igualmente ansiosos para evitar que eu tivesse que usar minhas pernas. Mas também dei um jeito de passar por eles.

Parei no portão e dei uma olhada em volta. À minha frente havia uma rua curva que levava a um bar ou uma casa noturna. À direita, uma estradinha descia o morro e dava na grande avenida paralela ao quebra-mar e, à esquerda, também descendo o morro, podia ver o que pareciam ser um cinema na esquina e algumas lojas. Enquanto eu contemplava tudo isso e decidia o que fazer, um táxi parou ao meu lado, abriram o vidro e Chutsky me chamou urgentemente lá de dentro. – Entre. Vamos, camarada. Entre no táxi. Agora. – Não tinha ideia de por que era tão importante para ele, mas entrei, e o táxi nos levou até o hotel, virando à direita antes da entrada principal e parando em um estacionamento que terminava em uma das asas do hotel.

– Você não pode ficar andando por aí – Chutsky falou. – Se o cara vir você, o jogo acabou.

– Ah – falei, me sentindo meio estúpido. É claro que ele tinha razão, mas Dexter está tão desacostumado com vigílias durante o dia que nem tinha pensado naquilo.

– Vamos – ele falou, saindo do carro segurando uma pasta nova de couro. Pagou o taxista e eu o segui por uma porta lateral que passava por algumas lojas e dava direto nos elevadores. Subimos sem falar mais nada, até chegarmos ao quarto. Chutsky colocou a pasta na cama, sentou em uma cadeira e disse: – Certo, temos um tempo de sobra, e acho que o melhor é passarmos este tempo no quarto. – Ele me deu um olhar que se poderia dar para uma criança bem lenta e acrescentou: – Então, o cara não sabe que estamos aqui. – Olhou para mim por um momento para ver se eu tinha entendido e aparentemente achando que sim, pegou um livrinho velho e um lápis, abriu e começou a fazer o Sudoku.

– O que tem na pasta? – perguntei, apenas porque estava um pouco irritado.

Chutsky sorriu, empurrou a maleta para mim com o gancho e a abriu. Estava cheia de lembranças baratas, instrumentos de percussão com a palavra *CUBA* estampada neles.

– Pra que isso?

Ele continuou sorrindo. – Nunca se sabe o que pode acontecer – falou e voltou para o seu sem-dúvida-muito-fascinante Sudoku. Deixado sozinho com meus próprios pensamentos, puxei a outra cadeira para a frente da televisão, liguei e fiquei assistindo a seriados cubanos.

Ficamos lá sentados em paz até o fim da tarde. Então, Chutsky olhou para o relógio e falou: – Certo, camarada, vamos indo.

– Vamos indo aonde? – perguntei.

Ele piscou para mim. – Encontrar um amigo – falou, e não disse mais nada. Pegou sua nova pasta e foi em direção à porta. E apesar de ser um pouco perturbador receber uma piscada, eu não tinha escolha, então o segui humildemente para fora do quarto, pela porta lateral do hotel e até o táxi que nos esperava.

As ruas de Havana estavam ainda mais cheias com a luz do sol se apagando. Abaixei meu vidro para ver, ouvir e sentir o cheiro da cidade, e fui recompensado com uma onda musical que nunca parava, mas sempre mudava, parecendo vir de cada porta e janela que passávamos, e também de muitos grupos de músicos reunidos nas ruas. O som deles crescia, abaixava, mudava enquanto andávamos pela cidade, mas, de algum jeito, parecia sempre voltar e passar pela letra de "Guantanamera".

O táxi seguiu por um caminho tortuoso, passando por ruas estreitas e multidões de pessoas sempre cantando, vendendo coisas e, estranhamente, jogando beisebol. Logo perdi totalmente o senso de direção, e quando o táxi parou em uma barreira de globos de aço no meio da rua, eu não tinha a menor ideia de por onde tínhamos vindo. Então segui Chutsky por uma rua lateral e por uma praça até uma intersecção na frente do que parecia ser um hotel. A luz do dia era rosa-alaranjada por causa do sol se pondo. Chutsky entrou, passou por um piano-bar e várias mesas que se espalhavam com fotos de Ernest Hemingway que pareciam ter sido feitas por crianças de escola primária.

Depois havia um elevador, daqueles antigos semelhantes a uma gaiola, no fim da recepção; fomos até lá e Chutsky apertou o botão. Enquanto esperávamos, olhei à minha volta. De um lado, havia umas prateleiras com algum tipo de propaganda e fui dar uma olhada. Havia cinzeiros, canecas e outras coisas, todas com a imagem de Hemingway, mas nesses casos feita por alguém com mais habilidade do que as crianças do primário.

O elevador chegou e fui até ele. Uma porta cinza de aço maciço se abriu revelando um senhor austero operando os controles. Nós entramos e mais algumas pessoas se amontoaram conosco antes de o ascensorista fechar a porta e girar a alavanca para subir. O elevador chacoalhou e começou a subir devagar até chegar ao quinto andar. Então o ascensorista soltou a alavanca e paramos bruscamente. – O quarto de Hemingway – ele falou, abrindo a porta e todas as pessoas lá dentro saíram. Olhei para Chutsky, mas ele fez que não com a cabeça e apontou para cima, então fiquei parado esperando a porta se fechar e o elevador subir mais dois andares, antes de parar sacolejando. O homem abriu a porta e saímos agradecidos em uma pequena sala, não mais do que um telhado acima do elevador e um lance de escadas. Eu podia ouvir música tocando por perto, e Chutsky acenou com a mão para que subíssemos até o telhado e em direção à música.

Um trio tocava uma canção sobre *ojos verdes* quando passamos por uma grade em direção aonde eles estavam, três homens com calças brancas e *guayaberas*, aquelas camisas de

linho brancas em estilo cubano. Havia um bar no muro depois deles e, dos dois lados, apenas a cidade de Havana espalhada abaixo da gente sob a luz alaranjada do sol se pondo.

Chutsky nos levou a uma pequena mesa com um jogo de poltronas em volta e encaixou sua pasta embaixo da mesa quando nos sentamos. – É uma bela vista, hein?

– Muito bonita – falei. – É por isso que estamos aqui?

– Não, eu falei pra você – ele disse. – Vamos encontrar um amigo.

E se ele estava brincando comigo não deu para saber, porque aquilo foi a única coisa que ele disse sobre o assunto. E, em todo caso, o garçom apareceu na nossa mesa bem naquela hora. – Dois *mojitos* – Chutsky falou.

– Acho que vou ficar na cerveja desta vez – falei, lembrando minha soneca induzida por *mojitos* mais cedo.

Chutsky deu de ombros. – Fique à vontade. Experimente a Crystal, é muito boa.

Concordei com a cabeça para o garçom. Se existia uma coisa na qual eu poderia confiar em Chutsky, era na escolha de cervejas. O garçom também me fez um aceno de cabeça e foi em direção ao bar para pegar nossas bebidas, enquanto o trio começou a cantar "Guantanamera".

Não tínhamos dado mais do que um gole em nossas bebidas quando vi um homem se aproximando de nossa mesa. Era muito baixo e vestia largas calças marrons e uma *guayabera* verde-limão, e carregava uma pasta daquelas do 007, quase igual à do Chutsky.

Chutsky pulou de pé e esticou a mão. – Ee-bangh! – ele gritou e levei um momento para perceber que Chutsky não tinha tido um ataque de Síndrome de Tourette, mas apenas pronunciado o nome do recém-chegado, Ivan. Ee-bangh esticou sua mão também e trocaram abraços.

– Cahm-BEYL – Ee-bangh falou, e mais uma vez levou um momento, desta vez porque eu não lembrava que Chutsky era o reverendo Campbell Freeney. Quando todas as marchas estavam engatadas, Ivan se virou para mim com uma sobrancelha levantada – Ah, sim – Chutsky falou. – Este é David Marcey. David, Ivan Echeverría.

– *Mucho gusto* – Ivan falou, apertando minha mão.

– Muito prazer – respondi, sem saber se "David" falava espanhol ou não.

– Bem, vamos sentar – Chutsky falou, e acenou para o garçom enquanto Ivan se sentava. Ele se apressou até a nossa mesa e anotou o pedido de um *mojito* para Ivan e, quando a bebida chegou, Chutsky e Ivan beberam e conversaram bem rápido em espanhol de Cuba. Provavelmente eu poderia acompanhar se me esforçasse, mas me pareceu um trabalho duro demais para o que parecia ser uma conversa privada na maior parte do tempo, recheada de memórias afetuosas – e sendo sincero, mesmo que eles estivessem discutindo algo mais interessante do que Lembra Do Que Aconteceu Daquela Vez, eu também não iria querer saber, porque agora já era noite, e subindo pela borda do telhado estava uma lua amarelo-avermelhada, cheia, sorridente e com sede de sangue, e o primeiro olhar que dei para ela transformou cada centímetro de minha pele em um carpete gelado de arrepios, todos os pelos das minhas costas e

braços se levantaram e uivaram, e correndo por cada corredor do Castelo Dexter havia um pequeno e sombrio mensageiro levando ordens para que cada Cavaleiro da Noite Fosse agora e Fizesse o que tinha que ser Feito.

Mas é claro que aquilo não era possível. Esta não era uma noite de Deixar Acontecer; infelizmente, era uma Noite de Se Segurar. Era uma noite para tomar rapidamente sua cerveja quente, fingir que podia ouvir e curtir o trio; uma noite para sorrir educadamente para o Eebangh e torcer para que tudo acabasse e que eu pudesse voltar a ser um feliz homicida em paz e tranquilidade. Era uma noite para se resistir, e torcer para que em breve eu me encontrasse com uma faca em uma mão e Weiss na outra.

Até lá, eu só podia respirar fundo, tomar um gole de cerveja e fingir que apreciava a vista maravilhosa e a bela música. Pratique o sorriso da vitória, Dexter. Quantos dentes podemos mostrar? Muito bom; agora, sem os dentes, apenas com os lábios. Quão alto você consegue levantar os cantos da boca antes que pareça que está sofrendo de uma dor interior terrível?

– Ei, está tudo bem com você, camarada? – Chutsky perguntou vinte minutos depois. Parece que eu tinha deixado meu rosto passar de Sorriso Feliz para boca aberta.

– Estou bem – falei. – Só estou, hã... bem, bem mesmo.

– Certo – falou e não pareceu muito convencido. – Talvez seja melhor voltarmos para o hotel. – Ele terminou seu *mojito* e se levantou, e Ivan fez o mesmo. Eles deram um aperto de mão, Ivan se sentou novamente, Chutsky pegou sua pasta e fomos em direção ao elevador. Olhei para trás e vi Ivan pedindo outra bebida, e levantei uma sobrancelha para Chutsky.

– Ah, não queremos sair juntos. Na mesma hora, entende?

Bom, aquilo devia fazer sentido igual a todo o resto, pois aparentemente a gente vivia em um filme de espiões agora, então examinei todas as outras pessoas com cuidado, até o elevador chegar lá embaixo, só para ter certeza de que não eram agentes de algum cartel do mal. E ao que parece não eram, porque descemos em segurança e chegamos à rua. Mas quando atravessamos para achar um táxi, passamos por um cavalo e por uma charrete parados, algo que eu deveria ter percebido e evitado, pois os animais não gostam de mim, e este cavalo empinou, mesmo sendo velho e cansado e estando comendo algo com uma focinheira. Não foi uma manobra superimpressionante, no estilo John Wayne, mas ele tirou os dois pés da frente do chão e fez um barulho de grande desprazer em minha direção, o que assustou o condutor quase tanto quanto me assustou. Mas me apressei em passar rápido por ele e conseguimos entrar no táxi sem uma nuvem de morcegos me atacar.

Voltamos para o hotel em silêncio. Chutsky se sentou com a pasta no colo e olhando pela janela, e eu tentei não ouvir a lua gorda e avassaladora. Mas aquilo não funcionou bem; ela estava em todas as vistas de cartão-postal que passamos, sempre brilhante, maliciosamente sussurrando ideias maravilhosas, e eu não podia sair para brincar? Não, eu não podia. Só podia sorrir e dizer: Em Breve.

Assim que eu encontrar Weiss.

Capítulo 32

VOLTAMOS AO NOSSO QUARTO SEM INCIDENTES E SEM MAIS DO que uma dúzia de palavras trocadas. A falta de prolixidade de Chutsky estava se mostrando um ótimo traço de personalidade, pois, quanto menos ele falava, menos eu precisava fingir interesse, e com isso podia descansar meus músculos faciais. E, na verdade, as poucas palavras que ele dizia eram tão agradáveis e cativantes que eu estava quase pronto para gostar dele.

– Deixa eu guardar isto no quarto – ele falou segurando a pasta. – Depois pensamos no jantar. – Palavras sábias e bem-vindas. Como eu não poderia sair para a luz sombria da noite de lua, jantar seria um substituto bem aceitável.

Subimos com o elevador e andamos pelo corredor até o quarto. Quando entramos, Chutsky colocou a maleta cuidadosamente na cama e se sentou ao lado dela, e me ocorreu que ele a tinha levado até o bar no alto do prédio à toa, e agora estava sendo supercuidadoso sem nenhuma razão aparente. Como a curiosidade é um dos meus poucos defeitos, resolvi perguntar e descobrir o porquê daquilo.

– O que tem de tão importante com essas maracas?

Ele sorriu. – Nada. Absolutamente nada.

– Então por que você está carregando esta pasta por toda a cidade de Havana?

Ele segurou a pasta com o gancho e a abriu com a mão. – Porque – ele começou a dizer – não são mais maracas que temos aqui – e, enfiando a mão lá dentro, tirou uma pistola automática com cara de muito verdadeira.– Abracadabra – falou.

Pensei em Chutsky levando a pasta pela cidade toda até nos encontrarmos com Ee-bangh, que apareceu trazendo uma pasta igual a nossa, e as duas foram colocadas embaixo da mesa enquanto estávamos sentados ouvindo "Guantanamera".

– Você trocou as maletas com seu amigo.

– Exato.

Não foi uma das coisas mais inteligentes que já disse, mas eu estava surpreso, e o que saiu da minha boca foi: – Mas por quê?

Chutsky me lançou um sorriso tão caloroso, tolerante e paternalista que eu teria apontado a pistola para ele e atirado com muito prazer. – É um revólver, camarada. Pra que você acha que é?

– Hã, para nos defendermos?

– Você se lembra do porquê de estarmos aqui, não?

– Para encontrar Brandon Weiss – respondi.

– ENCONTRAR? – Chutsky perguntou. – É isso que você quer acreditar? Que vamos ENCONTRÁ-LO? – Ele sacudiu a cabeça negativamente. – Estamos aqui pra matar ele, camarada. E você precisa entender isso. Não podemos apenas encontrar o sujeito, temos que acabar com ele. Temos que matá-lo. O que achou que fôssemos fazer? Levá-lo de volta para casa e doá-lo ao zoológico?

– Achei que esse tipo de coisa fosse complicada por aqui – falei. – Quer dizer, não estamos em Miami, né?

– Também não é a Disneylândia – ele falou de forma desnecessária. – Não é um piquenique, camarada. Estamos aqui para matar um cara, e o quanto antes você se acostumar com isso melhor.

– Sim, eu sei, mas...

– Não tem nenhum *mas*. Vamos matá-lo. E estou vendo que você tem um problema com isso.

– Não tenho problema nenhum com isso – falei.

Ao que parece ele não me ouviu, ou então já estava no meio de um discurso ensaiado e que não poderia ser interrompido no meio. – Você não pode se melindrar com um pouco de sangue. É perfeitamente natural. Todos crescemos ouvindo que matar é errado.

Acho que isso pode variar de pessoa pra pessoa, pensei, mas não falei nada.

– Mas as regras são feitas por pessoas que não conseguiriam vencer sem elas. E matar nem *sempre* é errado, camarada – ele falou e estranhamente piscou para mim. – Às vezes é algo que você tem que fazer. E às vezes é alguém que merece. Ou porque um monte de gente vai morrer se você não fizer isso, ou é "pegue o cara antes que ele pegue você". E neste caso... são as duas coisas, não?

Apesar de ser meio estranho ouvir do namorado da minha irmã uma versão rústica do que era o meu credo na vida, sentado em uma cama de hotel em Havana, isso mais uma vez me fez gostar de Harry, tanto por estar à frente de seu tempo quanto por conseguir me dizer tudo aquilo de um jeito que não fez com que eu me sentisse trapaceando no jogo de paciência. Mas eu ainda não gostava da ideia de usar uma arma. Me parecia errado, como lavar suas meias na pia batismal da igreja.

Mas Chutsky, ao que parece, estava muito satisfeito consigo mesmo. – Walther, nove milímetros. É uma bela arma. – Ele apontou com a cabeça, enfiou a mão na pasta e pegou outra arma. – Tem uma pra cada um de nós. – Ele jogou uma delas para mim e eu peguei no reflexo. – Acha que consegue puxar o gatilho?

Eu sabia de que lado segurar uma arma, independentemente do que Chutsky pensasse. Afinal, cresci na casa de um policial e trabalho com policiais o dia todo. Apenas não gosto delas – as armas de fogo são tão impessoais, falta elegância de verdade. Mas ele a tinha jogado para mim como um desafio, e, junto com tudo o que havia acontecido, eu não podia ignorar. Então ejetei o clipe, engatilhei e a segurei em posição de tiro, exatamente como Harry tinha me

ensinado. – Muito bem – falei. – Quer que eu atire na televisão?

– Melhor guardar para o cara mau – ele falou. – Se achar que consegue.

Joguei a arma na cama ao lado dele. – É esse o seu plano? – perguntei. – Esperamos Weiss se registrar no hotel e depois brincamos de faroeste com ele? Na recepção ou no restaurante?

Chutsky fez que não com a cabeça de forma meio triste, como se tivesse tentado me ensinar como amarrar os sapatos e falhado. – Camarada, não sabemos quando esse cara vai aparecer e nem o que vai fazer. Pode ser que ele nos veja primeiro. – Depois levantou as sobrancelhas para mim, como se dissesse: *Rá, não tinha pensado nisso, né*?

– Então vamos atirar nele quando o virmos?

– A questão é estar preparado para quando acontecer – ele falou. – O ideal é levarmos ele para um lugar calmo e daí fazer. Mas temos que estar preparados para qualquer coisa. – Ele bateu na pasta com o gancho. – Ivan trouxe outras coisinhas para o caso da gente precisar.

– Como o quê, minas terrestres? Ou talvez um lança-chamas?

– Coisas eletrônicas – ele respondeu. – É a última palavra em vigilância. Podemos rastreá-lo, achá-lo e ouvi-lo. Com estes aparelhos, podemos ouvir se ele peidar a dois quilômetros de distância.

Eu queria muito entrar no espírito da coisa aqui, mas era difícil mostrar algum interesse pelo processo digestivo de Weiss, e torci para que aquilo não fosse absolutamente essencial para os planos de Chutsky. E em todo caso, esta atitude James Bond dele estava me deixando desconfortável. Poderia ser errado da minha parte, mas comecei a apreciar o quão sortudo eu havia sido até hoje em minha vida. Tinha me virado muito bem com apenas algumas lâminas brilhantes e a fome – nada de a última palavra, nada de planos vagos, nada de ficar em um quarto de hotel boiando, com a incerteza e armas de fogo como companheiros. Apenas uma carnificina feliz, relaxante e sem preocupações. É claro que parecia primitivo e até apressado em face de toda a preparação com alta tecnologia e nervos de aço, mas pelo menos era um trabalho duro e honesto. Nada de ficar esperando cuspindo testosterona e polindo balas. Chutsky estava tirando toda a diversão do meu trabalho.

Ainda assim, eu tinha pedido a ajuda dele e agora não podia fazer nada, a não ser montar o meu melhor rosto e seguir em frente.

– Muito bom – falei com um sorriso encorajador que não enganou nem a mim. – Quando começamos?

Chutsky bufou e pôs as armas de volta na pasta. Depois me passou ela, pendurando-a em seu gancho. – Quando ele chegar aqui – falou. – Guarde no armário, por favor.

Peguei a pasta e levei-a até o armário. Mas, quando estiquei a mão para abrir a porta, ouvi um farfalhar baixo de asas à distância, por isso parei. *O que é?* Perguntei silenciosamente. Houve uma torção leve e inaudível e um aumento de atenção, e só.

Então coloquei a mão dentro da pasta e peguei minha ridícula arma, segurando-a em posição para qualquer problema enquanto esticava a mão para a maçaneta do armário. Abri a

porta, e por um momento não consegui fazer nada a não ser olhar aquele espaço escuro e esperar que a escuridão respondesse com suas asas protetoras sobre mim. Era uma imagem de sonhos, impossível e surreal, mas depois de ficar olhando pelo que pareceu um tempo muito longo, tive de acreditar que era verdade.

Era Rogelio, o amigo de Chutsky da recepção, que ia nos avisar quando Weiss chegasse. Mas com certeza não parecia que iria nos contar mais coisa alguma, a menos que usássemos um tabuleiro Ouija.[1] Porque se a aparência contasse para alguma coisa, a julgar pelo cinto bem apertado no pescoço dele e o jeito que sua língua estava para fora e seus olhos esbugalhados, eu diria que Rogelio estava extremamente morto.

– O que foi, camarada? – Chutsky perguntou.

– Acho que Weiss já se registrou.

Chutsky pulou da cama e foi até lá. Depois de observar por um momento, ele disse: – Merda. – Então esticou a mão e sentiu o pulso, apesar de ser algo desnecessário, pelo menos na minha opinião, mas acho que existe um protocolo para esse tipo de coisas. Ele não sentiu nenhum pulso, claro, e balbuciou: – Puta merda! – Não acho que repetir aquilo fosse ajudar em algo, mas ele era um especialista, então apenas olhei enquanto ele procurou nos dois bolsos do morto. – A chave-mestra dele – falou e colocou em seu próprio bolso. Retirou as coisas básicas de todo mundo: chaves, um lenço, um pente e algum dinheiro. Examinou o dinheiro mais atentamente por um momento. – Uma nota de vinte canadense – falou. – Como uma gorjeta dada por alguém.

– Quer dizer Weiss?

Ele deu de ombros. – Quantos homicidas canadenses você conhece?

Era uma pergunta justa. E como a temporada da Liga Nacional de Hóquei já havia acabado há alguns meses, só consegui lembrar de um: Weiss.

Chutsky tirou um envelope do bolso do paletó de Rogelio.

– Achei – disse. – Senhor B. Weiss, quarto 865. – Ele deu o envelope para mim. – Acho que são tíquetes para bebidas de cortesia. Abra.

Abri o envelope e tirei dois cartões retangulares. E é claro que eram dois drinques cortesia no Cabaret Parisien, o famoso cabaré do hotel. – Como adivinhou? – perguntei.

Chutsky se endireitou depois de sua pequena pesquisa. – Estraguei tudo. Quando falei pro Rogelio que era o aniversário de Weiss, ele só pensou em fazer com que o hotel ficasse com uma boa imagem e talvez em ganhar uma boa gorjeta. – Ele segurou os vinte dólares canadenses. – Isto é o salário de um mês. Não podemos culpá-lo. – Deu de ombros. – Fiz uma grande besteira e agora ele está morto. E nós estamos fodidos.

Apesar de ele estar falando apenas metaforicamente, era verdade. Weiss sabia que estávamos aqui, nós não tínhamos a menor ideia de onde ele estava ou do que iria fazer e ainda tínhamos um cadáver bem embaraçoso em nosso armário.

– Muito bem – falei, e agora fiquei contente em ter a experiência dele ao meu lado,

imaginando que ele tivesse experiência em estragar tudo e achar corpos estrangulados no armário; mas de qualquer jeito ele tinha muito mais experiência naquilo do que eu. – E o que faremos agora?

Chutsky fez uma careta. – Primeiro temos que checar o quarto dele. Weiss provavelmente fugiu, mas seria burrice não olhar o quarto dele. – Ele apontou com a cabeça para o envelope em minha mão. – Sabemos o número do quarto dele, e não é certeza absoluta que ele sabe que sabemos. E se ele estiver lá, então teremos que, nas suas próprias palavras, brincar de faroeste com o filho da mãe.

– E se ele não estiver lá? – perguntei, porque achava que Rogelio tinha sido um presente de despedida e que Weiss tinha fugido em direção ao horizonte.

– Se ele não estiver no quarto – ele falou – ou mesmo se ESTIVER e nós o pegarmos, infelizmente nossas férias acabaram, camarada. – Ele apontou com a cabeça para Rogelio. – Cedo ou tarde vão descobrir isto, e aí teremos problemas. Será muito complicado escaparmos.

– Mas e o Weiss? E se ele fugiu?

Chutsky chacoalhou a cabeça negativamente. – Ele também tem que fugir para salvar a vida dele. Weiss sabe que o estamos perseguindo e, quando acharem Rogelio, alguém vai se lembrar dos dois juntos. Acho que ele já fugiu, correu para as montanhas. Mas, em todo caso, temos que checar seu quarto. E depois sair de Cuba *muy rápido*.

Estava com medo de que ele tivesse algum plano supertecnológico e mirabolante para se livrar do corpo de Rogelio, como derretê-lo em uma solução laser na banheira, por isso fiquei aliviado quando falou coisas comuns. Eu não tinha visto quase nada de Havana, a não ser o interior de um quarto de hotel e o fundo de um copo de *mojito*, mas claramente era hora de ir para casa e pensar em um plano B. – Muito bem – falei. – Vamos nessa.

Chutsky concordou com a cabeça. – Ótimo. Pegue sua arma.

Peguei aquela coisa fria e desajeitada e coloquei na cintura, escondendo por baixo do horroroso paletó verde, e, quando Chutsky fechou a porta do armário, saí para o corredor.

– Ponha o aviso de "Não Perturbe" na porta – ele falou. Uma ótima ideia, provando que eu tinha razão a respeito da experiência dele. Em uma hora dessas, seria bem desagradável ter uma arrumadeira entrando para limpar o armário. Pendurei o aviso na porta e Chutsky me seguiu para fora do quarto em direção à escada.

Era muito, muito estranho mesmo estar espionando alguém em um corredor iluminado, sem uma lua aparecendo no céu e com seu brilho passando por cima do meu ombro, nada de lâmina brilhante cintilando de expectativa e nenhum sibilar feliz vindo do banco de trás sombrio enquanto o passageiro se preparava para tomar a direção. Nada disso, apenas o *lump-thump* dos pés de Chutsky, o verdadeiro e o de metal se alternando, e o som de nossas respirações quando achamos a saída de incêndio e subimos as escadas até o oitavo andar. O quarto 865, como eu tinha imaginado, dava para a frente do hotel e era um lugar perfeito para Weiss posicionar sua câmera. Ficamos em silêncio do lado de fora enquanto Chutsky segurava sua arma com o gancho e procurava a chave de Rogelio com a mão. Ele me deu, apontou para a porta com a

cabeça e sussurrou: – Um, dois, três. – Coloquei o cartão na porta, virei a maçaneta e saí da frente para que Chutsky entrasse rapidamente no quarto segurando a arma em posição, depois fui atrás dele, também segurando minha arma em posição e quase sabendo o que estava fazendo.

Cobri Chutsky quando ele chutou a porta do banheiro, depois a do armário, e então relaxou e colocou a arma de volta na cintura. – E ali está – ele falou, olhando para a mesa perto da janela. Havia uma enorme cesta de frutas, e pensei que era meio irônico, considerando o que Weiss estava acostumado a fazer com aquilo. Fui até lá e olhei; felizmente, não havia nenhum dedo ou vísceras dentro. Apenas algumas mangas, papaias e outras frutas, e um cartão que dizia: *Feliz Cumpleaños Hotel Nacional*. Uma mensagem padrão, nada fora do comum. Apenas o suficiente para que Rogelio fosse morto.

Olhamos nas gavetas e embaixo da cama, mas não havia nada ali. Fora a cesta de frutas, o quarto estava tão vazio quando o interior de Dexter na seção onde se lia a palavra ALMA.

Weiss tinha fugido.

---

1 É uma tábua ligada a artes místicas que supostamente tem o poder de falar com os mortos. É usada na famosa brincadeira do copo. (N.T.)

Capítulo 33

ATÉ ONDE SEI, NUNCA FUI DE PASSEAR. SENDO TOTALMENTE honesto, duvido até que já tenha ido dar uma volta, mas passear está muito além das minhas capacidades. Quando vou a algum lugar, é sempre com um propósito bem claro, e apesar de não querer parecer convencido, quase sempre vou a passos largos.

Mas depois de deixarmos o quarto vazio de Weiss e entrar no elevador, Chutsky falou enquanto guardava as armas na pasta, e insistiu tanto na importância de parecermos totalmente tranquilos, sem pressa nem preocupações, que, quando saímos no saguão do Hotel Nacional, acredito que eu tenha andado em ritmo de passeio. Tenho certeza de que era o que Chutsky estava fazendo, e esperava parecer mais natural do que ele, é claro, afinal ele tinha que lidar com um pé artificial, então talvez eu tenha mesmo parecido melhor.

Em todo caso, passeamos pelo saguão, sorrindo para qualquer um que olhasse para nós. E passamos através da porta, descendo as escadas até o homem usando um uniforme de almirante, e depois passeamos atrás dele até o meio-fio quando ele chamou o primeiro táxi da fila que esperava ali em frente. E nossos movimentos leves e felizes continuaram dentro do táxi, pois Chutsky disse para o taxista nos levar ao El Morro Castle. Levantei uma sobrancelha para ele, que apenas balançou a cabeça negativamente e me deixou com um quebra-cabeça para desvendar. Pelo que eu sabia, não existia um túnel secreto para se sair de Cuba em El Morro. Era um dos pontos turísticos mais cheios da cidade, totalmente lotado de câmeras fotográficas e do aroma de protetor solar. Mas tentei pensar como Chutsky por um momento, ou seja, fingi ser um fã de espionagem, e, depois de refletir por um momento, eu entendi.

Era exatamente o fato de ser um lugar popular para os turistas que fez Chutsky querer que fôssemos para lá. Se o pior acontecesse, e devo admitir que este era o rumo que as coisas estavam tomando, nosso rastro acabaria lá, em uma multidão, e nos achar ficava um pouco mais difícil.

Então me recostei e aproveitei o passeio, a visão esplêndida da lua e a ideia de eu não fazer a menor ideia de onde Weiss iria agora e o que faria a seguir. Me confortou pensar que provavelmente ele também não sabia, mas não o suficiente para me deixar realmente feliz.

Em algum lugar, este mesmo brilho suave e sorridente da lua pálida incidia sobre Weiss. E talvez sussurrasse as mesmas coisas terríveis e maravilhosas em seus ouvidos internos, ideias maliciosas e sorridentes de coisas para fazer hoje à noite, agora, em breve. Eu nunca tinha sentido um puxão tão forte na maré da Praia Dexter por uma lua tão insignificante. Mas lá

estava, seus risinhos suaves me preenchendo com tanta energia estática que senti que mergulharia na escuridão e cortaria o primeiro bípede de sangue quente que pudesse encontrar. Provavelmente, aquilo era apenas a frustração de perder Weiss novamente, mas era muito forte, e mordi meu lábio o caminho todo até El Morro.

O motorista nos deixou na entrada do forte, onde uma grande multidão se reunia esperando o show do final da tarde, e vários vendedores tinham montado seus carrinhos. Um casal de idosos usando shorts e camisas estilo havaiano subiu no táxi quando saímos e Chutsky foi até um dos vendedores e comprou duas latas verdes e geladas de cerveja. – Pegue uma, camarada. Vamos dar uma volta por aqui.

Primeiro andar em ritmo de passeio e agora dar uma volta, e tudo isso em apenas um dia. Era o suficiente para fazer minha cabeça rodar. Mas dei uma volta, tomei a cerveja e segui Chutsky por uns cem metros até o fim da multidão. Paramos em um carrinho de lembranças e ele comprou duas camisetas com a foto do farol na frente, e dois bonés com a palavra *CUBA*. E então demos uma volta até o fim do calçamento. Quando chegamos lá, ele olhou em volta tranquilamente, jogou sua lata de cerveja em uma lixeira e falou: – Certo, parece que está calmo. Por aqui. – E se moveu calmamente em direção a um beco entre dois velhos prédios do forte, e eu o segui.

– Muito bem – falei. – E agora?

Ele deu de ombros. – Nos trocamos. E depois vamos para o aeroporto, pegamos o primeiro voo que tiver, não importa para onde, e depois vamos para casa. Hum... aqui – ele falou. Depois colocou a mão dentro da pasta e tirou dois passaportes. Abriu um e me deu, dizendo: – Derek Miller. Está bom?

– Claro, por que não? É um belo nome.

– É mesmo. Melhor do que Dexter.

– Ou Kyle – falei.

– Quem é Kyle? – Ele me mostrou o passaporte dele. – Sou o Calvin. Calvin Brinker. Mas pode me chamar de Cal. – Ele começou a tirar coisas do paletó e colocar nos bolsos da calça. – Temos que deixar os paletós aqui. E preferia que tivéssemos tempo de trocar a roupa inteira. Mas isto já mudará um pouco o nosso perfil. Vista isso – ele falou, me passando uma das camisetas e um boné. Tirei meu horrível paletó verde com alegria, e a camisa também, depois me vestindo com minhas novas roupas. Chutsky fez o mesmo, e então saímos do beco e colocamos as roupas de missionários batistas no lixo.

– Certo – Chutsky falou enquanto voltávamos pelo mesmo caminho, até onde dois táxis esperavam. Entramos no primeiro e Chutsky disse: – Aeropuerto Martí – e então partimos.

O caminho até o aeroporto foi praticamente o mesmo de quando viemos de lá. Havia poucos carros, fora alguns táxis e veículos militares, e o motorista tratava a pista como um trajeto com obstáculos. Era um pouco mais difícil à noite, pois a estrada não era iluminada, e com isso ele nem sempre conseguia se desviar dos buracos e algumas vezes a gente chacoalhava bastante, mas acabamos chegando ao aeroporto sem nenhum ferimento fatal.

Desta vez o táxi nos deixou no belíssimo terminal novo, e Chutsky foi direto até a tela que mostrava as partidas.

– Cancún partindo em trinta minutos. É perfeito.

– Mas e a sua maleta do James Bond? – perguntei, pensando que seria um pequeno problema com a segurança do aeroporto, pois estava carregada com armas, lançadores de granadas e sabe-se lá mais o quê.

– Não se preocupe. Venha aqui – ele falou e me levou até uma área com armários, colocou algumas moedas e guardou a pasta lá. – Tudo bem. – Depois fechou a porta, pegou a chave e fomos até o balcão da AeroMéxico, parando no caminho para jogar a chave em uma lixeira.

Quase não havia fila e em pouco tempo estávamos comprando duas passagens para Cancún. Infelizmente não havia outros lugares a não ser na primeira classe, mas, como estávamos fugindo da repressão de um Estado comunista, achei que a despesa extra era justificada, e também se encaixava bem poeticamente. A moça jovem e simpática disse que o embarque já estava sendo feito e que deveríamos nos apressar, e foi o que fizemos, parando apenas para mostrar nossos passaportes e pagar a taxa de saída, que não é tão ruim quanto parece. Achei que teríamos mais problemas com os passaportes, mas, quando não houve nenhum, nem me importei em pagar a taxa, não importando o quão ridícula fosse aquela ideia.

Fomos os últimos a embarcar, e tenho certeza de que a aeromoça não teria nos dado aquele imenso sorriso se fôssemos viajar de classe econômica. Ganhamos até uma taça de champanhe em agradecimento por sermos maravilhosos e nos atrasarmos para o embarque da primeira classe; quando fecharam e trancaram a porta, comecei a achar que iríamos mesmo conseguir escapar, e descobri que eu tinha gostado muito daquele champanhe, mesmo de estômago vazio.

Gostei ainda mais quando finalmente partimos, o trem de pouso foi recolhido e fomos em direção ao México, e provavelmente teria tomado mais quando pousamos em Cancún depois do nosso curto voo, mas a aeromoça não nos ofereceu mais champanhe. Acho que meu status de primeira classe venceu no meio do caminho, sobrando apenas o suficiente para ganhar um sorriso educado na hora de desembarcar do avião.

Já no terminal, Chutsky foi resolver o resto de nossa viagem para casa e eu me sentei em um restaurante e comi *enchiladas*. Tinham gosto de comida de aeroporto em todos os lugares em que eu já as havia comido. Um gosto suavemente próximo do que deveriam ter, pior, mas não ruim o suficiente para que você pedisse seu dinheiro de volta. Foi um trabalho duro, mas acabei com a comida quando Chutsky voltou com nossas passagens.

– Cancún até Houston, Houston até Miami – ele falou, me passando o bilhete. – Vamos chegar por volta das sete da manhã.

Depois de passar a maior parte da noite em cadeiras de plástico, não conseguia me lembrar de outra ocasião na qual minha cidade natal parecesse tão acolhedora quanto agora, quando o sol iluminou a pista e o avião finalmente pousou em Miami. Eu estava aquecido pela

sensação especial de voltar para casa quando lutamos para passar pela multidão histérica e violenta tentando sair e pegar o micro-ônibus até o estacionamento.

Deixei Chutsky no hospital para que pudesse ver Deborah, a pedido dele, que pulou do carro, hesitou e então colocou a cabeça novamente pela porta. – Sinto muito não ter dado certo, camarada.

– É, eu também – falei.

– Me avise se eu puder ajudar em alguma coisa para acabarmos com este caso. Você sabe, se achar o cara e se sentir incomodado, eu posso ajudar.

É claro que aquela era a única coisa na qual eu não me sentia incomodado, mas foi um gesto muito carinhoso da parte dele se oferecer para puxar o gatilho por mim, e eu agradeci. Ele concordou com a cabeça. – Estou falando sério – e depois fechou a porta e mancou até o hospital.

E fui para casa enfrentando o tráfego da hora do *rush*, conseguindo chegar em um tempo até que bom, mas não a tempo de ver Rita e as crianças. Então me consolei com uma ducha, uma troca de roupas, café e algumas torradas antes de atravessar novamente a cidade até o trabalho.

O horário de pico do tráfego já havia passado, mas como sempre há trânsito em Miami, tive tempo de pensar durante o anda e para do caminho. Weiss ainda estava à solta, e, por tudo que tinha acontecido, era quase impossível achá-lo. Eu tinha quase certeza de que não acontecera nada que o fizesse mudar de ideia a meu respeito e pensasse em partir para outra. Ele acharia outro jeito de fazer algo em breve, ou me matando ou fazendo com que eu desejasse que ele tivesse me matado. E, até onde eu sabia, não havia nada que pudesse fazer a não ser esperar até ele fazer algo ou alguma ideia sensacional cair do céu exatamente em cima da minha cabeça.

O trânsito parou. Eu esperei. Um carro passou rugindo no acostamento, buzinando loucamente e muitos outros carros buzinaram de volta, mas nenhuma ideia caiu sobre mim. Estava preso no tráfego, tentando ir para o trabalho e esperando que algo terrível acontecesse. Imagino que seja uma ótima descrição da condição humana, mas sempre pensei que fosse imune a ela.

O tráfego andou um pouco. Rastejei devagar, passando um caminhão plataforma que tinha sido colocado na grama ao lado da pista. O capô dele estava aberto. Sete ou oito homens usando roupas sujas estavam sentados na traseira do caminhão. Eles também estavam esperando, mas pareciam mais felizes do que eu com aquilo. Talvez não estivessem sendo perseguidos por um artista louco e homicida.

Acabei conseguindo chegar ao trabalho, e se estivesse esperando por boas-vindas calorosas e cumprimentos felizes de meus colegas, teria ficado muito desapontado. Vince Masuoka estava no laboratório quando cheguei e levantou a cabeça quando entrei. – Onde você estava? – ele perguntou em um tom de voz como se estivesse me acusando de algo.

– Estou bem, obrigado – respondi. – Bom ver você também.

– Está uma loucura por aqui – Vince falou, aparentemente não ouvindo o que eu tinha dito.

– Tem o caso do trabalhador migrante e, pra completar, ontem um idiota resolveu matar a esposa e o namorado dela.

– Sinto muito por isso.

– Ele usou um martelo, e se achou que foi algo divertido...

– Não parece divertido – falei, e mentalmente completei: *a não ser para ele*.

– Sua ajuda teria sido bem-vinda – ele falou.

– É muito bom ser querido – respondi, e ele me olhou com nojo por um momento e depois se virou.

O dia não ficou muito melhor, e terminei na cena do crime onde o homem fez uma festinha com seu martelo. Vince tinha razão, estava uma grande confusão, com o sangue já seco espalhado por duas paredes e meia, um sofá e um bom pedaço de um tapete que antes era bege. Ouvi um dos policiais dizendo que o homem estava preso: ele confessou e disse que não sabia o que tinha dado nele. Aquilo não me fez sentir melhor, mas é bom ver a justiça sendo feita, e o trabalho fez minha mente parar de pensar em Weiss. É sempre bom se manter ocupado.

Mas não me tirou a sensação ruim de que Weiss devia achar a mesma coisa.

Capítulo 34

EU ME MANTIVE OCUPADO E WEISS TAMBÉM. COM A AJUDA DE Chutsky, descobri que ele pegou um voo para Toronto que partiu do aeroporto de Havana mais ou menos na hora em que chegamos lá. Mas o que ele fez depois disso era uma incógnita impossível de ser descoberta apenas fuçando no computador. Uma pequena voz dentro de mim sussurrava esperançosamente que talvez ele desistisse e ficasse em casa, mas ela era respondida com uma risada muito alta de todas as outras vozes dentro de mim.

Fiz as pequenas coisas que poderia fazer; pesquisei em arquivos da Interpol nos quais, tecnicamente, não poderia mexer, e achei uma pequena atividade com cartão de crédito, mas em Toronto. Aquilo me levou ao banco de Weiss, o que me deixou um pouco indignado: as pessoas que estavam guardando nosso sagrado patrimônio não deveriam ser um pouco mais cuidadosas? Weiss fez um saque de alguns milhares de dólares e era isso. Nenhuma atividade nos outros dias.

Eu sabia que aquele saque iria se transformar em más notícias para mim, mas, fora isso, não conseguia pensar em um jeito de transformar aquilo em uma ameaça específica. Desesperado, voltei à página de Weiss no YouTube. E para minha surpresa, todo aquele negócio de Nova Miami tinha desaparecido, junto com as janelinhas dos vídeos. No lugar, o fundo era de um cinza maçante e havia uma foto mais feia ainda de um corpo masculino nu e nojento, com as partes baixas apagadas. E na parte de baixo estava escrito: *Schwarzkogler foi só o começo. O próximo passo está a caminho.*

Qualquer conversa que comece com *Schwarzkogler foi só o começo* não vai a nenhum lugar que um ser racional queira estar. Mas o nome parecia vagamente familiar para mim, e claro que não poderia deixar de examinar uma pista em potencial, então fiz o meu trabalho básico e chequei no Google.

O tal de *Schwarzkogler* acabou sendo Rudolf, um austríaco que se considerava um artista e, para provar, cortou pedaços de seu pênis aos poucos e tirou fotos do processo. Aquilo foi um triunfo artístico tão grande que ele continuou sua carreira, até que sua maior obra o matou. E me lembrei de ter lido que ele era um ícone para o grupo que, brilhantemente, nos apresentou *A perna de Jennifer*.

Não conheço muito de arte, mas gosto de manter todas as partes do meu corpo comigo. E, até agora, até mesmo Weiss também se mantivera fiel aos seus membros corporais, apesar de todos os meus esforços. Mas percebi que aquele movimento artístico tinha um grande apelo

estético para ele, especialmente se levasse o processo um passo adiante, como disse que faria. Fazia sentido. Para que criar arte com seu próprio corpo se você pode criar com o corpo dos outros e não se machucar? Sem falar que sua carreira duraria muito mais. Eu tinha que aplaudir o grande senso comum de Weiss, e tinha a sensação de que veria o próximo passo da carreira artística dele em breve e em algum lugar muito próximo de Dexter, o Filisteu.

Chequei a página do YouTube muitas vezes durante a semana, mas não houve nenhuma mudança, e o ritmo de uma semana bem puxada no trabalho começou a fazer com que tudo aquilo parecesse apenas uma lembrança ruim.

As coisas em casa não estavam fáceis também. Um policial ficava em nossa porta quando as crianças voltavam para casa, e apesar de a maioria deles ser legal, aquela presença deixava as coisas mais tensas. Rita estava um pouco distante e distraída, como se estivesse sempre esperando um interurbano importante, e isso atrapalhou um pouco a sua excelente habilidade na cozinha. Comemos sobras duas vezes em uma semana, algo que jamais havia acontecido em nossa pequena casa. E Astor parecia ter aderido àquela estranheza, pois pela primeira vez desde que eu a conhecia, ela ficou relativamente em silêncio, sentada em frente à TV com Cody e assistindo a todos os seus DVDs favoritos repetidamente, sem falar mais do que duas ou três palavras com o resto de nós.

Cody, estranhamente, era o único que demonstrava algum tipo de animação. Estava muito ansioso para sua próxima reunião de escoteiros, mesmo que aquilo significasse que teria de usar seus incômodos shorts. Mas quando perguntei por que ele tinha mudado de opinião, Cody admitiu que estava animado porque torcia para que o novo líder de seu grupo também aparecesse morto, e desta vez talvez ele conseguisse ver algo.

Assim a semana se arrastou, o fim de semana também não foi muito melhor, e a segunda-feira chegou novamente, como parece fazer quase sempre. E mesmo eu levando uma caixa grande de rosquinhas para o trabalho, a segunda não tinha nada a me oferecer em troca, apenas mais trabalho. Um carro passando e atirando em Liberty City me levou às ruas quentes por várias horas desnecessárias. Um garoto de dezesseis anos tinha morrido, e era óbvio apenas com uma olhada rápida no padrão do sangue que ele tinha sido atingido por um veículo em movimento. Mas o "óbvio" nunca é o suficiente para uma investigação policial, então lá fui eu suar sob um sol escaldante fazendo coisas que chegaram perigosamente perto de um trabalho braçal, apenas para poder preencher os formulários corretamente.

Quando voltei ao meu cubículo na central, já tinha suado quase toda a minha máscara humana artificial, e tudo o que eu queria da vida era tomar uma ducha, vestir roupas secas e depois fatiar alguém que merecesse de verdade. E claro que aquilo levou meu trem de pensamentos diretamente para os trilhos de Weiss, e sem mais nada a fazer do que admirar a sensação e o cheiro do meu suor, chequei a página dele mais uma vez.

E desta vez havia uma pequena caixinha com um vídeo esperando por mim na parte de baixo da página.

E estava nomeado como DEXTERAMA!

Eu não tinha nenhuma escolha ali, por isso cliquei na caixinha.

Havia uma imagem tremida e sem foco e o som de uma orquestra começou tocando uma música nobre que me lembrou da formatura da escola. E então apareceu uma série de imagens· as dos corpos da Nova Miami, intercaladas com imagens das reações das pessoas vendo aqueles corpos, e a voz de Weiss apareceu, soando como uma versão maléfica de um locutor de algum programa de notícias.

"Por milhares de anos", ele entoou, "coisas terríveis vêm acontecendo conosco", e apareceram imagens fechadas dos cadáveres com suas máscaras de plástico. "E o homem sempre se fez a mesma pergunta: por que estou aqui? E durante todo esse tempo, a resposta sempre foi a mesma...", apareceu uma imagem em *close* de um rosto em Fairchild Gardens, parecendo confuso, incerto e perdido, e a voz de Weiss apareceu por cima: "Não sei...".

A parte técnica do filme era bem desajeitada, bem diferente dos materiais anteriores, e tentei não ser muito crítico; afinal, Weiss era talentoso em outra área, tinha perdido seu primeiro parceiro e matado o segundo, que era bom em edição.

"Então o homem se voltou para a arte", Weiss falou com uma artificialidade solene, e apareceu uma imagem de uma estátua sem braços nem pernas. "A arte nos deu uma resposta bem melhor..." Entra o *close* no corredor que encontrou o corpo em South Beach, seguido pelo famoso grito de Weiss.

"Mas a arte convencional só pode nos trazer até um certo ponto", ele continuou, "porque as técnicas tradicionais como pintura e escultura criaram uma barreira entre um evento artístico e a experiência artística. E, como artistas, temos que nos concentrar em quebrar as barreiras..." Entra a imagem do Muro de Berlim caindo enquanto as pessoas vibravam.

"Então caras como Chris Burden e David Nebreda começaram a experimentar e transformar a si mesmo em arte, uma barreira a menos! Mas não era o suficiente, pois para o público, alvo normal", apareceu outra cara de bobo da multidão, "não há diferença entre um pedaço de barro e um artista louco; a barreira ainda está lá! Droga!"

Então o rosto de Weiss apareceu na tela; a câmera tremeu um pouco, como se ele a estivesse arrumando enquanto falava. "Precisamos ser mais imediatistas. Temos que transformar o público em uma parte do evento, para que assim a barreira desapareça. E precisamos de respostas melhores... para as grandes questões. Perguntas como: 'O que é a verdade? Qual é o limiar da agonia humana?' e a mais importante". E aqui apareceu aquele videozinho circular que mostrava Dexter Derrubando Doncevic na banheira esmaltada. "O que Dexter faria... se ele se tornasse parte da obra de arte em vez de ser o artista?"

E nesta parte houve um novo grito, meio abafado, mas que parecia muito familiar para mim. Não Weiss, mas algo que já tinha ouvido antes, apesar de não conseguir me lembrar de onde, e Weiss apareceu novamente na tela, sorrindo de leve e olhando por cima do ombro. "Acho que podemos responder pelo menos esta última, não?", ele falou. Então pegou a câmera e girou tirando o foco de seu rosto para mostrar algo se contorcendo lá atrás. O algo entrou no foco da imagem e descobri por que o grito me parecia tão familiar.

Era Rita.

Ela estava deitada de lado, com as mãos amarradas nas costas e as pernas também presas na altura dos tornozelos. Ela se sacudia furiosamente e deu outro grito abafado, desta vez soando ultrajada.

Weiss riu. "A plateia é a arte", ele falou, "e você será a minha obra-prima, Dexter." Ele sorriu e, mesmo não sendo um sorriso artificial, também não era um belo sorriso. "Será absoluta e totalmente uma arte-stravaganza." Ele falou e então a tela ficou escura.

Ele tinha pegado Rita, e sei muito bem que deveria ter pulado da cadeira, pego minha arma e atacado a floresta de pinheiros com meu grito de guerra, mas senti uma calma curiosa se espalhar por mim, e fiquei apenas sentado ali um longo momento, imaginando o que ele iria fazer com ela, antes de finalmente perceber que, de um jeito ou de outro, eu realmente teria que fazer algo. Então comecei a respirar fundo para poder me levantar e sair pela porta.

Mas só tive tempo para uma pequena respirada, não suficiente nem para levantar um pé do chão, quando uma voz atrás de mim e próxima disse:

– É a sua esposa, certo? – O detetive Coulter me perguntou.

Depois que consegui sair do teto onde havia grudado, me virei para ele.

Ele estava dentro da sala, parado ao lado da porta, não muito perto de mim, mas o suficiente para ter visto e ouvido tudo. Não tinha como eu fugir daquela pergunta.

– Sim. É a Rita.

Ele assentiu com a cabeça. – E parecia você, com aquele cara na banheira.

– Aquilo... eu – comecei a gaguejar. – Acho que não.

Coulter fez que sim novamente com a cabeça. – É você – falou. E como eu não tinha nada a dizer e não queria me ouvir gaguejando de novo, apenas fiz que não com a cabeça.

– Vai ficar sentado aí enquanto o cara está com a sua esposa?

– Eu ia me levantar agora – falei.

Coulter deitou a cabeça para um lado. – Você sente que esse cara não gosta muito de você ou algo parecido?

– Está começando a parecer que ele não gosta.

– E por que você acha que isso acontece?

– Já falei o porquê. Eu machuquei o namorado dele – falei, e aquilo soou muito fraco, até mesmo para mim.

– Ah, sim, é verdade. O cara que desapareceu. Você não sabe pra onde ele foi, sabe?

– Não, não sei.

– Você não sabe – ele disse erguendo a cabeça. – Porque não era ele na banheira, e não era você parado em cima dele com uma serra.

– Não, claro que não.

– Mas talvez o cara ache que sim, pois parece você, e por isso ele pegou sua esposa. É uma bela troca, não?

– Detetive, eu realmente não sei onde está o namorado dele – falei, e era verdade,

considerando as marés, correntes marinhas e os hábitos dos animais que viviam ali.

– Hum – ele disse, e fez uma cara que imagino que fosse para parecer pensativo. – Então ele simplesmente decide transformar sua esposa em, o que mesmo? Transformá-la em um tipo de arte, é isso? Isso porque...?

– Porque ele é louco? – falei esperançoso. E aquilo também era verdade, mas não significava que Coulter se impressionaria.

E aparentemente não se impressionou mesmo. – Certo – falou, parecendo meio dúbio. – Ele é louco. Claro, isso faria sentido. – Ele concordou com a cabeça, como se estivesse tentando se convencer. – Está bem, então temos um cara louco e ele pegou sua esposa. O que faremos agora? – Levantou as sobrancelhas para mim com um olhar que dizia que esperava que eu soubesse de algo que ajudaria muito.

– Não sei – falei. – Acho que preciso reportar isto.

– Reportar – ele falou, assentindo com a cabeça. – Reportar para a polícia. Porque da última vez que não fez isso eu dei uma dura em você.

A inteligência, em geral, é tratada como uma coisa boa, mas tenho que admitir que gostava muito mais de Coulter quando achava que ele era um idiota inofensivo. Agora que eu sabia que ele não era, fui pego entre o impulso de tomar muito cuidado com tudo que dizia para ele e a vontade de quebrar minha cadeira na cabeça dele. Mas, como as boas cadeiras são caras, a cautela venceu.

– Detetive – falei. – O cara está com a minha esposa. Não sei se já foi casado...

– Duas vezes – ele falou. – E não deram certo.

– Bom, mas comigo está funcionando. E eu gostaria de tê-la de volta inteira.

Ele me encarou por um longo momento e então disse: – Quem é esse cara? Quero dizer, você deve saber quem é.

– Brandon Weiss – falei, sem saber direito para onde aquilo ia.

– Isso é só o nome dele. Quem ele é, caralho?

Sacudi minha cabeça negativamente, sem entender direito o que ele tinha dito, e não querendo contar a ele o que quer que fosse.

– Mas ele é o cara que... você sabe. Fez todas aquelas montagens com cadáveres que deixaram o governador puto?

– Sim, tenho certeza que foi ele.

Ele concordou com a cabeça e depois olhou para a mão, e foi aí que percebi que não tinha nenhuma garrafa de Mountain Dew pendurada nela. O pobre homem deve ter terminado e ficado sem.

– Pegar esse cara seria uma boa coisa – ele falou.

– Sim, seria mesmo.

– Faria várias pessoas diferentes felizes. E faria bem para a carreira.

– Acho que sim – falei, pensando que eu deveria ter acertado ele com a cadeira, no fim das contas.

Coulter bateu as mãos em uma palma. – Muito bem, então. Vamos pegá-lo.

Era uma ideia maravilhosa, colocada com muita firmeza, mas havia um pequeno problema. – Vamos para onde? – falei. – Para onde ele levou Rita?

Ele piscou os dois olhos para mim. – Quê? Ele acabou de falar pra você.

– Não acho que ele tenha falado.

– Pelo visto você não assiste muitos canais abertos, né? – ele disse, soando como se eu tivesse cometido um crime contra pequenos animais.

– Não muito – admiti. – As crianças já passaram da fase de ver o *Barney*.

– Eles têm feito propaganda disso faz três semanas – falou. – Da Arte-stravaganza.

– Do quê?

– Da Arte-stravaganza, no centro de convenções – ele falou, começando a parecer-se com a propaganda. – Mais de duzentos artistas de ponta de toda a América do Norte e Caribe, todos reunidos no mesmo lugar.

Pude sentir minha boca se mexendo em uma tentativa de formar palavras, mas nada saiu de lá. Pisquei e tentei de novo, mas, antes que conseguisse fazer algum sim, Coulter apontou a porta com a cabeça e disse: – Venha, vamos lá pegá-lo. – Então deu um passo atrás. – Depois a gente conversa sobre o porquê de parecer ser você com o cara na banheira.

Desta vez eu coloquei os dois pés no chão, juntos, e estava pronto para me impulsionar para sair, mas, antes que pudesse fazer mais alguma coisa, o meu celular tocou. Mais por hábito do que por qualquer outra coisa, acabei atendendo. – Alô?

– Senhor Morgan? – disse uma cansada voz feminina do outro lado.

– Sim? – respondi.

– Aqui quem fala é a Megan, do programa de atividades extras da escola. Que cuida de, hã, Cody e Astor.

– Ah, sim – falei, e um novo alarme começou a tocar no andar principal do meu cérebro.

– É que já são seis e cinco. – Megan falou. – E preciso ir para casa, porque tenho aula de contabilidade hoje à noite. Tipo às sete horas, sabe?

– Sim, Megan – falei. – Que posso fazer por você?

– Como eu falei, preciso ir para casa, entende?

– Muito bem – falei, desejando conseguir entrar no telefone e fazê-la voar para casa.

– Mas e seus filhos? – ela perguntou. – Sua esposa não apareceu para pegá-los. E eles estão aqui. E não posso ir embora com eles aqui, sabe?

Aquilo me pareceu uma regra muito boa, especialmente porque significava que Cody e Astor estavam bem, e não nas garras de Weiss. – Já vou buscá-los – falei. – Estarei aí em vinte minutos.

Desliguei o telefone e vi Coulter olhando para mim com expectativa. – Minhas crianças – falei. – A mãe deles não apareceu e agora preciso buscá-los.

– Agora? – ele perguntou.

– Sim.

– Então você vai lá buscá-los agora?

– Isso mesmo.

– Certo – ele falou. – Mas você ainda quer salvar sua esposa?

– Imagino que isso seria a melhor coisa a fazer.

– Então você vai buscar as crianças e depois vai atrás de sua esposa – ele falou. – E não tentar, sei lá, fugir do país ou algo assim?

– Detetive – falei –, eu quero minha esposa de volta.

Coulter me olhou por um bom tempo. Então concordou com a cabeça. – Estarei no centro de convenções – ele falou, se virou e saiu.

Capítulo 35

O PARQUE AONDE CODY E ASTOR IAM TODOS OS DIAS DEPOIS DA escola ficava perto de casa, mas era do outro lado da cidade saindo do meu escritório, então demorei um pouco mais do que vinte minutos para chegar. Como era hora do *rush*, você poderia dizer que tive sorte em conseguir chegar lá. Mas tive muito tempo para pensar no que poderia acontecer com Rita, e descobri, pra minha surpresa, que realmente esperava que ela estivesse bem. Estava começando a me acostumar com ela. Gostava que ela cozinhasse todas as noites e não conseguiria cuidar das duas crianças sozinho e ainda ter a liberdade de crescer na carreira que eu tinha escolhido, nem agora, nem nos próximos anos, quando eles ainda teriam que ser treinados.

Então torci para que Coulter tivesse chamado reforços confiáveis, que prendessem Weiss e que Rita estivesse segura, talvez tomando um café e enrolada em um cobertor, como eles mostram na televisão.

Mas aquilo levantou uma questão interessante, que preencheu o que poderia ser o resto do prazeroso passeio pela multidão homicida de pessoas indo para casa com preocupações verdadeiras. Supondo que eles prendessem Weiss com algemas e tudo, o que aconteceria depois quando começassem as perguntas? Coisas como: por que fez isso? E, mais importante, por que fez isso com o Dexter? E se ele tivesse o péssimo hábito de responder as coisas dizendo a verdade? Até agora ele tinha demonstrado uma grande vontade de contar a todos a meu respeito, e apesar de eu não ser uma pessoa tímida, preferia deixar minhas conquistas longe dos olhos do público em geral.

E se Coulter juntasse as coisas que Weiss poderia fofocar com o que já suspeitava por ver o vídeo, as coisas poderiam ficar bem tristes na Dexterlândia.

Teria sido muito melhor se eu tivesse conseguido confrontar Weiss pessoalmente, resolver as coisas de forma amigável, mano a mano, ou possivelmente, neste caso, *cuchilla a cuchilla*, e assim resolveria o problema da vontade de Weiss em se comunicar e alimentaria meu Passageiro. Mas agora eu não tinha escolha, Coulter estava lá e ouvira tudo, por isso eu tinha que seguir o plano atual. Afinal de contas, eu era um cidadão seguidor das leis, e era mesmo, tecnicamente falando. Inocente até que se prove o contrário em um tribunal, certo?

E parecia cada vez mais que a coisa chegaria ao tribunal, estrelando Dexter em seu macacão de presidiário e uma bola de ferro no pé, coisa que eu não estava ansioso por ver – laranja é uma cor que não fica bem em mim. E claro que ser acusado de assassinato seria um terrível contratempo para a minha felicidade verdadeira. Não tenho nenhuma ilusão a respeito de

nosso sistema de justiça: vejo como ele funciona todos os dias no meu trabalho, e tenho quase certeza de que conseguiria vencê-lo, a menos que eles me pegassem em ação em frente a um ônibus cheio de senadores e freiras, e isso fosse filmado. Mas só uma acusação aberta já me colocaria sob os holofotes e vigilância minuciosa que acabaria com as minhas diversões, mesmo que depois eu fosse considerado inocente. É só ver o pobre O. J.:[1] em seus últimos anos de liberdade, não conseguiu nem jogar golfe sem alguém o acusar de algo.

Mas o que eu poderia fazer? Minhas opções eram muito limitadas. Poderia deixar Weiss falar o que quisesse, e provavelmente estaria em apuros, ou não deixaria ele falar, e nesse caso provavelmente obteria o mesmo resultado. Não havia como escapar. Dexter estava afundando e a maré estava subindo.

Mas foi um Dexter muito atencioso que chegou ao salão comunitário do parque. A velha e boa Megan ainda estava lá, segurando Cody e Astor pelas mãos e batendo um pé no outro em sua ansiedade de se livrar deles e ir para seu excitante mundo das aulas de contabilidade. Todos pareceram felizes em me ver, cada um a seu jeito, o que foi tão gratificante que consegui me esquecer de Weiss por três ou quatro segundos completos.

– Senhor Morgan? Eu realmente tenho que ir – ela falou, e fiquei tão pasmado de ela falar uma frase que não era uma pergunta que apenas concordei com a cabeça e peguei Astor e Cody das mãos dela. Ela correu até um Chevy velho e amassado e saiu rapidamente para o tráfego.

– Cadê a mamãe? – Astor perguntou.

Tenho certeza de que existe um jeito carinhoso, sensível e humano de dizer para as crianças que a mãe delas está nas garras de um monstro homicida, mas eu não conhecia, então falei: – Aquele cara mau a pegou. O que bateu no carro de vocês.

– O que eu enfiei o lápis na perna? – Cody perguntou.

– Esse mesmo.

– Eu dei um soco no saco dele – Astor falou.

– Você devia ter batido mais forte – falei. – Ele pegou sua mãe.

Ela fez uma cara que me mostrou que estava extremamente desapontada com o meu jeito idiota. – Nós vamos atrás dele?

– Vamos ajudar – falei. – A polícia está lá agora.

Os dois me olharam como se eu fosse louco. – A *polícia*? – Astor falou. – Você mandou a *polícia*?

– Eu tinha que vir buscar vocês dois – falei, surpreso por de repente estar na defensiva.

– Então você vai deixar esse cara ESCAPAR, e ir apenas para a CADEIA? – ela quis saber.

– Não tive escolha – falei, e senti que já estava no tribunal e que já tinha perdido. – Um dos policiais descobriu, e eu precisava vir pegar vocês.

Eles trocaram um de seus olhares silenciosos mas cheios de significado e então Cody virou o rosto. – Você vai nos levar com você? – Astor perguntou.

– Hã – falei, e não me parecia justo ter primeiro Coulter e agora Astor reduzindo o Destemido Dexter e sua língua de mel a um idiota monossilábico, e tudo isso no mesmo dia, mas era o que estava acontecendo. As coisas eram o que são normalmente – totalmente incertas e desagradáveis – e por isso eu não tinha pensado naquilo ainda. Mas é claro que não poderia levá-los para encurralar Weiss. Sabia que aquela performance toda era direcionada a mim, e não iria começar enquanto eu não aparecesse, se ele conseguisse; eu não tinha como ter certeza se Coulter conseguiria pegá-lo, e aquilo seria muito perigoso.

E como se pudesse ouvir os meus pensamentos, Astor falou: – Já ganhamos dele uma vez.

– Mas ele não estava esperando nada de vocês naquela época – falei. – E desta vez ele estará preparado.

– Mas desta vez teremos mais do que um lápis – ela falou, e a ferocidade tranquila com que falou aquilo aqueceu meu coração. Mas ainda estava fora de questão.

– Não – falei. – É perigoso demais.

Cody balbuciou: – Você prometeu.

Astor rolou os olhos dramaticamente e soltou a respiração combinando com o gesto. – Você sempre diz que não podemos fazer as coisas – ela falou. – Não até que nos ensine mais. E dizemos que tudo bem, pode nos ensinar, e não fazemos nada. E agora, quando temos a chance de aprender algo de verdade, você diz que é perigoso demais.

– Mas é perigoso demais.

– E o que a gente vai ficar fazendo enquanto você vai fazer algo perigoso? – ela perguntou. – E se você não salvar a mamãe e vocês dois nunca mais voltarem?

Olhei para ela e depois para Cody. Ela me olhava com seu lábio inferior tremendo, enquanto ele tinha uma expressão dura de desprezo. Mais uma vez, o máximo que pude fazer foi abrir a boca sem dizer nada.

E foi assim que acabei dirigindo para o centro de convenções um pouco acima do limite de velocidade, e com duas crianças muito excitadas no banco traseiro. Saímos da I-95 e pegamos a Eighth Street em direção ao centro de convenções na Brickell. Havia muito tráfego e nenhum lugar para estacionar – ao que parece um monte de gente assistia aos canais abertos e sabia a respeito da Arte-stravaganza. Naquelas circunstâncias, me pareceu meio idiota perder tempo procurando um lugar para estacionar, e assim que decidi parar ao lado da calçada no estilo policial, vi o que só podia ser o carro velho de Coulter, então subi na calçada parando o carro ao lado do dele, coloquei minha plaquinha do departamento e me virei para Cody e Astor.

– Fiquem perto de mim e não façam nada sem me perguntar.

– A menos que seja uma emergência – Astor falou.

Pensei em como eles tinha agido até agora em emergências, e tinha sido muito bem, na verdade. E era quase certeza de que tudo já tinha acabado.– Muito bem, só se for uma emergência. – Abri a porta do carro. – Vamos.

Eles não se mexeram. – Que foi? – perguntei.

– Faca – Cody disse suavemente.

– Ele quer uma faca – Astor explicou.

– Não vou dar uma faca pra você.

– Mas e se houver uma emergência? – Astor perguntou. – Você disse que poderíamos fazer algo em uma emergência, mas depois não nos dá nada para que possamos fazer algo.

– Vocês não podem andar em público segurando uma faca.

– Não podemos ir sem nada para nos defender – Astor insistiu.

Soltei um longo suspiro. Eu tinha quase certeza de que Rita estaria segura até que eu chegasse lá, mas, nesta velocidade, Weiss morreria de velhice antes que eu o encontrasse. Então abri o porta-luvas, peguei uma chave de fenda e dei para Cody; afinal, a vida era feita de compromissos. – Tome. É o melhor que posso fazer.

Cody olhou para a chave de fenda e depois para mim.

– É melhor do que um lápis – falou, olhou para a irmã e depois fez um gesto de aceitação com a cabeça.

– Ótimo – falei, abrindo a porta novamente. – Vamos logo.

Desta vez eles me seguiram pela calçada até a entrada principal. Mas, antes de entrarmos, Astor parou como uma estátua.

– O que foi agora? – perguntei.

– Preciso fazer xixi.

– Astor – falei –, temos que continuar.

– Eu realmente preciso fazer xixi – ela falou.

– Não dá pra esperar cinco minutos?

– Não – ela respondeu e também sacudiu a cabeça vigorosamente.– Preciso ir agora!

Respirei fundo e imaginei se o Batman alguma vez teve o mesmo problema com o Robin. – Tudo bem – falei. – Mas se apresse.

Achamos o banheiro em um dos lados do saguão e Astor entrou correndo. Cody e eu ficamos ali fora esperando. Ele segurou a chave de fenda de jeitos diferentes, até que gostou da posição natural de se empunhar e dar uma facada. Ele olhou para mim buscando aprovação, e fiz que sim com a cabeça na mesma hora em que Astor saiu do banheiro.

– Venham. Vamos logo – ela falou e passou voando por nós em direção à porta de entrada para o saguão maior, e fomos atrás dela. Um homem frouxo e de óculos queria coletar quinze dólares de cada um de nós para nos deixar entrar, mas mostrei minhas credenciais da polícia. – E as crianças? – ele perguntou.

Cody começou a levantar sua chave de fenda, mas eu o segurei. – Eles são testemunhas.

O homem pareceu que iria discutir o assunto, mas quando viu como Cody segurava a chave de fenda, apenas sacudiu a cabeça negativamente.– Tudo bem – disse, dando um longo suspiro.

– Por acaso sabe onde estão os outros policiais? – perguntei.

Ele continuou fazendo que não com a cabeça. – Só sei de um policial – ele falou –, e tenho CERTEZA de que saberia se tivesse outros, pois todos acham que podem passar por mim sem

pagar. – Ele sorriu para mostrar que a intenção era mesmo dizer aquilo como um insulto, e então gesticulou para que entrássemos no salão. – Aproveitem o show.

Então entramos. Havia vários estandes mostrando coisas reconhecíveis como arte – esculturas, pinturas e por aí vai. Mas muitas outras estavam exagerando ao tentar passar dos limites da experiência humana entrando em novos limites da percepção. Um dos primeiros que vimos era apenas uma pilha de folhas e galhos com uma lata velha de cerveja ao lado. Outros dois tinham múltiplos monitores; um mostrando um gordo sentado em uma privada e o outro mostrava um avião batendo em um prédio. Mas nem sinal de Coulter, Rita ou Weiss.

Andamos até o final do salão e viramos, olhando todos os corredores pelos quais passávamos. Havia muitas outras coisas expostas que eram bem interessantes e que expandiam horizontes, mas nenhum deles envolvia Rita. Comecei a pensar se tinha me enganado quando achei que Coulter se fingia de bobo. Tinha aceitado cegamente a dedução dele de que Weiss estaria aqui, mas e se ele estivesse errado? E se Weiss estivesse em outro lugar, entalhando Rita tranquilamente enquanto eu olhava para uma arte que acrescentava profundidade e entendimento a uma alma que eu não tinha?

E então, Cody parou de repente e vagarosamente chegou a uma conclusão. Me virei para olhar o que ele estava vendo e também cheguei a uma conclusão.

– Mamãe – ele falou.

E era ela.

---

1 O. J. Simpson, ex-jogador de futebol americano e ator que foi acusado de matar a ex-mulher, mas acabou absolvido pelo tribunal em um dos julgamentos mais polêmicos das últimas décadas. (N.T.)

Capítulo 36

UM GRUPO DE UMAS DOZE PESSOAS SE REUNIA NO CANTO DA sala, embaixo de um monitor de tela plana que tinha sido afixado na parede. E naquele monitor havia uma imagem do rosto de Rita. Ela tinha uma mordaça na boca, mas seus olhos estavam o mais arregalados que podiam, e ela agitava a cabeça de um lado para o outro aterrorizada. E antes que eu pudesse fazer qualquer coisa a mais do que levantar meu pé, Cody e Astor já estavam disparando em frente para salvar a mãe deles.

– Esperem – chamei, mas eles não esperaram, por isso me apressei atrás deles, procurando freneticamente por Weiss. O Passageiro das Trevas estava em completo silêncio, calado por causa da minha preocupação quase beirando o pânico com Cody e Astor, e na minha imaginação rápida e fértil, Weiss estava esperando atrás de cada objeto, pronto para pular em cima deles, ou sair de debaixo de uma mesa, e eu não gostava da ideia de correr para encontrá-lo às cegas e suando, mas as crianças correndo até Rita não me deixaram outra opção. E fui rápido, mas eles já estavam passando pelo meio das pessoas para ficar ao lado da mãe.

Rita, além de amordaçada, também estava amarrada e presa a uma serra de mesa. A lâmina rolava entre os tornozelos dela, e a implicação daquilo era muito clara, alguma pessoa muito má estava pronta e ansiosa para empurrá-la para a frente em direção aos dentes brilhantes da serra. Um cartaz preso na frente da mesa dizia QUEM PODE SALVAR NOSSA NELL?, e abaixo dele, em letras grandes, NÃO PERTURBE OS ARTISTAS. No canto daquele espaço havia um trilho com um trem de brinquedo andando nele, puxando vários vagões plataforma com um cartaz em cima que dizia O FUTURO DO MELODRAMA.

E finalmente vi Coulter, mas não foi uma visão feliz e tranquilizadora. Ele estava escorado em um canto, com a cabeça caída preguiçosamente para um lado. Weiss tinha colocado um chapéu de condutor de trem nele, e cabos elétricos grossos estavam presos em seus braços por presilhas de cabos de dar carga em bateria. Havia um cartaz em seu colo: SEMICONDUTOR. Ele não estava se mexendo, mas eu não sabia se estava morto ou apenas inconsciente, e, considerando as circunstâncias, descobrir não estava no topo das minhas prioridades.

Eu ainda não via Weiss, mas, quando cheguei à multidão, a imagem do monitor mudou para mostrar o meu rosto. Rodei freneticamente procurando a câmera e a achei, montada em um suporte no canto mais distante daquele espaço de exibição. E antes que pudesse me virar novamente, ouvi um sibilo e então um laço feito com uma linha de pescar bem grossa se apertou no meu pescoço. Quando as coisas começaram a escurecer e girar, tive apenas um momento

para apreciar a amarga ironia daquilo: Weiss estava usando um laço de linha de pesca, que era uma das minhas técnicas. A frase: *o meu próprio golpe* passou pela minha cabeça, e então eu estava de joelhos e cambaleando horrivelmente para a frente em direção à exposição de Weiss.

Com um laço apertando seu pescoço daquele jeito, é impressionante como você perde o interesse em tudo rapidamente e mergulha em uma região turva de sons distantes e luzes escuras. E mesmo sentindo a pressão diminuir um pouco, não conseguia reunir interesse suficiente para tentar me soltar. Caí no chão tentando me lembrar de como respirar, e à distância ouvi uma mulher dizendo: – Isso não está certo, parem eles! – e fiquei um pouco agradecido que alguém iria parar eles, até que a voz continuou: – Ei, crianças, isto é uma exposição de arte! Saiam já daí. – E o que entendi é que alguém queria impedir Cody e Astor de arruinar a peça salvando a mãe deles.

O ar entrou na minha garganta, que de repente parecia machucada e grande demais. Weiss tinha soltado o laço e pego a câmera. Respirei ferozmente e consegui focalizar as imagens com um olho, vendo as costas dele enquanto começava a andar com a câmera pelo público. Respirei outra vez: a dor descia pela minha garganta, mas me sentia muito bem, e luz e pensamentos entraram junto com o ar e por isso consegui me apoiar em um joelho e olhar em volta.

Weiss apontava a câmera para uma mulher nos limites da multidão, a mulher que tinha brigado com Astor e Cody por eles interferirem. Ela tinha cinquenta e poucos anos, estava vestida com estilo e ainda gritava para que voltassem, deixassem a exposição em paz, que alguém chamasse a segurança e, para a nossa sorte, as crianças não estavam dando ouvidos. Eles tinham soltado Rita da mesa, apesar de os pés e mãos dela ainda estarem amarrados e a mordaça ainda estar em sua boca. Fiquei em pé, mas, antes que pudesse fazer algo mais do que dar meio passo em direção a eles, Weiss puxou meu laço com força, e voltei para o sol da meia-noite.

Vagamente e muito ao longe, ouvi um tumulto e então a linha ficou frouxa novamente e ouvi Weiss dizendo: – Desta vez não, seus merdinhas! –, então houve um barulho de soco e algo pequeno caindo, e quando um pouco de luz voltou ao meu mundo, vi Astor caída no chão e Weiss lutando para tirar a chave de fenda de Cody. Levantei a mão até o meu pescoço e agarrei a linha meio sem força, mas consegui afrouxar o suficiente para respirar fundo, o que provavelmente era a coisa certa a fazer, mas que acabou causando a mais dolorosa crise de tosse que jamais tive, tão sufocante e seca que as luzes se apagaram novamente.

Quando consegui respirar novamente, abri os olhos e vi Cody caído ao lado de Astor, no fundo do espaço da exposição, logo depois da mesa com a serra, e Weiss estava em pé ao lado deles, com a chave de fenda em uma mão e a câmera na outra. A perna de Astor tremeu, mas fora isso ela não se mexeu. Weiss deu um passo na direção deles e levantou a chave de fenda, e fiquei em pé, cambaleando como um bêbado, para tentar detê-lo, sabendo que jamais chegaria a tempo, sentindo toda a escuridão sendo drenada de mim e se empoçando ao lado dos meus pés ao pensar em minha impotência.

Mas no último segundo, quando Weiss já estava malignamente sobre os pequenos corpos das crianças e Dexter se inclinava para a frente terrivelmente devagar, Rita apareceu em cena, com as mãos ainda amarradas e a boca amordaçada, mas com os pés rápidos o bastante para atacar Weiss, aplicando nele um golpe mortal de quadril que o jogou para o lado, longe das crianças e em direção à serra. E enquanto ele tentava se endireitar cambaleando, ela o acertou de novo, e desta vez os pés dele se enrolaram e Weiss caiu, com o braço que segurava a câmera se agitando de forma a protegê-lo e evitar que caísse em cima da lâmina que girava. E ele quase conseguiu. Quase.

A mão de Weiss bateu na mesa do lado mais distante da lâmina, mas a força da queda fez com que ele deslizasse pela mesa, e com um lamento atormentado uma nuvem vermelha explodiu no ar quando o antebraço de Weiss, com a mão ainda segurando a câmera, foi arrancado e caiu nos trilhos do trem perto da plateia. Os espectadores ofegaram e Weiss se levantou bem devagar, olhando para o seu braço cortado enquanto o sangue jorrava. Ele olhou para mim e tentou dizer algo, fez que não com a cabeça e deu alguns passos em minha direção, olhou novamente para seu braço que ainda espirrava muito sangue e deu mais um passo em minha direção. Mas então, como se estivesse descendo uma escada invisível, foi ficando de joelhos bem devagar até parar ajoelhado e balançando, a apenas alguns passos de mim.

E eu, paralisado pela minha luta com o laço, meu medo pelas crianças e acima de tudo pela visão daquele sangue horrivelmente viscoso, molhado e nojento espirrando e se espalhando pelo chão, fiquei simplesmente parado até que Weiss olhou para mim uma última vez. Os lábios dele se moveram novamente, mas não saiu nenhum som e ele sacudiu a cabeça negativamente bem devagar, cuidadosamente, como se tivesse medo de que ela também caísse no chão. Com um cuidado exagerado, ele conseguiu olhar bem nos meus olhos e dizer, com muito cuidado e distinção: – Tire muitas fotos. – Então deu um sorriso fraco e muito pálido e caiu para frente em seu próprio sangue.

Dei um passo para trás quando ele caiu e levantei a cabeça; no monitor, o trenzinho vinha vindo e bateu na câmera, ainda presa na mão do braço decepado de Weiss. As rodas rodaram mais um pouco e então o trenzinho tombou.

– Brilhante – disse aquela senhora estilosa na frente da plateia. – Absolutamente brilhante.

Epílogo

OS MÉDICOS DE EMERGÊNCIAS DE MIAMI SÃO MUITO BONS, EM geral porque praticam bastante, mas felizmente não conseguiram salvar Weiss. Ele havia sangrado quase por inteiro quando eles chegaram, e por causa do ímpeto de uma Rita fora de si, gastaram mais dois preciosos minutos examinando Cody e Astor, enquanto Weiss mergulhava pela longa e escura ladeira que ia dar nas páginas de história da arte.

Rita andava pra cá e pra lá ansiosamente, enquanto os paramédicos colocavam Astor e Cody sentados e olhavam em volta. Cody piscou e tentou alcançar sua chave de fenda, e Astor imediatamente começou a reclamar que os sais tinham cheiro de podre, então eu tinha quase certeza de que estava tudo bem com eles. Ainda assim, eles provavelmente deviam ter pequenas concussões, o que me deu uma sensação reconfortante de união familiar; tão jovens e já seguindo os meus passos. E, então, os dois foram mandados para o hospital, para ficar em observação, "apenas para garantir". Rita foi junto, é claro, para protegê-los dos médicos.

Quando partiram, me levantei e observei os dois paramédicos ajoelhados ao lado de Coulter. Eles tinham trazido o desfibrilador, mas, depois de algumas tentativas dando choques no corpo, sacudiram as cabeças negativamente, se levantaram e foram embora. Achei que eles ficaram meio desapontados por não poder gritar "Afastem-se" e então dar o choque, mas talvez eu estivesse supondo demais. Ainda estava me sentindo um pouco tonto por causa do meu tempo com o laço de Weiss, e um pouco estranho pelo jeito como as coisas mudaram rapidamente para mim. Normalmente, sou o Dexter Lugar Certo na Hora Certa, sempre no centro das ações importantes, e ter tantas mortes e destruições à minha volta e não ser uma parte crucial delas não parecia certo. Dois cadáveres e eu era apenas um espectador, ficando apenas no entorno do drama como uma donzela da era vitoriana.

E Weiss parecia em paz e contente. Extremamente pálido e morto também, claro, mas, ainda assim, o que será que estava pensando? Eu nunca tinha visto uma expressão daquelas no rosto de um morto querido, e aquilo era um pouco perturbador. Por que ele estava feliz? Ele estava absoluta e comprovadamente morto, e aquilo não me parecia algo que inspirasse alegria. Talvez fosse apenas um truque dos músculos se ajeitando depois da morte. O que quer que fosse, minha ponderação foi interrompida por um tumulto meio apressado atrás de mim, por isso me virei.

A agente especial Recht parou ali perto e ficou olhando aquela carnificina com o rosto travado em uma expressão rigidamente profissional, que não escondia seu choque nem o fato de

ficar pálida. Mesmo assim, não desmaiou nem vomitou, então pensei que ela já tinha experiência no assunto.

– Este aí é ele? – ela disse em uma voz apertada que combinava com o rosto que estava fazendo. Então limpou a garganta antes que eu respondesse e acrescentou: – Este é o homem que tentou sequestrar os seus filhos?

– É – falei, e depois, para provar que meu cérebro gigante estava finalmente voltando ao controle das coisas, me antecipei a uma pergunta embaraçosa e disse: – Minha mulher tem certeza de que é ele, e as crianças também o identificaram.

Ela concordou com a cabeça, aparentemente sem conseguir tirar os olhos de Weiss. – Está bem – ela falou. Não consegui entender o que ela quis dizer com aquilo, mas pareceu um sinal de encorajamento. Torci para que significasse que o FBI não teria mais muito interesse no caso. – E ele? – Recht perguntou, apontando com a cabeça para o canto onde os paramédicos terminavam de examinar Coulter.

– O detetive Coulter chegou aqui antes de mim – falei.

Recht assentiu com a cabeça. – Foi o que o porteiro falou – ela disse, e o fato de ter perguntado era algo nada reconfortante, então decidi que alguns passos de dança cuidadosos eram necessários aqui.

– O detetive Coulter – falei com cuidado, como se lutasse para me controlar, e admito que a rouquidão na minha voz por causa do laço ajudava bem. – Ele chegou aqui primeiro. Antes que eu pudesse... acho que ele... ele deu a vida para salvar a de Rita.

Achei que uma fungada seria demais, então me segurei, porém fiquei impressionado com o som de emoções importantes em minha voz. Mas, infelizmente, a agente especial Recht não se impressionou. Ela olhou para o corpo de Coulter, depois para Weiss e então para mim. – Senhor Morgan – ela falou com uma dúvida oficial em sua voz. Por um momento, achei que iria me prender e pronto, e provavelmente ela também pensou em fazê-lo. Mas, então, fez que não com a cabeça e se virou.

E em qualquer universo são e bem organizado, a divindade dominante teria dito que já era o bastante por um dia. Mas as coisas sendo como são, ainda não era o bastante. Me virei para ir embora e dei de cara com Israel Salguero.

– O detetive Coulter está morto? – Ele perguntou, dando um passo para trás sem piscar.

– Sim – falei. – Hã, aconteceu antes de eu chegar.

Salguero assentiu com a cabeça. – Sim, foi o que a testemunha falou.

Por um lado, era muito bom que a testemunha tenha dito aquilo, mas, por outro, era muito ruim saber que ele já tinha falado com as testemunhas, porque significava que a maior preocupação dele era: *Onde o Dexter estava quando os corpos começaram a cair?* E assim, imaginando que uma declaração emocional de grandeza poderia salvar o dia, olhei para o outro lado e falei: – Eu deveria estar aqui antes.

Houve um silêncio tão grande da parte de Salguero que tive que me virar e olhar novamente para ele, apenas para ter certeza de que não tinha pego sua arma e apontado para

minha cabeça. Para a sorte do Domo de Dexter, ele não tinha feito aquilo. Em vez disso, simplesmente me olhava com aquele seu olhar distante e sem emoção. – Acho que provavelmente é uma boa coisa que você não estivesse aqui – ele finalmente falou. – Bom pra você, pra sua irmã e para a memória do seu pai.

– Hum...? – Falei, e ele saber exatamente do que eu estava falando era uma prova da grande inteligência de Salguero.

– Agora não há testemunhas – ele fez uma pausa e me lançou um olhar que com certeza você veria se as cobras aprendessem a sorrir. – Nenhuma testemunha *viva* – falou – de tudo o que aconteceu, em todas essas... circunstâncias. – Fez um movimento bem leve com os ombros, que acho que estava tentando levantar. – Então... – ele não continuou e deixou aquilo no ar, podendo significar "então é o fim do caso", ou "então agora você está preso", ou até mesmo "então agora eu vou matar você". Ele me observou por um momento e repetiu: – Então – mas desta vez soando como uma pergunta. Depois fez um cumprimento de cabeça e foi embora, me deixando com a imagem de seu olhar brilhante e sem pálpebras queimando em minhas retinas.

Então.

E aquilo foi, felizmente, a última coisa. Houve ainda um pequeno momento de excitação fornecido pela senhora estilosa da frente da plateia, que era a dra. Elaine Donazetti, uma figura muito importante no mundo das artes contemporâneas. Ela forçou a entrada no local, começou a tirar fotos com uma Polaroid, e teve que ser contida e levada para longe dos corpos. Mas ela usou as fotos que tirou e um pouco da filmagem que Weiss tinha feito para publicar uma série de artigos ilustrados que tornaram Weiss semifamoso entre as pessoas que gostavam desse tipo de coisa. Então, pelo menos ele conseguiu o seu último pedido, as fotos. É legal quando as coisas se encaixam, não?

O detetive Coulter também teve a mesma sorte. As fofocas no departamento diziam que ele tinha sido preterido duas vezes em promoções, e imagino que tenha pensado que poderia fazer sua carreira decolar ao realizar uma prisão dramática sozinho. E funcionou! O departamento de polícia decidiu que precisava de uma publicidade positiva no meio dessa confusão terrível, e tudo o que eles tinham era Coulter. Então ele foi promovido postumamente por seu heroísmo e por quase salvar Rita sozinho.

É claro que fui ao funeral do Coulter. Adoro a cerimônia, o ritual, o derramamento daquelas rígidas emoções, e aquilo me dava a chance de praticar minhas expressões faciais favoritas: solenidade, sofrimento nobre e compaixão, todos usados raramente e precisando ser executados.

O departamento inteiro estava lá, uniformizado, até mesmo Deborah. Ela parecia muito pálida com seu uniforme azul, mas Coulter tinha sido parceiro dela, pelo menos no papel, e a honra exigia que ela comparecesse. O hospital enrolou, mas ela estava bem perto de ter alta e por isso eles não a seguraram lá. Deborah não chorou, claro, ela nunca tinha sido nem de perto boa em hipocrisia como eu. Mas olhou solenemente quando baixaram o caixão, e fiz o meu melhor para conseguir a mesma expressão que ela.

Achei que tinha funcionado muito bem, mas o sargento Doakes não concordou. Eu o vi me olhando de onde estava, como se achasse que eu tinha estrangulado Coulter pessoalmente, o que era absurdo. Nunca estrangulei ninguém antes. Quer dizer, uma brincadeira aqui e outra ali com um laço é legal, mas só por diversão. Não gosto daquele tipo de contato pessoal, e uma faca é muito mais limpa. É claro que fiquei muito satisfeito em ver Coulter morto e Dexter livre graças àquilo, mas não tive nada a ver com o acontecido. Como disse antes, muito legal quando as coisas se encaixam, não?

E a vida voltou aos trilhos e caminhou para suas velhas rotinas novamente. Voltei ao trabalho, Cody e Astor voltaram para a escola e, dois dias após o funeral de Coulter, Rita foi a uma consulta médica. Naquela noite, depois que colocou as crianças na cama, ela se sentou ao meu lado no sofá, colocou a cabeça no meu ombro e tirou o controle remoto das minhas mãos. Então desligou a TV, suspirou algumas vezes e, finalmente, quando a irritação superou a paciência, perguntei: – Algum problema?

– Não – ela respondeu. – Nenhum problema. Pelo menos, não que eu saiba. Se você, hã, não souber de nenhum também.

– Por que eu acharia que há um problema? – perguntei.

– Não sei – ela respondeu e suspirou novamente. – É só que, você sabe, nunca falamos a respeito disso, e agora...

– Agora o quê? – falei. Aquilo era demais. Depois de tudo que eu tinha passado, ter que aguentar este tipo de não conversa circular era demais, e eu podia sentir a minha irritação aumentando rapidamente.

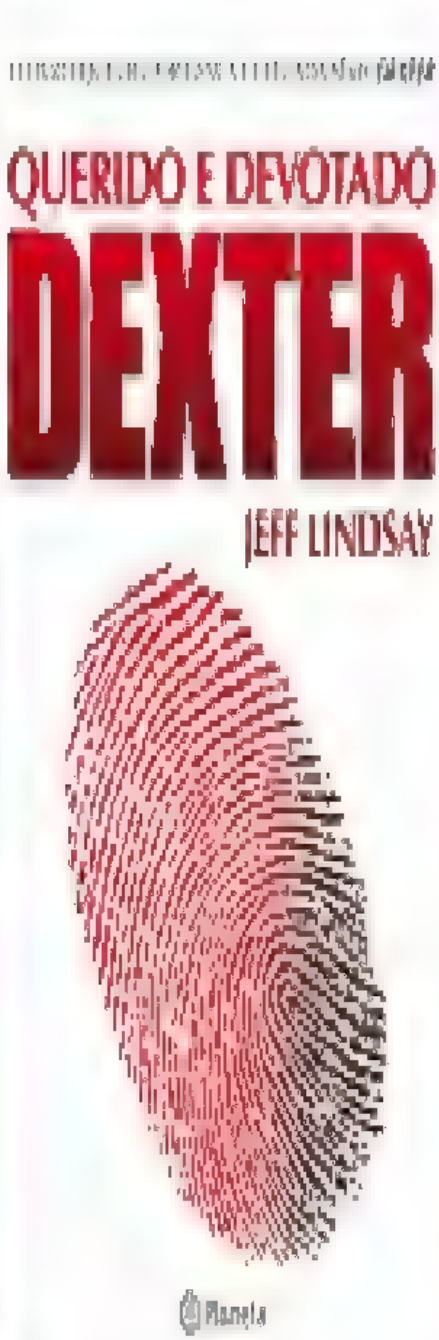
– Agora, eu... – ela falou. – O médico disse que estou bem.

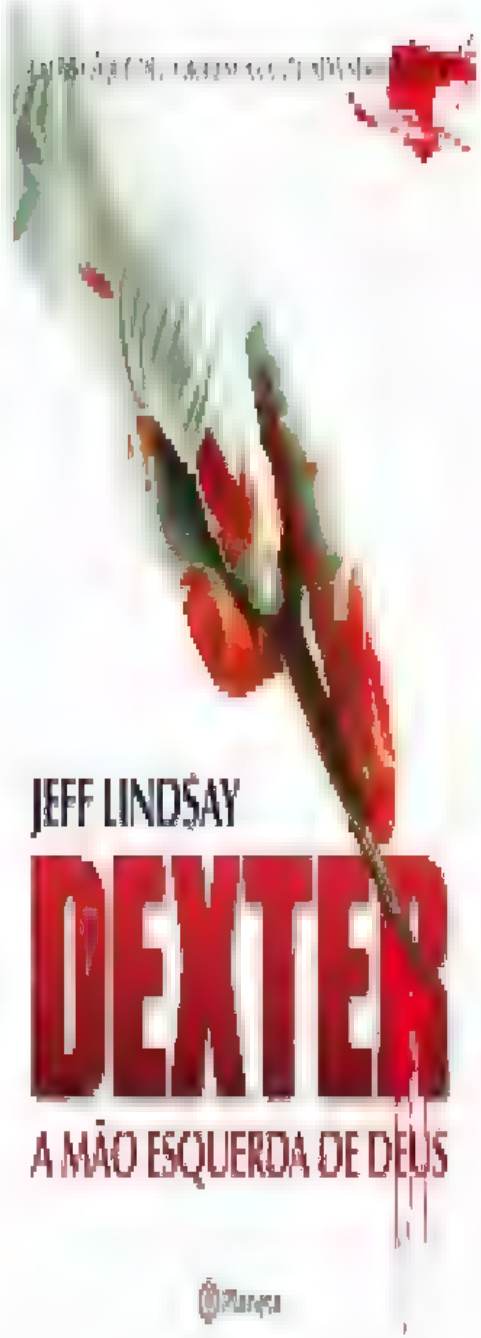
– Oh – respondi. – Isso é bom.

Ela sacudiu a cabeça negativamente. – Apesar de... – ela disse. – Você sabe.

Mas eu não sabia, e não parecia justo ela esperar que eu soubesse, e falei isso. Depois de um grande jogo de limpar a garganta e gaguejar, quando ela finalmente me contou, descobri que eu também perdi o poder da fala, igual a ela, e a única coisa que consegui dizer foi a frase de efeito de uma velha piada, e que eu sabia que não era a coisa certa a dizer, mas não consegui evitar e a frase saiu mesmo assim, e como se fosse ao longe, ouvi a voz de Dexter dizendo:

Você vai ter o QUÊ?





JEFF LINDSAY é autor de Dexter – a mão esquerda de Deus, Querido e devotado Dexter e Dexter no escuro, todos publicados pela Planeta. Ele vive na Flórida com a esposa e os filhos.

ATENÇÃO

Se você estiver usando PC ou Mac:

Para que você tenha uma melhor experiência de leitura e visualização de nossos ePubs, recomendamos usar o leitor SONY® READER™.

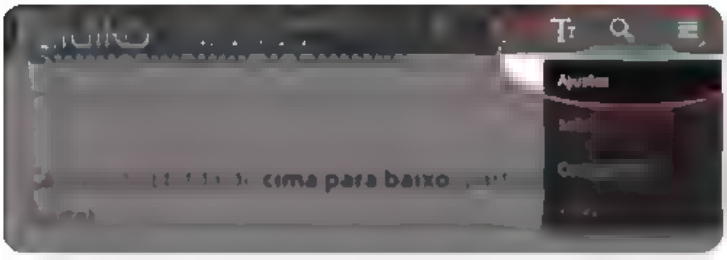
Se você estiver usando iBooks (iPad ou iPhone):

Para que você tenha uma melhor experiência de leitura e visualização de nossos ePubs, recomendamos desligar a justificação e hifenização automáticos em AJUSTES/iBOOKS.

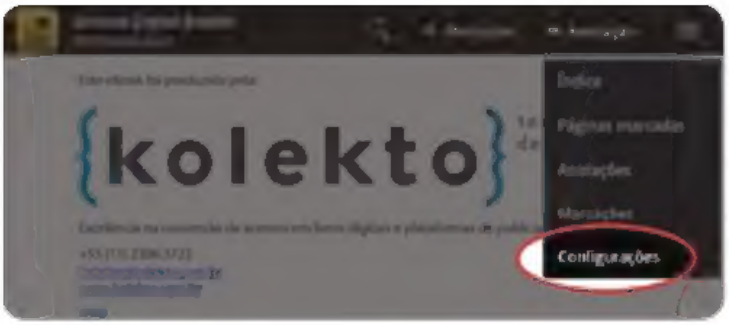
Se você estiver usando Android:

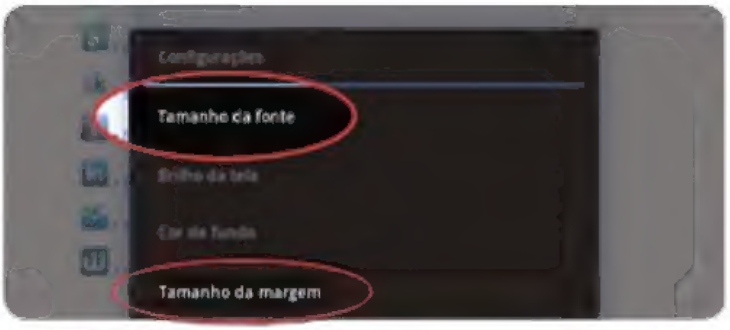
Para que você tenha uma melhor experiência de leitura e visualização de nossos ePubs, recomendamos usar os leitores ALDIKO ou SARAIVA DIGITAL READER.

⇒ Se estiver usando **Aldiko**, vá em Ajustes e desative FORMATAÇÃO AVANÇADA.



⇒ Se estiver usando o leitor da **Saraiva**, vá em Configurações, ajuste o Tamannho da margem, SOMENTE A HORIZONTAL, para 0 e ajuste o tamanho da fonte para 20.


{kolekto}
Índice
Páginas marcadas
Anotações
Marcações
Configurações


Configurações
Tamanho da fonte
Brilho da tela
Cor de fundo
Tamanho da margem

Tamanho da fonte
-
20
+

Margem
Horizontal
Vertical
Fechar

Sumário

Capítulo 1	9
Capítulo 2	14
Capítulo 3	18
Capítulo 4	23
Capítulo 5	28
Capítulo 6	33
Capítulo 7	38
Capítulo 8	46
Capítulo 9	52
Capítulo 10	56
Capítulo 11	62

Capítulo 12 67
Capítulo 13 72
Capítulo 14 79
Capítulo 15 85
Capítulo 16 91
Capítulo 17 98
Capítulo 18 101
Capítulo 19 106
Capítulo 20 110
Capítulo 21 113
Capítulo 22 120
Capítulo 23 126
Capítulo 24 130

Capítulo 25 135
Capítulo 26 139
Capítulo 27 146
Capítulo 28 151
Capítulo 29 159
Capítulo 30 168
Capítulo 31 174
Capítulo 32 179
Capítulo 33 185
Capítulo 34 190
Capítulo 35 197
Capítulo 36 202
Epílogo 205